



UM
AMOR
EM TEMPOS DE
GUERRA

**JÚLIO
MAGALHÃES**

ROMANCE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



UM
AMOR
EM TEMPOS DE
GUERRA

**JÚLIO
MAGALHÃES**

ROMANCE



UM AMOR EM TEMPOS DE GUERRA

Júlio Magalhães

UM AMOR EM TEMPOS DE GUERRA

Romance

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros
Rua Barata Salgueiro, n.º 30, 1.º Esq.
1269-056 Lisboa – Portugal
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

© Júlio Magalhães, 2009
© A Esfera dos Livros, 2009
1.ª edição: Setembro de 2009

Capa: Companhia
Imagem da capa: Fototeca
Página 328: Excerto da letra da música «Encosta-te a mim»
da autoria de Jorge Palma

Pesquisa histórica: Pedro Cerejo
Revisão: A Esfera dos Livros
Paginação: Júlio de Carvalho – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-626-418-5

INTRODUÇÃO

Depois de Os Retornados-Um Amor Nunca se Esquece e do retorno inesperado que conheci por parte dos leitores, foi meu desejo continuar a minha aventura na ficção em África e num tempo que ainda faz parte da memória de muitos milhares de portugueses e que é um episódio marcante da nossa História Contemporânea: a guerra colonial.

Tive a oportunidade de dizer em muitas apresentações, lançamentos e conferências sobre o livro Os Retornados - Um Amor Nunca se Esquece que o sucesso do mesmo se devia sobretudo ao tema que, até então, tinha sido um tabu para milhares de pessoas e propositadamente esquecido por outras. Descobri nos muitos encontros que tive com os leitores que o segredo para o sucesso do livro foi precisamente as pessoas. Falar sobre elas, visitar vidas passadas e outras reconstruídas, expiar fantasmas que teimavam em persistir, voltar a um tempo e a locais a que ninguém ousava regressar, acabou por ser uma surpreendente viagem.

Com um certo orgulho, confesso, ouvi muita gente dizer-me que finalmente alguém tinha contado a sua história. Com algum espanto ouvi muitos agradecerem-me porque através do livro voltaram a sentir orgulho de serem retornados. E com satisfação ouvi muitos dizerem que com o livro ficaram com vontade de regressar a África, continente que já tinham riscado do mapa das suas vidas.

Percorri o país em sessões de autógrafos e apresentações e a todos os locais onde fui, sempre bem recebido, vim de lá mais cheio, mais enriquecido pessoalmente. Foi por tudo isto que voltei à escrita, me aventurei num segundo livro e entrei num longo período

da História que envolve muitos milhares de pessoas, famílias inteiras, Portugal e África.

Mais uma vez parti das pessoas e das suas histórias. Disse em muitas entrevistas e gosto sempre de repetir: sou um jornalista que não ousa assumir-se como um escritor. Sou apenas um jornalista que cumpre a função de contar histórias. Tal como no meu primeiro livro também aqui parti de histórias verídicas, algumas personagens são reais, algumas das vivências aqui relatadas também. Mas este é um romance. Sustentado em relatos, conversas e alguma pesquisa feita em livros que merecem ser lidos, mas sobretudo na memória de uma guerra que não deve ser esquecida. Nem a guerra, nem as famílias que viram os filhos partir, nem, especialmente, aqueles soldados que partiram, que combateram pela pátria e no final sentiram-se traídos, abandonados e esquecidos.

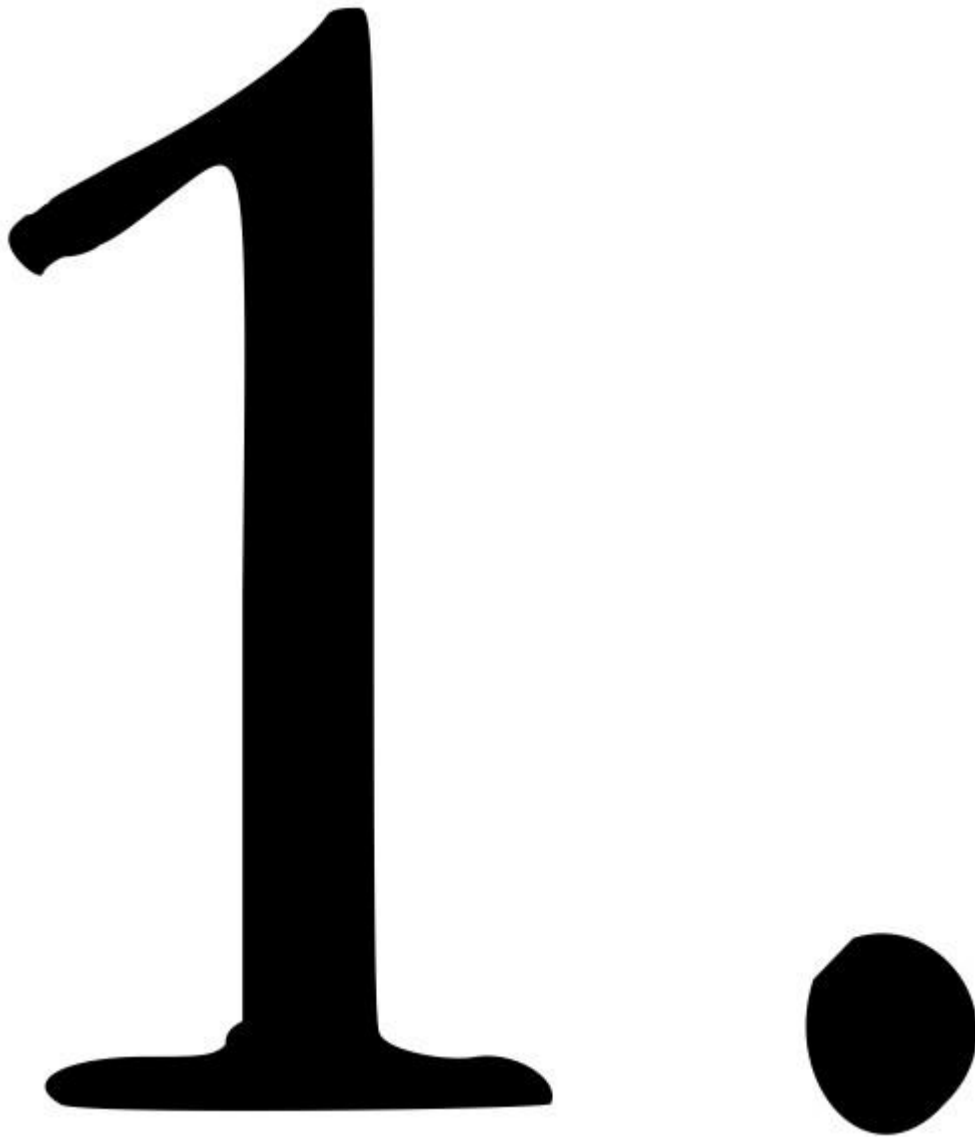
Desta vez o tema é tão ou mais delicado: a guerra no Ultramar. Durou 14 anos, ceifou algumas vidas, destruiu e desintegrou muitas famílias, levantou tantas dúvidas quanto enalteceu o espírito patriótico, não foi consensual, nem bem explicada, mas foi assumida, combatida pelos muitos soldados portugueses, e provocou desilusões e muita revolta. Na forma como foi levada a cabo pelo regime salazarista e, principalmente, na forma como foi abandonada.

Sei que muitos dos que viveram essa guerra vão olhar para as histórias que se seguem e rever-se nelas. Sei também que aqui e ali vão fazer alguns reparos, sobretudo sobre localizações e tempos que viveram e podem achar que não são tão precisos quanto eles se recordam. Propositadamente assumi alguns desencontros de datas e de locais. Para proteger aqueles em quem baseei estas histórias, mas sobretudo porque mais uma vez quero que os leitores se concentrem nos personagens, nos seus dramas, nas suas vivências, nos tormentos que passaram, nas angústias que vieram, na tristeza da partida e na alegria dos reencontros. Porque tudo o que escrevo é sobre pessoas.

Das muitas conversas que tive fica-me na memória a expressão de um ex-combatente que, olhando-me nos olhos, me disse «aquilo ainda não acabou». Acredito que ainda pense que é preciso recuperar qualquer coisa que já não nos pertence. Prefiro usar a mesma expressão para reforçar a ideia de que Portugal e os países de expressão portuguesa ainda não resolveram todos os seus problemas de um passado feito em comum e que pode e deve ser continuado e recuperado, sempre no exemplar respeito da auto-determinação de cada povo.

O romance que vai ler é uma longa notícia. Espero que goste.

Júlio Magalhães



Querida mãe,

Como vai de saúde?

Corre devagar a vida por aqui. Já lá vão seis meses desde que aqui cheguei. As saudades apertam. Sinto falta da minha terra, da minha horta, até de um copo de tinto na taberna do Manuel, depois de um dia de trabalho no campo. Conto os dias para o meu regresso. Mas já falta pouco para voltar a sentir de novo o seu terno

abraço. São mais uns seis meses e logo, logo estou aí. Estive os últimos tempos no mato e daí a minha ausência de notícias, espero que não tenha ficado preocupada. O coração tem-lhe pregado partidas? Como está a minha Amélia? Têm feito companhia uma à outra? Espero bem que sim, não tarda nada vão ser sogra e nora. São as mulheres mais importantes da minha vida. Diga-lhe que morro de saudades dela...

Já estou de volta ao meu quartel. Exausto. Andámos mais de 40 dias a pé, debaixo de calor intenso, muita humidade e muitos mosquitos. Isto aqui em Angola não tem nada a ver com o clima da nossa terra. Tivemos alguns problemas, mas estou bem. Ainda que triste. Perdemos dois companheiros nossos nesta missão num acidente. Dava-me muito com eles. A guerra é assim mesmo. Mas não se preocupe que ao seu filho nada de mal vai acontecer, continue a rezar por mim à sua Nossa Senhora de Fátima.

Tenho de terminar aqui. Um abraço a todos aí da terra. Um beijo especial para si e para a Amélia. Diga-lhe que a próxima carta é para ela, hoje já não tenho tempo para escrever mais, pois ainda tenho de cumprir algumas tarefas no quartel. Em breve volto a dar notícias.

Do seu filho querido,

António

Quipedro, 18 de Novembro de 1968



A casa de António ficava na rua que ia dar às traseiras da mais conhecida habitação do país. No Vimieiro, em Santa Comba Dão, todos apontavam, com o devido respeito, para o local onde António de Oliveira Salazar, actual presidente do Conselho, havia crescido com as suas irmãs e onde voltava de tempos a tempos.

Aos olhos de António, aquela casa era enorme e muito diferente da sua, mais pequena e bem mais modesta. Era formada por três edifícios pequenos que se ligavam entre si e rodeada por uma bela

quinta. Uma coisa a casa de Salazar e a sua tinham em comum, vasos com bonitas sardinheiras que a mãe Maria das Dores fazia questão de colocar na fachada para embelezar a pobreza da habitação.

Não passava um mês de Setembro sem que Oliveira Salazar não visitasse a sua terra natal. Era época das vindimas e ele apreciava a festa da colheita da uva. Tinha até uma quinta, a Quinta das Ladeiras, com uma pequena produção vinícola.

O pequeno António sabia que o Senhor Doutor, como ouvia as gentes da terra tratarem-no, estava na aldeia quando pela estreita rua deambulavam homens de fato preto e chapéu, vigilantes e atentos a todos os pormenores. Autênticos polícias que António, do alto da sua infância, desconhecia serem elementos da PIDE. Nessas alturas, António já não podia subir ao banco de pedra, dobrar-se acrobaticamente sobre o muro e alcançar, a custo, a grande figueira, que estava junto à magnólia, que dava para a rua, cujos figos maduros, grandes e saborosos eram uma verdadeira tentação. Os olhares dos tais homens de fato preto desaconselhavam tal acção.

«Está cá o Senhor Doutor António de Oliveira Salazar, filho. Muito respeito se passares por ele», ouviu ao longo dos anos a mãe, Maria das Dores, dizer-lhe. Por essa altura, ela voltava a lembrar-lhe de que ele se chamava António em honra daquele senhor que nasceu pobre como eles, mas que estudou e se fez grande e que agora tanto fazia por Portugal. Um discurso que já sabia de cor e salteado, melhor até que a tabuada dos dois.

Na verdade, António passou algumas vezes por aquele senhor de cabelo branco e ar sério. Encontrava-o na rua quando ele passeava pela aldeia, apoiado por uma espécie de cana que lhe facilitava a caminhada quando se metia campo adentro para vistoriar as vinhas ou o trabalho agrícola na courela da família. Via-o à distância na missa de domingo na Igreja de Santa Comba Dão, sempre de fato completo e sobretudo preto aos ombros, e recordava-se do dia em

que ele fez uma visita à escola primária onde António estudava e as suas irmãs leccionavam. Foi um dia agitado entre as crianças. Banho tomado, sala de aula limpa com rigor, farpela aprumada e postura direita na cadeira. As crianças, sem saber bem porquê, sentiam orgulho naquela visita e mostravam todo o seu fervor nacionalista. De pé ao primeiro vislumbre do governante, o mesmo que os vigiava através do retrato emoldurado da parede, lançaram um «bom dia» em unísono e, no final, todos cantaram o hino nacional, no tom e com sentimento. Foi breve a visita, mas ficou marcada na memória de António como um dia diferente de todos os outros.

Recordações de tempos idos não muito distantes de uma meninice pobre, mas aprumada, que se estendia pela adolescência. António tinha agora 13 anos. O Senhor Doutor continuava a mandar no país e a ir à terra de tempos a tempos. A aldeia pouco ou nada tinha mudado. Poucas casas, a maioria simples, de gente pobre dedicada à terra, um largo, a igreja e a taberna do Manel, um dos poucos pontos de encontro e convívio da população que se dedicava à terra ou ao trabalho nas fábricas da região. Tinha ainda um cemitério e a estação de comboio, a poucos metros da sua casa, que António tanto apreciava. Nunca tinha saído da aldeia, nem sequer para ir a Viseu ou a Coimbra, que todos diziam ser ali perto. Mas cada vez que via entrar ou sair um comboio da estação, o seu coração dava um pulo de excitação. Será que algum dia iria andar naquela máquina a vapor? Poderia viajar à janela e ver o mar? Conhecer outras terras?

Sonhos de uma vida melhor, fora dali, que também a sua mãe alimentava para o filho. Mas, na realidade, António não era grande espingarda na tabuada e as letras, por mais que se esforçasse, saíam-lhe tortas. Estava no último ano da Escola Primária e, a bem da verdade, dela já devia ter saído há tempos, não tivesse ficado retido pela professora austera e exigente que chamou os pais, que nem à escola tinham ido, para lhes dizer que o filho tinha de ser mais atento. Orelhas puxadas, António aprendeu a lição e esforçou-se. O exame da quarta classe aproximava-se e não podia deixar ficar

mal a sua mãe. Mas o seu destino estava marcado. À semelhança dos seus amigos, a única saída era o campo, o trabalho na fábrica de rações ou o trabalho com o pai. José, ferreiro de profissão, começava a trabalhar ainda o Sol não tinha nascido e só parava depois de o Sol se pôr. Ferrava animais, dura tarefa naqueles tempos. Era o mais exímio ferrador da região, onde pontificavam famílias burguesas que faziam dos carros puxados a animais o principal meio de transporte. Não havia pois família abastada que não recorresse ao seu serviço. Tinha umas mãos de aço, enormes, que António conhecia melhor por lhe assentarem no rabo, depois de alguma tropelia das boas, do que por lhe darem um carinho na face. O corpo era robusto, todo ele força e brutalidade formatado numa vida dura e cinzenta, sem estudos, mas com muita escola de vida. A dureza imposta pelo sacrifício da profissão tornara-o um homem pouco falador. Por isso, quando o vizinho António passava por ali, ainda que fosse o chefe do Governo, ele baixava a cabeça e, quase silenciosamente, dizia-lhe «bom dia» ou «boa tarde» e nada mais. Não queria saber da política para nada. Só se importava com os animais e os seus ferros. A política não punha o comer na mesa, já o seu suor e o seu trabalho garantiam que António pudesse estudar e de estômago cheio.

De resto, às vezes José até se mostrava um pouco arrependido por ter posto o nome de António ao filho. Tinha permitido porque a mulher Maria das Dores assim o quisera, como sinal de respeito e admiração por um homem da terra que tinha conseguido vingar na vida. Professor de Direito lá em Coimbra e agora chefe do Governo lá de Lisboa. Podia ser que com o mesmo nome o filho tivesse a mesma sorte. Maria das Dores sonhava e pedia em oração à sua Nossa Senhora de Fátima, de quem era devota fervorosa, que o seu António fosse um grande homem como aquele seu vizinho. José, na altura, não se importou e anuiu, com algum orgulho, em dar ao seu primeiro e único filho o mesmo nome do homem mais importante do país e que era dali da terra e até da sua rua, ainda que fosse da rua das traseiras.

3.

—Ó José, anda ouvir, despacha-te!

- O que foi, mulher? Que aflição, não vês que estou aqui a trabalhar? Olha que se não for eu a fazer, ninguém faz...

- Larga isso e anda ouvir, estão a dizer que vai falar o Senhor Doutor Oliveira Salazar na rádio. Deve ser coisa importante. Anda, larga isso...

- Lá me interessam as politiquices da capital! Importante é o trabalho, a saúde para continuar a cuidar de ti e do António, das nossas terras...

O filho António, alertado pela preocupação da mãe, abeirou-se dela.

- O que foi, mãe? Porque está tão agitada?

- Nada. Não é contigo, vai brincar. Estou a chamar o teu pai. Ó José, não sejas assim, anda lá ouvir isto até para me explicares o que ele está a dizer!

- Mas, ó mãe, eu também quero ouvir a rádio, é o vizinho da figueira que vai falar?

- Já te disse que o deves tratar por Senhor Doutor, olha o respeito, António. Faz por merecer o nome que te dei, filho.

O pai largou com enfado os seus afazeres diários para se juntar à mulher na pequena cozinha da casa e encostar o ouvido ao pequeno e velho aparelho de rádio que naquele dia de Abril de 1961 falava de mudanças no governo lá de Lisboa e de uma si tuação por terras de Angola. António aproveitou a distração dos pais e ficou ali à porta, sem que ninguém desse por ele, a ouvir o que se passava. José e Maria das Dores estavam sentados em bancos de madeira, rádio pousado na mesa da cozinha, a esforçarem-se por perceber as palavras do governante, que saíam do aparelho com algumas interferências.

- Maldito rádio, homem, temos de ir à venda a Santa Comba Dão arranjar este maldito aparelho!

- Olha que este já custou muito a comprar em segunda mão, contenta-te com o que tens, mulher...

Na rádio, a voz fina de António de Oliveira Salazar dizia: «A explicação é Angola, andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão.»

- Ó mulher, já chega. Tenho de preparar as cestas e o pomar precisa de ser tratado, e depois tenho de ir a Lajeosa para ferrar os animais dos Almeida. Lisboa é lá longe e Angola então...

- Ai José, mas o que é isto de ir para Angola? A comadre conhece uma pessoa que foi para lá e até disse que se vivia lá bem, mas agora não percebo nada...

- Ó, sei lá bem. Isso é lá longe, não nos toca a nós. Achas que chega aqui a esta terra que até é a dele, mas que quase não aparece no mapa? A esta terra perdida no meio de Portugal, com estradas cheias de pó, que não interessa a ninguém...

- Olha que ainda me lembro bem de o teu pai falar da Grande Guerra. Chamaram toda a gente, até os mais novos... - disse, temendo o pior para o seu filho que estava ali espedado a assistir à cena sem nada perceber, mas preferiu calar as palavras que lhe invadiam a mente.

- Não tenhas ideias malucas! Não vai haver guerra nenhuma, nós somos um povo de brandos costumes. Olha, vou mas é trabalhar que não há ninguém para o fazer por mim!

Ao levantar-se, deu-se conta de que António estava ali ao lado a ouvir tudo. Com o corpo franzino e de cara assustada. Num gesto raro, José passou a mão pela cabeça do filho, um mimo pouco habitual, mas que lhe entrou bem no fundo do coração e que o marcou para sempre.

António pegou na pasta de cabedal, meio atrapalhado com o gesto do pai, deu um beijo na mãe e saiu de casa em passo acelerado. Mal podia esperar para falar com a sua amiga sobre o que se tinha passado. Dirigiu-se à casa de Amélia, que ficava a

poucos metros da sua. Mal abriu o portão, viu Amélia sair de casa. Saía aos quadrados, blusa de gola de renda de um branco imaculado. Era linda a vizinha e sua colega de escola. António não conseguiu esconder o sorriso, na verdade gostaria de esconder os calções rotos e a blusa gasta pelo tempo e pelo trabalho no campo, mas, se Deus fosse grande, a sua amiga nem ia notar. Deu-lhe a mão, como já era habitual, num gesto de ternura e protecção e lá andaram até chegar à escola.

Há anos que fazia quilómetros a pé entre a casa e a escola, debaixo de um calor abrasador ou de um frio intenso, no tempo em que o Inverno durava de Outubro até Maio. Calcorreava estradas lamacentas com os pés envoltos em papel de jornal ou com umas meias grossas mas velhas, sapatos gastos, mas únicos. Sempre de mão dada com Amélia.

Pelo caminho, ele comentou com a amiga o que tinha ouvido na rádio:

- Ouviste a rádio ainda há pouco?

- Não, estava a aprender bordados com a minha mãe, ela diz que tenho de aprender as coisas das meninas para ser uma boa fada do lar, para cuidar do meu marido e da minha casa...

- Ah, mas já andas a pensar em casar?

Corada, Amélia tentou escapar à pergunta:

- Mas, então diz lá o que ouviste na rádio...

- Foi o nosso vizinho, o que tem o mesmo nome que eu. O da casa grande... estava a falar de guerra e de Angola...

- Onde é que fica isso? - perguntou Amélia.

- Ó Amélia, a tua professora não te mostrou um mapa na aula com tudo o que era Portugal? Estava lá Angola, em África... há muitos portugueses a lá morar... Os meus pais estavam a falar em guerra...- reforçou António, que tinha ficado visivelmente intrigado com aquela declaração e com a preocupação da mãe.

Recordava-se de como, em pequeno, o avô se sentava no grande cadeirão de madeira em frente ao lume para lhe contar histórias da Grande Guerra. Dos tanques e das espingardas, das granadas e de uma coisa onde se enfiavam os soldados cheios de lama para se protegerem dos ataques inimigos. Trincheiras, era isso! Será que em Angola também havia trincheiras? O avô levantava-se, ia a uma arca velha e tirava de lá um pano encarnado onde tinha guardado as medalhas que ganhara na guerra. Desdobrava com cuidado o pano e mostrava-lhe com orgulho cada uma delas. Às vezes até o deixava pô-las ao peito e ele, para gáudio da família, marchava pela casa fingindo ser um soldado de palmo e meio. O avô, que já tinha ido para o Céu, dizia-lhe que um dia seria o pai dele, ou quem sabe o neto, a ir defender o país. Tinha de ser corajoso e obedecer sempre às ordens superiores. António olhava muito sério para ele, mas não percebia o que ele queria dizer com isso, só queria ouvir mais histórias de tiros e soldados para depois brincar com os seus amigos na rua fingindo que as fisgas eram pistolas. Essas recordações vinham agora ao de cima. Era de uma guerra assim que a sua mãe estava a falar?

- A minha mãe falou dos mais novos também serem chamados!

- Pois, mas não estás a pensar ir, pois não, António? Tu ainda és muito novo. Já viste, se fosses, depois quem me levava à escola e quem me acompanhava todos os dias? - disse Amélia, que aproveitava o caminho para a escola para colher giestas amarelas e brancas ou camélias de várias cores que brotavam naquela época do ano.

António e Amélia eram vizinhos e amigos desde que começaram a dar os primeiros passos. Unha e carne, nunca se separavam. Passaram a inocência da infância como melhores amigos, mas agora os sentimentos estavam confusos. Para António, a melhor sensação era pegar na mão doce de Amélia. Sentia-se seu protector, quase dono daquele corpo delicado. Ninguém lhe podia tocar nem lhe podia dizer sequer um piropo que ele, tal como o pai, perdia as estribeiras com facilidade. Para ela, a ideia de o ter ali ao lado, com os braços a roçarem ingenuamente um no outro, fazia-a sonhar com rendas e bordados e um enxoval à altura de um casamento perfeito.

António há muito que andava a ganhar coragem para lhe perguntar se ela queria ser sua namorada. Mas ainda não tinha conseguido. Não tinha coragem para olhar nos olhos de azeitona da amiga e dizer-lhe o que sentia cada vez que tocava na sua mão. E se ela, em vez de lhe lançar o habitual sorriso rasgado, lhe punha uma cara feia e zangada de quem não tinha achado piada à pergunta? Talvez um dia...

- Já chegámos, António - disse Amélia, interrompendo os pensamentos do rapaz, que lhe largou a mão para abrir o portão da escola. Um edifício antigo, em pedra, que no Inverno era tão frio, tão frio que lhes enregelava os ossos. À porta, as professoras davam-lhes as boas-vindas. António lembrou-se então de perguntar:

- Ó professora, hoje podemos falar de Angola e da guerra?

A professora ficou meio atrapalhada com a pergunta.

- O quê, António? Onde é que ouviste isso? Isso não são conversas para meninos da tua idade.

- Mas... foi na rádio!

- Mas nada, olha, conto-te uma história e depois vais para dentro sentar-te na tua cadeira. Estás a ver aquela árvore enorme junto ao muro da escola?

- Sim, estou...

- Veio da província de Angola.

António encolheu os ombros. Queria ele lá saber da estúpida árvore. O que ele queria mesmo era saber da guerra, dos tiros, dos soldados...

4.

António já estava habituado a ver o pai fumar um cigarro atrás de outro. E de a mãe lhe dizer tantas e tantas vezes que aquilo, mais os copitos de vinho tinto da taberna do Manel, eram a sua perdição.

António, às escondidas da mãe, também já tinha provado o tabaco. Se o pai gostava tanto daquilo, ele, que queria ser homem o mais rapidamente possível, também podia e devia experimentar. Foi aos doze anos, junto ao rio, na companhia dos amigos Zé Pereira e

Chico, uma pontinha de cigarro que o pai tinha atirado para o chão e que ele, sem ninguém ver, salvou com todo o cuidado para a sua experiência de homem. Para ser sincero, aquilo não lhe soube nada bem, entupiu-se, ficou maldisposto das entranhas. Mas, claro que não podia dar parte fraca em frente dos amigos que também experimentaram e se mostravam muito satisfeitos ainda que estivessem meio amarelos. O que é certo é que António nunca mais tocou num cigarro. Ao contrário do pai, que continuava a fumar a toda a hora. Cavava o campo de cigarro ao canto da boca, um dia até adormeceu, contava a mulher, com aquela maldita coisa nos lábios.

O que António não calculava é que aquele homem alto e robusto, de corpo de aço, pudesse sucumbir por causa dos cigarros. Mas a vida tem destas surpresas e a 7 de Fevereiro de 1963, com 15 anos, António viu partir o pai num simples caixão de madeira.

O dia era de chuva e a aldeia reuniu-se no cemitério para um último adeus ao melhor ferreiro daquelas paragens. António apoiava a sua mãe, toda vestida de negro, e sentia as palmadas nas costas de quem o queria consolar. Ouviu vezes sem conta as mesmas frases: «Agora és tu o homem da casa», «Tens de tomar conta da tua mãe», «Já não és nenhum miúdo, agora tens de pôr a comida na mesa»... Se ao menos pudesse apertar, ali naquele instante, a mão de Amélia.

Este dia mudou para sempre a vida de António. Perdia o pai e a vida que até ali tinha levado. Para trás ficava também qualquer possibilidade de continuar na escola. A primária já lá ia, mas a mãe fazia contas à vida, falava com o padre da aldeia para tentar arranjar forma de o seu menino continuar os estudos. O marido torcia o nariz a semelhante coisa. O filho ou ia para o campo ajudá-lo ou fazia-se soldado como o avô. Um destino honesto para qualquer homem. Mas a mãe não desistia, então com aquele nome que ela lhe tinha dado lá ia para a tropa. Tinha de seguir as pisadas do seu vizinho e, quem sabe, seguir para o seminário e fazer-se doutor em Coimbra.

Com a morte do marido, os seus sonhos caíam por terra. Para ser sincera, Maria das Dores chorava a perda do marido, mas também o fim dos planos que tinha para o seu único filho. António não estava tão desiludido quanto a mãe. Nunca se tinha dado lá muito bem com a escola. Preferia as saídas com o seu fiel grupo de amigos com quem partilhava os treinos e os jogos do Santa Combadense no Estádio do Pereiro, o melhor campo do distrito de Viseu, diziam com orgulho, as idas ao rio para uns belos mergulhos, a caça às rolas com fisgas, que também serviam a imaginação e se transformavam em armas para brincar às guerras, as corridas de arco e gancheta, enfim, tudo o que um rapaz adolescente desejava.

Depois de o pai morrer, António e a mãe mudaram-se para uma aldeia mais acima, Venda do Sebo, um sítio cingido a duas ruas e uma pequena igreja, a poucos quilómetros do Vimieiro. Era aí que morava a avó, também ela viúva. Ir morar com ela era reduzir despesas e atenuar a tristeza e dor pela morte prematura do pai. António era agora o único «homem» da casa. Não era coisa que o preocupasse muito, já que desde que deixara a escola que acompanhara o pai nas lides do campo. Ora o ajudava a ferrar animais, ora o ajudava na quinta. Para ser honesto, do que mais gostava era de cuidar da sua horta e do seu pomar. Não que tivesse falta de forças para ferrar os animais, até porque de um menino de corpo franzino, tinha-se tornado num jovem de corpo feito e força bruta herdada do pai. Mas na quinta sentia-se livre entre as suas hortaliças e cenouras. Falava com as pereiras e as macieiras e sabia como ninguém cuidar delas. O pai, com olhar reprovador, dizia-lhe que era melhor menos falatório com as árvores - que ele garantia nunca ter ouvido falar - e mais labuta, mas António encolhia os ombros e continuava a sua conversa. As árvores agradeciam.

Não era o trabalho em excesso que o atormentava. O que lhe corroía o coração era a distância de Amélia. Não era muita, é verdade, mas sempre eram uns dois quilómetros. Demasiado para o seu coração apaixonado. Logo agora que já eram namorados assumidos. Um ano antes, António perdera finalmente o medo e a

vergonha e perguntara a Amélia se queria namorar com ele. Envergonhada e com a cara rosada, ela disse-lhe que eram muito novos ainda, mas, no minuto seguinte, não conseguiu controlar mais a emoção e deixou escapar: «É claro que sim. Há muito tempo que esperava que me perguntasses isso. Quero muito.»

Não selaram aquele momento com um beijo porque nenhum dos dois teve coragem para o fazer. Mas olharam-se nos olhos e perceberam que o destino os marcava para sempre. A despedida não era pois nada fácil.

- Não fiques triste, Amélia, que eu venho cá todos os dias ver-te. São menos de dois quilómetros.

- Sim, António, eu sei, mas já estava tão habituada a ter-te por perto. Logo agora que até os meus pais tinham começado a aceitar melhor o nosso namoro...

- E depois, continuamos a ser namorados ou não?

- Claro, não sejas tonto - dizia Amélia cabisbaixa, com as mãos entrelaçadas no regaço.

Não havia de ser a distância que os havia de separar, garantia António, que já fazia contas à vida. A mãe garantia-lhe que a avó tinha uma carroça de bois que ele podia usar à sua vontade.

Na semana a seguir à morte do pai, António e a mãe dedicaram-se à mudança para a casa da avó. Não que tivessem muitos pertences, mas era preciso limpar e fechar a pequena casa em que habitavam com paredes de pedra, bem como a garagem onde o pai trabalhava. Era uma vida que ficava para trás. Aquela pequena casa na rua das traseiras da casa do senhor António de Oliveira Salazar deixava saudades e o sabor de uma infância terminada. Sobre os ombros de António recaía agora uma grande responsabilidade.

O dia da partida foi doloroso. António deu uma volta pela aldeia, passou pelo largo da igreja, pelo chafariz, e, claro, pela estação de comboios que tanto o fascinava. Era ali, tentando manter o equilíbrio nas linhas de comboio, que muitas vezes encontrava paz e sossego para pôr a sua cabeça em ordem. E naquele dia os pensamentos assaltavam-no.

Pensava no gesto carinhoso do pai - quase que sentia a sua mão pesada na cabeça -, nas histórias que o avô lhe contava sobre a guerra, na sua Amélia, a rapariga mais bonita da terra, e fingia, como fazia quando era criança, que a fisga era uma arma pronta a disparar, neste caso contra os pássaros que por ali se passeavam. Mas nem isso o animava naquele dia.

António estava tão distraído que nem se deu conta da presença de outra pessoa, até que os seus pensamentos e brincadeiras foram interrompidos por uma voz fina:

- Então, rapaz? Andas a passear?

António virou-se e viu o senhor doutor, o tal com o mesmo nome que o dele. O tal que mandava em Portugal. O tal que vigiava a sua tabuada e as redacções do alto da parede da escola primária. Vestia casaco branco e gravata preta. Apoiava-se numa cana e, no outro braço, trazia um guarda-chuva preto. O rapaz ficou meio atrapalhado. Levantou os olhos, atirando-os instintivamente para o chão logo de seguida. A voz saiu-lhe a custo:

-Sim.

- És o filho do José, o ferreiro, não és?

- Sou sim - disse baixando a cabeça, tal como tinha ouvido a mãe repetir vezes sem conta, em sinal de respeito.

- Já sei que morreu.

- Sim - disse com os olhos no chão enquanto pensava que não podia continuar a dizer sim a cada frase que o homem lhe dizia...

- Era um bom homem, tens de ter força, filho - disse, pousando a mão em cima do ombro do rapaz que continuava sem saber o que fazer. Por sua vontade, metia fogo nas pernas e saía dali a correr. Mas as pernas estavam coladas aos carris.

- Sim, senhor - respondeu, deixando cair a fisga ao chão enquanto pensou «bolas saiu-me outra vez um sim».

- Quando era da tua idade também brincava à fisga.

António olhou para ele e não acreditou. Aquele velho com aquela cara carrancuda nunca poderia ter sido novo, nem brincado à fisga.

- Eu finjo que a minha fisga é uma arma, como se fosse na guerra. O meu avô foi à guerra - disse, arrependendo-se no minuto seguinte do que tinha dito.

- Ah... olha que as armas não servem para nada. Não te levam a lado nenhum. A guerra, a guerra é um desperdício... uma fatalidade...

Agora era o «senhor doutor» que estava cabisbaixo, de olhos no chão. «Teria sido alguma coisa que eu disse?», pensou António, atrapalhado. A vontade de fugir era cada vez maior. O «senhor doutor» parecia ter-lhe adivinhado os pensamentos.

- Vá, vai ter com a tua mãe. Não há ninguém na vida que goste mais de ti do que ela, que te gerou. Lembra-te disso ao longo da tua vida. É nela que encontrarás coragem para enfrentares os momentos mais dolorosos como este que estás a viver...

António já nem ouviu o resto da frase, aproveitou a deixa e saiu a correr dali para fora. Tal foi a presa que deixou a sua preciosa fisga caída no chão no meio dos carris. Ainda olhou para trás, a pensar se

devia ou não ir buscar a figa, mas viu o senhor doutor continuar a sua caminhada ao longo da via férrea e desistiu da ideia.

5.

Erã hora de partir. Ele e a mãe carregaram os haveres pela estrada de terra até Vendo do Sebo. No dia seguinte, já estavam definitivamente instalados. A casa era modesta, mas António tinha a sorte de ter um quarto só para si.

A mãe, de roupa preta, cara triste e rugas acentuadas pelo trabalho no campo, tentava encontrar forças para animar o filho e fazê-lo sentir-se bem nesta nova casa.

Nessa noite, a primeira que António dormiu em casa da avó, que agora também passava a ser sua, deitou-se já cansado e sem forças. A mãe levou-lhe um copo de leite com cevada bem quente ao quarto e deu-lhe um beijo de boa noite, como fazia todas as noites dos seus curtos 15 anos. António não conseguiu conter as lágrimas, ao mesmo tempo que sorria, encorajado e rendido ao gesto forte da mãe. «Caramba, ela é que ficou sem o homem dela, para quem viveu toda uma vida e ainda arranja forças para me "mimar" quando devia ser eu a fazê-lo», pensou tentando calar as palavras. Não teve coragem para fazer o comentário em voz alta, nem de agradecer à mãe o copo de leite com cevada, mas levantou-se para pegar no copo e deu-lhe um beijo carinhoso na testa.

- Deus a proteja, minha mãe. Estou com saudades do pai. Ainda bem que a tenho a si, como a mãe me vai ter sempre a mim - prometeu António.

- Também eu te adoro, meu filho. És a razão do meu viver. A vida continua. O teu pai, naquele ar bruto dele que a gente bem conhecia, deve estar lá em cima a olhar por nós e a proteger-nos.

- Pois deve. Sabe, mãe, estava aqui deitado a lembrar-me dele e a pensar no único gesto terno que me lembro dele ter tido comigo. Naquele dia em que o nosso vizinho falou na rádio. Eu tinha uns 12 ou 13 anos, acho eu. Quando ele se levantou para ir trabalhar, percebeu que eu estava ali e passou-me a mão pela cabeça ternamente. Nunca mais me esqueci desse gesto. Era tão raro no pai, que me ficou para sempre gravado na memória.

- O teu pai não gostava muito de dar mimos, mas no fundo preocupava-se muito connosco. Tinha lá o jeito dele de nos amar. E teve razão nessa altura em te mimar. A guerra começou, já lá vão dois anos. Agora sou eu que rezo todos os dias para aquilo acabar e tu não ires também.

- Não pense nisso, mãe. Era o que faltava, sou muito novo - balbuciou, pouco convincente, António, que sabia das histórias que se contavam na taberna, dos filhos da terra que tinham ido para África e ainda não tinham regressado...

- Penso sim, meu filho. Todos os dias penso nisso. Nunca mais acaba aquela maldita guerra. Não percebo como é que o nosso vizinho não acaba com aquilo. Ele que é tão boa pessoa, que fez tanto por nós, um homem da terra tão católico... Mas agora dorme e descansa, filho. Amanhã é um novo dia - disse a mãe, aconchegando o filho no cobertor de lã.

- Boa noite, mãe.

António ainda demorou algum tempo a pegar no sono. Ficou a pensar nas palavras da mãe. Não percebia como é que um senhor com aquela idade podia acabar com a guerra. Lembrava-se do encontro com ele na linha de comboio, que não tinha tido coragem de contar a ninguém, nem sequer à sua querida Amélia... Ele tinha dito que a guerra era uma fatalidade. Na verdade, na altura não tinha percebido muito bem a palavra, mas tinha pedido ao padre para lhe explicar o que era, sem lhe dizer o porquê, e ele explicara com toda a paciência.

O frio teimava em enregelar-lhe os ossos e António preferiu deixar de lado aqueles pensamentos e aquecer o coração com a lembrança de Amélia que à despedida lhe tinha passado, sem que ninguém visse, um lenço branco por ela bordado a ponto cruz com as iniciais dos dois - A e A. Perfeito. Era a esse lenço e a essa recordação que ele agora se agarrava.

Para Maria das Dores, ir à igreja e ouvir a rádio eram as suas grandes companhias diárias. O filho andava pelo campo atarefado, ela ainda tentava ajudar como podia, mas ele não queria que ela se cansasse no campo. O coração não andava bom desde que o pai tinha morrido e o médico da Casa do Povo de Santa Comba Dão

mandou-a ter cuidado. Sopas e descanso, dizia-lhe o filho a brincar. Ela obedecia a contragosto.

Naquele dia quente de Agosto tinha tomado a sua cevada com pão que acabara de fazer no forno a lenha, já tinha ido rezar à missa da manhã com a mãe e agora estava ali sentada no fresco da casa de ouvido colado ao aparelho de rádio. Entretinha-se a ouvir as variedades que passavam, música bonita portuguesa, umas radionovelas que faziam chorar as pedras da calçada e acompanhava como podia as notícias, ainda que não percebesse metade do que lhe diziam.

Só se tinha levantado para ir receber o Entrudo, o homem que de bicicleta vendia sardinhas com sal bem aconchegadas em caixas de madeira, e o Petroleiro que, com uma carroça, uma vez por semana passava por aquele sítio para vender petróleo, sabão amarelo para lavar o soalho ou palha de aço.

Depois dos afazeres estava de volta à cozinha com o ouvido colado à rádio. Mais uma vez, aquela voz fina apareceu nas ondas da sua rádio. O locutor anunciava que o chefe do Governo ia falar ao país sobre a situação em África. Maria das Dores arregalou os olhos e afiou os ouvidos. «Não se devem chorar os mortos. Melhor: nós havemos de chorar os mortos se os vivos não o merecerem.» Mais uma vez as palavras do Senhor Doutor a perturbavam. Falava de mortos. Meu Deus, mas que raio se passava por aquelas terras? A comadre tinha-lhe dito que a tal senhora que ela conhecia lhe tinha escrito uma carta a dizer que estavam a pensar voltar para a terra porque os pretos andavam a queimar as casas dos brancos e a matá-los. Tinha até rezado um terço para que Deus protegesse aquela senhora que se era amiga da sua comadre, amiga dela seria.

Desta vez, Maria das Dores não podia chamar o seu José para que ele lhe explicasse o significado daquelas palavras. A mãe ainda tentou perceber o que tinha perturbado tanto a filha, mas Maria das Dores preferiu calar a sua preocupação. Também nada diria ao seu

filho António quando ele chegasse exausto da labuta. Ficaria só ela preocupada com aquelas palavras do Senhor Doutor. E, para aliviar a alma, iria outra vez à igreja rezar um terço à sua Virgem Santíssima.

Os anos seguintes passaram como uma flecha. António tornou-se homem rapidamente. Se calhar demasiado rápido. Mas naqueles tempos era assim. O trabalho no campo ficou praticamente a seu cargo. Tinha um plano bem traçado na sua cabeça para que nada faltasse à mãe e para começar a constituir uma poupança para poder casar com a sua Amélia. Os pais dela eram pequenos proprietários, conservadores e católicos e olhavam com alguma preocupação o namoro da filha com aquele rapaz de condição inferior à dela. Teria sido melhor que o coração da filha se virasse para algum herdeiro da região. Mas o coração tem destas coisas, não escolhe condição social. E António estava determinado a subir na vida e a dar a Amélia tudo o que ela merecia.

Decidiu então dedicar-se ao cultivo e, paralelamente, à venda do que as árvores e a terra davam. Montou uma pequena banca na aldeia e rapidamente desenvolveu um pequeno negócio com a vizinhança. Fruta de boa qualidade, batatas, couves, tomate, tudo cultivava para tudo vender. Não raras vezes pegava na mercadoria e levava para a berma da estrada e a mãe ali ficava à espera de quem passasse e comprasse. Aos sábados, o mercado em Santa Comba Dão era poiso garantido. Conseguiu tornar-se num rapaz de sucesso na forma como vendia e na qualidade que oferecia. Já tinha conseguido comprar até carrinhos de mão em ferro do bom, resistente, para o transporte dos produtos.

Determinado e rigoroso naquilo que fazia, António cumpria todas as horas do dia à risca para deixar o fim de tarde e a noite dedicados por inteiro a Amélia e aos amigos.

Ao fim da tarde ia buscar Amélia à porta de casa, dava-lhe a mão e passeavam na aldeia. O local preferido deles era o banco de pedra do átrio da igreja. Tinha uma vantagem e um inconveniente. Por um

lado, estavam à vista de todos e não davam azo a boatos maldosos que pudessem desacreditar a inocência e boa fama de Amélia; por outro, à vista de todos não passavam da mão dada e de um encosto de ombros, quando as hormonas da adolescência suplicavam por um pouco mais.

- Gosto de me sentar aqui. Encosta-te a mim - dizia-lhe António.

Aquela expressão «encosta-te a mim» entrava como música nos ouvidos de Amélia, que logo pousava a cabeça no ombro dele. Ele envolvia-a com o seu longo e forte abraço e ali ficavam a conversar ou a gozar o silêncio do amor.

Amélia era a mulher mais bonita da terra. Mantinha o corpo franzino e delicado, tinha uns longos cabelos castanhos e uns olhos escuros que enfeitiçavam qualquer um. Os amigos de António metiam-se com ele porque agora preferia os namoricos ao jogo de bola e aos banhos no rio, mas ele não se importava. Era inveja por não terem uma namorada como a dele.

Com o tempo, os pais dela começaram aceitar melhor o namoro e a reconhecer no rapaz esforço e dedicação. Não eram esses os atributos fundamentais para um pai de família? Ele já jantava assiduamente em casa dela, mas, apesar de estarem rendidos àquela relação, continuavam a não dar rédea solta à filha, como mandavam os bons costumes.

- Vem jantar lá a casa - disse-lhe Amélia. - Não me apetece que vás já embora para Venda do Sebo.

- Deixa-me então ir levar-te, já que tenho de ir a casa avisar a minha mãe senão ela fica em preocupações e o coração dela anda cada vez mais fraco. Depois vou ter contigo.

António pegou no carro de bois e fez-se ao caminho. Quando entrou, deu com a mãe com lágrimas nos olhos sentada numa cadeira de madeira.

- Mãe, que foi? O que lhe aconteceu? Sente-se bem? - perguntou em pânico sem perceber porque é que a mãe estava naquele estado.

- Estou preocupada, filho. Estive a falar com o tio Armando e ele esteve-me a contar as últimas de Angola e da guerra. Aquilo não anda bem, filho, e tu estás na idade de ir à tropa... O filho da Jacinta, aquela minha amiga que mora ali na aldeia de Rojão Grande, parte amanhã para Angola. Estava em Coimbra a fazer tropa e, de repente, já o chamaram e amanhã embarca. Ela está desfeita. Tenho tanto medo que te aconteça o mesmo. Ainda para mais agora que já lá foste dar o nome à tropa, até já foste às sortes, filho, e ficaste apto ou lá como é que se diz...

Maria das Dores gostava de afiar a língua com as vizinhas. Era querida por todos, estava sempre pronta a ajudar quem mais precisasse mesmo tendo pouco. Naquele final de tarde tinha resolvido sentar-se no banquinho de madeira à porta de casa a ver quem passava. Foi quando encontrou o tio Armando que, chegado de Coimbra, lhe contou as últimas novidades da guerra. Ficou com o coração aos saltos só de pensar que podia perder o seu único filho para uma guerra desconhecida, numa terra que o tio Armando diz ser Portugal, mas que ela não conhece. Ora se ela nunca saiu dali. Dividiu sempre a sua vida entre o Vimieiro, Santa Comba Dão e as aldeias limítrofes como Venda do Sebo, Rojão Grande, Rojão Pequeno, Cagido e pouco mais. O mais onde tinha ido, fora a Fátima depois de o marido morrer, para rezar pela sua alma, onde comprou uma bonita imagem de Nossa Senhora, em madeira, que colocou numa mesa já manca encostada à parede da sala e à qual orava todos os dias.

- Ainda bem, mãe, que fiquei apurado, já viu a vergonha que era se fosse inapto, era sinal de que não era bom, de que tinha alguma deficiência, cruz credo.

- Sim, filho, o teu pai e o teu avô iam ficar orgulhosos, mas eu só penso do que seria de mim, aqui sozinha com a tua avó e com o coração apertado sem saber de ti...

- Ó mãe, não pense nisso. Já sabe que tenho de ir à tropa, mas vai ver que só me chamam daqui a uns tempos. Nessa altura logo se vê. Pode ser que a guerra entretanto acabe. Eu li no Defesa da Beira que apanhei lá na tasca do Manel que aquilo estava quase a acabar e que os nossos soldados são muito corajosos e valentes e estão animados...

- Achas, filho? Aquilo nunca mais acaba. Lembras-te daquele dia em que ouvimos o Senhor Doutor falar na rádio? Nunca mais me saiu da cabeça. Já lá vão cinco anos e cada vez vão mais tropas para lá. Todos os dias rezo por ti, meu filho. Tenho a certeza de que a minha Nossa Senhora não me vai faltar...

- Sim, mãe. Lembro-me bem desse dia. Mas se estivermos sempre a pensar nisso, não fazemos mais nada. Vivemos com medo do futuro e do que me poderá acontecer. Agora acalme-se e vá descansar para o quarto antes de jantar. Eu deixo-lhe a mesa pronta para si e para a avó para não ter trabalho.

- E tu, não jantas?

- Não. Vou jantar a casa da Amélia e depois do jantar ainda passo pela taberna do Manel para pôr a conversa em dia por entre dois copos de tinto.

- Vai, filho, vai com Deus, mas antes beija a tua pobre mãe. Eu vou ajoelhar-me e pedir a Nossa Senhora de Fátima que te proteja sempre.

Em casa de Amélia, também os pais e uns convidados vindos de Coimbra, um comerciante de sucesso e a mulher professora primária, falavam sobre a guerra. Tema que cada vez mais dominava as conversas em família ou entre amigos. O pai de Amélia, patriota e

defensor assumido da guerra, falava dos jovens que estavam a embarcar para África e o seu convidado garantia que, ao contrário do que os jornais diziam, aquilo não estava a correr muito bem para os nossos. E não era só em Angola, falou da Guiné e de Moçambique...

António ouvia com atenção. Há muito que a guerra pairava como uma sombra na vida de todos. Se ao princípio era fácil esquecer as palavras do vizinho de cabelo branco e ar sério, aos poucos, com a partida das gentes da terra, com a rádio a passar mensagens enviadas pelos soldados e os jornais a falarem do assunto, o tema foi ganhando novas proporções.

- Ainda vais lá parar, António - dizia-lhe o pai de Amélia meio a brincar, meio a sério.

- Pois não me parece. Aquilo é longe. E também só devo ir para a tropa daqui a uns tempos. Até lá já não deve ser necessário ir, já aquilo acabou tudo.

Amélia sentiu os olhos entristecerem como que a pressentir a possibilidade de ficar sem o seu António, companheiro de sempre. Depois do jantar e do beijo dado à socapa, muito ao de leve nos lábios rosados de Amélia, mas que mesmo assim lhe fazia reluzir os olhos, António foi até à tasca para estar com os amigos. Quando entrou, o tema de conversa era o mesmo: Angola e a guerra.

- Será que vamos todos para a guerra? - comentava-se, na mesa, com os canecos na mão entre longos goles de tinto.

António, nada dado a politiquices, habituado apenas ao trabalho, não se meteu na conversa. Limitou-se a ouvir, agora com mais atenção para perceber melhor o que se estava a passar. Os amigos andavam envolvidos em coisas de política, às vezes ouvia-os a falar de comunismo e tal, mas a ele o que lhe interessa era ter comida na mesa para a mãe e ver o Sol nascer todos os dias.

- É isso, pá. Este nosso vizinho ainda vos vai meter a todos na guerra lá em África contra os pretos - dizia Osvaldo, mais velho, com 25 anos, já com serviço militar cumprido durante dois anos nas Caldas da Rainha. Era, sem dúvida, o mais esclarecido de todos em questões políticas. Um problema crónico no pé esquerdo salvara-o então da mobilização e ele foi passado à reserva.

Revoltado e nada simpatizante do homem mais conhecido da terra, por vezes tentava fazer sessões de esclarecimento ali na tasca com os amigos, mas o dono, o velho Manel, logo o mandava calar, pois não queria problemas. Eram coisas de que não se podia falar muito alto porque as paredes tinham ouvidos. Mas naquele dia não havia como fugir.

- Aquilo em Angola tem problemas lá no mato. Não é nas cidades. As forças revolucionárias estão a atacar com catanas militares portuguesas, civis, mulheres, crianças que vivem em fazendas, em terras mais distantes dos grandes centros - explicou Osvaldo, que acentuava: - Ninguém é poupado, é tudo massacrado.

- E como é que tu sabes isso? - atirava António, impressionado com a descrição.

- Porque, ao contrário de ti, tento saber das coisas que se passam no país. Continuando... Aquilo é enorme. Catorze vezes maior que Portugal. Os de lá acham que aquilo é deles e que está na hora de mandarem no país. O que faz sentido. Por que carga de água é que mandamos nós naquela terra se está longe daqui?

- Mas estão lá muitas famílias a viver. Vão cada vez mais pessoas para lá. Não deve ser assim tão mau?! - questionou António para surpresa de todos.

- Mas os que nasceram lá, os pretos, querem ficar a mandar naquilo e o nosso «velho» não quer deixar - esclareceu Osvaldo. - Por isso manda os militares para lá, precisamente para defenderem os portugueses e o que ele diz que é nosso. Ele diz que aquilo é

Portugal, como o Minho ou o Algarve ou aqui a nossa parvónia. Que é tudo igual. Mas ele também está a ficar cada vez mais velho. Já foram ver a estátua que inauguraram em sua honra lá no jardim público em Santa Comba Dão?

- Acho que foi uma festa de arromba, a aldeia estava cheia de bandeiras e com colchas bordadas às janelas e até cá veio o presidente, o... como que ele se chama...? - perguntou Chico.

- O Américo Tomás - disse Osvaldo sempre esclarecido -, mas foi a irmã do Salazar, a Marta, que descerrou o monumento, acho que chorou e tudo...

- Acho que é caso para isso, que é uma bonita estátua do homem sentado - disse Zé Pereira.

- Sim, mas ele está a ficar velho e já não deve demorar muito tempo sentado na cadeira lá em Lisboa. Mas não se admirem se vocês forem todos lá parar. É o que acontece em todas as guerras. Vocês estão quase a ir para a instrução militar e ainda se lixam e dão com as costas naquele sítio - disse, assustando-os com ar de gozo.

António até ficou pálido. Não tinha ainda bebido sequer um pouco de vinho tão surpreso e aterrorizado que estava com o que acabava de ouvir. Pensou logo em Amélia, na possibilidade de ter de ir e deixá-la. E, claro, na mãe, o que seria dela sem ele para trabalhar e pôr a comida na mesa?

- Eu acho que o velho nem gosta de guerras - disse António, lembrando-se da conversa que tinha tido com ele, anos antes, na estação de comboio.

- O quê? Foi ele que te disse, António? - disse Osvaldo entre risos, em tom de gozo.

António engoliu em seco. Nunca tinha contado a ninguém o seu encontro com o «senhor doutor» e não era agora que o iria fazer. Pediu a Manel para encher o copo, era melhor beber para esquecer, e mudou a conversa para os resultados da bola e dos desaires do Santa Combadense. Mas, no caminho para casa, não conseguia pensar noutra coisa. «Deus me livre se tenho de deixar esta minha terra para ir para a guerra. Eu nem sequer sei dar um tiro...» Pela primeira vez, sentia medo de abandonar o sítio que considerava um desterro, onde nada se passava e a vida corria devagar. Mas era a sua terra.

Pelo caminho até casa foi-se recordando das histórias do avô. De como ele lhe contava, à beira da lareira, enquanto tentavam esquecer mais um Inverno rigoroso, as histórias da guerra. Aquela tinha sido em França e ele tinha ido de barco para lá - era a primeira vez que tinha visto o mar - e também havia alemães que eram chefiados por um tal senhor de bigode. Lembrava-se como se tivesse sido ontem... como a voz do avô sumia e os olhos ficam enevoados quando falava dos amigos que tinha feito na guerra e como tinha sido matar um homem pela primeira vez... Na altura, António encolhia os ombros, devia ser fácil, tão fácil como matar galinhas como a mãe fazia num gesto rápido e frio.

Quando abriu a porta de casa, viu a mãe de joelhos a rezar junto ao altar onde tinha colocado a pequena imagem de Nossa Senhora de Fátima, rodeada de velas.

- Que está a fazer a esta hora ainda de pé, mãe? Não lhe pedi para descansar?

- Estou a rezar, filho.

- Por amor da sua santa, vá mas é dormir e não se preocupe. Já lhe disse, aquilo fica lá longe e não vão precisar de mim para nada.

A mãe benzeu-se e acatou a ordem. António retirou-se para o seu quarto, apagou a luz da lamparina, mas ainda esteve pelo menos

duas horas às voltas na cama, revirando-se sem perceber que aquele assunto lhe estava a provocar uma rara insónia, ele que dormia como uma pedra e acordava fresco logo pelas seis e meia da manhã. Não estava assim tão certo de poder fugir àquela guerra.



A festa da mártir Santa Eufémia reunia centenas de pessoas de toda a região. Até os emigrantes que há muito tinham partido para França ficavam na terra mais uns dias para lá de Agosto para viverem o dia da Santa Padroeira Eufémia.

O Verão tinha passado, escaldante como sempre. Era assim. Invernos frios e gélidos, Verões escaldantes com temperaturas a

marcar ou ultrapassar os 40 graus. Valia o rio Mondego mais abaixo, onde uns bons mergulhos davam para combater o calor abrasador.

Antes de entrarem Outono adentro era preciso celebrar, no segundo domingo do mês, como rezava a tradição, a padroeira da aldeia. Era dia de missa, de muito fervor católico, de muitos pedidos à santa e de festa rija com muita comida, vinho e muita música para dançar.

Há anos que António e Amélia faziam daquela festa o dia mais importante do ano. Estavam toda a noite juntos, cantavam, dançavam e conseguiam, por vezes, escapar aos olhares de família e amigos para, no escuro da noite, protegidos pelas árvores e pelas sombras, se abraçarem, beijarem e trocarem juras de amor eterno.

Amélia retirou-se com António para um canto enquanto todos dançavam ao som da música que o agrupamento Catita entoava no palco improvisado para animar o povo.

- António - disse-lhe Amélia. - Estou preocupada. Está muita gente a ir para a tropa. Tenho medo de que também vás e me deixes. Que vai ser de mim?

- Não vou a lado nenhum, mulher. Dá-me um beijo e vamos mas é dançar o bailarico...

Aquele já não era um tema que António ignorasse ou sequer tentasse evitar. Ao longo dos últimos anos, desde Abril de 1961, quando Salazar disse que era preciso ir para Angola e em força, que António começou a preocupar-se e a tentar inteirar-se sobre o que se estava a passar. Não dizia nada à mãe nem à namorada para não as preocupar, mas começou a ouvir mais notícias, a ler o jornal e a falar com os amigos sobre o assunto. Apesar de nos jornais as notícias sobre Angola serem escassas, as informações boca a boca corriam céleres.

Tudo começou em 1961, mas cinco anos depois o cenário não se tinha alterado. Agora com 18 anos, António já tinha a noção do que era a guerra. Não era um jogo de físgas, nem era uma maneira de desfilar medalhas. Era um jogo de vida e de morte. Ao longo desses cinco anos, muitos homens e rapazes da terra foram defender a pátria. Era uma sensação estranha esta de olhar para os amigos ali a dançar de copo de vinho na mão e não saber qual deles seria o próximo a partir!

Chico tinha 18 anos e era o «sabichão» como lhe chamavam, porque ainda andava na escola. O pai era alfaiate - o «estilista» mais afamado da região - e não havia homem que se prezasse que não lhe encomendasse um fato à medida traçado a giz nos ombros e nas costas. Como era o único, não se podia queixar do que juntava ao fim do mês. Dava para manter o filho a estudar em Coimbra. Mesmo assim, Chico não se livrava de um biscate na apanha de fruta com mãe para contribuir no esforço conjunto de sustentar a casa.

Zé Pereira era o mais abastado. Os pais estavam em França. Foram dos primeiros a procurar uma vida melhor no estrangeiro. Depois seguiram-se muitos habitantes da região. Zé ficou a viver com a avó e todos os meses recebia uma mesada que o mantinha na escola e até dava para uma extravagância: era o único na terra que tinha uma bicicleta. Às vezes, levava os dois amigos a passear ao domingo pelas aldeias vizinhas. Um em cima no quadro, Zé Pereira ao meio no comando da máquina e o outro, atrás, com os pés firmes nos parafusos que apertavam a roda. Era uma cena digna de se ver.

Os dois eram os grandes amigos de infância de António. «Os três da vida airada», como dizia o pai quando ainda era vivo. Pareciam a sombra uns dos outros. Para onde ia um, os outros iam atrás. No domingo, o programa era o de sempre: missa das dez, que na maioria das vezes servia para, no caso de Chico e de Zé Pereira, mirarem as moças da aldeia, almoço com a família, seguido de jogo de futebol. Eram todos jogadores exímios, raçudos, cheios de força,

mas eram melhores espectadores ainda, e por isso não havia jogo do Santa Combadense em que não acabasse tudo à estalada. Às vezes, os três até iam ver jogos de adversários rivais, só para armarem zaragata na bancada.

Havia que fazer alguma coisa ao fim-de-semana para fugir à rotina dos cinco dias anteriores a que se seguiam outros cinco iguais em tudo. Já depois do futebol o dia acabava outra vez na tasca do Manel a fazer horas até ao jantar a ouvir as histórias de Osvaldo que já tinha ido à tropa, o único que tinha saído dali. Conhecia Torres Vedras, tinha ido uma vez a Lisboa em coluna militar e regressara para contar tudo aos amigos. Ao fim do dia era tempo ainda de discutir as vitórias do Benfica. O clube era a paixão dos jovens que, sentados nas mesas de madeira da taberna, discutiam o passe de Coluna ou o remate do Pantera Negra. A vitória emblemática por 5 a 1 do Benfica ao Real Madrid motivou horas de conversa entre eles. Cada passe ouvido na rádio, cada pontapé, cada golo gritado a viva voz foi analisado e discutido como verdadeiros especialistas na matéria. Para Zé Pereira, o Coluna era o melhor jogador; para António, não havia dúvida de que era Eusébio. Um moçambicano com o melhor pontapé do mundo.

Mas agora a discussão era outra. O futebol ficava em segundo plano, a tropa era o tema escolhido para as conversas entre amigos. Osvaldo não tinha dúvidas: era na tropa que se faziam ho mens, se alargavam os horizontes e se ficava a conhecer o mundo. Para António era a oportunidade de sair da terra, viajar de comboio, mais não fosse até Coimbra, e de seguir as pisadas do avô na vida militar. Quem sabe até ganhar algumas medalhas de coragem e bravura ao serviço de Portugal. O pai, que Deus o tenha, certamente ficaria orgulhoso se ele vestisse a farda militar.

7

.

Há muito que o Inverno rigoroso anunciava a chegada da quadra natalícia. Não é que Dezembro fosse um mês diferente dos restantes. Trabalho e mais trabalho. O dinheiro escasseava e não dava para grandes celebrações. Prendas nem passavam pela cabeça de ninguém. Desde pequeno que adorava o Natal, a família juntava-se, havia Missa do Galo, a mãe fazia rabanadas, uma iguaria que só provava naquela altura do ano. Do seu escasso repertório de prendas guardava uma fisga, umas meias, um casaco que tinha sido de um primo e uma bola de futebol.

Naquele ano, a tradição mantinha-se com um jantar em família, na casa do tio Armando na aldeia de Ovoa, seguido da Missa do Galo à meia-noite. O tio Armando era o único da família que tinha televisão em casa. Caseiro numa casa senhorial de uma das famílias mais abastadas da região, a dedicação de uma vida tinha-lhe valido uma prenda digna de registo à época. Um televisor grande e pesado que ocupava o centro da sala da pequena casa onde morava e que despertava em todos olhares de espanto. António ainda se recordava da primeira vez que o tio ligara o televisor. A mãe apanhou um susto, para não falar da avó que se benzeu a achar que aquilo era coisa do demo. Ele ficou encantado. Embasbacado em frente ao ecrã. Na verdade, nem percebeu nada do que os senhores estavam para ali a dizer, mas a imagem vinda lá de Lisboa por um fios até ali era uma coisa de pasmar. Esquecidos da consoada, a preto e branco, viajavam para fora da aldeia, viam imagens impensáveis para o imaginário de cada um, escutavam cada palavra que saía daquele ecrã mágico.

Estavam todos sentados em frente ao aparelho num silêncio religioso. Tinham acabado de ver uma peça de teatro - Cenas do Auto dos Reis - que tinha feito as delícias de Maria das Dores, quando foram surpreendidos com o programa Ao Serviço da Nação. De repente apareceu no ecrã a imagem de um soldado, farda vestida, impecavelmente engomada, boné na cabeça, cara marcada

pelo sol, um sorriso rasgado carregado de saudades e uma mensagem rápida: «Sou o cabo Manuel Pinto. Envio daqui um beijo aos meus pais, à minha noiva Josefina, à minha família e amigos de Sátão no distrito de Viseu. Um bom Natal para todos são os votos deste vosso filho que vos ama. Saudades e até ao meu regresso.» Seguiu-se outro: «Para os meus pais, irmãos, madrinha de guerra e restante família, desejo um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de propriedades. Eu estou bem. Adeus até ao meu regresso», e mais outro e mais outro soldado...

A mãe de António não conseguiu controlar as lágrimas, acompanhadas de uma Ave-Maria rezada para dentro. António ficou em silêncio, incomodado com aquelas imagens. Era a guerra que estava longe e que agora lhes entrava casa adentro. O silêncio foi quebrado pelo tio Armando:

- Coitados. Estão longe da família, numa terra desconhecida. Mas estão a defender a pátria. Dizem que aquilo é boa terra. E que o perigo é só no mato, longe das cidades. Acho que se vive muito bem lá. Há muita gente que está a emigrar para Angola, onde parece haver muitas oportunidades. Um dia ainda vais tu, ó António. Vai fazer-te bem. Ir à tropa torna-nos homens.

- Eu quero ir à tropa, mas espero não ter de ir para longe da minha mãe, da minha avó e da Amélia. Já viu o que era, tio? Quem tomava conta delas, como se aguentavam aqui sozinhas? Nem quero pensar nisso.

- Para já, não vale a pena pensar nisso. Vamos embora que está na hora da missa - interrompeu o tio Armando, desligando o botão do televisor e colocando, com cuidado, o naperon rendado por cima do aparelho para enfeitá-lo.

Mesa arrumada, louça lavada pelas mulheres da casa e todos se agasalharam a rigor para sair para a missa. Amélia também ia com a

família e ele queria estar com ela uns minutos naquela noite de Natal. Pela primeira vez tinha-lhe preparado uma surpresa.

Esperava pela meia-noite e pelo final da missa, altura em que as pessoas, apesar do frio, ficavam mais um pouco ali no adro a confraternizar umas com as outras e a falar com o padre. António e Amélia aproveitavam a ocasião para dar uma volta e namoriscarem um pouco.

António tinha andado os últimos dois meses a pensar na vida. A ameaça da guerra, a ideia de partir, fê-lo ter uma certeza: queria ficar com Amélia para sempre.

Durante a missa, sentado uns bancos mais atrás da família de Amélia, António não conseguiu tirar os olhos dela. Nem ouvia o que o padre dizia. A missa era toda ela lida em latim, palavras tão estranhas que ele não apanhava nem uma. Apreciava cada fio do seu cabelo castanho, apanhado num rabo-de-cavalo, e que ele, apesar da distância a que estava, tinha a certeza de que cheirava a alfazema. Acompanhava todos os seus gestos, quando se sentava e ajeitava a saia nos joelhos, se levantava, ou quando se ajoelhava compenetrada para rezar.

Era a noite mais importante da sua vida. Tinha tomado uma decisão. No bolso guardava um objecto que lhe tinha custado muitas horas extra de trabalho. Durante dois meses, António saiu pontualmente de casa às 18 horas para ir ajudar o senhor Azevedo que estava a construir um curral para os porcos. A troco de 10 escudos por dia, trabalhava até às nove da noite. O destino desse dinheiro estava bem definido: comprar, na única ourivesaria que havia em Santa Comba Dão, um anel de noivado.

Já no adro, sentados num dos bancos de pedra, voltados para a igreja iluminada, António pegou-lhe na mão. Meio atrapalhado, tirou do bolso uma pequena caixa com o anel, abriu-a e, sem ter coragem de olhar nos olhos de Amélia, colocou-o rápida mente no seu dedo.

Graças a Deus que lhe servia. Ficava-lhe perfeito. Não disse nada. Ficou à espera, de olhos cabisbaixos, de uma reacção. Ela ficou estupefacta a olhar para o anel de prata com dois corações entrelaçados e também nada disse. António resolveu ganhar coragem, encheu os pulmões de ar gelado e disse:

- É a primeira prenda que te dou e por isso quero também que fique para sempre. Trabalhei dois meses seguidos ao fim do dia para te comprar este anel e dizer-te que quero casar contigo o mais rapidamente possível. Quero ficar contigo para sempre...

Amélia estremeceu. Continuava sem conseguir articular uma palavra. Estavam engasgadas. À falta de palavras, chegaram as lágrimas de emoção. Olhou-o fixamente, mas não conseguia transmitir o que lhe ia na alma. Só as lágrimas deixavam transparecer o seu imenso amor. Queria beijá-lo, mas estava muita gente ali perto, incluindo o pai que, de tempos a tempos, os mirava para ver se estava tudo dentro dos bons costumes. Amélia pegou-lhe na mão e disse:

- Anda. Vamos dar um passeio.

Amélia levou António para longe dos olhares indiscretos. O único sítio naquele momento era mesmo a porta do cemitério, contíguo à igreja. Escondidos e com a noite escura a protegê-los, Amélia olhou-o nos olhos, agarrou-lhe na cara com as suas mãos delicadas e disse:

- Há muito que sonho com este momento. Claro que quero casar contigo e ficar contigo para sempre. - Aproximou a sua boca da dele e deu-lhe um beijo apaixonado e molhado pelas lágrimas que continuavam a cair. - Casamos quando?

- Quando tu quiseres, amor...

- Para o ano, depois do Verão, em Setembro nas festas de Santa Eufémia. A nossa família está toda cá, os meus tios vêm de França.

Por mim fica marcado. Vou começar já a tratar do enxoval - disse Amélia.

António exibiu um largo sorriso, deu-lhe mais um longo beijo e lembrou a Amélia que faltava um outro passo antes do enxoval:

- Temos de comunicar à minha mãe e aos teus pais. Quando o fazemos?

- Por mim, pode ser já - disse Amélia entusiasmada.

Mais prudente, António pediu para ser no primeiro dia do ano que estava a chegar. Queria preparar a mãe e ela também devia aproveitar para ir deixando alguns sinais aos pais para não serem apanhados de surpresa.

- Fica então combinado. No primeiro dia do ano, daqui a uma semana, dizemos a todos.

Novo beijo, agora um imenso sorriso de felicidade já sem lágrimas e uma laracha:

- Nem nos apercebemos de onde estamos e do sítio que escolhemos para selar este nosso dia. À porta do cemitério com campas como testemunhas.

- Pelo menos estes estão mortos e não vão contar de certeza nada a ninguém antes de nós - riu-se Amélia, fazendo de imediato o sinal da cruz e pedindo perdão a Deus pela piada que podia ser considerada de mau gosto.

- Não é o melhor sítio... Mas deixa lá, pelo menos nunca mais nos esquecemos dele. Olha o que diz ali em cima.

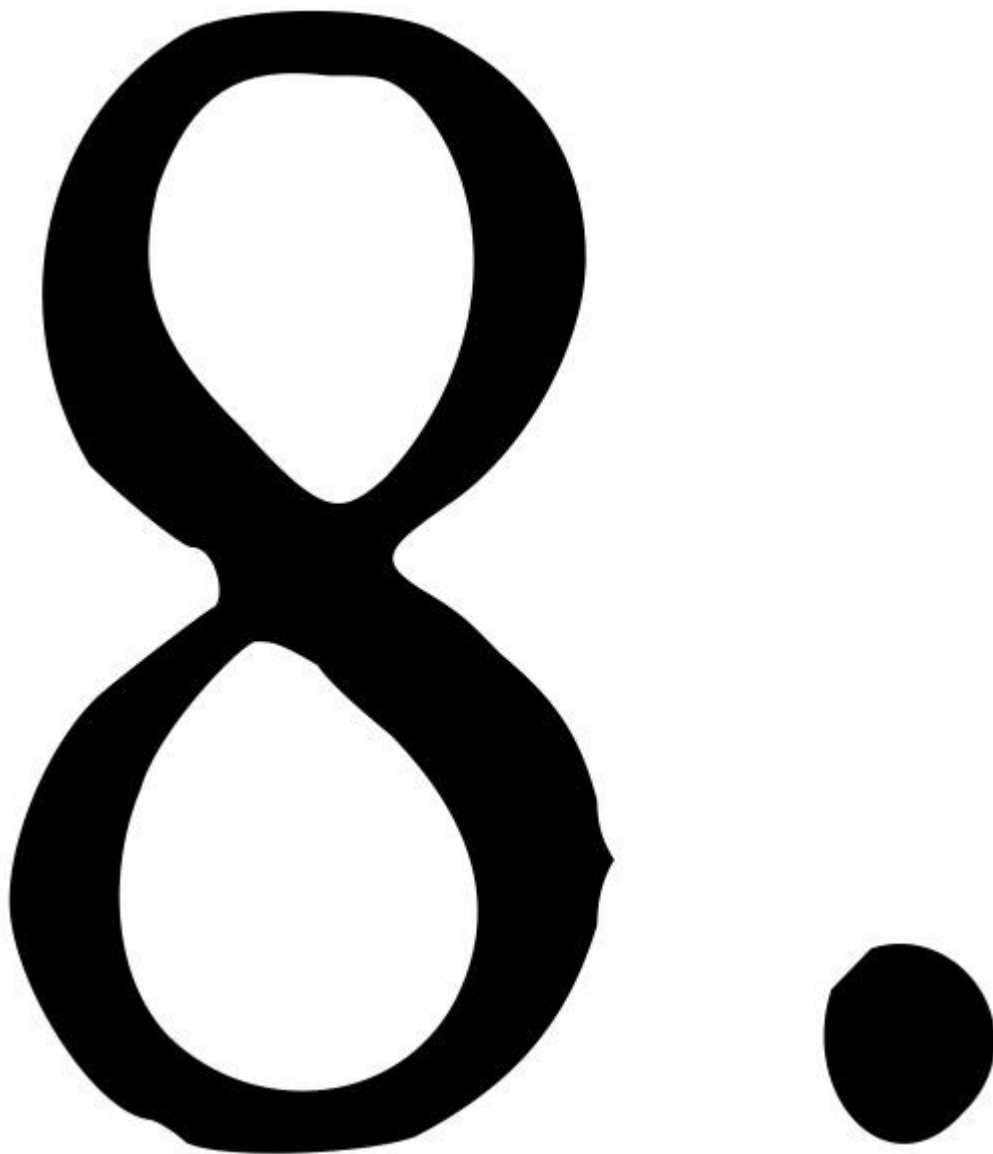
Amélia só conseguia ver uma caveira cravada em ferro no cimo do portão, mas não conseguia ler a inscrição:

- Está ali inscrito o ano em que foi inaugurado este cemitério: 1883. O pior é o que diz em baixo - disse António.

-Eo queé?

- «Aqui te espero.»

- Credo, António. Vamos embora daqui - disse Amélia, assustada, ao mesmo tempo que se benzia novamente.



—O que é que preferes, amor? Os lençóis em cru ou em amarelo? Eu depois bordo a ponto cruz com as nossas iniciais - disse Amélia, entusiasmada com os preparativos para o casamento que se aproximava a passos largos.

- Desculpa! O quê? - António parecia não estar lá. Esteve todo o jantar de noivado ausente com a cabeça nas nuvens, ou melhor, na

guerra. No dia anterior tinha-se despedido de Alfredo, um amigo de infância, companheiro de bola que tinha partido para Moçambique. Por mais que não quisesse pensar na guerra, era impossível. As conversas na taberna andavam à volta disso, os amigos partiam e já tinham chegado a uma aldeia vizinha uns soldados que tinham partido para Angola e tinham voltado em muito mau estado.

- Amor, amanhã vou a Coimbra às compras com a minha mãe e temos de decidir tudo. Mais quatro meses e estamos casados, a começar a nossa vida, a nossa família...

- Sim, Amélia, escolhe o que achares melhor porque tu que és mulher é que sabes dessas coisas. Eu não percebo nada disso... Ouve lá, hoje ouviste na rádio as notícias sobre Angola?

- Não, tenho mais em que pensar! Não tenho tempo para ouvir rádio! - disse a noiva, amuada.

António optou por não chatear mais a noiva que isto em coisa de mulheres é preciso diplomacia e uns carinhos aqui, uns beijinhos ali e já lhe passava o amuo.

Era melhor guardar as conversas de política para os amigos. Depois de algum tempo a fingir que se importava com lençóis e outras coisas femininas, saiu com a desculpa que amanhã tinha de alvarar cedo para o campo. Na realidade saiu da casa da noiva e dirigiu-se à taberna do Manel, ali mesmo na praça central em frente à igreja. Queria espaiar a cabeça, mas, mal entrou, percebeu que o tema de conversa era o mesmo. Ainda e sempre a guerra em Angola e a mobilização que estava a ser feita. Todos os meses mais soldados partiam para África.

- Então, António, estás preocupado? Já estás arrependido de te ires casar? - disse Osvaldo, em tom provocatório, gerando uma gargalhada geral na tasca.

- Não me lixes. Estou é preocupado com esta coisa da guerra. Vou casar daqui a quatro meses e, por este andar, a minha lua-de-mel é num quartel no meio do mato lá para aquelas terras.

- Faz como eu. Quem não vai sou eu. Já falei com o meu pai, que está em França. Se for mobilizado, fujo para lá. É o que estão a fazer muitos. Se quiseres, vens comigo. Já tenho uns conhecimentos - desafiou Zé Pereira.

- Tu tens os teus pais lá. Eu não. Vou e depois? Quem fica com a minha mãe e com a Amélia?

- Eu no vosso lugar ia mesmo. Mas tenham cuidado porque depois são os vossos familiares que cá ficam que pagam as favas da vossa aventura.

- Cuidado, Osvaldo - disse-lhe Manel, o dono da tasca -, não te ponhas com as tuas coisas, olha as paredes... Já tiveste problemas que cheguem com a polícia. Fala baixo e não andes para aí a dizer essas coisas.

- Quero que eles se lixem. Digo aquilo que penso e se não gostarem que me prendam!

Só mesmo Osvaldo e Zé Pereira tinham ideias definidas. António e Chico estavam em pânico.

- Toda a vida sonhei ir para a tropa para tentar sair deste buraco e agora só desejo ficar por cá - disse Chico, apavorado com a ideia de ser mobilizado. - Tomara nunca mais sair daqui a ter de ir para longe deste sítio.

- Não penses nisso agora. Estamos em Maio, daqui a quatro meses casar e vais ver que tudo se vai compor. Concentra-te mas é na tua festa de casamento que nós queremos comer e beber bem - desanuviou Osvaldo, levantando as canecas com um brinde a António com casamento marcado para Setembro.



—F ilho, filho... chegou uma carta para ti, parece coisa oficial! É do Ministério do Exército!

Tinham passado sete anos e dois meses desde que António ouvira o vizinho Salazar falar na rádio pela primeira vez sobre Angola. As notícias oficiais sobre a guerra eram escassas, os jornais, o rádio e a televisão davam uma imagem ficcionada do que se passava na

frente de combate. Os boletins das Forças Armadas falavam de algumas mortes, mas a maioria devia-se a acidentes de automóveis ou por doença prolongada. Não havia baixas em combate. Estranho, pensava António... não havia mortos com tiros e metralhadoras como lhe havia contado o avô, combatente da Grande Guerra? Tudo mentiras, dizia-lhe Osvaldo que, graças aos seus contactos com comunistas, lhe contava a versão não oficial da guerra.

No boteco do Manel, entre um tinto e uma rodela de chouriço, António ia acompanhando a situação do país. No fundo, António sabia que mais cedo ou mais tarde seria a sua vez de partir para longe.

- Já vou, mãe, não se apoquente que não deve ser nada... - disse com o coração aos pulos.

António pegou na carta, virou costas à mãe, na tentativa de esconder a sua reacção, abriu o envelope e leu com cuidado o que lá vinha escrito. A mãe, por cima do seu ombro, tentava perceber o conteúdo da carta enquanto sussurrava baixinho uma Ave-Maria, seguida de um Padre-Nosso. A sua Nossa Senhora de Fátima não a podia deixar ficar mal.

- Diz, filho. O que te querem?

- É a carta que já esperávamos, mãe. Tenho de me apresentar no quartel de Chaves em Setembro, no dia 5. Nem sei bem onde fica Chaves. Se é longe ou perto daqui - disse António, tentando manter um tom de voz calmo e sereno para não preocupar a mãe.

- Ai, meu Deus, que me tiras a minha vida!

A mãe não aguentou a emoção e caiu de joelhos no soalho encardido da casa. Não podia ser. Deus e o vizinho Salazar não lhe podiam tirar a única coisa que ainda lhe restava na vida.

António chamou a avó em pânico. Pegou na mãe ao colo e deitou-a no chão.

- Traga-me água com açúcar, depressa. A minha mãe desmaiou.

- Que aconteceu? - perguntou a avó, esbaforida, a idade e o coração já não lhe permitiam grandes emoções.

- Recebi a carta para ir para tropa. Ela não aguentou...

- Dá-lhe água - disse a avó enquanto lhe dava umas leves chapadas na cara para ver se a cor voltava às faces de Maria das Dores. Tinha perdido o marido demasiado jovem, não podia perder a filha. Era contra natura ver a mãe enterrar a sua própria filha.

António não sabia o que fazer. Ele já esperava a qualquer momento receber aquela carta. Tinha ido às sortes e, como mancebo, já sabia que mais cedo ou mais tarde seria chamado e que, depois da instrução, a sua ida para alguma das frentes de combate era inevitável. Osvaldo já o tinha avisado de que estavam a chamar todos, todos menos os que como ele, por motivos de saúde ou deficiência, não podiam pegar numa arma.

O conteúdo da carta era o pior dos pesadelos da sua mãe, que continuava ali deitada no chão, desamparada. Era o presságio daquilo que seria o futuro sem ele naquela casa para tomar conta dela. Carregou a mãe já consciente para o quarto e deitou-a na cama sobre a colcha de renda.

- Descanse um pouco, mãe, não se preocupe mais. Não se pode emocionar assim, lembre-se do que lhe disse o médico...

- Mas, meu filho...

- Não, mãe, não vamos falar agora sobre isto, quero que descanse que já não tem idade para isto. À noite, mais calmos, falamos...

António retirou-se para o seu quarto, fechou a porta e deixou-se cair sobre a cama. Não sabia o que pensar. Daí a dois meses tinha de estar em Chaves. «E agora. Que vou fazer? Como vou dizer à Amélia?» Passava-lhe tudo pela cabeça. Fugir, seguir o conselho dos amigos Osvaldo e Zé Pereira e saltar a fronteira tentando uma nova vida em França. Mas isso era uma vergonha. Ser refractário da tropa, nunca mais poder voltar a Portugal e à Venda do Sebo, viver em sobressalto permanente sem saber da mãe, da avó, de Amélia. Como podiam elas subsistir sem o terem por perto? E os problemas que podiam ter com a polícia que, segundo Osvaldo, andava a rondar as aldeias da zona sempre atenta a alguma voz contrária ao regime? E a vergonha que era, um filho do Vimieiro, de Santa Comba Dão, terra do chefe do Governo, quase vizinho, fugir da terra, desperdiçar a honra de defender a pátria como fazia a grande maioria dos portugueses. O pai e o avô certamente que, lá do alto, desaprovavam este acto. E afinal, ele tanto sonhara com o momento de vestir uma farda, de ir à tropa para se fazer homem, de alargar horizontes e ganhar medalhas como o avô. Esta era a sua grande oportunidade. Mas e o casamento que estava marcado para o dia 15 de Setembro? Com a família já toda convocada, os amigos também, os familiares de Amélia que estavam em França, o enxoval que atempadamente e com entusiasmo Amélia já tinha todo completo e bordado a ponto cruz perfeito. Como dizer-lhe? O que fazer? Adiar ou antecipar o casamento e casar sem saber qual seria o seu futuro? E como iria ele viver sem o grande amor da sua vida?

António era um jovem dividido. A sua honra dizia-lhe que tinha de seguir as pisadas do avô, o seu coração despedaçado não queria ficar longe da sua amada Amélia. Como poderia viver longe do seu cheiro, sem ver o seu riso penetrante? Agora que ela lhe garantia que ia torná-lo no «homem mais feliz da Venda do Sebo».

Amélia era uma mulher determinada. Depois da escola primária, anunciou aos pais que queria ser professora. Não tinha muitas outras ambições na vida mas de ser professora, casar e ter um rancho de filhos não abdicava.

A única divergência que tivera com António tinha precisamente a ver com isso. Naquele primeiro dia do ano de 1967 em que anunciaram à família que iam casar em Setembro, António pediu-lhe para deixar os estudos e ficar em casa para se dedicar por inteiro à família.

Ela não aceitou: coisa rara naquela época e ali na aldeia. Disse logo que, tal como ele, tinha alimentado alguns sonhos e um deles era precisamente ensinar as crianças na escola primária. Por isso ia prosseguir os estudos para um dia conseguir dar aulas. Apenas garantia que não saía dali para lado nenhum. Tudo o que o curso de professora lhe pudesse dar tinha de ser para aplicar naquela terra que a vira nascer e de onde nunca mais queria sair a não ser com António para uns passeios para conhecerem o país.

António ao princípio amou. Desconhecia esta faceta tão determinada da noiva que, com a sabedoria própria das mulheres, ao mesmo tempo lhe jurava amor eterno e lhe garantia que era com ele que queria viver para sempre.

Na época, as mulheres eram para ficar em casa a cuidar dos filhos e das lides domésticas enquanto os homens trabalhavam no campo ou nas fábricas. Verdadeiras fadas do lar prontas a servir o marido, a respeitar a pátria e a Igreja. O facto de andar a estudar já lhe conferia um certo estatuto na freguesia de Ovoa e dava azo às más-línguas. Em terra pequena tudo o que destoa é nódoa e as velhotas, à saída da igreja ou nas quermesses da paróquia organizadas pelo padre Jorge, olhavam para ela com tom reprovador. «Tão bonita e tão dedicada aos pais e agora deu-lhe para ser independente», «tão moderna, tão moderna, vais ver que ainda tem um triste fim». Amélia fazia ouvidos moucos, mas a sua mãe, conservadora e da velha-guarda, sofria com as pretensões da filha, apesar de a apoiar sempre. Para ela, Amélia era uma filha perfeita. Para António, apesar desta casmurrice, era uma noiva de fazer inveja a qualquer um.

Mas, agora António e Amélia tinham sido traídos pelo destino. António não arranjava forças para se levantar da cama e ir ter com Amélia a comunicar-lhe como tudo podia mudar nas suas vidas.

Finalmente levantou-se, dirigiu-se ao quarto para ver a mãe, fez-lhe uma festa na cara e percebeu que, como único homem da casa, não podia mostrar qualquer tipo de fraqueza.

- Não se preocupe, mãe. Vai ver que tudo vai correr bem. Vai ter um filho na tropa, fardado, a defender a pátria como o avô fez. Não desanime. Vai ver. Tudo vai correr bem. Agora tenho de ir falar com a Amélia.

De repente, António espantava-se consigo próprio. Sentia-se com força e coragem para não deixar que pensassem que tinha ficado abalado com aquela notícia. Sabia que havia duas mulheres que dependiam da sua coragem. Não havia como fugir. Ir à tropa era o destino de todos e ele não era exceção. Além disso, para ele, era um orgulho vestir a farda militar.

Saiu de casa e andou dois quilómetros a pé até à vila de Ova, onde Amélia vivia. Escusado será dizer que foram os dois quilómetros mais longos da sua vida. Dois pensamentos repetiam-se dentro da sua cabeça: «Se calhar vou e nem sequer sou mobilizado para ir para África», repetia numa breve chama de esperança que encontrara dentro de si, sabendo que a ideia era uma ilusão. A mesma esperança que lhe dava uma certeza: «Aconteça o que acontecer, Amélia será minha para sempre.»

Foi com esta certeza que bateu à sua porta. Ela veio à janela de sorriso aberto, contente por ver o noivo:

- Vai ter comigo ali ao nosso banco no adro da igreja.
- Não estava à tua espera, amor. Já vou. Deixa-me só calçar.

De imediato, Amélia sentiu um aperto no coração. A cara preocupada de António não deixava dúvidas. Não queria pensar no inevitável, mas sentia que não era nada de bom o que estava para acontecer. Calçou-se à pressa, olhou-se no espelho, agitou o cabelo e saiu a correr para o adro onde António já a aguardava sentado e de olhar fixo num horizonte que ultrapassava as árvores que estavam mesmo ali à sua frente a dividirem o adro do muro do cemitério.

No banco, onde tantas vezes riram, fizeram planos, tanto namoraram e tantas horas felizes viveram, Amélia sentou-se devagar mesmo na beirinha. António olhou para ela, sorriu e, com os olhos marejados de água, disse-lhe:

- Encosta-te a mim.

Amélia muito lentamente encostou a cabeça ao seu ombro, sempre de olhos fixos nele, e agora o gesto já não era comandado pelo coração mas sim pela preocupação. António envolveu-a como sempre com um longo e forte abraço. Ela aguardava o que já sabia...

10.

Nunca as festas de Santa Eufémia tinham sido tão tristes para António e Amélia. O Verão passou a correr, contra a vontade de António que gostava que o tempo tivesse parado ali, naquele mês de Agosto, para sempre. Estava a três dias de se apresentar no quartel de Chaves para a instrução militar. Amélia já tinha ultrapassado a tristeza de ter de adiar a data do casamento, mas a partida do noivo era impossível de protelar ou esquecer.

Naquela noite de festa, deambulavam de mão dada pelas pessoas, pouco falavam, enquanto ele recebia palmadas nas costas de incentivo de todos. Os amigos bem o tentavam animar para que António esquecesse, pelo menos naquele momento, a hora de partida que estava para breve, mas era tudo muito difícil.

António e Amélia estavam a três dias de conhecerem uma nova realidade nas suas vidas. Largarem a mão um do outro. Não partilharem o dia-a-dia a cada hora e segundo, como estavam habituados desde crianças.

Foram-se afastando da multidão, caminharam por entre árvores, ficando com o barulho da festa cada vez mais longe, até se refugiarem num sítio ermo e mais escuro para, sozinhos, dizerem tudo o que queriam um ao outro.

- Amélia, não te preocupes. Eu vou voltar. São no máximo dois anos de tropa. Agora em Chaves e com a ajuda da nossa Santa Padroeira Eufémia, se calhar nem vou para mais longe.

- Vou pedir muito à santa para que não te afaste tanto de mim. Não sei como vou viver os próximos tempos. Mas vou ter-te sempre no meu coração, António.

- Espera por mim, Amélia. Vamos cumprir o nosso sonho de sermos sempre um do outro e de termos muitos filhos como tu queres. Seremos um do outro para sempre.

- Claro que sim... Vou esperar o tempo que for preciso. O meu enxoval vai ficar bem guardado na cómoda e, todos os dias, vou rezar por ti e por nós.

António deixou Amélia à porta de casa já eram quatro da madrugada. Não tinha sono e naquela noite não lhe apeteceu ir logo para casa. Tinha vontade de tudo menos de dormir. Decidiu por isso calcorrear cada rua e cada caminho que ao longo daqueles 19 anos conheciam a história da sua vida.

Na taberna do Manel aproveitou para se despedir dos amigos de sempre. Estavam lá todos para fechar em grande a noite de Santa Eufémia.

- E tu, Chico? Deves estar a ser chamado...

- Pois devo. Todos os dias vou à caixa do correio ver se já se lembraram de mim. Pode ser que se tenham esquecido.

- E tu, Zé Pereira? - perguntou Osvaldo.

- Eu só para o ano, mas já sabes o que penso disso. No dia em que receber a carta, se calhar já cá não estou...

- Não faças isso. Faz bem ir à instrução militar - disse António.

- Pois isso faz, mas já muitos foram para África e alguns não voltam mais... Não estou para isso. Não tenho nada a ver com aquela terra que nem sequer conheço.

Oswaldo aprovou a saída de Zé Pereira:

- Já tínhamos falado disso. Estamos na guerra há seis anos. E ninguém sabe para quê ou quando acaba. Os soldados vão para lá morrer e os «chefões» ficam aqui na metrópole nos gabinetes e com altos luxos. Vão para lá eles - enfatizou Oswaldo, com Manel mais uma vez a chamar a atenção:

- Olhem que as paredes podem ter ouvidos. Falem baixo e mudem o discurso. Não me arranjem problemas que eu aqui só quero continuar a vender petiscos e vinho.

- Então serve aí mais uma rodada. Vamos mas é beber e divertir-nos para assinalar bem esta nova aventura aqui do António - reforçou Oswaldo que, já com um copito a mais e no meio de abraços, saiu-se com esta: - Ó António, queres que fique a tomar conta da tua Amélia?

António quase se engasgou. Não achou a mínima graça à piada. Tal como o pai, era muito pacífico, mas, quando havia algum comentário mais ao lado, não perdoava. Ainda se virou a Oswaldo, mas logo foi agarrado pelos amigos.

- Calma, António, estou a brincar contigo.

- Brinca com tudo menos com isso. Não te admito a ti nem a ninguém que falem da Amélia.

- Está bem, dá cá um abraço - amenizou Osvaldo.

O álcool já proporcionava abraços mais longos que o habitual e tudo ficou sanado ali. António saiu da taberna tentando esquecer o comentário de Osvaldo e subiu à igreja. Deixou-se ficar um pouco à porta do cemitério onde pediu Amélia em casamento, voltando a ler por cima do portão de ferro, a inscrição: «Cá te espero». Parou em frente à casa onde viveu e cresceu até se mudar depois da morte do pai. Com o olhar na porta e na pequena janela do quarto onde tantas vezes dormira, lembrou-se novamente do pai e daquele gesto terno da mão pela cabeça. «Afinal, pai, tinhas razão. Vou mesmo para a tropa. Espero é que o teu medo não se concretize. Levo a tua mão na minha cabeça», sussurrou baixinho enquanto desviava o olhar para a porta das traseiras da casa do vizinho, pelo qual, naquele momento, sentia alguma raiva como que a responsabilizá-lo pela brusca mudança de vida e de planos que agora o atormentavam e, sobretudo, pelo afastamento de Amélia e da mãe que lhe fora imposto. Lembrou-se do encontro na linha do comboio. Gostaria de o ver agora, ali ao pé de si. Ele que nunca quis ser a favor ou contra Salazar, agora gostava de conversar com ele. Perder a vergonha. Desta vez não iria responder «sim, senhor», queria questioná-lo, perguntar por que raio andava a mandar os amigos todos para a guerra, uma guerra que os deixava sem pernas, e meio parvos da cabeça.

Chegou a casa já eram 6h30 da manhã, o dia já espreitava. Na cozinha, encostada ao fogão, a mãe já estava acordada e preparava um café quente.

- Estava à tua espera, meu filho. Onde andaste até esta hora?

- Não era preciso, mãe.

- Apeteceu-me. Quase não dormi. Queria estar acordada quando chegasses para te fazer este café quente. Não sei se vou ter a oportunidade de o fazer muitas mais vezes.

António abraçou a mãe:

- Vai sim, mãe... Há duas mulheres que nunca vou abandonar. A mãe e a Amélia. O seu filho vai voltar. Vá, ande e tome um café comigo.

Sentaram-se em dois bancos à volta da mesa de madeira.

António preferiu marcar o momento com boas recordações da vida de ambos, animando a mãe.

- O pai ia gostar de viver este momento de ver o filho fardado a cumprir serviço militar e a servir a pátria.

- Pois ia, filho...

A avó entrou na pequena sala, xaile ao ombro, corcunda marcada e apoiada na sua bengala, na mão trazia um pano encarnado dobrado. Sentou-se a custo num banco e entregou o embrulho ao neto.

- Toma, leva contigo.

António abriu com cuidado o pano.

Lá dentro as medalhas do avô da Primeira Guerra Mundial. Ganhas com honra e coragem na Batalha de Lá Lys, em França. António tentou controlar a emoção. As medalhas que ele punha ao peito quando era um pirralho fingindo ser um soldado a sério. Lembrou-se do avô, das histórias de guerra e abraçou a avó.

- Obrigada, avó, vou guardar com todo o carinho.

- Leva-as e sê tão feliz e corajoso como foi o teu avô.

Sim, António seria corajoso. Se tivesse de servir o país em terras longínquas, mesmo que não percebesse nada do que por lá se passava, mesmo que tivesse de dar tiros e matar homens, ele seria

corajoso como o seu avô. Uma semana depois a sua avó morria, deixando as medalhas como herança e uma filha sozinha à espera que o filho não partisse para a guerra.

11.

N a estação de comboio, que ficava precisamente a 100 metros da casa do senhor que governava o país e da antiga casa onde António vivera a sua infância, Amélia e a mãe de António faziam as despedidas. De mala de couro na mão, António já tinha pedido que não queria lágrimas.

- Agora são três meses de recruta. No Natal estou reunido convosco.

Amélia fez um esforço grande para conter as lágrimas. A mãe já tinha interiorizado a ideia de o filho partir. Invadia-a uma tristeza imensa, mas não podia fazer nada. Prometia apenas que ia rezar por ele todos os dias.

- Está bem, mãe. Reze. Agora vão-se embora. O comboio só parte daqui a uma hora, mas eu quero entrar já para ir sentado à janela. Nunca saí daqui e quero aproveitar para ver as vistas. E não quero que fiquem aqui a ver a partida.

Um abraço apertado à mãe, outro acompanhado de um beijo apaixonado a Amélia. Um virar de costas rápido para não ser traído pela emoção. Subiu as escadas da carruagem e já nem olhou para trás. Queria sentar-se e descansar na viagem porque a noite tinha sido longa.

Agora sentado no banco do comboio, António era praticamente o único passageiro. Só dali a uma hora é que o comboio partia. Os magalas que estavam a chegar em grande quantidade à estação aproveitavam todos os minutos para ficarem mais um pouco com a família e as namoradas.

Encostou a cabeça ao vidro e deixou-se dormir. Durou pouco o sono pois foi rapidamente acordado pela entrada abrupta e barulhenta dos novos recrutados.

À hora certa, o comboio estava de partida. Dezoito horas em ponto do dia 5 de Setembro de 1967. António rumava a uma nova vida. O som do apito do guarda da estação do Vimieiro, logo seguido de um rugido sonoro da máquina a vapor e o deslizar das composições pelo caminho-de-ferro deixavam em António a sensação de um virar de página num ciclo de vida. Chaves, em Trás-os-Montes, era, por agora, o próximo destino. Pelo menos durante quatro meses. Depois logo se via, pensou António.

Já o comboio rolava a grande velocidade e Amélia via a noite cair em Ova. Debruçada na janela do quarto, olhava para a rua onde tantas vezes passara com António. Deitava contas à vida, pensava no casamento por ora adiado e num futuro incerto. Ser professora era a única certeza que tinha a partir de agora. Tudo o resto escapava-se-lhe das mãos e perdia-se no olhar. Em casa, a mãe de António não sentia forças sequer para comer. Uma sopa de feijão encarnado com couve que nem conseguiu tragar até ao fim e logo se foi deitar. Falava com Deus e Nossa Senhora de Fátima questionando a má sorte de ter ficado sem os dois homens da sua vida. Já não tinha o marido para a apoiar nesta hora amarga. De

joelhos, à beira da cama, rezava: «O que fiz eu de mal, meu Deus? Devo ter merecido esta cruz. Peço perdão pelos meus males e pecados, mas não me castigues mais e faz com que o meu filho não tenha de ir para a guerra. É tudo o que peço.»

Estava convicta de que Deus iria ouvir as suas preces. Um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, agarrada com convicção ao terço. Amanhã seria um novo dia, o primeiro sem o seu António. Um dia vazio e triste.

A viagem de António começou às seis da tarde. A viagem duraria três horas e meia até à estação de Campanhã, no Porto, onde António fazia o transbordo. Daí ia até ao Peso da Régua e, depois de novo transbordo, chegaria a Chaves.

Durou toda a noite a viagem de António. A partir da meia-noite fez-se silêncio, um ou outro sussurrar mas todos a dormir porque a chegada e a recepção, já se comentava nos corredores, não seriam fáceis. O comboio parava em todas as estações e apeadeiros. Às seis da manhã chegou à estação de Chaves. O dia estava quase a nascer. António desceu do comboio e saiu da estação ainda a esfregar os olhos. À sua volta uma confusão de camionetas militares à espera dos novos recrutas para os conduzir ao quartel. Com os olhos meio ensonados, tentou ver o que pôde da vila pela janela da camioneta.

A entrada era às seis e meia, às 7 horas já deviam estar vestidos e alinhados para receberem as «boas-vindas» e inteirarem-se das novas regras. António e os outros mancebos pareciam assustados. Gente mais velha, graduada, fazia-se respeitar. Em altos berros comunicavam as regras precisas e os castigos severos caso não fossem respeitadas as primeiras.

Após a formatura, foram todos em fila para o «cabeleireiro». Quando António se viu ao espelho de cabelo rapado quase nem se reconhecia. «Se a minha Amélia me visse assim, não me queria

mais», pensou sem se aperceber de um outro recruta mesmo ali ao lado que pareceu adivinhar-lhe os pensamentos.

- Ficamos bonitos assim - disse ele por entre risos.

- Nem me reconheço - respondeu António.

- Como te chamas?

- António, e tu?

- Carlos, muito prazer.

- Vens de onde?

- Armação de Pêra.

- Onde fica isso?

- Não sabes?

- Não. Sou do Vimieiro.

- Vimieiro? Armação de Pêra é no Algarve.

- Ah, és do Algarve. Já ouvi falar. Dizem que faz lá muito sol todo o ano e que há boas praias.

- Nunca lá foste?

- Não. Nunca fui lá nem a nenhum outro sítio. É a primeira vez que viajo para fora da minha terra - confessou António meio envergonhado.

- Eu também. Nunca saí do Algarve. Vivi lá sempre. Mas afinal onde fica o Vimieiro?

- Em Santa Comba Dão.

- Santa Comba Dão. Isso é a terra do nosso governante, não é?
- Pois é.
- E então não conseguiste que ele te livrasse disto?
- Não. Sou de uma família humilde, não tenho nada a ver com ele
- disse António, que não gostava que lhe falassem do vizinho.

António começava a sentir-se confortável por estar a conhecer alguém e a fazer um amigo. Assim sempre era mais fácil ultrapassar a solidão, mas a conversa foi interrompida por ordens dadas numa voz alta e assustadora para se porem todos em sentido e rapidamente na formatura.

O primeiro dia foi duro. Fardas distribuídas, lições de atavio, muito exercício físico que não assustava António, habituado à dureza do trabalho do campo, refeições curtas e em silêncio. Eram já onze e meia da noite quando tiveram direito a recolher à caserna. Estavam todos mais mortos que vivos. Tinham vindo de uma noite longa de viagem e sono atribulado e todo o dia foi demasiado movimentado. A cama era agora o abrigo que mais desejavam.

António nem teve forças para trocar mais algumas palavras com o novo amigo Carlos, companheiro de caserna. Nem tão-pouco de pensar em Amélia. Caiu na cama e adormeceu. O dia seguinte, já os graduados tinham prometido, ia ser ainda pior. Descansar era mesmo mais do que um desejo, era uma obrigação.

12.

Querida mãe,

Como se encontra de saúde?

Já passaram seis semanas desde que aqui cheguei. Está tudo bem comigo. Estivemos até agora sem poder contactar com a família. Isto é quase como se estivéssemos na guerra. Mas estou bem e até estou a gostar.

O dia-a-dia é duro. Levantamo-nos às seis e meia da manhã e às 10 da noite já estamos na cama de luz apagada.

Tenho já aqui alguns amigos, mas ainda não conheci a cidade de Chaves que fica a cerca de um quilómetro aqui do quartel. Dizem que é muito bonita, mas estamos metidos aqui todo o dia e só saímos para instrução no campo.

Tenho muitas saudades suas, mas dizem-me por aqui que antes do Natal não podemos ir a casa. Mas conto ir aí passar a consoada consigo.

Não se preocupe comigo que eu estou bem. Vou escrevendo quando puder e dando notícias.

Um beijo muito grande do seu filho que a adora,

António

Chaves, Outubro de 1967.

Maria das Dores não cabia em si de felicidade quando recebeu a carta. A primeira carta do seu filho. Correu logo à vizinha para que ela lhe lesse o que o filho lhe tinha escrito, era nestas alturas que tinha pena de não ter aprendido a ler e a escrever... Com emoção e muita atenção, escutou cada palavra que ela lhe lia.

- Leia outra vez - pediu ela.

Queria ter a certeza de que percebia tudo o que lá estava escrito e assegurar-se que tudo estava bem com o seu filho.

- Ora vizinha, leia outra vez a parte em que ele fala de vir a casa no Natal...

- Está tudo bem com ele - concluiu a vizinha com paciência, para grande alívio de Maria da Dores.

- Agora tenho de avisar a Amélia. Para lhe dizer que o nosso António está bem. E depois passo pela igreja para agradecer a carta e a protecção de Nossa Senhora ao meu menino...

Foi ao encontro de Amélia que lhe apareceu de sorriso rasgado. O António também lhe tinha enviado uma carta. Mais apaixonado do que nunca, Amélia relatava à mãe de António as palavras bonitas que este lhe tinha escrito.

- Diz que já arranjou por lá uns amigos. Um tal Carlos, que é do Algarve, veja lá que longe, e foi parar a Chaves. E outro do Alentejo,

que se chama Brito. Diz que são muito divertidos e o têm ajudado a passar o tempo e a suportar a dureza da instrução militar...

- Vamos ver se ele sempre vem passar o Natal connosco - disse, esperançosa, a mãe Maria das Dores.

- Vem de certeza - retorquiu Amélia.

Por aquela altura, Amélia estava já no penúltimo ano escolar, pronta a formar-se como professora. Esperava já no ano seguinte estar a ensinar as crianças de Santa Comba Dão na escola primária. A dedicação aos estudos era a sua única forma de suportar a ausência de António.

Já tinha percebido que nos dois anos seguintes, tempo de duração previsto para a vida militar de António, não podia ter ilusões. Todos os dias ia ao armário só para olhar para as roupas e os lençóis que já tinha comprado para o seu enxoval. Este hábito fazia-a não perder a esperança de um dia casar e ter muitos filhos com António. Era uma questão de tempo, de paciência e sabia que, apesar de tudo, era ainda nova e quando António regressasse da vida militar tinham muito tempo para dar continuidade ao grande amor que sentiam um pelo outro.

Em Chaves, já na camarata, António, Carlos e Brito aproveitam a meia hora que tinham a seguir ao jantar antes de se deitarem para conversarem sobre mais um dia debaixo de frio intenso e muito duro fisicamente.

O Brito era de Beja, no Alentejo, destacava-se pelo lenço verde com quadrados pretos que trazia ao pescoço, dado pelo pai, que por sua vez o recebera do seu pai que também tinha estado na Grande Guerra. Tinha um orgulho imenso no lenço e dizia que era o seu escudo protector. Trabalhava no campo com os pais, mas estava ansioso por ir para a tropa.

- Estava farto daquilo. Nunca tinha saído de Beja e o meu sonho era sair dali. Não me importo nada de ir para África. Dizem que aquilo lá é muito bom. E tem mulheres bonitas, pretinhas lindas. Nunca vi nenhuma, mas devem ser boas.

- Eu não - comentou António. - Estou noivo. Antes de vir para aqui já tinha casamento marcado com a minha Amélia. A carta de chamada alterou-me os planos todos e obrigou-me a adiar a data de casamento. Agora só quero que isto passe rapidamente para voltar para a minha terra e casar.

- Eu trabalho num café lá na minha aldeia mas, quando regressar, quero montar o meu próprio estabelecimento mesmo em cima da praia. Já tenho lá um sítio e tudo, no meio das dunas, com vista para Armação de Pêra. Monto o restaurante e caso-me com a minha Hermínia. Vou estar aqui o tempo que me obrigarem e depois dedico-me ao meu próprio negócio, que vai ter o melhor peixe do mundo - disse Carlos.

- Sabes cozinhar? - perguntaram ao mesmo tempo António e Brito.

- Se sei. Faço o melhor peixe do mundo - garantiu Carlos, enfatizando a palavra «mundo» com uma voz rouca e um pouco mais alto, puxando o braço de um deles para lhe dizer com nitidez ao ouvido que não havia peixe no Algarve como o que ele cozinhava. E, se não acreditavam, estavam desde já convidados para lá irem mal terminassem o serviço militar.

- Por mim está combinado, desde que depois venham visitar-me a Santa Comba Dão. Iam gostar de certeza da minha terra...

- Ainda encontrávamos lá o Salazar... - disse Carlos na brincadeira.

- Alguma vez o encontraste? - perguntou Brito, curioso.

- Sim, algumas vezes - respondeu com algum incómodo.

Eram curiosidades legítimas, mas António não se sentia à vontade para falar sobre o vizinho e o que mais pedia aos amigos Brito e Carlos é que não espalhassem pelos restantes mancebos que ele já tinha sido vizinho de Salazar. Isso podia chegar aos ouvidos dos mais graduados e ele não queria confusões.

Antes de partir para Chaves, o tio Armando na despedida explicou-lhe a jeito de conselho a regra básica na tropa: «Nem muito esperto nem muito burro. Tenta ser discreto e fazer o teu trabalho. Na tropa não há distinções. Todos são iguais. Aqueles que julgam tirar benefícios por qualquer razão, são os que mais sofrem. Mas também não te deixes nunca render nem apagar por completo. Mantém-te sempre firme mas discreto. É assim que se deve fazer no serviço militar.»

António lembrava-se destas palavras no seu dia-a-dia. Precisamente uma semana antes, o amigo Brito, que já era tido como o animador do pelotão, foi todo orgulhoso chamado pelos graduados à messe de oficiais. Todos julgaram que era para animar a noite com umas anedotas daquelas picantes que só ele sabia contar. Saiu da caserna com um sorriso nos lábios e só voltou às quatro e meia da manhã com um ar arrasado. Uma piada que tinha dito durante a formatura ao final da tarde que pôs o pelotão inteiro a rir valeu-lhe um forte castigo: ficou toda a noite a limpar os quartos de banho e a lavar louça da messe de oficiais.

António não queria arriscar-se a semelhantes castigos. Não queria dar nas vistas, somente fazer o seu trabalho, por isso repetia vezes sem conta aos amigos:

- Nunca digam onde moro nem que era vizinho do que manda.
- Não te preocupes, António, agora vamos mas é dormir.
- Amanhã temos mais um dia duro.

António deitou-se e pôs-se a pensar que afinal aquela experiência não lhe estava a correr mal. Amigos novos em quem confiava, horizontes mais largos, fora de casa e do regaço da mãe, sentia-se mais homem, mais responsável e dono do seu próprio destino.

13.

—Firme, hip. Destroçar!

Com um grito de alegria e bonés atirados ao ar, os soldados preparavam-se para passar o Natal na suas terras de origem.

O comandante da companhia informava todos de que tinham seis dias a partir daquele dia 23 de Dezembro para irem a casa passar o Natal e apresentarem-se de novo às sete da manhã, do dia 29. Sem falta.

- Aproveitem bem estes dias em casa. Quando regressarem, serão informados das missões que vos esperam agora que acabaram a recrutar e ficam à disposição do país. Podem ir parar a qualquer outro quartel aqui em Portugal ou em África. Agora podem ir e um bom Natal a todos na companhia das vossas famílias.

António antes de partir resolveu ir à Rua de Santo António, principal artéria comercial da cidade, para comprar lembranças para

a mãe e para Amélia. O dinheiro não era muito, mas, já que ia a casa no Natal, não podia aparecer de mãos a abanar. Dirigiu-se a uma loja de moda e pronto-a-vestir e para a mãe comprou um bonito lenço preto, cor que ela não tirava do corpo desde a morte do marido. Para a noiva passou pela loja de coisas para o lar e escolheu uma caixa de louça pintada à mão para juntar ao enxoval.

Compras feitas, António e os amigos Brito e Carlos rapidamente zarparam em direcção à estação. Estavam ansiosos por chegar a casa. A viagem ainda era longa, mas no dia seguinte já estariam todos nas suas terras.

António estava a dormir quando sentiu o comboio a abrandar e o anúncio de que se aproximava a estação de Santa Comba Dão Gare no Vimieiro. Antes de se encaminhar para a porta de saída, deu um forte abraço aos amigos. Dali a poucos dias estariam juntos de novo, mas António queria abraçá-los e agradecer-lhes, sem dúvida que tinham sido eles que o tinham ajudado a encarar a recruta com outro espírito e a ultrapassar os momentos mais difíceis.

- Dia 29 lá estaremos. Vamos pedir ao Menino Jesus que nos mantenha sempre juntos nos próximos quartéis - disse António a rir.
- Bom Natal!

António desceu do comboio e de imediato Amélia caiu-lhe nos braços. Ela e a mãe tinham feito questão de ir à estação esperar por ele. Maria das Dores tirava-lhe as medidas e, de cabeça a abanar, anunciava que o seu rapaz estava mais magro. Amélia, emocionada, não lhe largava a mão, tinham sido três meses de separação que tinham parecido mais de três anos...

Estava ainda António envolvido no abraço de Amélia e, à janela do comboio já em andamento, Carlos e Brito diziam-lhe, em tom de brincadeira, que tinha uma noiva muito bonita.

António saiu da estação abraçado à mãe e a Amélia.

- Quero aproveitar bem estes dias. Quero estar muito tempo contigo, quero que a mãe me leve um café com leite quentinho à cama, quero ir à taberna do Manel, enfim só tenho seis dias para matar todas as saudades que tenho vossas e da nossa terra.

Foram seis dias cheios. Interpelado por amigos e família, António não se cansou de contar todos os pormenores da tropa. Os amigos novos que tinha feito, a recruta dura, a forma rude e feroz como eram tratados pelos instrutores para se prepararem para a guerra, a vida em conjunto na camarata e a descrição da cidade de Chaves com a qual António estava encantado. Havia uma fabulosa ponte que alguém lhe tinha explicado que era tão antiga que vinha da época dos Romanos, se não lhe falhava a memória, e o parque da vila onde famílias inteiras ao domingo procuravam a sua frescura e os seus arvoredos para fazer piqueniques. E a iluminação nocturna da Rua de Santo António, aquilo é que era uma maravilha, de ficar de queixo caído.

Todos os dias António tinha coisas novas para contar aos amigos que ali desterrados quase não tinham informação do mundo que os rodeava. Chico, amigo de sempre, era o mais atento a todas as palavras de António. Já tinha recebido a carta para se apresentar ao serviço militar no dia 2 de janeiro logo a seguir ao fim do ano. Ia para Tancos. Não era longe, mas tinha fama de ser uma instrução militar muito mais dura.

A noite de Natal foi passada como sempre em casa do tio Armando. A mãe emocionou-se ao abrir a prenda do filho. Um bonito lenço que logo pôs à cabeça. Iria com ele à Missa do Galo e diria, com orgulho, a todas as vizinhas que tinha sido o filho dela que lhe tinha oferecido. A vaidade é um pecado, mas, naquele dia, Deus não estava a olhar.

Agora António já não ficava longe da sua Amélia durante a Missa do Galo. Sentava-se junto dela de mão dada, ansioso por que o padre terminasse a homilia para se ir sentar no banco do adro da

igreja que fazia parte da história de amor de ambos. Já depois da missa e enquanto as famílias por ali ficavam, António levou Amélia a passear. Sentou-se no banco, olhou para ela, puxou-a e disse-lhe a frase de sempre:

- Encosta-te a mim.

- Que saudades - disse Amélia.

Com a cabeça no ombro de António, Amélia confessou-lhe um amor cada vez maior por ele. Não via a hora de ele regressar de vez a casa para casarem. António voltava a pedir-lhe paciência.

-já sabes que sou teu e vou regressar. Todas as noites, quando me deito, penso em ti e sonho com a nossa vida em comum e os nossos filhos. Ajuda-me muito a passar o tempo.

- É curioso como a vida muda. Há um ano, lembras-te, estávamos aqui neste banco, depois fugimos para aquela porta ali em cima do cemitério e pediste-me em casamento. Tanta coisa aconteceu depois disso.

- Anda até lá que quero dar-te um beijo - desafiou-a António.

Apesar do namoro ser oficial e o casamento um dado adquirido, ainda não havia confianças para cenas mais íntimas sob o olhar da família. À porta do cemitério beijaram-se apaixonadamente. Era difícil controlar os impulsos do corpo. António abraçava-a e a tentação de percorrer o corpo esguio da noiva com as mãos era muita. Tinha-lhe prometido respeitá-la até ao casamento, mas agora, longe de casa, o pecado da carne atormentava-o. Queria que ela fosse sua já.

- António, pára - pediu Amélia, afastando-se de repente e ajeitando o seu vestido azul-petróleo que tinha mandado fazer na modista em Santa Comba Dão.

- Desculpa, Amélia, mas tenho tantas saudades tuas... - disse António desajeitadamente, tentando desculpar-se do seu acto. - Amélia, quando voltar da tropa, daqui a pouco mais de um ano e meio, caso-me logo contigo na primeira semana.

- Vou ficar à tua espera, meu amor. O nosso enxoval continua lá direitinho, aguardando o momento do nosso casamento - garantiu Amélia.

- Por fala nisso, tenho uma coisa para ti! Para acrescentar ao teu enxoval.

António deu-lhe um pequeno embrulho de papel pardo, que Amélia desembalou com todo o cuidado.

- Que linda, António. Vai ficar muito bonita na nossa casa - disse Amélia, emocionada.

Agora com um ar mais sério, Amélia, que rodava no dedo o anel de comprometida que António lhe oferecera em tempos como forma de selar o seu amor por ela, ganhou coragem para lhe perguntar:

- E já sabes para onde vais depois de te apresentares em Chaves?

António não queria falar muito sobre isso. Não sabia e estava preocupado.

- Não sabemos. No dia 29 apresentamo-nos e dizem-nos para onde vamos fazer o serviço militar. Tanto pode ser lá como noutra cidade qualquer do país.

- E África, também?

- O doutor Oliveira Salazar acha que aquilo é Portugal por isso, quando eles dizem o país também incluem Angola, Moçambique, Guiné ou São Tomé e Príncipe. Mas nem quero pensar nisso. Depois logo se vê.

- O Osvaldo disse-me que o mais certo é ires parar a África. Como toda a gente - confidenciou-lhe Amélia.

- E a que propósito é que o Osvaldo te falou?

- Às vezes encontro-o quando vou a caminho da escola. Fala-me sempre com educação. Pergunta por ti e conversamos um bocadinho antes de seguirmos caminho. Ele acha que era melhor fazeres como o Zé Pereira que já está a tratar de ir para França ter com os pais para não ter de fazer o serviço militar.

- O Osvaldo é parvo. Não quero que conversees muito com ele - avisou António, meio enciumado e nada contente por ter sido surpreendido com a conversa de Amélia.

- Só o cumprimento quando o encontro por acaso na rua, amor.

- Pois, mas não gosto. E não quero.

- Estás com ciúmes? - perguntou-lhe Amélia em tom de gozo.

- Eu, ciúmes? Não. Era o que mais faltava...

- Estás, estás. Gosto que tenhas ciúmes por minha causa. É sinal de que me amas.

- E amo muito, mas não estou com ciúmes. Só não gosto que conversees muito com ele. Mete-te na cabeça essas coisas de eu ir para África e tu ficas mais triste ainda.

- Está bem, quando passar por ele só o cumprimento e nem paro.

António não gostou muito da conversa e da confiança de Osvaldo, mas a cabeça dele estava tão ocupada com o que o esperava no dia 29, em saber o que lhe estava reservado como destino, que desvalorizou a conversa e logo voltou a beijá-la de forma intensa. Naquele momento só pensava em gozar bem os três dias que lhe

restavam, aproveitar todos os minutos e segundos que faltavam para estar com Amélia, os amigos e a mãe.

14.

O s dias de folga passaram demasiado rápido. Ali estava de novo António fardado a rigor e pronto a pegar no saco da tropa e a rumar outra vez à estação do Vimieiro. Desta vez não queria que a mãe e Amélia fossem vê-lo partir. Já lhes tinha dito que as despedidas faziam-se ali mesmo em casa. Custava-lhe mais vê-las na estação, ele a partir e elas a dizerem-lhe adeus. Assim, ali na privacidade de casa, tudo era mais simples e menos doloroso.

A mãe deixava cair lágrimas de saudade, Amélia também não conseguia segurar a emoção.

- Cuida de ti, filho. Não deixes de te alimentar. Vou ter muitas saudades e continuar a rezar por ti - dizia-lhe a mãe.

- Senhora minha mãe, não se preocupe. Cuide mas é de si - disse António, abraçando a mãe. - Amélia, meu amor... cuida de ti e não te esqueças de mim. Vou dando notícias sempre que puder. Não te preocupes comigo.

A mãe estava mais combalida que o costume. Preocupava-a o que a partir de agora podia acontecer ao filho. Ir para terras longínquas de onde chegavam relatos de guerra era tudo o que não queria para o seu António.

- Logo que saibas, escreve-me a contar... Pode ser que até fiques aqui numa terra perto - dizia a mãe, pouco convencida das suas palavras.

- Pois, mãe, mas logo se verá. Bem, agora tenho de ir. Um bom ano para vocês. É a primeira vez que não celebramos a passagem de ano juntos. Entrem bem no novo ano de 1968 e nos vossos desejos não se esqueçam de guardar um para mim.

Saiu de casa em passo apressado, pois a camioneta que o levaria à estação estava mesmo a passar ali na estrada. Entrou, sentou-se à janela, lançou um último olhar sobre a sua humilde casa, um adeus tímido à mãe e a Amélia que estavam à porta a repetir um gesto que já conheciam: o adeus da despedida, a dor de verem o homem da vida delas partir. Agora para Chaves, depois sabe-se lá bem para onde.

Já na estação, António foi surpreendido pelos amigos da terra. Osvaldo, Zé Pereira e Chico resolveram surpreendê-lo e ir dar-lhe um abraço de despedida:

- Boa surpresa, amigos. Não contava ver-vos aqui.

- Viemos dar-te um abraço e desejar-te um bom ano. Vais precisar de muita sorte - disse Osvaldo.

- Obrigado, Osvaldo, e vê lá o que andas a dizer à Amélia quando a encontras. Não lhe metas coisas na cabeça, nem quero grandes confianças, ouviste? Cuidado que eu volto - disse-lhe meio a brincar meio a sério, acompanhado de um abraço apertado.

Oswaldo riu-se, mas não conseguiu disfarçar uma certa atrapalhão.

- E tu, Chico, também vais precisar de muita sorte no novo ano. Depois dá notícias quando acabares a recrutar. Entra no ano e no quartel com o pé direito. Com sorte, ainda vamos parar ao mesmo sítio e fazer a tropa juntos...

- Espero bem que sim. Já estou preparado para o que der e vier.

Zé Pereira voltou a repetir a mesma ideia, na esperança de que algum deles mudasse de ideias:

- Vocês já sabem, quando quiserem pôr-se a salvo, digam-me. Eu à tropa não vou. Já estou a contar ir mais cedo ter com os meus pais a França. Se pensarem nisso, avisem que temos contactos para vos ajudar.

- Obrigado, Zé, mas eu vou mesmo ficar por cá e honrar esta farda. É nosso dever defender a nossa pátria. Se fosse a ti, pensava bem, mas tu é que sabes. O comboio está a chegar. Dêem cá os três um abraço. Até um dia destes.

Oswaldo era o mais triste de todos. Mais velho, com serviço militar cumprido e um pé que não o permitia ir longe, começava a pensar que ia ficar na terra apenas com as senhoras e o Manel da taberna para conversar. Os melhores amigos estavam a partir e ele começava a sentir alguma solidão. Supostamente já devia estar casado, com casa montada e uma ninhada de filhos atrás. Mas não tinha noiva, só uns namoricos aqui e ali, contudo nada de sério. Talvez o novo ano lhe trouxesse uma noiva e uma vida nova.

Estava o comboio a parar e já António ouvia chamar por ele. Brito e Carlos de cabeça esticada fora da janela avisavam-no da carruagem onde devia entrar para viajarem juntos. António sorriu ao ver aquelas caras conhecidas e logo correu na direcção da carruagem onde estavam.

O comboio deslizou suavemente pela linha férrea. Foi uma longa noite, aproveitada para pôr a conversa em dia, falarem da forma como passaram o Natal, da reacção da família e das expectativas para o que aí vinha. À meia-noite fez-se silêncio, era altura de descansar. Às 6h30 estavam em Chaves e às 7 apresentavam-se na formatura no quartel.

- Espero que tenham tido todos um bom Natal. Agora é que a tropa começa para vocês - avisava o comandante já com os papéis na mão para anunciar o futuro mais próximo de cada um.

- Soldado Vítor Brito.

- Sim, meu comandante.

- No dia 2 de janeiro apresenta-se no quartel de Tancos. Vai continuar a cumprir serviço militar nos próximos dois meses nesse local.

- Certo, meu comandante.

Brito não ficou muito satisfeito com a ideia. Há muito que tinha a ambição de ir para África. Moçambique ou Angola tanto lhe fazia. Era do campo, não tinha namorada e ser militar era o sonho que alimentava para um dia poder sair de Beja e do Alen tejo. Não tinha estudado nem tinha jeito para mais nada e, por isso, só mesmo o serviço militar o poderia tirar da dura vida do campo e da ceifa.

Recuou um passo atrás de volta à formatura e olhou para António e Carlos, que lhe fizeram um sinal de aprovação.

- Soldado Carlos Vieira.

- Sim, meu comandante.

- Segue nos próximos dois meses para a Póvoa de Varzim.

- Certo, meu comandante.

Carlos Vieira tinha ficado aliviado. Não fazia ideia de onde era a Póvoa de Varzim, sabia apenas que ficava próximo do Porto. Alguns recrutas eram de lá e já tinha ouvido dizer que ficava em frente ao mar e que tinha bom peixe. A única diferença da sua terra, Armação de Pêra, era mesmo o tempo. No Inverno sabia que até os ossos doíam, mas isso pouco lhe importava. Para já ficava por Portugal, a sua Hermínia ia ficar contente.

Carlos recuou um passo e olhou para Brito e António com uma cara de contentamento.

- Soldado António Ferreira.

- Sim, meu comandante. - António sentiu as pernas tremerem. O passo em frente foi dado a custo.

- Vai nos próximos dois meses para a Póvoa de Varzim continuar o serviço militar. Dia 2 de janeiro tem de se apresentar aos seus novos comandantes.

- Certo, meu comandante.

O passo atrás já foi dado com outro vigor. Olhou para Carlos Vieira, piscou-lhe o olho, como quem diz: «Nós temos sorte».

O desfilar de distribuição de quartéis pelos soldados continuou até o comandante mandar dispersar.

- Têm duas horas para arrumar as vossas coisas, instalarem-se e tomarem o pequeno-almoço. Às nove quero toda a gente aqui devidamente aprumada com o fato de ginástica. A guerra continua.

António abraçou-se longamente a Carlos Vieira e Brito. Na realidade, estava um pouco triste por ver o amigo alentejano partir, mas não ia para longe:

- Vamos continuar a contactarmo-nos, está bem, Brito? Tenho um amigo, o Chico, que vai para Tancos, se o vires, dá-lhe um apoio que ele é gente boa da minha terra.

A vontade de António era ir a correr para a camarata pegar num papel e caneta e escrever a Amélia e à mãe a contar a boa nova. Tinha a certeza de que ficariam tão ou mais aliviadas que ele. Mas, antes disso, era preciso mostrar solidariedade a alguns colegas do pelotão a quem a sorte tinha mobilizado para o Ultramar. Uns para Angola, outros para Moçambique, outros para São Tomé e Príncipe. Um dos valores que António mais tinha aprendido durante aqueles meses de recruta foi o sentimento de solidariedade e entreadajuda nos momentos difíceis. Palavras de encorajamento, abraços sentidos a quem partia para longe.

Mal pôde, correu para a camarata. Rapidamente vestiu a camisola e os calções brancos, calçou as meias e os ténis também eles brancos. Se fosse suficientemente rápido, ainda teria tempo de escrever antes de ir tomar o pequeno-almoço e apresentar-se novamente na formatura.

Amélia, meu amor,

Escrevo-te uma mensagem rápida só para te dizer que acabei de saber que nos próximos dois meses vou para a Póvoa de Varzim. É uma terra que me dizem ser tão bonita como tu, perto do Porto, em frente ao mar. Finalmente, vou ver o mar. Deus acompanhou-me. Para já fico por cá, estás a ver como não tens razões para te preocupares? Depois, quando lá chegar e estiver instalado, escrevo-te a contar tudo.

Muitos beijos do teu,

António

Chaves, 29 de Dezembro de 1967

Entusiasmado, António dobrou a carta meteu-a num envelope e pegou novamente na caneta para redigir outra carta, desta vez para a mãe. Imaginou o sorriso de felicidade da mãe quando soubesse da notícia. Certamente que iria a correr para a igreja para agradecer à sua Virgem...

Querida mãe,

Como se encontra de saúde?

Deus ouviu as suas preces. Nos próximos dois meses vou para uma terra chamada Póvoa de Varzim. Como vê, não precisa de se preocupar.

Um beijo deste seu filho,

António

Chaves, 29 de Dezembro de 1967

15.

No quartel brindaram ao novo ano. 1968 anunciava ser um ano marcante para todos. Carlos, Brito e António não conseguiram travar a emoção enquanto brindavam ao sabor de um bolo-rei e espumante de qualidade duvidosa mas que fazia as delícias dos magalas, pouco habituados a grandes luxos. Brito ia partir e a despedida não foi fácil. Valeu-lhes a boa disposição do companheiro sempre com uma piada ao canto da boca.

- Não se preocupem comigo que eu dou conta de todos. Tenho o meu escudo protector - disse, apontando para o lenço. - E quando precisarem de ajuda, seus maricas, gritem por mim. Podem reconhecer-me em qualquer lugar graças ao meu lenço...

- Está bem, amigo - diziam Carlos e António por entre risos.

Depois de Brito rumar a Tancos, António e Carlos ainda dormiram no quartel uma última noite e às nove da manhã do dia 2 estavam de novo na estação à espera do comboio que os levaria até à Póvoa

de Varzim com escala em Campanhã, no Porto. Já era perto das cinco da tarde quando colaram a cara ao vidro embaciado para ver a imponente Ponte D. Maria bem por cima do rio Douro, ladeada por Vila Nova de Gaia e pelo Porto.

- Que grande cidade, Carlos! - exclamou, espantado, António.

- Nunca tinha visto nada assim - respondeu Carlos, para quem Armação de Pêra lhe parecia, à vista do que via, um lugarejo.

- E julgava eu que Chaves era grande - disse António.

- Se isto é assim, como será Lisboa? - interrogou-se Carlos.

Paragem em Campanhã para mudança de comboio. Próximo destino: Póvoa de Varzim. António nem queria acreditar quando saiu da estação. Tanta gente nas ruas, tantos carros, tantos hotéis e estabelecimentos comerciais e ali, a menos de 500 metros, estava a praia. Mas por agora não tinha tempo sequer de pôr, pela primeira vez na sua vida, os pés na areia, às 20 horas tinham de se apresentar à porta do quartel.

Ali, tudo era novo. Foram dois meses vividos intensamente. Às sete era a alvorada. Formatura, pequeno-almoço e instrução militar a par de serviços que era preciso fazer dentro do quartel. Almoço ao meio-dia, trabalho a partir das duas e liberdade das 17 até às 22 horas. Nada comparado com a dura recruta que tinham feito em Chaves.

Carlos estava praticamente em casa. Mar, boa praia, bom peixe e até algumas inglesas, bailarinas que por ali passavam, graças ao casino da Póvoa de Varzim no Hotel Palácio, e que faziam as alegrias dos magalas. Por momentos, Carlos esquecia a sua Hermínia e deixava-se levar pela beleza das bailarinas de pernas longas e decotes generosos. A única coisa a que Carlos não se habituava era ao frio e à chuva. Sofria a bom sofrer com tanta humidade. «Arre, que raio de tempo», reclamava com o queixo a tremer.

António não estranhava pois o clima, visto que não era assim tão diferente daquele com que nascera e crescera em Santa Comba Dão, e que, como dizia ao amigo, era um clima para homens de barba rija! Também não ligava ao casino, nem se deixava embeijar por nenhuma moça da terra ou pelas bailarinas que punham os homens de olhos em bico, resistia como podia às tentações da carne, sempre com a sua Amélia no coração. A sua única perdição eram as francesinhas.

Querida Amélia,

Hoje voltei a saborear uma francesinha. Não te assustes. É uma iguaria culinária aqui da região. Fomos ao Leonardo comer. É feita de pão com bife, chouriço, fiambre coberto com queijo derretido e um molho picante, que nem te sei explicar.

Isto é muito bonito. Sabes que até tem um liceu... chama-se qualquer coisa Queirós se não me falha a memória. Tu havias de gostar.

Quando casarmos, temos de arranjar algumas economias para passar aqui a lua-de-mel. Tem hotéis bons, um casino onde há espectáculos e se joga em máquinas que dizem que dão dinheiro. Eu nunca lá entrei, mas o Carlos vai lá muitas vezes. O casino fica mesmo em frente à praia, só estão separados por uma praceta cheia de flores que a gente daqui chama Passeio Alegre. Podíamos passear aqui os dois de mãos dadas. Também há bons restaurantes - o meu preferido é o Pato Bravo. Também há um cinema, mas eu ainda não fui. Tenho de juntar uns trocos para ir ver. Dizem que é como uma televisão gigante. Também tem uma igreja matriz muito bonita e uma outra a que chamam Basílica de Jesus, mas essa ainda não tive tempo de ir ver.

Já sonho com esse momento em que te vou aqui trazer para estarmos os dois.

Um beijo apaixonado do teu

António

Póvoa de Varzim, 15 de janeiro de 1968

António gostava de passear pelas ruas da vila. Na realidade, as suas horas de liberdade eram passadas a ver o mar que o fascinava imenso - Carlos brincava com ele dizendo que de tanto olhar ainda se tornava peixe - ou a ver os jogos do Varzim Futebol Clube, sem nunca esquecer o clube do seu coração, o Santa Combadense, cujos resultados acompanhava como podia. Ele e Carlos já tinham combinado que, quando pudessem desarvorar um dia inteiro do quartel, iam até ao Porto só para conhecerem a cidade e ver o Futebol Clube do Porto jogar. Diziam os colegas oriundos de lá que aquilo é que era jogar à séria.

Entretanto, de Tancos, António e Carlos recebiam notícias de Brito. Estava adaptado e mais uma vez já era o animador-mor do quartel. Exímio a contar anedotas e até a cantar, Brito cativava tudo e todos. Alto e forte, com um vozeirão que fazia tremer qualquer um, continuava apaixonado pela vida militar e cada vez mais entusiasmado com a possibilidade de fazer da farda uma profissão. Nem o facto de estar em Tancos, onde quase tudo se cingia ao quartel, ao contrário do que acontecia com os amigos na Póvoa, o desmoralizava.

Corriam os dias, Carlos e António já se tinham habituado a uma boa vida, quando receberam o primeiro sinal de que o fim dos tempos de mar e futebol estaria para breve. Foi nos primeiros dias de Fevereiro que receberam uma nova carta de Brito que os fez recordar porque estavam ali na Póvoa de Varzim.

Amigos meus,

Serve esta carta para me despedir de vocês. Fui mobilizado para Moçambique. Ainda não sei bem o sítio, mas parto já depois de amanhã, dia 4. Provavelmente quando receberem esta carta já estarei a caminho do Ultramar. Não sei se vos volto a ver, mas levo-

vos no meu coração. Espero continuar a ter notícias vossas, pois mal chegue vou tentar mandar informação sobre o local onde estou e como poderemos continuar a comunicar por carta.

Vou com entusiasmo. Cumpro um sonho: ir defender a nossa pátria em terras longínquas.

Recebam um abraço enorme deste vosso amigo que não esquece os grandes e bons momentos que passámos em Chaves.

Até sempre, amigos,

Brito

Tancos, 2 de Fevereiro de 1968

Depois de alguns minutos de silêncio, António olhou para Carlos e desabafou o que lhe ia na alma:

- Gostava de estar assim tão entusiasmado como ele. Mas a verdade é que fico preocupado. Contento por ele, mas preocupado. Se calhar, um dia destes vamos nós.

Carlos não quis iludir-se nem iludir o amigo António.

- É o mais certo. Toda a gente vai. Mas este não tem mulher, filhos, noiva, nem namorada, nada que o agarre à terra dele. Nós temos.

- Pois temos, e não vai ser nada fácil deixá-las para trás - disse António enquanto pensava em Amélia e na mãe.

- Olha, vamos mas é comer uma francesinha ali ao Leonardo e beber uma cerveja à saúde do amigo Brito.

- É isso mesmo - disse António, tentando afastar os seus pensamentos que já estavam lá longe no Vimieiro.

16.

Em Ovoa, Amélia estava preocupada. Sentia-se angustiada. Num dos intervalos das aulas confessava a uma das suas melhores amigas, a Alice, que andava desanimada e menos confiante na sua relação com António. Ele garantia-lhe, sempre que lhe escrevia, que era seu para sempre, que só pensava nela, que se queria casar o mais rapidamente possível, mas ela sentia-o cada vez mais distante. Podia ser parvoíce do seu coração de mulher, mas era o que ela sentia.

- Passa-se algum coisa ou passou-se alguma coisa entre vocês quando ele esteve cá? - questionou Alice.

- Não, é apenas impressão e alguns sinais, não sei.

- Desabafa à vontade. Pode ser que eu te possa ajudar nalguma coisa...

- Ai, sei lá, Alice. Quando ele veio a casa no Natal já não me pareceu o mesmo António que eu conhecia e que queria casar

comigo. Vinha mais distante, entusiasmado com a experiência que estava a viver. Só queria falar da tropa e dos seus novos amigos. Não sei, não sei. Já não era o mesmo António. Há qualquer coisa que o está a aproximar daquilo e a afastar de mim.

- Não sejas tonta. É claro que a tropa modifica um pouco as pessoas. Faz os homens crescer, torna-os mais maduros. Não queiras que o teu António fique sempre aquele rapazinho que corava de vergonha cada vez que te segurava a mão. Sabes como é... Tudo é um mundo novo para ele.

- Eu sei. Nunca tinha saído daqui e agora conhece locais e gentes novas. Anda encantado com o novo sítio, já fala em bailarinas, em inglesas, restaurantes, hotéis, coisas que nunca nos passaram pela cabeça. Sinto-me um pouco insegura, só isso.

- Porque não lhe perguntas para o testar? Às vezes o amor precisa de ser questionado para se tornar mais forte!

- Já pensei nisso, mas tenho medo. Ele anda entusiasmado, mas também sei que está com receio de ser mobilizado para África. Não quero agora tornar-me mais um motivo de preocupação. Neste momento provavelmente não serei a coisa mais importante na vida dele. Vou deixar que o tempo passe. Mas tenho muito medo de o perder.

Amélia estava a meio do último ano escolar de formatura. Tinha planeado tudo com António, estudar, ser professora e, já casada, ali ficar a dar aulas para o resto da vida. Agora via uma parte dos planos estagnada no tempo. Tinha de esperar, aguardar o regresso do noivo que, saído da terra, alargava os seus horizontes.

- Olha, Amélia, está ali o teu amigo Osvaldo - disse Alice, espreitando pela janela da sala de aula.

Amélia não conseguiu disfarçar a sua atrapalhão. Sentiu-se a corar.

- Ah sim... - disse sem dar muita importância.

- Vejo-o muitas vezes por aqui. Amélia, tenho a impressão de que alguém tem um admirador...

- Não sejas parva... estou noiva, de anel no dedo, por quem me tomas?

- Ai desculpa, Amélia, estava a brincar...

Amélia saiu de livros na mão em passo acelerado, e, desta vez, nem parou para cumprimentar Osvaldo que aguardava debaixo da sombra de uma árvore que ela passasse para meter conversa e, quem sabe, conseguir acompanhá-la a casa com o pretexto, na maioria das vezes, de falar de António e da sua experiência na tropa. Mas hoje Amélia não queria conversas, só queria chegar a casa e ir de imediato à caixa do correio na esperança de encontrar lá uma carta de António. As suas expectativas não saíram defraudadas. Sorriu ao ver o envelope, entrou a correr em casa e dirigiu-se para o seu quarto. Fechou a porta para não ser interrompida. Queria, sozinha, ler e reler as vezes que quisesse aquela carta, saborear todas e cada uma das palavras que António lhe escrevia, chorar, rir ou simplesmente beijar o papel como se de um beijo a António se tratasse. Amélia abriu lentamente o envelope para que a cola não estragasse um só bocadinho da carta que vinha dentro. Guardava-as todas na gaveta da secretária que tinha no quarto como relíquias que podia tocar sempre que lhe apetecesse para estar mais perto de António. Estava radiante porque, depois de um dia carregado de incertezas desabafadas com Alice, só mesmo uma carta dele podia atenuar ou eliminar as dúvidas que a estavam a assolar.

Querida Amélia,

Como estás? Hoje estou cheio de saudades tuas e precisava muito que te encostasses a mim para sentir o conforto da tua cabeça no meu ombro. Sabes que o meu amigo Brito que foi para Tancos

enquanto nós viemos para aqui, já está a caminho de Moçambique? Foi mobilizado. Eu e o Carlos ficámos contentes por ele porque era o que ele queria, mas preocupados. Aqui ainda não nos disseram nada, não temos sequer indicação de para onde vamos quando daqui a 12 dias se concluírem os dois meses de missão neste quartel. Mas a ida do Brito deixou-me preocupado. Não quero pensar muito nisso, mas senti um arrepio e umas saudades tuas... Mal aqui cheguei, pus-me logo a escrever esta carta para te dizer que te amo muito e que sinto a tua falta.

Não fiques triste porque tenho a certeza de que Deus não nos vai separar. Mas também aí não contes nada a ninguém sobre a ida do Brito para África. Nem aos teus pais nem à minha mãe, para não ficarem preocupados. A minha mãe, já sabes como é, fica desfeita se começa a pensar muito nisso e passa os dias a chorar. Vamos aguardar e pensar que tudo vai correr bem.

Para a semana é Carnaval. Dizem-me aqui que eles às vezes dão três dias de folga a metade do pelotão escolhendo aqueles que melhor se portam e cumprem os serviços. Pode ser que me toque. Ainda que três dias só dê para ir e vir, podes ter a certeza de que, se os tiver, vou mesmo. Já não aguento mais um dia sem te ver.

Não te esqueças de mim e espero que, todos os dias, continues a pensar em mim. Eu penso todos os segundos do dia em ti.

Um beijo do teu

António

Póvoa de Varzim, 20 de Fevereiro de 1968

Amélia voltou a reler a carta e sentiu um misto de alívio e profunda tristeza. Alívio porque aquelas palavras eram do António que ela conhecia desde sempre e que sentia fazer parte da sua vida. Que parva tinha sido em duvidar do seu amor! Tristeza porque mais uma vez não sabia qual seria o futuro do seu noivo. De repente

sentiu-se sem forças para se erguer da cama, tal a fraqueza nas pernas. «Será que o meu António também vai ter de ir para longe, para a guerra?», pensava Amélia querendo afastar estas ideias da sua cabeça. Lá conseguiu recompor-se, ajeitar a saia e a blusa de renda. Saiu do quarto, passou pela cozinha e logo foi questionada pela mãe:

- Então, o António que diz na carta? Ele está bem?

- Está tudo bem. Continua feliz por lá, com muitas saudades minhas, e até diz que, se tiver três dias de folga no Carnaval, vem cá.

- Três dias, é pouco, filha. Um para cá outro para lá, é quase todo o tempo passado no comboio.

- Pois, mas ele diz que está com muitas saudades minhas. Vamos ver. Oxalá venha.

- Mas está mesmo tudo bem? - voltou a questionar a mãe.

- Está, mãe. Não diz mais nada na carta.

- Costumas vir do quarto contar-me as novidades com mais alegria. Hoje vieste tão devagar que até pensei que se tinha passado alguma coisa.

- Não, está tudo bem. O que vamos jantar?

- Cabrito no forno com batatas. Olha, aproveita e põe a mesa que o teu pai também deve estar a chegar.

Amélia sentiu que a mãe tinha percebido alguma coisa, mas não adiantou mais a conversa. O António tinha-lhe pedido para não contar nada, mas custava-lhe não poder desabafar e partilhar com a mãe a preocupação com o noivo. Falaria no dia seguinte com Alice para lhe contar que afinal as preocupações do dia anterior não

faziam sentido e aproveitaria para partilhar com ela as suas novas preocupações de uma possível mobilização de António para longe de si.

17.

Querida Amélia,

Escrevo-te a ti primeiro porque sei que és forte e podes apoiar a minha mãe quando ela souber da notícia. Fui mobilizado para uma missão ultramarina, foi assim que o meu sargento me disse, espero não ter trocado as palavras. O meu próximo destino é Angola. Parto daqui a dois meses. Agora posso ir a casa para me despedir e depois tenho guia de marcha para Lisboa para formar batalhão e depois embarcar para África. Os meus colegas dizem que se vai de barco. Nunca andei de barco.

Eu sei que por esta altura o teu coração já deve estar a chorar, mas não vale a pena, nós já sabíamos que isto ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Vou cumprir a minha missão de defender a pátria. O meu pai e avô ficariam orgulhosos.

Eu sei que é pedir muito, mas eu volto... esperas por mim? Nesta altura é a única coisa que me importa. Não quero pensar na guerra. Só quero saber se posso ir contigo no coração.

Espero estar aí daqui a menos de um mês. Nessa altura vou dizer à minha mãe que, sei, vai ficar destroçada.

Não sei que escrever mais, sabes que nunca fui muito bom com as palavras.

Do teu

António

27 de Fevereiro de 1968, Póvoa de Varzim

Amélia não conseguiu controlar a emoção. As mãos tremiam-lhe e as lágrimas caíam sobre o papel da carta de António. Tudo o que mais temia estava a realizar-se. O seu noivo partia para a guerra e pedia-lhe para esperar por ele. Os pensamentos eram confusos e egoístas. Tinha 20 anos, queria casar e naquela altura só se lembrava do enxoval que tinha em casa guardado há tanto tempo e que agora teria de ficar mais uns anos guardado, à espera do noivo. Meu Deus, que destino o seu, que infelicidade a sua...

Amélia resolveu sair de casa e ir rezar à igreja, pedir a Deus que a orientasse, que a guiasse neste tempo de tormenta. Pegou no terço, na bíblia e saiu sem dizer nada à mãe. Ia em passo acelerado, de olhos cabisbaixos, sem dar conta de quem passava por ela. «Amélia», ouviu alguém gritar o seu nome. Deteve-se, olhou para trás e viu Osvaldo a correr no seu encalce.

- Olá, Amélia, onde vais tão apressada?

- À igreja.

- Não me digas que tens assim tantos pecados!

- Olha, Osvaldo, não tenho tempo para brincadeiras, vou rezar pelo meu António - disse de uma forma brusca pouco habitual em si.

- Tens novidades dele? - perguntou Osvaldo.

Amélia hesitou. Lembrou-se da carta que tinha acabado de receber. Foi quase impossível controlar as lágrimas, mas resistiu. António tinha-lhe pedido segredo. Guardá-lo-ia a sete chaves, por mais que isso lhe custasse.

- Nada, o de sempre. Está pela Póvoa de Varzim e a gostar da tropa.

- Eu, se tivesse uma noiva como tu, preferiria estar aqui com ela...
- disse ele, tentando a sua sorte.

- Osvaldo, já te disse que não tenho tempo para parvoíces, se ele pudesse de certeza que estaria aqui junto dos seus - disse Amélia, furiosa.

Sem dar tempo de Osvaldo pensar numa resposta, foi-se embora novamente em passo acelerado e entrou na igreja para rezar à sua Nossa Senhora de Fátima. Que ela protegesse para sempre aquele amor.

Quando o comandante lhe transmitiu a ordem de mobilização, António ficou sereno. No fundo sabia que mais cedo ou mais tarde isto iria acontecer. O seu destino há muito estava traçado e não havia como fugir dele. Quase todos os seus amigos tinham sido mobilizados. Uns para Angola, outros para Moçambique, outros para a Guiné. Agora tinham dez dias para irem às suas respectivas terras, preparar tudo e despedirem-se das famílias.

O seu grande amigo Carlos embarcava rumo a Lourenço Marques. Ele seguiria para Angola. Foi doloroso perder a companhia de Carlos. Quando souberam que o destino os separava, caíram nos braços um do outro.

- É desta que vamos mesmo para sítios diferentes, mas espero contar sempre com a tua amizade - disse-lhe Carlos.

- Eu também. Tiveste mais sorte que eu. Com jeito ainda vais encontrar-te com o nosso amigo Brito. Dá-lhe um grande abraço meu se o vires.

- Darei. E também darei notícias minhas. Mal chegue, tento arranjar forma de te fazer chegar informação do sítio onde estou e de como poderemos continuar a trocar correspondência.

- Espero bem que sim, farei o mesmo. Não te esqueças de que temos encontro marcado, seja daqui a dois, três ou dez anos, no teu restaurante para comermos o melhor peixe do mundo.

- Tenho a certeza disso. Agora... não adianta chorar. Vamos mas é ali ao Leonardo beber a última cerveja e despedirmo-nos do pessoal lá do restaurante - desafiou Carlos.

- Vamos. Vou ter saudades disto. Gostei de aqui estar. Tenho de vir cá com a minha Amélia para ela conhecer esta terra de pescadores. Para te ser sincero, até já tenho saudades de Chaves. Vamos para tão longe...

- Agora não penses nisso. Vamos mas é comer e beber e com sorte ainda nos despedimos das bailarinas do casino - rematou Carlos em tom de brincadeira para animar o momento e esquecer por instantes o futuro que estava para chegar.

António tinha chegado a Santa Comba Dão sem se fazer anunciar. Desta vez não queria grandes festas, nem recepções. Apanhou sozinho a camioneta para a Venda do Sebo e, quando saiu, sorriu ao sentir o cheiro a pão acabado de fazer que saía da chaminé de sua casa. António tinha esperado a licença de dez dias, com ajudas de custo e tudo, para vir a casa contar à mãe sobre o seu futuro destino.

Quando abriu a porta, encontrou a mãe a rezar o terço acompanhando as vozes que saíam do seu precioso aparelho de rádio. Não foi preciso dizer muito. A mãe sabia o que aí vinha.

Levantou-se a custo, que o reumatismo já andava a fazer das suas e as suas pernas estavam cada vez mais inchadas, fez um sinal da cruz, desligou o rádio e puxou um banco de madeira, carcomido pelo tempo e pelo bicho, para se sentar à beira do seu filho que, de farda engomada e ar sério, se preparava para lhe dar o maior desgosto da sua vida.

- Minha mãe, prometa-me que me vai ouvir e vai ser forte.

- Ai meu filho, o que é que tens para me dizer?... Parece que adivinho!

- Mãe, fui mobilizado para Angola. Parto daqui a dois meses.

- Ai Meu Deus, meu rico filho. Eu não mereço isto. Eu não mereço que me tirem o meu filho...

- Mãe, acalme-se, prometeu que ia ser forte.

- Mas como? Como? Se me tiram a minha razão de viver...

- Eu volto, mãe, no máximo em dois anos estou de volta e depois nunca mais saio daqui - disse em tom de brincadeira para tentar aligeirar o ambiente.

- Voltas? Como sabes? Podes morrer como o filho da Guilhermina ou voltar sem uma perna ou cego como o sobrinho da Estefânia.

- Mãe, nada de mal me vai acontecer. Eu vou ter cuidado e sabe que o meu sargento lá da instrução disse que eu era um dos melhores mancebos que lhe tinham passado pelas mãos. Não tem orgulho no seu filho?

- Ai filho, tu és tudo o que eu tenho... - Maria das Dores agarrou-se ao filho. A sua vontade era nunca mais o largar. Prendê-lo a si. Protegê-lo como só as mães sabem proteger um filho.

- Tive uma ideia. Vou falar com alguém da família do senhor doutor - disse, decidida, Maria das Dores.

- Com quem, mãe?

- Com a família do Doutor Oliveira Salazar, acho que ele anda por aí e tudo, segundo a comadre. Então eles eram nossos vizinhos. A D. Maria, a empregada dele, é minha amiga. Tantas vezes lhe dei umas couves ou umas cenouras para o jantar quando lhe fazia falta...

- Não se ponha com ideias, mãe, o que lhe iria dizer?

- Se era possível lá o patrão dela mandar que tu em vez de ires para Angola viesses para aqui para perto de mim. Ela sabe que eu sou sozinha e velhota, preciso do meu filho por perto... Não é ele que manda em tudo? Se for preciso, até falo com a senhora dona Marta ou a senhora dona Maria, as irmãs do Senhor Doutor Salazar. Toda a gente lhes faz pedidos, no outro dia ouvi dizer que uma vizinha pediu para pôr o filho a estudar lá em Lisboa. Também posso fazer o mesmo. Encontro-as sempre na igreja.

- Mãe, nem pense nisso. Eu vou à guerra como os meus companheiros e vou defender o meu país - disse decidido António, que ficou a pensar no seu antigo vizinho. Estava pela terra, certamente a ver o cultivo da família. Se fosse passear certamente o encontraria de cajado na mão e sobretudo aos ombros. Mas agora, mais do que nunca, não sentia qualquer vontade de ver o homem em honra do qual lhe tinha sido dado o nome...

Apesar de tudo, aqueles oito meses de instrução militar tinham incutido em António outra mentalidade. Já com 20 anos feitos, António estava mais maduro, mais homem, com outro sentido de responsabilidade... Não se sentia diferente de todos os outros que tinham mesmo de ir, sem poder fintar o destino. Aquela era a realidade de todos.

A mãe não sabia o que fazer ou pensar. Benzeu-se e esperou que quando acordasse no dia seguinte aquela conversa não tivesse passado de um pesadelo.

A frase de Salazar, «para Angola e em força», já tinha sete anos. Desde 1961 nunca mais parou de aumentar o número de militares portugueses a embarcar para os três principais teatros de guerra onde Portugal tentava manter a todo o custo o seu império: Angola, Moçambique e Guiné. No final do ano de 1967, o número de militares naqueles três locais era já de cerca de 114 mil. Um ano depois só em Angola estavam 58 230 homens.

18.

- **T**enha cuidado ao descer os degraus, apoie-se em mim, vá.

- Não te preocupes, Amélia, estou velha, mas ainda consigo descer do comboio.

Maria das Dores estava pela primeira vez em Lisboa. O seu único filho, fardado a rigor, ia partir para a guerra e ela fazia questão de juntar as parcas economias de uma vida de trabalho para se ir despedir do seu único filho. Lenço preto na cabeça, xaile aos ombros, que não fazia ideia do tempo que fazia na capital, saia e blusa de renda pretas e uma trouxa na mão, com uma bucha, caso a fome apertasse, Maria das Dores era uma mãe igual a tantas outras que se iam despedir dos seus filhos. Estava inconsolável.

Amélia, essa, estava espantada, não conseguia fechar a boca perante o que os seus olhos viam... carros eléctricos, cafés por todos os lados com senhoras elegantes nas esplanadas a beber o seu chá,

carros a encher as ruas, a moda das senhoras de saia curta e camisas apertadas... tudo tão diferente de Santa Comba ou até mesmo de Coimbra, a realidade mais citadina que conhecia.

De Santa Apolónia, Maria das Dores e Amélia partiram para o cais de Alcântara para se despedir de António que tinha ordens para embarcar no navio Niassa, fretado pelo ministério para levar tropas portuguesas para o Ultramar. Quando lá chegaram nem queriam acreditar. O cenário era desconcertante. Famílias inteiras despediam-se dos seus filhos, maridos, pais. Era o lado visível de uma guerra que se queria discreta e silenciosa, mas que ali ganhava uma nova vida. Lágrimas, lenços brancos, cartazes com mensagens de saudades.

A muito custo conseguiram ver António fardado a rigor, de saco às costas, que olhava para todos os lados na esperança de ver a mãe e a noiva. Quando as viu, correu até elas e abraçou-as com todas as suas forças.

- Mãe, tome conta de si. Tome os seus remédios e não se feche em casa, está a ouvir? Eu pedi ao Manel da taberna para ir lá a casa de tempos a tempos e para tomar conta da terra e dos animais, a mãe não tem de se preocupar. Veja só se ele faz tudo direitinho...

- Sim, meu filho, não te preocupes, cuida de ti! Não te metas em confusão e reza todos os dias, o teu pai no Céu vai tomar conta de ti!

- Amélia, por favor, toma conta da minha mãe - pediu António, agarrando-se à noiva que não conseguia controlar as lágrimas...

- E de mim quem é que vai tomar conta, meu amor?

- Peço-te que não percas a esperança. Espera por mim, meu amor. Eu vou voltar e quando o fizer vai ser para os teus braços, para formar a nossa família... - disse, abraçando-a. - Levo comigo o lenço bordado com as nossas iniciais e com o teu cheiro para ter-te

sempre perto do coração. Mãe, eu volto num instante, aquilo está quase controlado. Os meus companheiros estão todos animados e os oficiais garantem-nos que a pacificação será rápida - disse, tentando alegrar o ambiente.

Mas era impossível. A mãe de preto, a noiva cabisbaixa e à volta famílias inteiras a dizer um adeus incerto aos seus homens que partiam, muitos deles sem saber para o que iam, nem o que iam defender.

- Sim, meu filho - respondeu Maria das Dores sem acreditar no que os seus ouvidos ouviam.

- Eu vou sempre escrevendo e a mãe vai ouvindo a rádio, para saber das notícias, e vendo a televisão do tio Armando para ver se eu apareço - disse António que, ao som da sirene que anunciava a partida, trepou a grande velocidade as escadas do navio.

Queria arrumar a sua bagagem junto ao beliche, no porão, transformado em caserna militar, e voltar ao convés para lutar por um lugar na amurada para um último aceno à mãe e a Amélia.

O destino tinha hora marcada. Às 11 horas da manhã do dia 27 de Abril de 1968, precisamente a data em que se comemorava a subida ao poder de António de Oliveira Salazar, o enorme barco zarpava deixando para trás o cais num mar de lágrimas. Na instalação sonora tocava a marcha «Angola é Nossa» para levantar o moral da tropa. Centenas de soldados debruçados sobre o lado do barco voltado para Lisboa acenavam respondendo aos milhares de lenços que na margem significavam o adeus.

No cais, o cenário era perturbador. Centenas de pessoas, mulheres com filhos pequenos ao colo, mães num pranto e os homens, orgulhosos do filho que partia fardado e em defesa da pátria, exibiam uma postura firme perante a família.

Amélia e Maria das Dores ainda ficaram mais uns instantes no cais quando já toda a gente desmobilizava de regresso a casa. Só mesmo quando deixaram de avistar o enorme barco no horizonte é que decidiram virar costas ao cais. Estava na hora de voltar à estação e, de comboio, fazer a viagem de regresso a Santa Comba Dão.

- E agora, Amélia? Como vamos viver sem o nosso António? - lamentava Maria das Dores já com o comboio em andamento.

- Temos de ser fortes e esperar que estes dois anos passem depressa. Não vai ser fácil. Partiu um bocado de mim e da minha vida naquele barco.

- Ai, meu Deus. A mim parece que partiu tudo o que tinha. Vou sentir falta dele. É um filho muito dedicado e muito terno, o único que tenho. Até de lhe levar o leite quente com café à cama vou ter saudades.

- E eu vou sentir muita falta de me sentar com ele no banco do átrio da igreja. Ouvi-lo dizer «encosta-te a mim» e deitar a minha cabeça sobre o seu ombro. Mas agora não há nada a fazer. Restamos resistir e rezar todos os dias para que ele volte depressa são e salvo para refazermos a nossa vida.

- Ele ama-te muito, Amélia. Desde moço que só te vê a ti.

- Eu sei. E não se preocupe que eu vou olhar por si. Ele tem uma adoração muito grande por si. Eu prometi-lhe que ia ajudá-la e olhar muito por si. Por isso fique descansada. Vamo-nos ter sempre uma à outra para nos apoiarmos e suportar a dor pela ausência dele.

- Não sei, Amélia. Já estou a ficar com alguma idade. Tenho medo que lhe aconteça alguma coisa e não veja mais o meu querido filho. E espero que também não me aconteça nada até ele regressar.

- Não diga disparates, D. Maria das Dores. Não vai acontecer nada a nenhum dos dois. Vai ver que daqui a dois anos estamos outra vez a fazer esta viagem para vir esperá-lo e recebê-lo nos nossos braços.

- Deus te ouça, minha querida. Um dia destes quero ir a Fátima pedir à Nossa Senhora para o proteger. Quando juntar mais algumas economias, vou lá.

- E eu vou consigo. Também quero ir pedir muito por ele e pela saúde dele. Mas agora durma que a viagem é longa até Santa Comba. Descanse que foi um dia muito emotivo e está com um ar cansado.

19.

O barco passou a ponte Oliveira Salazar, deslizou frente à Torre de Belém e fez-se ao mar. Era já um pequeno ponto no oceano, mas António permanecia estático, debruçado sobre o corrimão do barco, na esperança de que, se não tirasse os olhos da direcção do cais de Alcântara, talvez ainda pudesse ver a sua Amélia.

Ainda nem tinha olhado em redor. Uns dias antes estava muito excitado por andar de barco, por conhecer um navio daquele tamanho, no entanto hoje a excitação tinha passado e uma imensa tristeza invadia-lhe o coração. Para já só pensava na vida dele e no que ia ser a partir de agora a vida da mãe e de Amélia. Pela sua cabeça passavam-lhe pensamentos angustiantes: «Será que nunca mais a vou ver? Que ela me vai esquecer? Que vou morrer em África?»

De repente sentiu alguém a tocar-lhe no ombro e a interromper os seus pensamentos.

- Então, a pensar na vida?
- Sim. Um pouco - disse António.
- Sou o Joaquim Fortuna, muito prazer. De onde vens?
- Nasci no Vimieiro, em Santa Comba Dão. E tu?
- Eu sou de Bragança. Não conheço aqui ninguém.
- Eu também não. Neste barco não vem ninguém que tenha estado no quartel onde estive, na Póvoa de Varzim.
- Do meu também não. Fiz a instrução militar em Évora e ainda não vi aqui ninguém que lá estivesse. Já sabes para onde vais?
- Não. Para já é para Luanda. Depois é que ficamos a saber.
- Estás com medo?
- Medo não. Apenas algum receio. Nunca tinha saído da minha região até ir para a tropa. Comecei em Setembro em Chaves e agora estive os últimos dois meses na Póvoa de Varzim. É tudo o que conheço. Dizem-me que Luanda e Angola não são propriamente a mesma coisa.
- Eu estou com algum medo. Não gosto da guerra, não gosto de armas e vou aqui de coração perdido de saudades pela minha família.
- És casado?
- Sou. E tenho um bebé que nasceu há apenas um ano. Queres ver?

Tirou do bolso de trás das calças a carteira e mostrou a fotografia da mulher com o filho ao colo.

- Imagino como estás. Eu vou aqui destroçado com saudades da minha noiva e da minha mãe. Imagino quem tem filhos pequenos... o que é ter de se separar deles.

- Tens uma fotografia da tua noiva?

- Por acaso até tenho. Ela fez-me a surpresa e ainda há pouco no cais deu-me uma fotografia dela para que eu nunca a esquecesse. Como se isso fosse possível...

- É bonita a moça.

- É verdade - disse António, orgulhoso, não mostrando ao recém-amigo a inscrição que Amélia tinha deixado na parte de trás: «Sempre tua, com amor Amélia.» Será que iria cumprir a palavra?, pensava agora António, que mais uma vez foi interrompido pelo amigo.

- O que fazes na vida?

- Trabalho no campo. Tenho um terreno relativamente grande onde planto árvores e tenho uma horta, cujos frutos e legumes depois vendemos no mercado. Já temos lá uma banca que é praticamente o sustento da minha casa. Vivo com a minha mãe. E tu?

- Eu trabalho nos correios de Bragança, mas o meu sonho é ser escritor.

- Escritor?

- Sim. Gosto de escrever, gosto de poesia, gosto de ler livros, mas o trabalho não me deixa muito tempo livre.

António ficou admirado com o novo companheiro que acabava de conhecer.

- E porque não és só escritor, se é aquilo de que gostas?

- Porque não se consegue viver disso. Não se ganha dinheiro e tenho família para sustentar. Só escrevo em casa e não mostro a ninguém a não ser à minha mulher.

- Porquê?

- Porque o que escrevo não agrada a quem manda. Sabes como é, neste país quem é escritor é do contra. E eu sou mesmo. Sou contra este regime, esta guerra, contra a pobreza.

- Eu não percebo muito disso, nem quero perceber. Não sou de politiquices. É perigoso.

- Pois é. Eu também não me meto nisso. Só escrevo e calo-me.

- É melhor.

- Mas estou com curiosidade de conhecer Angola. Falam-me muito bem daquilo. Que tem bom clima e muita vida. Acho que tem cinemas, cafés, esplanadas. Que o pior é fora das cidades, no meio do mato.

- Eu não faço a mínima ideia do que é aquilo. Mas também vou aqui com alguma curiosidade. Sempre é um sítio novo que vamos conhecer. Mas quero é que esta viagem passe depressa e estes dois anos também. Ainda estamos a partir e não vejo a hora de tudo isto acabar e estar de novo a regressar.

- É melhor nem pensares nisso senão vai-te custar ainda mais.

- Tens razão. Bem, vamos mas é comer que já chamaram para a primeira refeição.

- Vamos ver qual é a ementa... - disse em tom de brincadeira Joaquim.

Depois de uma tigela de sopa, de um segundo prato de carne acompanhado de um pão e de uma fruta comida no convés junto com os companheiros, António começou a sentir-se mais confortável. Já tinha feito um amigo, estava resignado àquele destino e resolveu então fazer uma visita como deve ser ao barco com Joaquim. Estava deslumbrado com o navio. Era quase uma cidade no meio do mar. E foi no meio do mar que viveu durante dez dias.

No dia 6 de Maio, pelas seis da manhã tocou o sinal de alvorada. Meio estremunhado, António acordou e espreitou pela escotilha, não queria acreditar no que via. Um nascer do Sol deslumbrante que iluminava uma larga avenida de prédios altos e intervalados por enormes casas coloniais ajardinadas e muito bem conservadas. Era um novo cenário. Tinha chegado a África. O barco estava prestes a atracar no porto de Luanda.

O alvoroço no barco era geral. António vestiu-se à pressa como todos os outros soldados e logo se precipitou para o corredor do barco para ver bem a atracagem e apreciar melhor a nova cidade que o esperava. A primeira sensação que teve foi de se sentir absolutamente esmagado por um calor intenso, húmido, que se colava ao seu corpo.

Um comentário feito em voz alta por um dos soldados provocou a gargalhada geral:

- Olha um preto. E mais outro. E outro.

Na realidade, apesar de ouvirem falar dos pretos para aqui e para acolá, era a primeira vez que a maioria dos soldados conhecia alguém de cor diferente.

O barco atracou às 7h30 e só por volta das 10 horas, já em fila e devidamente fardados, é que todos foram encaminhados para as camionetas do exército que os levariam para o quartel. No caminho arregalavam os olhos, espantados com o que viam. Estradas largas, muitos carros, mulheres de vestidos curtos e coloridos, gente de cor,

cafés, esplanadas, lojas, uma movimentação citadina em tudo diferente daquilo a que estavam habituados mesmo os que tiveram a oportunidade de conhecer Lisboa. Uma cidade viva, às cores, iluminada pelo sol e com um cheiro a liberdade, a contrastar com um país cinzento como as calçadas, amordaçado, onde o vento da liberdade tardava a chegar. António estava perante um mundo novo.

Já no quartel e depois de devidamente ambientado, António resolveu de imediato escrever a Amélia para contar tudo o que até agora lhe tinha acontecido. Tirou do bolso o seu bloco de papel comprado em Lisboa para que não lhe faltasse papel para as cartas e a sua caneta Bic. Estava empolgado com esta nova experiência.

Querida Amélia,

Acabei de chegar a Luanda. A viagem foi longa, mas agradável. Aproveitei para conhecer os meus companheiros de barco, fiquei bastante amigo do Joaquim de Bragança que me fez companhia durante a viagem. Ele diz que é escritor, mas trabalha nos correios lá da terra.

Não sei o que me espera neste país e tenho um aperto no coração por tudo o que deixei para trás. A minha querida mãe, a minha noiva... mas acredito que estou a lutar pelo meu país, pela minha pátria, pelo nosso futuro. Aqui em Luanda não há sinais de grandes perturbações, as ruas parecem calmas e cheias de vida. Mas mal aqui chegámos ao quartel, uns soldados que já cá estão há mais tempo contaram que chegaram notícias do Norte do país de portugueses espancados e de colunas de soldados emboscadas pelos pretos. Não sei em que acreditar! Só vendo, não é como a minha mãe diz?

Uma das coisas que mais me espantou, a mim e aos meus colegas, foi ver tantos pretos juntos. Ias ficar de boca aberta. Mas também já vi muitos brancos como nós e não eram soldados. Devem morar por aqui...

Por favor, conta as novidades à minha mãe mas não lhe dêes conta destas novidades do mato que o coração dela é fraco. Mal possa, volto a escrever-te. Guardo junto do meu coração a tua foto. Já a mostrei ao Joaquim, que te achou muito bonita.

Um beijo do teu noivo que te adora e te pede que esperes por ele,
António

Luanda, 6 de Maio de 1968.

Amélia apertou a carta junto ao coração. Que saudades tinha de António. Leu mais uma vez e fez aquilo que António lhe pedia: foi ter com a futura sogra para lhe contar as novidades. Bateu à porta, entrou com o à-vontade de quem é da casa e encontrou-a a rezar à sua Nossa Senhora de Fátima. Maria das Dores passava agora mais tempo de joelhos a pedir protecção para o seu filho do que de pé.

- Venha, que eu ajudo-a a levantar-se.

- Obrigada, minha filha, acho que estou a ficar atacada... Este Inverno deixou-me meio entravada...

- Trouxe-lhe boas notícias, o António escreveu-me a contar as novidades. Já chegou a Luanda e está muito entusiasmado com a cidade. Diz que já tem um amigo que é transmontano e gosta muito de escrever. Trabalha nos correios em Bragança e acho que é escritor. Contou-me ainda a chegada de barco a Luanda, estava espantado por ver gente de outra cor. Diz que aquilo é muito bonito.

- Ainda bem, meu rico filho...

- Vai ver que ainda nos vai deixar e ficar por lá - sorriu Amélia, abraçando-se a Maria das Dores, no fundo ambas estavam felizes porque estava tudo bem com António.

O pior eram as saudades que já apertavam.

Amélia tinha ficado contente com a carta, mas ao mesmo tempo sentia uma sensação estranha no coração. Era um António apaixonado que lhe escrevia, mas ao mesmo tempo o seu António parecia entusiasmado com a sua nova vida. O seu coração enchia-se novamente de dúvidas. Valeria a pena esperar por António? Amava-o, era certo, mas o António que iria voltar daqui a uns anos seria o seu António? Aquele que lhe dizia carinhosamente para se encostar a ele?

A caminho de casa encontrou Osvaldo que lhe perguntou, como era habitual, pelo noivo.

- Acabei de receber uma carta dele. Chegou a Luanda e está bem.

- Ótimo. Pois dizem que Luanda é uma cidade magnífica... o pior é o resto do país.

- Mas se calhar ele fica por Luanda - disse Amélia inocentemente.

- Isso acho que não é possível, Amélia, eles vão para os locais onde existem confrontos... mas agora não penses nisso. Anda que acompanho-te a casa, vamos conversando.

Amélia ainda se lembrava da promessa que em tempos tinha feito a António. Não podia dar grandes conversas a Osvaldo por causa dos ciúmes do noivo. Mas ele agora estava tão longe e ela tão sozinha, não havia mal nenhum em permitir que ele a acompanhasse pelo caminho. Sempre distraía a cabeça e dava dois dedos de conversa.

20.

Durou apenas uma semana a estada em Luanda. Durante esse tempo, António e os companheiros desembarcados desfilaram com orgulho pela grande avenida de Luanda. A população portuguesa de bandeirinhas na mão dava-lhes vivas e saudava a sua chegada. António marchava com aprumo e pensava como o pai e o avô ficariam orgulhosos se o vissem ali, a ser saudado como um herói. Ele que nem um tiro ainda tinha dado.

Naquele dia 13 de Maio bem cedo, já a companhia de António viajava em coluna militar para o Norte do país. Acabava-se a vida militar em quartéis citadinos para se mudar definitivamente para o teatro de guerra, nas zonas recônditas de Angola, em aldeias que não vinham no mapa, no meio de mato onde o inimigo experiente atacava pela calada.

Era curioso o nome da localidade onde iriam fazer quartel-general a partir daquela data: Quipedro, a leste de Nambuango, situado no planalto de Angola, um nome que já fazia parte da história da

guerra pelas piores razões. António tentou saber mais junto dos soldados mais experientes.

Nambuanguo tornou-se na bandeira do exército português quando, em Março de 1961, um ataque de guerrilheiros levou ao massacre de um milhar de portugueses e cerca de cinco mil indígenas. Foi o primeiro sinal que o governo de Salazar quis ignorar, mas que depois não pôde controlar: em Abril de 1961, quando Salazar ordena «para Angola e em força», o primeiro objectivo é Nambuanguo, objectivo conquistado em Agosto desse mesmo ano quando as tropas portuguesas hastearam a bandeira na vila. Mas aquela zona seria a mais sensível e a mais perigosa de todas durante toda a guerra no Ultramar. Foi por ali que os grupos guerrilheiros começaram a minar o esforço português em África. Milhares de colonos fugiram das suas fazendas e instalaram-se em Luanda à espera da chegada de tropas que os protegessem. Foi ali que começou o fim do Império português em África.

Quipedro ficava poucos quilómetros mais acima de Nambuanguo. António estava exausto, o calor intenso, os mosquitos, todo o ambiente o deixavam sem fôlego. Ainda mais sem fôlego ficou quando a coluna onde seguia passou pela aldeia. A bandeira portuguesa estava lá, hasteada, mas o clima que se fazia sentir era tenso. Agora percebia porque o velho vizinho os mandava ir para Angola e em força. Era preciso defender o território ameaçado, reconquistar as fazendas atacadas e proteger os portugueses que já não conseguiam esconder as suas caras de medo.

Quando chegaram ao quartel instalado em Quipedro, António e os companheiros tiveram ocasião de ouvir mais algumas histórias dos soldados da companhia que estavam de partida para entrarem os novos praças. Mais do que histórias, eles deixavam avisos: «Cuidado nas saídas», «Os pretos são violentos», «Perdemos aqui vários camaradas. Sempre emboscados. Nunca facilitem, mantenham-se

atentos e de olhar vigilante», «A estratégia dos pretos é bater e fugir»...

António ouvia atentamente os conselhos dos companheiros que agora terminavam uma missão de três anos em África. Radiantes, passavam a porta do quartel em direcção a Luanda para depois regressarem a Lisboa, para junto das suas famílias.

António ficou por ali, a ver os camiões partir e a sonhar com o dia em que iria também viver aquele momento. Faltavam muitos dias. Tinha feito as contas e, a correr bem, os próximos 800 dias seriam passados ali no meio do mato longe de Venda do Sebo, longe de Amélia e da mãe.

- Então amigo, em que pensas?

- Estava a ver os jipes a partirem...

- Vá, não penses mais nisso, António - disse-lhe o amigo Joaquim Fortuna, adivinhando-lhe os pensamentos.

- O que é que estás a escrever, Joaquim?

- Estou a tirar apontamentos sobre tudo para não me esquecer de nada, quem sabe um dia escrevo um livro com as minhas memórias de guerra...

- Sabes, fiquei preocupado com a história das emboscadas...

- Pois, os pretos combatem assim e nós temos de ser mais espertos que eles... lembra-te do que nos disseram em Luanda: olhos e ouvidos abertos e coluna sempre cerrada quando andamos pelo mato. Mas não te preocupes que vamos voltar como aqueles que acabaram agora de sair. Pensa que aqueles que ali vão chegaram cá em 1966. Nessa altura eras muito mais novo, ainda corrias as estradas e os campos da tua terra, divertias-te com os teus amigos, namoravas com a Amélia e eles já aqui andavam.

Como vês, sobreviveram e ali vão. Passou o tempo deles como vai passar o nosso.

- Tens razão. Não há nada a fazer por agora. Estamos aqui e aqui vamos ficar.

Era altura de se instalarem, conhecerem os cantos à casa e saberem as funções que os esperavam. Joaquim Fortuna teve sorte. Ficou responsável pelas comunicações do quartel. Tudo o que era mensagens, em código ou não, era ele que enviava. Os graduados, conhecedores já dos seus atributos para a escrita, viram nele o soldado ideal para ficar no escritório de onde partiam e chegavam todas as mensagens que estabeleciam as comunicações com o exterior. Um escritório só para ele com uma cama, um armário, uma secretária e nada mais. Ficava com a certeza de que raramente iria sair em missões para o exterior. Ia ter tempo para se dedicar à escrita.

António fazia parte da companhia. Aos poucos foi ganhando a simpatia dos mais graduados. Era alto, forte e duro, dominava o cultivo e durante muitos meses foi o responsável pela horta do quartel. Trabalho só interrompido quando era preciso sair em missão para aldeias próximas e para combater o inimigo. As plantações ajudavam-no a passar o tempo, eram as suas fiéis companheiras. E aquele solo parecia feito para cultivar qualquer coisa. Tudo o que plantava pegava. António falava sozinho, tal como fazia em Venda do Sebo, com as bananeiras ou as mangueiras que via crescer.

Os longos dias passados no quartel a contar as horas e a assinalar no calendário mais um dia que era riscado com todo o cuidado iam amaciando os soldados e fazendo crer que o perigo não espreitava por ali. Era essa a estratégia da guerrilha que aproveitava a longa ausência para preparar ataques surpresa a tropas demasiado relaxadas pela falta de combate. Tempos mais agitados aproximavam-se. Naqueles meses, António aproveitou a calma para escrever cartas aos amigos e, claro, à sua mãe e a Amélia.

De Carlos sabia que estava em Pundenaar, Moçambique, e tinha-se tornado no homem mais solicitado do aquartelamento. A sua mão para a culinária já estava a fazer sucesso e nas missivas a António lá lhe dizia: «Hoje fiz a melhor caldeirada do mundo para os meus companheiros. Conquistei Moçambique pela barriga.», escrevia para gáudio de António que não conseguia evitar a gargalhada. Já de Brito não havia notícias. Carlos tinha ouvido falar que estaria para os lados de Tete, zona difícil de Moçambique onde os guerrilheiros da Frelimo faziam constantes ataques, mas nada mais.

21.

Querida Amélia,

Já passaram quase cinco meses desde que parti. Quando receberes esta carta, já devem ter passado as festas de Santa Eufémia. É a primeira vez desde que me conheço que não vou às festas. Ainda tenho comigo o teu cheiro dos longos abraços e beijos que demos o ano passado sob a protecção da santa. Como tenho saudades de ti e desses momentos. Mas já lá vão 180 dias, faltam mais de quinhentos, é certo, mas eu acredito que vão passar depressa e vou ter contigo. Espera por mim.

Por aqui está tudo bem. Formámos uma família, afinal estamos todos aqui pela mesma razão e todos temos família que deixámos para trás. É um sentimento comum que nos une, o das saudades, e por isso vamo-nos aguentando uns aos outros.

A minha horta está a crescer. Dei a uma laranjeira o teu nome: Amélia. Falo com ela todos os dias. Vejo-a crescer, dar frutos e digo que a amo. É a forma que encontro para estar perto de ti.

De resto, tudo normal. Já saí três vezes do quartel este mês. Se não fosse a guerra, acho que até gostava disto. É um país diferente. Tem paisagens lindas, vales, serras e planícies. A terra é fértil. Aqui há de tudo, e tudo se dá várias vezes ao ano.

Em localidades aqui perto há muitas famílias portuguesas a viverem em fazendas, ou roças como lhes chamam, com casas lindas. Os locais também são simpáticos. Gostam de nós, faz parte da nossa missão ajudá-los e tratar deles para ficarem do nosso lado. O perigo é mesmo no meio do mato, onde há guerrilheiros que atacam as tropas portuguesas. Já ouvi alguns relatos terríveis, mas felizmente à nossa companhia ainda não aconteceu nada.

Escrevi à minha mãe também. Tens cuidado dela? Vais visitá-la?

Nunca te esqueças de mim que eu jamais te esquecerei. Vivo para voltar para os teus braços.

Um beijo cheio de saudades,

António

Quipedro, 1 de Setembro de 1968

Em Venda do Sebo, o cenário tinha-se alterado. Chico também já tinha sido mobilizado, e, depois de três meses de instrução militar em Tancos, seguiu para a Guiné. Já Zé Pereira tinha cumprido o seu objectivo. No dia em que recebeu a carta para se apresentar, pegou na «trouxa» e deu o «salto» para o outro lado da fronteira. Por Castelo Rodrigo, ele e um amigo aproveitaram a calada da noite para atravessarem o rio sem se fazerem notar. Ironicamente foram levados pela corrente depois de escorregarem numa pedra e ainda vieram parar de novo ao lado português. Com o fôlego recuperado, desta vez não falharam a travessia a nado. Do lado espanhol, conseguiram apanhar uma boleia até Salamanca, onde tinham um amigo enviado pelo pai que os ia levar para França onde Zé Pereira

já se encontrava. Cumpria assim o prometido: para a guerra é que não ia.

Dos amigos mais chegados restava Osvaldo, agora com 32 anos. Já era dono da única tabacaria da terra, onde ganhava dinheiro suficiente para o manter confortável na vida. Dividia o seu dia-a-dia entre o trabalho, os jogos do Santa Combadense e a taberna do Manel, cada vez mais vazia de gente nova. Era frequente recordarem os jovens amigos que agora estavam na tropa. Onde será que estariam agora? Estariam a salvo?

Amélia preparava-se finalmente para começar a leccionar na escola primária de Santa Comba Dão. Com o curso de professora concluído com distinção, Amélia agarrava-se ao entusiasmo de ir começar a ensinar as crianças. Estava eufórica com a sua nova função. Ia ganhar dinheiro e com o seu esforço e dedicação começava a tornar-se independente. Era uma mulher respeitada por todos na terra, agora até a tratavam por Senhora Professora Amélia.

Mudanças de que ia dando conta a António nas cartas que lhe escrevia. No meio de palavras meigas e apaixonadas, ia pondo António a par das últimas da terra.

Como tinha prometido ao noivo, visitava regularmente Maria das Dores. Naquele dia tinham decidido escrever juntas uma carta a António. Ele ia gostar certamente. Em casa de Maria das Dores, o rádio estava sempre ligado. Já não era o velho aparelho que o marido tinha comprado em tempos em segunda mão. Amélia tinha feito uma surpresa à futura sogra e um dia apareceu-lhe com um rádio prateado novinho em folha comprado na Casa David em Santa Comba Dão. Maria das Dores não coube em si de contente. Era o objecto mais importante lá de casa, seguido, claro, da figura de Nossa Senhora de Fátima.

Estavam naquela tarde entretidas a ouvir variedades enquanto pensavam no que queriam escrever a António, quando a voz séria e

colocada de um locutor anunciava que «O Senhor Presidente do Conselho foi operado esta noite a um hematoma, sob anestesia local, encontrando-se bem.» O país rezava pelo seu chefe.

- O quê, Amélia? Percebeste alguma coisa?

- O vizinho fez uma operação à cabeça, foi o que percebi.

Maria das Dores nem queria acreditar no que estava ouvir. O vizinho, coitado, estava no hospital. Era certo que já era velhote como ela, mas parecia um homem tão rijo, tão forte. Havia de rezar pelas suas melhoras à sua Nossa Senhora de Fátima.

- Tenho de perguntar ao Armando que, como tem o televisor, deve saber mais coisas... - disse Maria das Dores, curiosa.

- Bem, vamos mas é escrever a carta ao António e contamos-lhe esta última novidade... - disse Amélia já com o papel e a caneta prontos para começar.

Querido António,

Estou aqui em casa da tua mãe para escrevermos uma carta juntas. Tenho muita coisa para contar acerca das minhas aulas e dos meus alunos que adoro e que já parecem quase meus filhos. E também acerca do teu amigo Chico que foi colocado na Guiné e do Zé que cumpriu o prometido e saltou a fronteira para ir ter com os pais. Deus os proteja aos dois. O Osvaldo continua igual, mas está um homem de negócios, abriu uma tabacaria com muito sucesso. Costumo lá ir comprar umas revistas de bordados. Mas não te conto mais nada porque nem imaginas o que acabámos de ouvir na rádio. O vizinho, o Dr. António de Oliveira Salazar, foi operado à cabeça e está no hospital. Não sei se se safa, já não vai para novo, mas a tua mãe diz que ele é de carne resistente. Ela diz que vai rezar à santa, mas eu aqui que ninguém nos ouve prefiro rezar para que essa guerra acabe e tu regresse rapidamente. Mal tenha novidades da saúde do vizinho, volto a escrever-te.

Um beijo das tuas

Mãe e Amélia

7 de Setembro de 1968

O que é certo é que nem a santa valeria a Salazar. Depois de cair de uma cadeira de lona no Estoril e de sofrer uma intervenção cirúrgica, Salazar sofre um desmaio e vê a sua saúde piorar com uma hemorragia no cérebro. Fica assim definitivamente impedido de voltar a governar. É com pesar que Américo Tomás dezoito dias depois exonera Salazar do seu cargo e nomeia Marcello Caetano para o substituir. O vizinho tinha governado durante 40 anos, quatro meses e 28 dias.

22.

-P assaram três meses desde a última carta dele e nada... não soube mais notícias, Amélia. Terá acontecido alguma coisa?

- Nada, não se preocupe. As más notícias correm rápido e se lhe tivesse acontecido alguma coisa nós já sabíamos.

- Pois eu bem ouço na rádio, eles não dizem nada, não trazem notícias, só boas, parece que corre tudo bem por lá, não é, Amélia?

- Pois é - disse a futura nora com o coração carregado.

Oswaldo, que continuava metido nas politiquices, já a tinha avisado de que a censura cortava muita informação do que realmente se passava na guerra em África. Ao princípio nem acreditou, achou que era mais uma maluquice de Oswaldo, mas o que é certo é que na televisão e na rádio as notícias eram sempre boas e optimistas, mas as cartas de António revelavam-se cada vez menos positivas.

Amélia tinha recebido uma carta de António que não partilhou com a futura sogra para não a afligir, mas o tom dele tinha mudado. O optimismo em relação à guerra tinha desaparecido, já não falava de acções de pacificação, mas de guerra, descrevia-lhe coisas atroztes com as quais ela, agarrada ao seu terço, perdia horas de sono.

Chegava mais um Dezembro e todos os dias Maria das Dores, às quatro da tarde, colava-se religiosamente ao rádio da cozinha para ouvir se o filho dedicava pelo menos uma música a Amélia, sinal de que estava vivo. Era o programa de rádio mais aguardado pelas famílias portuguesas. Músicas dedicadas por soldados no Ultramar às noivas ou à família, com saudades e sinais de que estavam vivos e bem de saúde.

Desde Setembro que António já ia na segunda missão no mato. A primeira demorou 40 dias. Foi mais de um mês fora do quartel sem possibilidade de dar notícias. Quando chegou escreveu a Amélia, mas pediu-lhe para não dizer nada à mãe. Dava-lhe conta de emboscadas e da perda de oito companheiros que tinham perdido a vida, ali à sua frente, sem que ele ou alguém pudessem fazer alguma coisa.

António estava feliz por regressar ao quartel são e salvo. Mas havia qualquer coisa em si que começava a mudar. Tinha ido para ali defender a pátria e salvar vidas, mas a única coisa que via à sua volta era destruição, eram vidas a serem ceifadas sem sentido, de um lado e de outro, aldeias queimadas. Mal sabia António que em Lisboa muitas destas mortes eram camufladas com acidentes de viação por parte do Governo. Um manto de silêncio e de mentira, para encobrir a verdade nua e crua: havia tropas portuguesas a morrerem em combates, em autênticas chacinas, emboscadas por tropas guerrilheiras. A guerra era de facto uma fatalidade, como uma vez o seu vizinho lhe dissera. Então por que raio é que ali estava e continuava? Com Marcello Caetano na cadeira do poder nada tinha mudado na política colonial.

Era com o amigo Joaquim Fortuna que António desabafava. Para que servia a guerra, porque matavam indiscriminadamente pessoas, porque sofriam ataques tão ferozes quanto violentos? Em nome de quê? Em nome de quem?

Amélia conhecia de cor o seu noivo e não foi difícil sentir esta revolta nas cartas que este lhe escrevia. O discurso apaixonado e entusiasmado começava a dar lugar a dúvidas. António já não falava da horta, da laranjeira a que deu o nome de Amélia, mas sim das missões no mato, dos ataques e dos companheiros perdidos.

A 1 de Dezembro, António estava de novo em acção. Longe iam os tempos de calma no quartel. Uma nova missão, nova travessia do portão do quartel em direcção ao mato, em direcção ao desconhecido. Quando partia olhava para a cara de cada um dos companheiros, tentava decorar-lhes os traços do rosto, nunca sabia se voltaria a vê-los...

Muitas vezes tinham de deixar os camiões no meio do mato para subir a pé pelos rios ou por estradas ladeadas de árvores frondosas. Passo a passo em filas dos dois lados da estrada ou dos rios, olhavam atentamente para tudo o que mexia. Às vezes o esvoaçar assustado de um pássaro era o suficiente para os atirar ao chão de arma em punho e prontos a disparar.

Naquele dia a missão era chegar a uma aldeia perto de São Salvador, mais a norte, onde se dizia que estavam alguns guerrilheiros infiltrados e a cobro da população.

O ataque foi ao nascer do dia. De surpresa, quando ainda todos estavam a dormir. Uma corrida desenfreada com entradas de rompante por cubatas onde homens, mulheres e crianças acordavam estremunhados. De repente, o amanhecer silencioso tornava-se ruidoso e sangrento. Ouviam-se tiros, gritos, homens a correr, mulheres sentadas e paradas com armas apontadas à cabeça.

Crianças com olhos grandes e esbugalhados, assustadas e sem reacção.

António e os seus companheiros tinham ordens para não perdoar ao mínimo sinal suspeito. Eram avisados de que no momento em que perdoassem, ou sentissem pena da população, podiam ser surpreendidos e mortos sem dó nem piedade por aqueles que antes tinham poupado. O sargento, homem experiente no mato e duro de roer, lembrava-lhes sempre que estavam em guerra, local onde não havia amigos, só inimigos. António respeitava o sargento, que era um homem grande, pouco falador, que, segundo rezava a história contada em voz baixa entre companheiros, estava em Angola há quase sete anos. Missão atrás de missão, sem querer regressar a casa. Alguns soldados diziam por entre risos que era porque a noiva tinha casado com outro.

Perdido no meio do fumo e dos gritos, António entrou numa cubata. Arma em riste, pronta a gatilhar. Aos gritos deu conta de que o único alvo que tinha debaixo de mira era uma jovem mulher. Cabelos pretos, cara serena, pele cor de chocolate. Sentada tranquilamente no chão, olhava fixamente António à espera da morte que julgava anunciada. Não havia medo nos seus olhos de azeitona. Estava serena.

António parou. Pensava nas palavras do sargento. Mas hesitou, não via ali um inimigo, apenas uma mulher indefesa, e não foi capaz. Ao lado da jovem, reparava agora, estava uma senhora de idade, pele rugosa, cor negra acentuada, cabelos brancos, de olhos no chão como se a sua vida já não contasse. Por uns segundos, pensou na sua Amélia e na sua mãe. Podia ser a sua querida mãe a estar ali com uma arma apontada à cabeça. O seu coração ficou desfeito, mas de voz rija, como tinha aprendido na instrução militar, gritou como pôde:

- Os outros, onde estão?

- Estava aqui só o meu tio. Fugiu.
- E tu, quem és?
- Ninguém. Estou aqui.
- Levanta-te com as mãos no ar.

Enquanto a mulher se levantava, ajudando a senhora idosa a fazer o mesmo, António não deixou de reparar no seu corpo esguio, seminu, nos seios perfeitos e na sua cara de uma beleza exótica, como nunca tinha visto por aqueles lados. Teria pouco mais de 20 anos, e um olhar fulminante devidamente aparado por longos cabelos que lhe caíam pela face até ao peito.

- De onde és?
- De São Salvador.
- Há aqui guerrilheiros?
- Nesta aldeia, não. É tudo gente boa. Não queremos guerra.
- Temos ordem para levar toda a gente.
- Vão levar-nos para onde?
- Fazes muitas perguntas, anda mas é.

António voltou a ficar em silêncio. Lá fora ainda os gritos, os tiros, as ordens em voz alta e as palavras, que agora pautavam o seu dia-a-dia: «Mata que é turra», a confundirem-lhe o raciocínio. À sua frente estava uma mulher e uma senhora. Indefesas. Não tinham saída diante de um homem de arma apontada. Estavam nas suas mãos. A um simples gesto de um dedo a carregar no gatilho que as deixasse ali esvaídas em sangue. Lá fora, o chão de terra cheirava a sangue. No meio das suas dúvidas, ouviu a voz do sargento:

- Soldado Ferreira, que se passa aí?
- Nada, meu alferes, verificação apenas.
- Então despache-se que há muito para fazer aqui fora.

António olhou de novo para ela. Não baixou a arma, mas foi incapaz de usá-la. Ainda se lembrava bem de como tinha sido matar o primeiro homem. Um sentimento de alívio agri-doce que lhe tinha dado a volta ao estômago. Não era como matar galinhas como pensava quando era mais novo e ouvia o avô contar as suas estórias de guerra. Foi uma sensação de vazio que lhe invadiu a alma e o coração enquanto os companheiros lhe davam palmadas nas costas pela sua estreia na arte da morte.

Não, não era capaz.

- Deixem-se estar aí até irmos embora. Vou dizer que esta cubata está limpa. Não saiam, nem façam barulho até nos irmos embora.
- Obrigada, meu senhor. Um dia pode ser que lhe agradeça ter-nos salvo a vida.

António recuou, olhou-a com compaixão. Baixou os olhos e a arma e saiu sem olhar para trás.

- Aqui não há nada, meu alferes...
- Aldeia limpa - ouviu os graduados dizerem.
- Está na hora de descansarmos um pouco antes de regressarmos ao quartel.

De roupas sujas e ensanguentadas, com o cheiro de morte colado à pele, entregaram-se ao descanso e duas horas depois estavam de partida para local combinado onde estariam os camiões prontos para trazê-los de regresso ao quartel.

Dulce cumpriu as ordens daquele soldado de olhar triste e não saiu da cubata com a tia. Enquanto ali estiveram, António não tirou os olhos da entrada com medo de que ela saísse e fosse abatida. Havia qualquer coisa nela que o tinha deixado perturbado. O olhar, o corpo, os cabelos, a cor negra mas amulatada, quase mel, tudo nela era perfeito.

Uma hora depois, António estava em cima do camião. Tinha conseguido salvar duas vidas no meio daquela guerra sem sentido. Um soldado à sua frente notou que António tinha um sorriso nos lábios.

- Admiro-te, pá - disse-lhe o soldado Garcia.

- Porquê? - estremeceu António que estava perdido nos seus pensamentos.

- Estás a sorrir. Depois de um momento destes, sorrir é a coisa que menos me apetece.

António conseguiu disfarçar os seus pensamentos.

- Saímos vivos. É por isso. É motivo para sorrirmos. Já perdemos colegas nossos numa missão como esta. Vamos todos, ninguém perdeu a vida. Missão cumprida sem baixas. Queres melhor motivo para estar contente?

O soldado Garcia baixou os olhos em sinal de concordância.

Mas o sorriso de António era por outra razão. Não conseguia afastar do seu pensamento o olhar denso e sereno daquela mulata que ele conseguira salvar. Pensava agora que, quando pudesse e tivesse possibilidade, gostaria de ir a São Salvador à sua procura. «Que ideia maluca», pensou entre um encolher de ombros.

23.

Querida mãe,

Como está de saúde?

Desculpe a ausência de notícias, mas não tive oportunidade de lhe escrever mais cedo. Tive ordem de marcha e no mato é mais difícil conseguir paz para lhe escrever. Não se preocupe que estou bem. Cansado desta guerra que fez de mim um homem. Há coisas de que nunca na vida me vou esquecer. Nunca pensei que a crueldade humana chegasse a tanto. Mxxxxxxxxxx. Crianças xxxxxxxxxxxx.

Desculpe o desabafo, mãe, e peço que sossegue o seu coração porque eu fico bem. Conte-me como estão as minhas árvores de fruto? As minhas galinhas e os porcos? Tem tido ajuda do Manel? E a minha Amélia como anda?... Ainda olha com lágrimas para o enxoval guardado no armário? Diga-lhe que não tarda nada estou de volta e estamos casados. Olho todos os dias para a sua fotografia para me dar alento e coragem para passar mais um dia.

Desejo-vos um feliz e santo Natal.

Um abraço cheio de saudade,

António

Quipedro, 20 de Dezembro de 1968

- Ai Amélia, não percebo nada disto... O que são estes traços negros na carta do meu filho que Deus o proteja?

- D. Maria das Dores, não sei! Se calhar caiu tinta em cima do papel!

As duas mulheres estavam longe da realidade e não sabiam que em Lisboa o lápis azul fazia questão de censurar tudo o que viesse perturbar a ordem pública ou a imagem de uma guerra bem-sucedida que o Estado fazia questão de passar.

- O Manel da taberna disse-me que em Lisboa abrem as cartas e cortam palavras - lembrou-se Maria das Dores.

- O Osvaldo também já me tinha falado disso. Acho que é a PIDE que lê todas as cartas. Mas não sei porque fazem isso. Será que as abrem todas?

- Parece que sim.

- Mas isso não está bem. Quem lhes deu esse direito de abrirem uma carta do meu filho que é para mim?

- Ó D. Maria das Dores, não faça muitas ondas que isto cada vez mais as paredes têm ouvidos e nós não queremos problemas com a polícia.

- Eu nunca dei problemas a ninguém, mas quero saber o que o meu filho tem para me escrever, não tenho esse direito, não? - disse, exaltada.

- Tem, todos temos esse direito, mas sabe como é. O nosso vizinho morreu e nada mudou. Continua tudo na mesma. E temos é de fazer a nossa vidinha e estar caladas. Já ouvi falar de muitos que foram presos e levados daqui para prisões lá fora. Não é nada connosco.

- Mas então mandam-nos o filho para a guerra e depois não podemos saber o que ele tem para nos dizer?

- Eles só querem que nós saibamos o que eles querem que se saiba. Não lhes convém que se fale em mortos, situações complicadas, sabe, coisas da política que nem eu sei explicar muito bem. Olhe, o que interessa é que ele está bem de saúde e o tempo está a passar. Já viu, já lá vão quase dois anos. Já deve faltar pouco para ele voltar. Vamos continuar a rezar pelo seu regresso a casa.

Amélia estava preocupada. António era um homem diferente, amargurado. Para ser sincera, cada vez que recebia uma carta sua tinha medo do que ia ler. Ela não queria saber da guerra, dos mutilados, das picadas, queria pensar no casamento, no enxoval, em filhos. Da última vez que lhe tinha escrito falou no casamento e dos seus planos para o futuro, mas ele não lhe deu troco na carta de resposta. Era guerra, guerra e mais guerra. Os seus dias eram passados na escola, com os pais e na companhia de Osvaldo que se tinha tornado num bom companheiro de conversa. Não havia dia que ele não viesse ao seu encontro, depois das aulas terminarem, para lhe oferecer uma revista de moda, dessas que também se liam em Lisboa e de onde ela tirava os figurinos para os vestidos, ou uma caneta nova para as suas aulas. Lembranças da sua tabacaria na tentativa de conquistar o coração da senhora professora que já se tinha esquecido da promessa que fizera ao noivo de não dar confianças ao amigo. Ora bolas, estava ali sozinha, sem companhia, que mal fazia dar dois dedos de conversa com Osvaldo? A mãe dela já tinha reparado naquela amizade, mas a filha garantiu-lhe que não era nada do que ela estava a pensar. Apenas um amigo que lhe fazia companhia na ausência do noivo.

24.

No quartel ao jantar, António não resistiu a contar ao seu amigo Joaquim Fortuna como tinha corrido a missão no mato. Em voz baixa falou-lhe da mulher morena, linda, que ele deixara na cubata.

- Não digas nada a ninguém. Não fui capaz de entregá-la. Só via a minha Amélia ali na frente e não conseguia imaginar o que seria se fosse ao contrário.

- Que fizeste?

- Nada. Disse-lhe para elas continuarem escondidas até nos irmos embora. Fiquei sem respiração quando a mandei pôr de pé. Tinhas de a ter visto. Alta, esguia, corpo esculpido pela mão de Deus. A cara tinha qualquer coisa de perfeito. Os cabelos longos, uns seios perfeitos...

- Estava nua? - espevitou Joaquim há demasiado tempo preso no quartel sem dar azo aos seus desejos carnis.

- Quase... Tinha apenas uma espécie de manto por cima. Estavam todos a dormir quando entrámos na aldeia.

- E não soubeste nada sobre ela?

- Não, apenas que era de São Salvador, nem o nome perguntei...

- Vejo um brilhinho nos teus olhos. Ficaste fascinado com ela. Cuidado, olha que tens a tua Amélia à espera!

- Nada disso, Joaquim. Era o que faltava. Mas sabes como é, estamos longe, já lá vão quase dois anos e um homem não é de ferro. Mas nem me passa pela cabeça ser infiel à minha Amélia. Apenas me marcou, nada mais. E sabes uma coisa?

- O quê?

- Hoje é o dia em que me sinto mais feliz desde que aqui cheguei.

- Então? Bem me parece que ela mexeu contigo.

- Não. Fiquei feliz por não ter entrado aos tiros na cubata e depois por não a ter entregado. Fiquei feliz porque, em vez de tirar uma vida, poupei uma vida. Cada vez dou-te mais razão. É como tu dizes. Esta guerra não faz sentido nenhum.

- Não faz mesmo, António. Já reparaste que já perdeste oito camaradas? Nem quero imaginar como estão as famílias deles lá em Portugal. E para quê? Em nome de quê? Isto é gente como nós. Estão na terra deles e nós estamos para aqui a matá-los e eles a nós.

- Bem, vou até à camarata. Vou escrever à minha mãe e à minha Amélia. Já não lhes dou notícias há vários dias. Devem estar aflitas.

- Ah, é verdade - disse o Joaquim. - Hoje tivemos a informação de que logo a seguir ao dia de Natal vão dar cinco dias de folga por

grupos à malta. Podemos ir dar uma volta. O que achas?

António ficou surpreendido com a boa nova.

- Ai sim? Não sabia. Se conseguirmos gozar as folgas juntos, que tal irmos a São Salvador?

- Estava mesmo a ver que ias dizer isso. Vamos lá ver se encontramos essa mulher de sonho. Até pode ser que tenha uma amiga.

- Ó Joaquim, cuidado, que tens mulher e um filho lá em Bragança.

- Um homem não é de ferro, não é como tu dizes, António?!

O Natal passou. No quartel a data foi assinalada com bacalhau que chegou da metrópole, bem como alguns brindes enviados pelo Movimento Nacional Feminino e muita animação. Vários praças prepararam um espectáculo musical. Havia vinho e cerveja com fartura, embora todos fossem avisados de que não havia direito a excessos. Foi uma noite de Natal diferente. António tinha sido um dos escolhidos para gravar uma mensagem pela televisão que passaria no último dia do ano na RTP. Ficou em êxtase quando viu o seu nome ser anunciado. A gravação seria feita no dia 25 de Dezembro. Tinha de se preparar e nada melhor que o seu amigo escritor para o ajudar.

- Tens de me ajudar. Não tenho jeito para falar, muito menos em frente a uma câmara de televisão.

- Não te preocupes. Aquilo é fácil. Eu ajudo-te.

- Vou já escrever à minha mãe e à Amélia. Não sei é se vão receber a carta a tempo. Podias tentar entrar em contacto com elas através das tuas transmissões e dos teus códigos. Já viste se elas não vêm...

- Vou tentar. Mando uma mensagem para Luanda e digo para avisarem a tua família. Fica descansado.

A noite foi mais longa que o costume. Praças e graduados conviveram até altas horas. Era noite de Natal e a todos tocava uma certa nostalgia apesar da animação que iluminava o quartel rodeado de mato escuro. António retirou-se cedo, ainda a animação estava no seu auge.

- Vou-me deitar.

- Então, tão cedo? - perguntou o amigo já animado por umas cervejas a mais.

- É amanhã a minha gravação e não quero aparecer em frente à câmara com cara de morto-vivo. Quero estar com uma cara fresca para a minha mãe e a Amélia não se assustarem - riu-se António, provocando uma gargalhada geral entre todos os camaradas.

Quando se deitou, era o único na camarata. Pegou na fotografia de Amélia e beijou-a. Debaixo da almofada tinha o lenço bordado com as iniciais de ambos, cheirou-o. Apesar do tempo ainda cheirava à sua Amélia. No silêncio da noite, dividia o seu pensamento entre a noiva e aquele mulata que tinha encontrado numa cubata perdida no meio do mato. O seu olhar denso e provocante que não lhe saía da cabeça desde a missão em São Salvador.

«Oxalá depois de manhã nos dêem a prometida folga. Gostava de lá ir procurá-la», pensou. Olhou para o crucifixo que a mãe lhe dera antes de partir e com o qual falava um pouco todas as noites antes de se deitar:

- Perdoai-me, meu Deus. Perdoa-me, Amélia, pelos meus pensamentos. Um bom Natal para ti.

O dia seguinte foi intenso. De manhã acordou e às 10 horas estava em frente a uma câmara a filmar a sua mensagem. Ao seu

lado uma fila de soldados que se preparava para fazer o mesmo. Todo o quartel estava a assistir à prestação dos eleitos para gravarem as mensagens. Foram momentos de grande descontração e muito gozo para quem assistia à «tremedeira» e enganos de quem gravava.

António foi dos primeiros:

- Para a minha mãe, a minha noiva, e toda a família e amigos desejo-vos um bom... Natal... ai, não é bom Natal é bom ano. Já me esquecia que isto é para passar no dia 31. Posso repetir? - perguntou atrapalhado perante a gargalhada geral dos seus companheiros.

Só à terceira vez é que conseguiu dizer tudo o que queria. Estava despachado e com as mãos todas suadas e nervoso, mais nervoso do que quando saía para uma missão no mato.

A seguir ao almoço foi distribuída a lista das folgas nos oitos dias seguintes. Seis dias para metade da companhia, outros seis para a outra metade. António e Joaquim Fortuna ouviram os nomes quase seguidos um ao outro. Não conseguiram evitar um olhar cúmplice. Enquanto uns iam para Luanda para aproveitar as noites quentes e animadas, regadas com a boa cerveja Cuca, António e Joaquim iam a São Salvador. Aquela zona do território estava assegurada e controlada por tropas portuguesas, logo não havia perigo algum. Joaquim estava entusiasmado por ir à procura da mulher de que António lhe falara com tanta emoção, e, principalmente, estava desejoso de sair do quartel. A sua tarefa nas comunicações satisfazia-o, mas ele gostava de sair mais do quartel, de ter mais acção. Então estava na guerra e nem um tiro tinha disparado!

Quando anunciaram a sua folga, António sentiu um aperto no coração e suores frios, quase o mesmo que sentiu quando deu o primeiro beijo a Amélia. Só pedia a Deus para conseguir encontrá-la. Achava que não ia ser difícil, mas ela podia não estar na aldeia. Só

vendo, como dizia a sua rica mãe de quem tinha tantas saudades. No dia seguinte, com um saco na mão para seis dias, seguiram até São Salvador. Ao fim da manhã já estavam na aldeia.

Procuraram uma estalagem barata e confortável, nada de luxos, mas comparada com o dia-a-dia do quartel era praticamente um hotel de cinco estrelas.

No dia seguinte correram a aldeia toda. Entraram em tudo o que era bar e café, no único restaurante, perguntaram nas mercearias, no talho, e a tudo o que era comerciante, foram ao mercado e até à estação de caminho-de-ferro.

Joaquim e António pareciam dois «polícias» vigilantes que olhavam para todas as caras que tivessem uma cor mais escura, cabelos compridos e um corpo a condizer. Quem os visse podia até pensar que eram da PIDE.

Joaquim já desanimava e desafiava António a desistir daquela ideia maluca.

- Vai ser difícil. Se calhar disse-te que era daqui e não era. Ou então não está cá. Vamos mas é beber umas cervejas e divertir-nos!

- É provável... Não sei que faça. Não tenho mais nenhuma referência.

- Temos de aproveitar estes dias. Se a tiveres de encontrar, não te preocupes que o destino encarrega-se de a pôr diante de ti. Se não, deixa lá. Daqui a pouco passam os seis dias e nem os gozámos.

- Mais uma vez, tens razão. Provavelmente nunca mais a vou ver. Paciência. Vamos ali ao bar beber umas cervejas que estou com sede. Este calor mata-me.

Sentaram-se nas cadeiras que se alinhavam na parte de fora numa esplanada improvisada. Pediram umas Cucas e ali ficaram a

saborear o momento e a deitar conversa fora.

- Então, António, ainda pensas na tua Amélia?

- Claro que sim. Vai ser a minha mulher e a mãe dos meus filhos.

- Mas esta mexeu contigo.

- Não sei. Reconheço que fiquei a pensar nela. Não sei se foi a beleza dela se foi o momento. Mas aquela cara, principalmente os olhos, não me abandonam.

- Percebo-te, amigo. Já me aconteceu isso. Antes de casar, conheci uma mulher que me pôs a pensar. Andei semanas sem saber o que fazer. Mas depois tudo passou. Ela era filha de um juiz lá da terra que teve de mudar de comarca e rumou ao Algarve. Nunca mais a vi. Mas foi remédio santo. Fiquei sem dúvidas, se continuasse a viver lá, talvez tivesse mudado o rumo da minha vida.

- Ficaste com pena?

- Na altura fiquei. Hoje dou graças a Deus. Tenho uma mulher que me ama e que eu amo, um filho fantástico e agora penso no que teria perdido...

- Pois é. Por isso também não tenho grandes dúvidas. A Amélia é a mulher mais bonita da terra. Não é por ser minha noiva, mas é mesmo. E acompanhou toda a minha vida como eu acompanhei a dela. Desde a primária. Parece que fomos feitos um para o outro. Seria incapaz agora de mudar tudo e deixá-la por quem quer que fosse. Além disso, está à minha espera para casar com um enxoval pronto e tudo.

- Posso beber uma cerveja aqui convosco?

A conversa foi interrompida por um homem branco de cara marcada pelo campo e pelo sol. António sabia reconhecer um

homem do campo.

- Claro que sim. Sente-se.

- Chamo-me Carlos Freitas. Vivo numa fazenda aqui perto.

- É de cá?

- Não. Nasci em Viseu. Os meus pais vieram para cá na década de 50 e por aqui ficaram, aqui morreram. Temos uma plantação de café. Desculpem intrometer-me mas ouvi-os falar e é raro ver portugueses da metrópole. Que fazem aqui?

- Somos praças no quartel de Quipedro, estamos a gozar seis dias de folga.

- E o que vos deu para virem para este sítio tão pequeno gozar estes dias em vez de irem para Luanda, para a diversão?

António ficou atrapalhado sem saber o que dizer, Joaquim sorriu e, mais experiente, foi rápido na resposta:

- Vontade de conhecer o país. Íamos sempre para o mesmo sítio, decidimos desta vez vir até aqui. Não sei se cá vamos ficar os seis dias. Para já estamos a descansar e a tentar esquecer o nosso dia-a-dia de fardas, serviços e muitas horas a olhar para o calendário a contar os dias que faltam para regressarmos a casa.

O homem, na casa dos 50, calções castanhos e camisa branca manchada de suor, ficou ali toda a tarde à conversa com eles. Explorava uma plantação de café, a Roça Teresa, em honra da sua mãe, onde tinha mais de 200 empregados.

- Como consegue viver aqui todos os dias? Com a guerra à porta?

-já me adaptei a isto. Casei com uma mulher de cá, tenho quatro filhos e todos os meses vou a Luanda. De meio em meio ano, meto-

me no avião e vou à metrópole passar uns dias em Viseu para rever amigos e família e estar por lá. Tenho uma vida boa.

- Nunca teve problemas com os turras?

- Apenas no início da década quando começou esta maldita guerra. Foi nesta zona que tudo começou. Mas agora não, tudo está mais calmo. Também há dois quartéis aqui perto e tenho cipaios que tomam conta da minha fazenda. Além disso, sabem que sou mais de cá que de lá. E trato-os bem. Esse é o segredo. Tenho os meus empregados como minha segurança de vida. Pago a horas, dou-lhes trabalho, exijo, mas também respeito os dias de folga que têm para visitar a família, sentem-se lá bem e isso é o suficiente para nunca ter tido problemas. Vêm-me como um dos deles. Nunca os escravizei nem tratei como tal. Esse foi o problema de muitos. Tanto os trataram mal que o feitiço virou-se contra o feiticeiro.

Joaquim já estava com a caneta em punho a escrever no seu caderno o que ouvia. «Que história!», pensava para com os seus botões.

- Você não é da PIDE, pois não? - atirou com algum receio Carlos.

- Claro que não - disse Joaquim por entre risos. - Trabalhava nos correios em Bragança, mas o meu sonho é ser escritor. Tiro notas de tudo. Vou escrevendo sobre a guerra, as pessoas daqui da terra... O meu sonho é publicar um livro. Quem sabe se sobre esta guerra que ninguém entende.

- Ninguém percebe. Já dura há quase dez anos este suplício. Temos mais força. Eles são muitos, mas menos preparados, mas lá vão apanhando alguns portugueses em emboscadas. Tem havido nestes anos autênticos massacres. Já vi de tudo por aqui. Que loucura! Só penso nas famílias destes jovens como vocês que vêm dos lugares mais recônditos de Portugal para este país tão diferente. Podiam vir para cá para viverem melhor, mas vêm para pegar em armas e matar tudo o que é preto e mexe.

António só abanava a cabeça em sinal de concordância. Já estava quase a cair a noite quando perceberam que as horas tinham avançado demasiado rápido.

- Bem, está na hora. Tenho de ir. Olhem, amanhã temos lá na fazenda uma matança de porco. Um dos meus irmãos faz anos e vamos lá juntar uma série de amigos. São meus convidados. Faço questão de os ter lá.

- Teríamos muito gosto, mas não queremos incomodar.

- Não incomodam nada. Somos muitos e mais dois, ou quantos fossem, não são problema. Onde estão instalados?

- Ali, na estalagem Rebita.

- Às 11 da manhã tenho um dos meus homens aí à porta com um jipe para vos levar. Espero por vocês. Agora não me façam essa desfeita.

- Combinado - responderam ao mesmo tempo António e Joaquim.

A caminho da estalagem regozijavam-se com o novo amigo, ainda por cima português.

-já valeu a pena vir para aqui. Gajo porreiro, este senhor Carlos. Vai ser um dia em cheio o de amanhã. Não encontrámos a mulata, mas pelo menos vamos comer e beber à fartazana como na nossa terra.

- Já merecíamos um dia assim - disse António.

25.

Amélia sentia-se triste. O Natal passara e o novo ano estava à porta. António continuava longe e as suas cartas eram cada vez mais espaçadas no tempo. Sozinha e dedicada apenas à escola, que lhe corria de feição, e aos pais, começava a ficar desanimada com o seu dia-a-dia, sempre um igual ao outro. Vagueava pela rua principal de Ovoa, com um olhar triste e distante, quando encontrou Maria das Dores:

- Então que faz por aqui, minha sogra?

- Vou à missa e aproveito para falar com o padre Jorge. Quero ir a Fátima pedir à Nossa Senhora que proteja o meu filho. Vou pedir a opinião dele. Não sei porquê, mas esta ausência de notícias anda a deixar-me preocupada. Estou com muito medo. Pressentimento de mãe.

- Eu também, para lhe ser sincera. O António escreve cada vez menos, conta só meias coisas, outras são cortadas, não sei. Se for a Fátima, acho que vou consigo. Sempre somos duas a pedir.

O padre Jorge, sempre amigo e conselheiro das almas perdidas da paróquia, aconselhou-as a ir. A fé era fundamental num momento como aquele pelo qual todo o país estava a passar. Maria das Dores ainda pensou ir a pé, para a penitência e o sacrifício serem maiores, que isto nas contas do Céu quanto maior o sacrifício maior o benefício, mas Amélia e o padre Jorge tiraram-lhe dali a ideia, iriam de camioneta.

- A senhora minha sogra já não tem idade, nem coração que aguente para percorrer aquelas estradas de terra batida cheias de pó.

- A Amélia tem razão. Apanhe mas é a camioneta e lá faça as suas preces. A pé é muito violento e a Nossa Senhora atenderá na mesma aos seus pedidos. O santuário servirá para acalmar a vossa alma e tenho a certeza de que virão mais leves e mais tranquilas - garantia o padre Jorge.

Ficou então combinado. No primeiro dia do ano, dali a quatro dias, ficavam com viagem marcada para Fátima.

- Pode ser que a Nossa Senhora nos ouça e ele regresse no novo ano. Pode ser que com este novo, o tal de Marcello Caetano, as coisas mudem e ponham fim àquela guerra - sugeriu Amélia.

- Não acredito nisso, minha filha. Mas acabem ou não, quero é que o meu filho regresse depressa e inteiro.

- Vou convidar os meus pais a virem connosco, pode ser que eles queiram. Assim vamos os quatro e nós sempre vamos mais acompanhadas que isto de duas senhoras a viajar sozinhas hoje em dia não sei se é boa ideia.

- Está bem, minha filha. Depois passa lá em casa para me dizeres as horas a que tenho de estar pronta.

- Esteja descansada. Dê-me a sua bênção.

Depois de deixar Maria das Dores, Amélia voltou à rua. Passou como todos os dias pelo banco no átrio da igreja onde se sentava com a cabeça encostada ao ombro de António, que lhe dizia carinhosamente «encosta-te a mim». Amélia não perdia o hábito de passar pelos locais que marcavam a sua história com António, era uma maneira de reavivar a chama da paixão. Passava pela porta do cemitério e, de quando em vez, espreitava no armário o enxoval que ia ganhando pó. Deixou-se estar por ali sentada no banco, sozinha sem ombro para se encostar quando ouviu alguém aproximar-se e chamar por ela. Era Osvaldo.

- Olá, Osvaldo. Andamos a encontrar-nos muitas vezes nos últimos tempos. Parece que sabes sempre onde me encontrar.

- É verdade. É sempre um prazer estar contigo...

De facto, era frequente Amélia cruzar-se com Osvaldo nos últimos tempos. Sempre que fazia o percurso entre a escola e a sua casa no fim das aulas, encontrava Osvaldo que, na maioria das vezes, lhe dizia um tímido adeus, outras arriscava a sorte e metia dois dedos de conversa.

- Então o António tem dado notícias?

- Vai dando. Agora menos que anteriormente. Tem saído mais para o mato e não tem tanta possibilidade de escrever.

- E como está ele?

- Tem dias. Às vezes parece mais animado, outras muito desolado. Enfim... Mas já passaram quase dois anos desde que ele partiu.

- Pois a guerra transforma as pessoas.

- Como assim? - perguntou, assustada, Amélia.

- Uns não voltam iguais, mudam com a guerra, com as mortes...

- O meu António não vai mudar, vai continuar a ser o mesmo homem carinhoso e gentil, amigo dos amigos e caridoso.

- Pois claro, um dia destes está por aí - animou-a Osvaldo. - Bem, vou andando, tenho uns clientes para visitar. Cumprimentos lá em casa e, se escreveres ao António, manda-lhe um abraço meu e diz-lhe que estamos com saudades. Gostei muito de te ver - rematou Osvaldo.

Amélia não era parva e notava os olhares de Osvaldo e a transformação que este tinha sofrido desde que António partira. Ao princípio não quis perceber, mas agora estes encontros deixavam-na com a pulga atrás da orelha. O que é certo é que Osvaldo tinha abandonado o seu ar mais grosseiro e agora parecia um senhor bem posto, dono do seu negócio de tabacaria e papelaria que lhe dava mais do que o suficiente para viver. Já raramente passava na taberna do Manel. Ia lá praticamente só às sextas-feiras à noite e às vezes ao domingo. De resto, a sua cabeça estava concentrada no trabalho. E, claro, numa qualquer oportunidade que encontrasse para falar com Amélia.

26.

A fazenda do novo amigo Carlos Freitas era enorme. Uma casa colonial de grande dimensão fazia a frente de uma colossal área de plantação de perder de vista. António e Joaquim sentiam-se na metrópole. Rodeados por muitos conterrâneos que ali viviam, famílias inteiras convidadas para a festa, homens, mulheres e crianças, gerações já nascidas e criadas em Angola, mesas bem recheadas, como não estavam habituados a ver no quartel, cerveja e vinho à descrição. Era incrível como num ambiente de guerra - talvez se aguçassem o ouvido conseguissem ouvir os tiros e gritos de combates que a poucos quilómetros dali ceifavam vidas - encontraram esta gente feliz, este ambiente de saúde e alegria. Por momentos ambos esqueceram a farda, a tropa, o quartel, as missões no mato, a guerra. Era como se estivessem em Venda do Sebo ou Bragança em casa de amigos numa animada festa.

- Quem é que vai comer isto tudo? - indagou António.

- Pelas minhas contas, estão aqui umas 30 pessoas, ou mais - disse Joaquim.

- Ainda assim. Tu já olhaste bem para esta mesa? Nunca vi nada assim.

- Este país tem uma terra tão fértil que dá para tudo e todos e ainda sobra.

- E olha a quantidade de empregados. Tu já viste bem?

- Para servir esta gente toda tem de ser. E andam todos com uma cara feliz.

Carlos Freitas fez as honras da casa. Apresentou-os como dois conterrâneos e foram tão bem recebidos que se sentiram logo em casa. As pessoas aproveitavam a ocasião para fazer perguntas sobre Portugal. Foi por entre abraços cúmplices e palmadas nas costas que trocaram lembranças e descobriram que alguns dos que ali estavam tinham raízes na região de Santa Comba Dão, outros em Bragança. As conversas andaram todas à volta da metrópole e sobretudo do futebol, o Benfica, o Glorioso, claro.

António e Joaquim sentiam-se no paraíso. Honrados e ainda a beliscarem-se pela sorte que tinham tido por encontrarem Carlos que lhes abriu as portas de sua casa. Aquele dia ali passado entre amigos foi como um bálsamo em relação ao que era o dia-a-dia do quartel. Parecia que tinham voltado a viver.

- Amigos, está na hora de provarem o café aqui da roça - anunciou o amigo Carlos.

- Venha ele - disse António, sentindo-se em casa.

- Minha querida esposa, pede à Dulce que traga o café. Garanto-vos que vão beber o melhor café da região. É o mais parecido que temos com a nossa bica na metrópole. É produzido aqui e tenho uma empregada que o sabe preparar como ninguém.

- Patrão, faço café para quantos? - perguntou a empregada.

António, que estava de costas a conversar com Joaquim e com um casal que tinha saído de Portugal há quase 10 anos, sentiu de repente um suor frio que lhe atravessou as costas e continuou pelas pernas. Reconhecia aquela voz, serena e suave.

A sua cabeça pedia-lhe para se virar, mas o seu coração tinha receio de confirmar aquilo que ele sabia. Era ela. Só podia ser ela.

Joaquim sentado do outro lado da mesa, de frente para Dulce, olhou para António e piscou-lhe o olho. Não percebeu quem era, quis apenas chamar-lhe discretamente a atenção para «a mulheraça» morena que ia fazer e servir o café. António nem se mexeu. Ficou inerte.

- Somos 30. Só a minha querida esposa é que não bebe. Vai lá fazer aquele cafezinho que só tu sabes fazer.

- Sim, senhor - obedeceu ela, orgulhosa com o elogio que o patrão lhe fazia em frente aos convidados. Desta vez tinha de se esmerar. Ia fazer melhor que nunca.

António olhava para Joaquim e percebia que o amigo e companheiro de quartel estava siderado com tamanha beleza. O coração tinha ganho. António não se virou e deixou-se ficar como estava. Inerte, sem reacção. Se calhar estava enganado, não era ela.

- Esta nossa empregada está aqui há oito anos. Já faz parte da nossa família. É de uma disponibilidade e habilidade tal que já não a dispensamos. Além disso, é a típica mulher angolana. Cor de chocolate, cabelos esguios, uma face quase desenhada. De uma dedicação extrema. Muito serena. Anda um pouco em baixo. O tio dela foi abatido numa operação militar recente. Mas ela salvou-se, nem sei bem como. Ainda está a recuperar do susto que apanhou, pois estava na aldeia quando esta foi invadida por militares portugueses. Mas vão ver como tenho razão. O café que faz é único.

Perante esta descrição, António tinha ficado sem dúvidas. Temia agora a reacção. Dele e dela. Será que ela ia reconhecê-lo? Talvez não. Ele, na altura do ataque, estava fardado com um capacete na cabeça e camuflado, só mesmo pela voz ela podia lá chegar como ele chegou.

Aqueles 15 minutos seguintes, tempo que mediou entre ir fazer o café e trazê-lo à mesa, tornaram-se demasiado longos. António estava dividido e sem saber o que fazer. Sentia o seu coração a palpitar. O seu grande objectivo de ter escolhido São Salvador para gozar os dias de folga estava ali à mão de ser cumprido. Mas não tinha imaginado encontrá-la assim, no meio de tanta gente. E se ela o identificasse e contasse ao patrão que ele também estava na operação militar que lhe matou o tio? Ainda há pouco, Carlos estava a falar de como tem havido abusos da força de lado a lado... É certo que não tinha disparado nenhum tiro, é certo que até a tinha salvo, mas não ia ser fácil sair daquela encruzilhada...

Joaquim ainda não percebera o repentino silêncio do amigo António que nem tinha compreendido o sinal que ele lhe tinha feito para ver a gazela que estava atrás de si. Aquilo sim era um mulherão. Nem lhe passou pela cabeça que aquela podia ser a razão daquela viagem a São Salvador.

Dulce voltou com uma enorme bandeja de estanho na mão e as chávenas possíveis, para a primeira rodada de café. Carlos Freitas disse-lhe para começar pelos convidados. Dulce foi colocando delicadamente as chávenas à frente de cada um. Chegava a vez de António que continuava inerte, com suor a escorrer-lhe pela testa. Passou por António, debruçou-se, pôs-lhe a chávena à frente e seguiu para o próximo convidado. Ele não levantou os olhos nem tão pouco agradeceu, como manda a educação, com receio que a voz dele fosse suficiente para ser reconhecido.

O amigo Joaquim deu-lhe um toque com os pés por baixo da mesa para que ele levantasse os olhos para ver a beleza da mulher

que estava a servir o café. Mas António não respondeu. Continuava cabisbaixo. Respirou fundo quando Dulce anunciou que ia à cozinha buscar os cafés que faltavam. Tinha mais uns minutos para pensar no que iria fazer. De olhos fixados na chávena intocada de café, sentia a sua cabeça andar à roda. «Mas que parvoíce», pensava «que raio, estou de pernas a tremer por causa de uma mulher, nem pela minha Amélia alguma vez me senti assim.»

Dulce estava de volta com mais cafés e aguardente para quem quisesse. Chegou a vez de servir Joaquim que, sentado mesmo em frente a António, continuava a piscar o olho e a fazer gestos para chamar atenção do amigo.

Foi nessa altura que Carlos Freitas se lembrou de dizer a Dulce:

- Estes nossos convidados são meus amigos desde ontem e garanti-lhes que este era o melhor café da região e o mais parecido com o que eles bebem na metrópole. Não me desapontes. Este senhor é o Joaquim e aquele é o António.

Não havia maneira de escapar. António encheu o peito de ar e levantou os olhos. Dulce parou. A bandeja tremia ao ritmo das mãos. Sem querer, deixou cair uma colher no chão. Afinal, ela não precisou de ouvir a voz de António, bastou, tão-somente, o olhar. Naquele instante relembrou o momento em que fixou o olhar em António de arma apontada à sua cabeça à espera da sentença final. Um olhar fixo que perturbou António. Esse mesmo olhar repetia-se agora, naquele instante.

- Então o que se passa, Dulce? Olhe que a colher caiu - advertiu a mulher de Carlos Freitas sempre atenta.

Assustada com a chamada de atenção, ela pediu muita desculpa.

- Vou já buscar outra colher.

Pousou os restantes cafés que faltavam e saiu a correr em direcção à casa.

- Está um pouco perturbada, coitada, com os acontecimentos da semana passada. Já vem aí outra colher, amigo Joaquim.

- Não tem problema. Eu espero.

Joaquim tinha percebido finalmente o que se passava com o amigo. Aquela só podia ser a mulher que tanto haviam procurado. A que o amigo tinha poupado. A mulher de sonho de que ele tanto lhe falava e que, agora, estava ali diante de ambos. Era, sem dúvida, muito mais bonita do que António descrevera. Joaquim ficou preocupado. Como iria António reagir naquele momento tão delicado?

António tinha perdido a cor e a fala. Já não ouvia as conversas animadas que continuavam a desenrolar-se à sua volta. Só pensava numa forma de poder falar com ela, a sós. Não sabia como.

A noite já tinha chegado, mas a festa durava, com alguns casais a dar ali, mesmo em frente à casa, um pezinho de dança. António aproveitou para pedir licença e se levantar da mesa, seguido por Joaquim, que anunciou que depois de tanta comida e de tanta bebida tinha mesmo de esticar as pernas e andar para fazer a digestão. Na realidade, estava ansioso para falar e ajudar o amigo.

- É ela, não é?

- Sim - respondeu António ainda sem saber como verbalizar os seus pensamentos.

- Então, e agora que vais fazer?

- Não sei. Gostava de falar com ela. Mas aqui é impossível.

- Temos de arranjar uma forma. Vai ao quarto de banho lá dentro de casa. Pode ser que te cruces com ela.

- Estão lá muitas mulheres. Não tenho coragem. Podias ir tu e perguntar-lhe se tem forma de amanhã ir à vila.

- Vou tentar.

Minutos depois, Joaquim regressou. O sorriso que trazia nos lábios anunciava boas notícias.

- Está tudo tratado. Já te conto tudo no caminho para a pensão.

António ganhou novo ânimo. Sem saberem como, ambos foram puxados para a pista de dança improvisada onde todos dançavam. Regressaram a São Salvador já passava para lá das 22 horas. Estavam exaustos, mas felizes. Pela primeira vez desde que estavam em África tinham-se divertido e sentido um pouco o cheiro, o sabor e o calor humano da metrópole.

Já na pensão, Joaquim finalmente explicou tudo a António, que não cabia em si de curiosidade.

- Ela amanhã vem ao mercado com a patroa. Depois fica por aí umas duas horas enquanto a mulher do Carlos Freitas vai visitar umas amigas que tem aqui. Temos de estar à porta do mercado às 11 da manhã. Agora vamos dormir que já não posso mais das pernas.

Joaquim pedia-lhe o impossível. Como é que ele conseguiria dormir no meio daquele turbilhão em que se encontrava? Impossível. Permaneceu de olho aberto, a olhar para a ventoinha do tecto que tentava quebrar sem sucesso o imenso calor da noite e a ouvir o companheiro rressonar. O Joaquim é que era bom para a escrita, mas ele tentava a todo o custo pensar no que iria dizer amanhã a Dulce. Que bonito nome!

No dia seguinte às 11 em ponto, Joaquim e António estavam à porta do mercado. António estava fascinado com a quantidade de bancas e com a variedade de produtos que ali se vendia. Alguns nem sequer percebia bem o que eram. Mas agora não havia tempo para indagar. Deixaram-se ficar um pouco mais longe à espera de verem sair a mulher de Carlos Freitas e Dulce.

Passaram cerca de cinco minutos quando ambas abandonaram o mercado carregadas de sacos que puseram na parte de trás do jipe. Dulce despediu-se da patroa e viu-a arrancar de carro. Mal perdeu de vista a viatura, começou a olhar para todo o lado. Estava à procura de António.

- É agora, amigo. Vai lá ter com ela - disse Joaquim.

- E tu não vens? - perguntou sem pensar.

- Não precisas de mim para nada, amigo. Quando a deixares, vai ter comigo à tasca onde estivemos anteontem. Vou ficar por ali a escrever.

António dirigiu-se em passo apressado ao encontro de Dulce. Aqueles 20 metros que o separavam dela pesaram-lhe nas pernas. Não sabia como começar a conversa. Tinha treinado, durante a noite de insónia, tantos discursos. Tantos começos de conversa. Mas a única coisa que lhe saiu foi:

- Dulce.

Finalmente estavam frente a frente, sem gente à volta, sem olhares conhecidos e sem armas apontadas.

- Olá, como vai? - respondeu ela respeitosamente.

- Como vai? - António estendeu-lhe a mão, mas na verdade era um abraço que desejava dar-lhe.

Mas ali à porta do mercado não era boa ideia um branco e uma negra abraçarem-se...

- Vamos sair daqui para conversarmos - disse António.

- Venha comigo. Ao virar daquela esquina há um descampado onde podemos passear um pouco. Tenho duas horas livres até ir ter novamente com a minha patroa para regressar à fazenda.

O encontro entre os dois durou duas horas. Mas para António passou demasiado rápido. António ouviu palavras de agradecimento sem fim por parte de Dulce.

- Jamais o poderei esquecer. Poupou a minha vida e a da minha tia.

- Lamento muito pelo seu tio, mas sabe como é, as guerras têm destas coisas incompreensíveis.

Ao longo daquele tempo vaguearam por um descampado debaixo de um sol intenso e uma humidade penetrante. António e Dulce aproveitaram o momento para desfiarem o rosário das suas vidas. Ela contou-lhe tudo sobre as suas origens, o seu imenso país e como tinha chegado até ali. Como os seus pais, que morreram num ataque dos turras, já trabalhavam para Carlos Freitas e como ela tinha ficado, depois de órfã, à sua guarda.

- Somos bailundos e os turras da UPA, quando começaram a guerra aqui nesta zona, massacravam colonos e também a nós que éramos empregados. Não faziam distinção de cor. Chacinaram muita gente e os meus pais não escaparam. Tinha 10 anos e vi-os morrer à minha frente.

Por sorte Dulce tinha conseguido escapar e o casal Freitas responsabilizou-se a partir daí pela sua educação. Estudou até ao sétimo ano e depois fez um curso de corte e costura. Vivia com eles desde sempre e já era considerada da família.

- Conte-me como é a sua terra - pediu Dulce.

António saciou-lhe a curiosidade sobre a metrópole, e falou-lhe de Santa Comba Dão, do Vimieiro, dos amigos, da mãe...

- E não tem saudades?

- Claro que tenho, mas estou aqui a cumprir o meu dever.

- Matar pessoas?

António ficou perplexo com a pergunta. Não era nenhum assassino.

- Não, não, estou só a cumprir o meu dever para com a pátria mesmo que não concorde com esta estúpida guerra que já ceifou a vida de demasiada gente.

- Somos todos portugueses, vocês na vossa terra, nós na nossa vivemos juntos há muitos anos e andam-se a matar uns aos outros. Não faz sentido - condenou Dulce.

Já em fim de conversa António ganhou finalmente coragem.

- Sabes uma coisa?

- Não...

- Para mim já nem tudo é mau nesta maldita guerra.

Dulce adivinhou-lhe o pensamento, sorriu envergonhada, mas ainda assim quis ouvir da boca dele.

- Então porquê? Na guerra nada é bom.

- Porque pude conhecer-te. Desde a primeira vez que olhei para os teus olhos que pude perceber quanta beleza estaria dentro de ti. E agora confirmo que és tão bonita por fora como por dentro.

Dulce não conseguiu disfarçar a emoção. Agarrou-lhe na mão e disse-lhe:

- Tenho uma dívida de gratidão para com o senhor.

António não conseguiu controlar as emoções e muito menos as palavras.

- Não me trates por senhor. Chamo-me António. Não consigo tirar-te da minha cabeça. Desde que nos encontrámos que tenho pensado em ti dia e noite. Vim aqui nos meus dias de folga só para te procurar, para te ver... Posso voltar a ver-te amanhã?

- Amanhã a partir das cinco da tarde estou de folga por dia e meio. Era a noite que eu reservava para ir àquela aldeia onde me salvou levar mantimentos aos meus tios. Como a minha tia agora está comigo na fazenda, já não tenho de lá ir. Os teus companheiros tiraram-me isso.

- Só tenho mais três dias aqui. Depois tenho de voltar ao quartel - disse António.

- Só uma coisa - disse Dulce. - Eu vou contar aos meus patrões que vou ter contigo amanhã. São quase meus pais e não posso mentir.

- E eles vão colocar algum problema? Estive lá em casa, fui convidado e não podem achar que me aproveitei do convite.

- Não te preocupes. Eu falo com a minha patroa. Agora tenho de ir.

António estendeu-lhe a mão, em sinal de respeito, mas depois do aperto suave não resistiu e puxou-a até si. Ficaram olhos nos olhos, envolvidos num abraço que pedia mais. Dulce saiu a correr em direcção ao mercado, mas parou a meio do caminho, olhou para trás

e viu António parado exactamente na mesma posição. Não resistiu, voltou atrás e juntou os seus lábios aos dele, num beijo suave.

- Aguardo o dia de amanhã - sussurrou-lhe ao ouvido.

Correu como uma gazela pelo descampado em direcção à porta do mercado onde a patroa estaria a chegar para a levar de volta à fazenda. António, com o sabor dos lábios dela na boca, deu um grito de alegria. Ninguém o ouvia, apenas ele e alguns pássaros que se assustaram. Em passo acelerado, correu para a tasca ao encontro do amigo Joaquim. Estava eufórico. Sentia uma alegria como há muito não sentia. Era impossível conter tanta felicidade.

- Manda já vir duas Cucas para comemorarmos.

- Então, como correu?

- Bem, Joaquim. Ela é linda, enche-me o coração e amanhã vem ter comigo às cinco porque está de folga.

- Oh Ia la... vejo que correu até bem de mais.

Já de Cuca na mão, António partilhou com o amigo os pormenores do encontro.

- Deu-me um beijo nos lábios. Olha, nem te sei explicar. Há muito que não sentia isto.

- Desde que beijaste a tua Amélia? - lembrou-lhe Joaquim quase como que espetando-lhe uma faca no coração.

António mudou a sua expressão.

- Pois é. É mesmo. A minha Amélia. Nunca me passou pela cabeça isto acontecer.

Joaquim não quis «massacrar» o amigo e estragar aquele momento:

- Não te preocupes, António. Goza este momento. A Amélia está lá longe, são muitos meses de afastamento e é normal o que estás a sentir. Agora aproveita bem e vamos beber para comemorar. Mas olha, logo à noite vamos aí a um sítio que o José, aqui o dono da tasca, já me disse que é bom. Tem música africana e param lá umas mulatinhas giras. Que eu também sou gente, amigo!

- Ok. Logo à noite, está marcado. Agora só quero ocupar bem todas as horas para passarem o mais depressa possível. Já só penso na tarde de amanhã.

Por ali ficaram toda a tarde... António não sabia o que pensar. Queria escrever à mãe e a Amélia para contar como estava a aproveitar aqueles dias de folga que antecediavam o novo ano, mas não sabia o que dizer. Estava envergonhado consigo próprio, o que estava ele a fazer? Mas há alturas em que o coração é mais forte que a razão e não há nada a fazer. António não conseguia controlar o que sentia quando pensava em Dulce. Estava ali, na guerra, separado da sua noiva por muitos quilómetros.

27.

A noite durou até às tantas. Nunca António e Joaquim tinham dançado tanto. Joaquim então estava eufórico. Dançava, bebia e deliciava-se com a beleza das mulheres angolanas que mexiam o corpo ao som da música como ele nunca tinha visto. Com um copo a mais que o devido, caíram os dois na cama do quarto da pensão Rebita já passava das quatro da manhã. Acordaram com um peso na cabeça já a hora de almoço tinha passado. António olhou para o relógio e deu um salto da cama. Joaquim, que ainda dormia a sono solto, assustou-se.

- Que foi, homem?

- Não foi nada. São duas da tarde. Daqui as três horas temos de estar na tasca do José. Ela vai lá ter. Ainda nem almoçámos. Vamos tomar um banho e almoçar. Vá anda, já é muito tarde.

A custo lá se levantaram. Às cinco em ponto estavam sentados na improvisada esplanada da tasca do José. António explodia de ansiedade.

- Então afinal quais são os teus planos? Ela fica contigo esta noite?

- Não sei, Joaquim. Sei lá bem o que vai acontecer. Vamos deixar andar.

- Eu por mim vou outra vez para o baile logo à noite. Posso chegar mais tarde que ontem para estares à vontade, mas depois diz-me o que fazer. Não vou ficar a servir de candeeiro entre os dois!

- Não te preocupes. Primeiro vamos ver o que isto dá. Depois logo decidimos como fazer.

Já passavam dez minutos depois da hora prevista, quando ouviram ao fundo da estrada o barulho de um jipe que se aproximava. Era Carlos Freitas. Chegava à tasca e no banco do lado trazia Dulce.

- Ó diabo. Já deu chatice, tu queres ver... - disse Joaquim.

António ficou lívido. Passou-lhe logo pela cabeça que ela tinha contado tudo como prometido ao patrão, que não tinha gostado e agora vinha tirar satisfações.

- E agora? Que embrulhada... - temeu Joaquim.

Carlos Freitas saiu tranquilamente do carro. Dulce também. Com uma garrafa de vinho na mão, o amigo da fazenda cumprimentou-os.

- Então, amigo António. Trago-lhe aqui a Dulce, como vocês combinaram e trago-lhe também esta garrafa de vinho como forma de agradecimento.

António sentiu uma enorme sensação de alívio.

- Podia ter-nos contado o que aconteceu. Eu e a minha mulher estamos-lhe eternamente agradecidos. Afinal foi você que lhe poupou a vida. Sabe que ela é quase como nossa filha. Ontem contou-nos tudo o que aconteceu e também o vosso encontro da manhã. Não me oponho, ela já é senhora da sua vida, mas... peço-lhe que a trate bem.

António não sabia o que responder.

- Sou um ser humano como os outros e ando nesta guerra porque me obrigaram. Peço-lhe desculpa por não ter dito nada no jantar. Espero que não tenha levado a mal, mas não me ficava bem enaltecer um gesto meu que, tenho a certeza, outro qualquer faria.

- Não sei se todos o fariam. O que sei é que você o fez e poupou não só a vida dela como uma tristeza imensa que nos invadiria se a perdêssemos. Trago aqui esta garrafa de vinho para vocês os dois. É o meu agradecimento.

- Nós é que temos de lhe agradecer a sua hospitalidade e os bons momentos que ontem nos proporcionou. Momentos como não tínhamos desde que saímos da metrópole.

- Nada disso. A minha casa estará sempre de portas abertas. Aliás, amanhã já estão convidados para jantar e não aceito um não como resposta.

- Mas nós não queremos incomodar.

- Não incomodam nada. É uma ordem. Dulce, estás entregue. Amanhã lá vos espero.

Meteu-se de novo no jipe e Dulce ali ficou. De sorriso aberto. Jantaram juntos e à noite Joaquim fez o papel dele.

- Bem, vou ter com uns amigos ali ao baile. Até logo. Regresso tarde.

António e Dulce ficaram finalmente sozinhos. Vaguearam pelas ruas de terra batida mal iluminadas da aldeia de São Salvador. Conversaram como se se conhecessem há anos. António pegou-lhe na mão e levou-a até à porta da pensão. Dulce deixou-se levar. Já tinha sentido que o destino não podia ser outro. Tinha o coração e a vida entregues a António. Naquele momento, António não pensou em Amélia. Não pensou em nada, só em satisfazer o imenso desejo que lhe invadia o corpo.

Não acenderam a luz do candeeiro a óleo do quarto. Entraram na escuridão, abraçaram-se, beijaram-se e foram-se lentamente despindo um ao outro. Já de corpos nus, caíram em cima da cama. Foi uma longa noite de paixão. Eram já quatro da manhã quando Joaquim chegou. Abriu devagar a porta do quarto, pois não sabia o que ia encontrar. Quando viu António e Dulce abraçados a dormir numa das camas do quarto, sorriu. O amigo tinha um ar sereno e feliz. Joaquim resolveu deixá-los sozinhos e foi à porta da pensão, num banco de madeira, que passou o resto da noite. O que não se faz por um amigo!

António acordou com os primeiros raios de luz. Sorriu ao olhar para Dulce que dormia tranquilamente nos seus braços. Que mulher! Mas o seu momento de felicidade foi atraído pelas suas recordações. Ali deitado lembrou-se de Amélia, de como esta se estava a guardar para ele, para a noite do casamento. Como lá longe, em Ovoa, não imaginaria que o seu noivo tinha feito amor durante a noite toda e agora acordava abraçado a uma preta.

Dulce acordou e António não quis que ela percebesse a sua angústia. Depois de um prolongado beijo, levantaram-se e foram tomar o pequeno-almoço. Encontraram Joaquim, de roupa amassada e olhar de quem não tinha dormido nada.

- Então, amigo Joaquim, isso é que foi uma noite de folia...

- Digo o mesmo ao pombinho apaixonado. Graças a ti, dormi ali no banco de madeira e olha que não é nada confortável...

A última noite em São Salvador passaram-na a jantar em casa de Carlos Freitas, que começou a noite com um brinde aos dois convidados. Agradeceu com palavras sentidas o acto heróico de António e a amizade de ambos que, garantia, era para a vida.

- Espero que regressem sempre. Desejo-vos sorte para esta guerra cada vez mais dura. Protejam-se e estejam sempre atentos.

Joaquim fez as honras do discurso de agradecimento em seu nome e de António.

- De 15 em 15 dias temos três dias de folga ao fim-de-semana. Faremos questão de vir cá sempre visitar-vos e aproveitar a vossa boa amizade.

No final da noite, António despediu-se de Dulce. De mãos dadas em frente à casa grande fizeram juras de amor. António garantiu-lhe que a viria ver sempre que pudesse. Dulce fez-lhe prometer que iria ter cuidado e não se meteria em confusões. A despedida foi difícil.

Já perto das 23 horas, António e Joaquim voltaram para a pensão. No dia seguinte bem cedo tinham de regressar ao quartel. Era o último dia do ano. Ainda antes de adormecerem, Joaquim questionou António.

- Tu disseste-lhe que tinhas uma noiva à tua espera na metrópole?

- Não fui capaz. Não encontrei um momento certo para lhe contar. Fiquei sem coragem depois de o Carlos me pedir para a tratar com respeito.

- Pois agora, mais vale não contares. Eles não iam gostar. Seria uma desfeita.

- Não vou contar. E tu também não contes a ninguém. Nem no quartel podem saber o que aconteceu aqui. Vamos continuar a vir e ninguém precisa de saber. Sabes como é, os graduados não querem relacionamentos com as nativas.

- Combinado. Mas o que é que vais fazer? Isto é a sério, António, ou é só para matar o desejo?

- Não sei, Joaquim, estou confuso. Só sei dizer que ao pé dela sou feliz. Sinto-me bem.

- Pensa bem, António, daqui a nada a guerra acaba e...

Apagaram a luz. No dia seguinte, a 31 de Dezembro de 1968, às 12 horas entravam de novo pela porta de armas do quartel. Para trás tinham ficado cinco dias inesquecíveis e uma paixão que tinha ferido como uma seta o coração de António.

28.

Amélia entrou em casa a correr. Um «boa tarde, mãe», fugido em direcção ao quarto, era o ritual que se repetia sempre que chegava carta de António.

- Depois vem-me contar as novidades, filha - disse-lhe a mãe, habituada a esta excitação com a vinda do correio.

Amélia nem ouviu o fim da frase, já estava a bater com a porta do quarto e a atirar-se para cima da sua colcha de renda que cobria a cama.

Querida Amélia,

Quando receberes esta carta já estamos no novo ano. Espero que tenhas entrado bem e nas tuas 12 passas me tenhas incluído como desejo.

Estou de volta ao quartel depois de ter gozado folga numa aldeia chamada São Salvador. Fui com o meu amigo Joaquim. Tivemos sorte porque conhecemos aqui um senhor, que é português mas já

vive cá há muitos anos, que tem uma fazenda enorme. Passámos lá o dia numa festa com tanta gente e tanta comida que não podes imaginar. Fartei-me de dançar e conversar. Senti-me fora da tropa, em casa, como se estivesse aí na metrópole. É engraçado como aqueles dias me estão a fazer gostar um pouco mais deste país que conheço mal. Também é tão grande! Eu já vivi dias piores por estes lados. As pessoas são simpáticas, os nativos recebem-nos bem nas cidades, há pessoas daí da metrópole que estão cá há muitos anos e vivem muito bem.

Sinto-me mais aliviado, mais animado. E por aí? Como estão as coisas? A minha mãe? As tuas aulas? Mal possa, escrevo-te novamente. Fica bem.

Um beijo,

António

31 de Dezembro de 1969.

Quando Amélia acabou de ler aquela carta, as lágrimas caíam-lhe pelo rosto. Quem era aquele que lhe escrevia? Não era o noivo. Onde estavam as palavras apaixonadas e carinhosas de outrora? Um beijo? Onde estava o pedido habitual para ela não o esquecer, para esperar por ele? António andava a divertir-se com o seu amigo, a ir a festas e almoços e ela ali em Ovoa, fechada em casa. Se gosta tanto do país, se calhar ainda fica por lá. Amélia releu a carta para tentar decifrar cada palavra que ia no coração do noivo, mas ficou ainda mais dividida, com mais dúvidas. Osvaldo bem lhe tinha dito que as tropas portuguesas arranjavam maneira de se divertir por lá. Foi no dia em que a convidou para ir à Sociedade Recreativa de Santa Comba Dão dar um pezinho de dança pois ia lá tocar um grupo animado. Um convite arriscado que fez corar Amélia, que logo recusou como moça respeitada que era. Osvaldo não aceitou bem a recusa e lançou-lhe aquela farpa. «Olha que lá em Angola o teu noivo deve andar a divertir-se como pode.» Ela pensou que era por

despeito. Mas afinal tinha razão. Amélia rasgou a carta furiosamente. Aquela não ia guardar na caixa de madeira forrada a cetim cor-de-rosa, depósito de todas as cartas que até ali tinha recebido do seu noivo. Precisava de apanhar ar. Saiu porta fora até à igreja, sem contar nada sobre a carta à mãe que viu a filha sair como uma flecha sem dizer ai nem ui. Precisava de rezar, de pedir iluminação, sabedoria para saber o que fazer.

A caminho da igreja mudou de ideias e resolveu ir a casa de Maria das Dores, não a via desde que tinham voltado de Fátima e queria saber se ela também recebera notícias de António.

- Recebi, minha querida. Amanhã ia lá passar em tua casa para te dizer. O António pareceu-me mais animado, graças a Deus. Parece que as nossas preces foram ouvidas pela Nossa Senhora. Até obriguei o Manel a ler-me a carta duas vezes para me sentir mais confortada e saber que ele está bem. Diz que esteve numa festa numa casa grande de um amigo novo que conheceu. Parece estar a gostar mais daquilo.

- Pois é, senhora minha sogra. Também me pareceu. Ainda lá fica de vez de tanto estar a gostar - disse Amélia.

- Credo, meu Deus. Era o que faltava - disse Maria das Dores, benzendo-se para afastar o pensamento de tal ideia - , então e o vosso casamento?

- Não sei. Ainda arranja por lá outra e deixa-me ficar aqui sem noivo - disse Amélia, tentando dar um ar de brincadeira mas a sentir cada uma das palavras que dizia.

- Ele não te troca por nenhuma mulher. Ele quer é vir depressa para casar contigo. Não acredito que lá haja alguma mulher mais bonita e mais prendada que tu.

- Não sei, não sei... dizem que as pretas têm sangue quente.

- Amélia, nem pareces tu. Nunca te tinha ouvido dizer tal coisa.

- Estou a brincar, D. Maria das Dores - disse, tentando disfarçar o seu incómodo. - Então já está recomposta das suas pernas depois da nossa viagem? Foi tão teimosa em querer percorrer o santuário de joelhos...

- Ai filha, ainda não. Doem-me as pernas, as costas. Foi muito cansativo ir a Fátima. Mas gostei muito, ver aquelas estradas cheias de peregrinos, respirar aquele ar puro da serra d'Aire coberta de sobreiros e azinheiras. O santuário enche-me a alma e venho de lá mais reconfortada. Em Maio, no dia 13, tenciono lá ir de novo. Vou lá as vezes que for preciso para fazer com que o meu filho regresse depressa e bem.

- Eu também vou sempre que for. É um sítio lindo. Fiquei foi impressionada com a quantidade de gente, com a basílica...

- Quase todos têm os filhos na guerra.

- Alguns pareciam ter perdido as esperanças. Choravam muito.

- É a dor, minha filha. E a fé. Em momento como este, quando são os nossos filhos que estão a sofrer, pedimos com a fé que nem sabíamos sentir.

- Custou-me um pouco ver aquele sacrifício todo. Havia pessoas com os pés e os joelhos em sangue.

- Aquelas pessoas acreditam como eu que a Virgem Santíssima olha por nós e pelos nossos e atende aos pedidos que fazemos. É a única coisa a que nos podemos agarrar.

- Percebo, minha sogra, mas ainda bem que não fomos a pé. Já viu o que era ir daqui até lá a pé? Andar quase uma semana por estrada?

- Vou contar-te um segredo. Quando estávamos em frente à capela no santuário, eu prometi à Virgem que na mesma semana em que o meu filho regressasse eu vou lá a pé. E vou cumprir a promessa quando isso acontecer.

- D. Maria das Dores, tenha juízo. Já não tem idade para isso...

- Está prometido à Virgem Santíssima e eu não falho uma promessa.

- Muito bem, nesse dia eu acompanho-a, está prometido. Agora tenho de ir andando. Até amanhã e descanse.

Fátima era naquele tempo o destino de milhares de mulheres, mães, noivas, famílias inteiras que faziam quilómetros e quilómetros a pé para pedir à Virgem que fizesse com que os seus homens regressassem rapidamente, sãos e salvos. Muitas não viram o esforço compensado. A morte batia-lhes à porta, mas continuavam a orar pelas suas almas e pelo regresso do corpo para que pudessem velar e enterrar os filhos.

29.

O ano de 1969 passou a correr e rapidamente se entrou em 1970. Em Portugal, o país chorava a morte de António de Oliveira Salazar que morria numa manhã quente de Julho. Na missa daquele domingo, o padre Jorge dedicou a sua homilia ao homem da terra que agora partia. Maria das Dores rezava, ajoelhada, com fervor. Daí a poucos dias o seu corpo viria para o Vimieiro para ser enterrado. Disse-lhe o tio Armando que tinha visto na televisão que esse era o último desejo do senhor doutor. Ser enterrado em campa rasa junto dos pais. Continuava um homem simples, modesto, que não esquecia as suas origens, pensava Maria das Dores.

- Ó comadre, vai lá hoje à estação ver chegar o corpo do vizinho?

- Vou, claro, lá posso perder isso. Dizem que a televisão vem cá e tudo para filmar...

- Então vou consigo, espere por mim que vou só pôr o lenço preto à cabeça.

Maria das Dores lá partiu rumo à estação de Santa Comba Dão, no Vimieiro, não podia perder um minuto que fosse daquele grande acontecimento na terra. Pelo caminho, pensava que também ela já não ia para nova. Benzia-se e pedia a Deus que não a levasse enquanto o seu filho não voltasse da guerra.

As ruas da aldeia estavam repletas de gente da terra, algumas pessoas vindas de Lisboa e outras das redondezas que, com os seus melhores trajes, não quiseram perder o enterro do homem mais importante do país e daquelas bandas.

Maria das Dores viu passar o esquife coberto com uma bandeira nacional numa carrinha do Exército. Benzeu-se, rezou um Pai-Nosso à sua alma e não conteve a emoção. Não chorava pelo vizinho, mas sim pelo filho que há muito não dava notícias. Não queria pensar nisso, mas o seu coração de mãe pressentia que qualquer coisa de mau estava para acontecer ao seu António.

António estava perdidamente apaixonado por Dulce e não desperdiçava nenhuma das poucas folgas que lhe eram concedidas para rumar a São Salvador. Joaquim, com algumas amigas já conquistadas naquelas paragens, era sobretudo adepto das grandes «tainadas» que Carlos Freitas fazia na fazenda, logo era companhia garantida para a viagem.

Aquela região chamada dos Dembos, muito próxima do ex-Congo Belga, foi o primeiro santuário dos guerrilheiros. Por ali começaram uma guerra sem quartel às tropas portuguesas. Nambuangongo era o centro de um região onde os turras começaram a guerra de guerrilha. Armados com catanas e canhangulos, davam o corpo às balas suportados por crenças de feiticeiros que lhes incutiam a ideia de que não morriam. Caíam aos magotes, tracejados e esquartejados pelos tiros das metralhadoras e das granadas lançadas pelas tropas lusas que não percebiam aquela atracção suicida. Quando os turras emboscavam também não poupavam nada nem ninguém e praticaram autênticos horrores sobre os corpos dos

soldados portugueses. Mal preparados e menos armados, morreram às centenas quando as tropas portuguesas a partir de Agosto de 1961 decidiram tomar a região na resposta a ataques mortíferos que os turras tinham feito a colonos portugueses e nativos que para eles trabalhavam. Autênticos massacres. Do seu lado tinham apenas as densas matas, a profunda vegetação, o capim alto e largos quilómetros de savana, serras e planícies. Terreno desconhecido para quem chegava da metrópole bem armado mas pouco familiarizado com um país longínquo, amplo, tropical onde o calor ou as chuvas também contavam como inimigos.

Tinham passado nove anos e a guerra continuava acesa, mas controlada. Agora mais sofisticada e mais alargada a todo o território. Portugal já tinha no terreno mais de cem mil soldados, agora estavam não só concentrados na região mais a norte mas também no Leste, no Centro e no Sul do imenso país que era Angola. Os movimentos independentes já se tinham formado. UNITA, MPLA e FNLA lutavam pela independência, e, embora tivessem o mesmo inimigo, não se entendiam. Com a comunidade internacional contra a política colonialista do governo de Lisboa, este mantinha o espírito do orgulhosamente só e hostilizava os sinais que vinham de fora. Manter o império a todo o custo era o objectivo. Marcello Caetano não mudou aquela que foi a estratégia solitária de António de Oliveira Salazar em terras africanas. A guerra continuava sem fim à vista.

Os ataques a tropas portuguesas, as vítimas e a forma como a guerra se fazia continuava a ser ocultada em Portugal. A mensagem que chegava era de soldados vitoriosos que tinham aclamado o país e mantinham a segurança da colónia e a firmeza da pátria. Mas, no terreno, graduados e soldados já acreditavam pouco numa guerra vitoriosa. E sobretudo perdiam a cada dia a esperança de receberem a notícia de que a guerra ia terminar.

As cartas de António para a mãe e para Amélia escasseavam. António, na solidão do quartel, justificava-se a Joaquim:

- Já não sei o que hei-de escrever, estamos aqui há quase dois anos e meio. Esta solidão do quartel, aqui fechados entre quatro paredes no meio desta floresta que não nos deixa ver para lá do horizonte. Tudo isto está a trair-me e a tirar-me as forças.

- Será a solidão do quartel ou a Dulce, amigo António? Eu sei que estás perdido pela Dulce. Eu sei que estás longe. Mas tens um compromisso com a Amélia e mais tarde ou mais cedo vai chegar a nossa vez de sairmos daqui e regressarmos a casa. A Dulce fica e tu retomas a tua vida normal na Venda do Sebo. Não te deixes iludir, António.

- Eu sei, amigo Joaquim. Tenho sentimentos, não sou nem nunca fui de trair ninguém. Mas no meu espírito criei a ideia de que esta é uma vida diferente, completamente oposta à que tinha, num sítio que não tem nada a ver com o meu. Aqui a Dulce é o meu único entusiasmo. Não tenho a Amélia por perto. Não sei como te explicar. Quando regressar, regresso para os braços da Amélia. Tenho tudo muito claro na minha cabeça. Não consigo estar aqui apenas concentrado nisto, neste dia-a-dia no quartel, nas missões no mato, nas rações de combate. As nossas folgas, o abraço macio e meigo da Dulce são a única coisa que me faz aguentar este sofrimento.

- Eu sei de tudo isso, mas não podes deixar a tua mãe e a Amélia na dúvida. Não podes deixar de lhes escrever. A esta hora já se interrogaram sobre o que se passa contigo. E a Amélia se calhar até já põe tudo em causa. Não te esqueças de que ela está com a vida dela parada à espera que chegues. Tu estás a sofrer, mas tens de pensar que ela também pode estar a sofrer e muito.

António concordava com Joaquim, mas tinha dificuldades em misturar as coisas. Dulce fazia já parte da sua vida. Já se passeavam como dois namorados em São Salvador. Conviviam na casa de Carlos Freitas e numa ou outra folga tinham viajado até Luanda onde viviam a festa citadina, com idas à pastelaria Versailles, à Ilha,

conheciam a Maianga, apanhavam o machimbombo na Mutamba. Ela, como qualquer mulher apaixonada, já fazia planos para o futuro.

- Um dia, quando tudo isto acabar, gostava de tirar um curso superior e viver aqui em Luanda.

António ficava arrepiado quando ouvia estas palavras de Dulce. Sentia-se um traidor, um homem sem carácter incapaz de contar a verdade a Dulce com medo de perdê-la. A incerteza daquela guerra era a mesma incerteza da sua própria vida. Quando chegasse o dia de terminar a sua missão em defesa da pátria, tudo se resolvia e regressava a Venda do Sebo. Só não queria perder Dulce, pelo menos por enquanto. Além disso, vivia sempre na iminência de um dia ter de abalar para outra parte do território onde a sua companhia fosse precisa. A todo o momento podia ter de deixar a região norte e os braços de Dulce. E aí já tinha uma maneira de terminar tudo.

Em Oova, Amélia desesperava. Dois anos de ausência de António tinham mudado tudo. Lia e relia todas as cartas que ele escrevia e que religiosamente guardava na sua caixa de madeira devidamente fechada a cadeado. Tinha-as todas guardadas. Não raras vezes recuperava a leitura das primeiras quando António se perdia em palavras que descreviam todo o seu amor por ela. Era a única forma que tinha de recuperar aqueles momentos dos quais começava a ter saudades. As últimas cartas de António, para além de raras, já eram mais telegráficas, menos românticas e carregadas de enigmas sobre a guerra que nunca mais acabava.

As palavras do amigo Joaquim fizeram António pensar duas vezes.

- És capaz de ter razão. Vou escrever à Amélia. Não a posso abandonar. Quando tudo isto acabar, tenho a certeza de que volto para ela e resolvo tudo isto. Mas não me censures.

- Claro que não, António. Olha para os nossos companheiros aqui da companhia. Vão a Luanda à procura de sexo, de mulheres,

divertem-se à grande e também têm mulheres e noivas na metrópole à espera. Mas aqui estão longe e vivem como se esta fosse uma realidade diferente. Eu também faço o mesmo. Tu também devias fazer. Mas cada vez mais acho que isto não é uma paixoneta, umas noites boas de sexo, vejo-te perdido de amores por ela e isso preocupa-me. Não quebres laços importantes na tua vida. Aqueles, na metrópole, são os nossos laços.

Entre Outubro e Novembro, Amélia recuperou a alegria de viver. Todas as semanas, recebia uma carta de António. Este resolvera seguir os conselhos do amigo, mas não deixou de viver a sua relação com Dulce. Sempre que estava com ela descobria um mundo novo e novas formas de amar. Mas os laços, como disse Joaquim, estavam na Venda do Sebo e em Ovoa. E esses não podiam ser quebrados.

Querida Amélia,

Não vejo o dia de voltar a estar contigo. Passei momentos difíceis nos últimos meses. O calendário parece que anda ao contrário, os dias passam lentamente, já não sei o que te dizer, só vejo vegetação à minha volta e aqui continuamos sempre alerta e prontos a sair para missões no mato onde o perigo espreita. Passam-se dias e até meses sem nada fazermos, até que, de repente, saímos e andamos dias a pé debaixo de calor intenso, por serras e floresta, sempre a pensar que a cada momento o inimigo pode aparecer.

Valem-me as folgas ao fim-de-semana. E o Joaquim e todos os amigos que tenho aqui. Vamos passando o tempo porque todos sentimos o mesmo e todos estamos ansiosos por voltar para a nossa terra, para as nossas noivas ou mulheres. Eu anseio voltar para ti, meu amor. Não percas a esperança. Não sei quando será, mas casamos logo no dia a seguir à minha chegada, disso podes ter a certeza.

Um beijo do teu amor que te ama como nunca,

António

Quipedro, 20 de Outubro de 1971

Amélia recuperava o fôlego. Tinha lido a carta de uma assentada só. Deixava as lágrimas de felicidade caírem-lhe pela cara. Saiu do quarto em direcção à cozinha para abraçar a mãe.

- Mãe, o António escreveu-me uma carta tão bonita. Já tinha saudades de ler coisas tão românticas escritas por ele. Estou tão contente. Estava cheia de dúvidas e agora até acho que fui injusta com ele.

- Minha filha, tens de ser compreensiva. Ele está num sítio longe de ti, na guerra, e tem de certeza momentos menos animadores. Tens de ter muita paciência, rezar muito e aguardar por melhores dias. Vais ver que um dia destes ele está cá e vocês casam.

- Deus a ouça, minha mãe.

Amélia tinha vivido momentos angustiantes naquele Verão. Mais duas amigas tinham-se casado. Claro que tinha ficado contente, mas no fundo sentia inveja delas. Sozinha, perturbada pela frieza das cartas de António, Amélia enchia-se de dúvidas e medos sobre a sua vida e o seu futuro. A idade estava a avançar, as amigas a casar, e ela cada vez com mais dúvidas sobre o amor de António por quem tinha de esperar porque assim lhe prometera a ele e à Virgem Santíssima em pleno Santuário de Fátima.

Já se interrogava se não estaria a perder anos de vida que seriam depois irrecuperáveis. Tudo por causa de um amor que agora não tinha a certeza se ainda era correspondido.

Aquela carta e as seguintes fizeram-na voltar à vida e não perder a esperança de que no Verão seguinte também ela estaria no altar da igreja de Santa Comba Dão de véu e grinalda e de mão dada com António. Era grande a esperança que a missão militar de António não ultrapassasse os três anos e o próximo Natal seria então o último que ia passar sem ele.

Também António assinalava todos os dias, religiosamente, no calendário que tinha colado por cima da cama, os dias que passavam. Riscava mais um dia, e rezava, antes de adormecer, com o crucifixo que a mãe lhe comprara em Fátima e que nunca largava.

30.

Querida mãe,

Escrevo-lhe para lhe dizer que recebemos ordens para sairmos daqui e irmos para o Leste de Angola. Por isso não estranhe se nos próximos tempos não escrever tanto como tenho feito. Quando a missão acabar, volto a escrever, mas parece que vamos andar uns tempos fora e por isso vai ser difícil dar notícias.

Não se preocupe que fico bem e tudo vai correr de feição. Já faltou mais tempo para estar convosco. Reze muito por mim.

Um beijo enorme deste filho que a adora,

António

Quipedro, 1 de Novembro de 1971

Querida Amélia,

Não estranhes estar a escrever-te apenas três dias depois da última carta. É que hoje tivemos a indicação de que vamos partir

para uma missão difícil no Leste do país. Vamos de avião. Temos de apoiar os nossos camaradas que estão a sentir dificuldades naquela região do país, ao que me disseram, no Luso. Tem havido para lá muitos problemas, contam-nos que há combates grandes com um movimento, o MPLA, e por isso precisam de reforços. Andam a morrer muitos dos nossos. Temos de ir. Com pena, vou deixar esta zona. Já estou farto de aqui estar, mas já me habituei e agora também já faltam menos de seis meses para terminar a minha missão aqui.

Nos próximos tempos não vou poder dar notícias. Vamos para sítios de comunicação difícil e estão a preparar-nos para tempos difíceis.

Não fiques preocupada, pois tudo vai correr bem. Somos oitenta companheiros e vamos todos para lá. Até o Joaquim vai. É uma mobilização geral.

Espero que estejas bem. Se te anima, digo-te que espero que esta seja a minha última missão aqui em Angola. Depois de terminar já vai faltar menos tempo para regressar e voltar a abraçar-te.

Um beijo grande deste que te ama profundamente,

António

1 de Novembro de 1971

Quando às quatro da tarde, daquela quinta-feira, 1 de Novembro, António e todos os elementos da companhia foram chamados a formar de urgência, todos sentiram que algo de errado se passava. A azáfama dos graduados que começara uma hora antes não augurava nada de bom.

Todos alinhados, ouviram o comandante da companhia dizer-lhes que na segunda-feira seguinte partiam para o Leste de Angola, de

avião até ao Luso e depois para sítio incerto onde havia combates intensos com guerrilheiros do MPLA.

- Preparem-se para o pior, estão a morrer camaradas vossos e precisam do nosso apoio. Os combates estão a ser duros e temos uma difícil missão pela frente. Quem entra de folga este fim-de-semana, tem de se apresentar no quartel no domingo até às cinco da tarde. De manhã pela fresquinha vamos para o Leste. Aproveitem estes dias para se prepararem. Acabou o bem bom.

Mal desfizeram a formatura, António correu para camarata para escrever à mãe e a Amélia. Depois combinou com o Joaquim aproveitarem os dois dias de folga para irem a São Salvador. Precisava de se despedir de Dulce.

- Que será que está a acontecer?

- Pelo que sei, tem havido muitas emboscadas naquela região e têm morrido muitos soldados nossos.

- Estás com medo, Joaquim?

- Com medo não, mas preocupado. Agora que isto está quase a acabar é que vamos ter este trabalho. Era escusado.

- Vai correr tudo bem - tentou animar-se António que pensava na melhor forma de se despedir de Dulce.

Era o ponto final naquela relação nascida em África. Se calhar nunca mais voltaria a São Salvador e aos seus braços. Ia sentir saudades, da sua pele morena, do seu sorriso aberto, da sua alegria de viver. Mas se calhar era pelo melhor. Depois desta missão, voltaria a casa e aos braços da sua Amélia.

Em Ova, Amélia tinha ficado preocupada com a carta que recebera do noivo. Ia partir para outro local onde havia problemas...? Era hora de sair para a escola, por isso colocou a carta

cuidadosamente no envelope e depositou-a na caixa de madeira. Pelo caminho foi a pensar no que tinha lido.

- Então, Amélia? Já nem se cumprimenta!

- Desculpa, Osvaldo. É que ia aqui a pensar na vida.

- Na vida ou no António?

- No António - disse Amélia, sorrindo. - Recebi uma carta dele, diz que vai para outro sítio qualquer no Leste de Angola, não me lembro do nome.

- Ouvi dizer que nessas bandas as coisas estão feias. Há para lá uns problemas - atalhou Osvaldo.

- Mas que género de problemas?

- Não sei bem, mas as nossas tropas estão com algumas dificuldades. Disseram-me que os guerrilheiros de lá tem mais e melhores armas.

- Credo, tenho tanto medo!

- Vai correr tudo bem, Amélia - disse Osvaldo, que arriscou a sua sorte e lhe tocou ao de leve no ombro em jeito de consolação.

Amélia ficou incomodada com aquele gesto. Osvaldo percebeu e rapidamente tirou a mão, acrescentando:

- Não te preocupes. Queres que te acompanhe à escola?

- Não é preciso, Osvaldo. Obrigada de qualquer maneira e até à próxima.

31.

Amigo António,

Há quanto tempo não te escrevo? Tenho saudades tuas, amigo. Aqui estou como prometido para te contar o que tenho feito. Há várias frentes de guerra em Moçambique, mas mantenho-me aqui em Pundenaar, onde já tivemos vários ataques. A situação agora está mais calma e controlada, e olha até estou a gostar disto. Hoje recebi a notícia de que em Fevereiro regresso à metrópole e termino a minha missão por estes lados. Já só saltam quatro meses! Acho que até vou ter saudades disto. Dos meus companheiros, de África, desta gente, dos negros que me tratam muito bem, e do rio Rovuma que nos separa da Tanzânia. Isto é grande, imenso, e aqui sentimo-nos com espaço. Tive notícias também do nosso amigo Brito. Faz parte de um grupo especial, comanda um grupo de homens denominado Flechas, são negros que combatem ao nosso lado, preparados para tudo, e não perdoam nada. Apanham tudo o que é guerrilheiro e até comandantes deles e não deixam ficar pedra sobre pedra.

Passaram por aqui a caminho de Vila Perry, onde os colonos portugueses estão a ser massacrados por guerrilheiros. Disse-me

que vai ficar cá o tempo que for preciso para defender a pátria e o território. Já estão até preparados para também combaterem aí em Angola quando for preciso.

E tu, como estás? Espero que também regresses na mesma altura que eu. Já avisei a minha Hermínia de que estou quase de regresso e estou ansioso por recomeçar uma nova vida, no meu restaurante, onde espero ver-te muitas vezes. A malta aqui já se rendeu aos meus dotes culinários algarvios. Nem os comandantes dispensam os meus petiscos.

Vou tentar escrever-te antes de me ir embora. Um abraço apertado e força, amigo. Isto está quase a acabar.

Carlos Vieira

Moçambique, Pundenaar, 25 de Novembro de 1971.

António estava radiante com a carta do amigo Carlos. Na camioneta, em direcção a São Salvador, António contava a Joaquim como tinha conhecido Carlos e Brito na instrução militar em Chaves.

- Quando regressarmos, temos de ir ao Algarve ter com ele. Diz que faz o melhor peixe do mundo. Bem, ele tudo o que faz diz que é o melhor do mundo. Tem muita graça.

- E o Brito parece gostar disto da guerra, não?

- O Brito nasceu para isto. Sempre sonhou com a vida militar e está no terreno dele. Pelos vistos, vai ficar por lá.

Mais animado, António começava a pensar que, tal como Carlos, também a sua missão em África estava próxima do fim.

- Agora só quero que esta missão no Leste passe depressa. Depois pensamos nisso - disse Joaquim.

No dia seguinte, Carlos Freitas preparara-lhes um dia em cheio. Uma caçada de manhã e um almoço que, como já era habitual, ia durar até à noite. Uma festa de despedida à medida dos seus dois amigos. Não faltou carne de caça grossa, e até bacalhau para sentirem um gostinho de casa antes de partirem para destinos onde apenas iam ter água e latas de conserva como alimento.

Nessa noite, António quis dormir na pensão Rebita com Dulce para se despedir dela. Já à noite, depois da almoçarada em que tentaram não falar da partida dele para longe, rumaram à cidade, e entregaram-se um ao outro ao longo de toda a madrugada. Ela não sabia se o voltaria a ver, ele não tinha certeza do que lhe reservava o futuro. Mas nenhum deles queria naquele momento único pensar nisso. Adormeceram nos braços um do outro já o dia começava a nascer.

Às duas da tarde, António e Joaquim estavam prontos a regressar ao quartel. Junto à paragem da camioneta, Dulce, Carlos Freitas e a esposa fizeram questão de se despedirem deles. Dulce estava inconsolável. Já não conseguia controlar a emoção. Se até aí tinha sido forte e não tinha vacilado, agora a sua vontade era segurar com todas as suas forças a mão de António como se assim pudesse evitar a partida.

- Está na hora, amor. Tenho de partir.

- Não vás, António, sinto um aperto no coração e quando sinto isto é porque não vem aí coisa boa! - disse Dulce sem conseguir controlar as lágrimas.

- Vá, não sejas supersticiosa. É mais uma missão. Não tarda nada estou de volta ao quartel - disse António com pouca convicção.

Mas ela sabia o que sentia. Um sentimento de que algo o iria afastar para sempre de si. Não sabia, contudo, que dentro do seu ventre, já nascia um ser que iria dar um toque de eternidade àquele amor.

António entrou na camioneta e sentou-se no banco traseiro, assim podia ver Dulce durante mais tempo, até à curva que a tiraria do alcance da sua vista e os afastaria para sempre.

A viagem de regresso foi feita em silêncio. Às cinco em ponto davam entrada no quartel. No dia seguinte, bem cedo, a sua companhia já estava na pista, pronta para entrar no avião a hélices que os iria transportar para o Leste do país. Chegaram duas horas depois ao Moxico, onde ficaram durante três dias instalados no quartel a receber ordens de divisão de grupos e informações sobre os destinos que os esperavam. O cenário não era animador. O MPLA, o movimento mais bem equipado da guerrilha, tentava entrar pela zona leste para chegar ao Norte de Angola, onde as tropas portuguesas já só se limitavam a controlar pequenos ataques e a revistar aldeias para eliminar infiltrados. Os combates mais difíceis travavam-se ali, para onde o governo de Lisboa tinha transferido praticamente todo o esforço militar, erguendo aí o comando militar do Leste. A ideia era travar o MPLA e impedir que chegasse ao Norte.

Joaquim ficava mais uma vez sedado no quartel na zona de transmissões. António era incorporado num grupo de 20 militares que tinha por missão patrulhar uma zona próxima do Luso junto ao rio Luena, importante rota militar que era preciso controlar, pois fazia parte dos caminhos que conduziam ao Norte de Angola. Oriundas da Zâmbia, as tropas do MPLA comandadas por Agostinho Neto seguiam aquelas rotas para dividirem o país ao meio e tomarem conta da zona mais rica e mais populosa de Angola. Os combates iam ser severos. Os dias prometiam ser longos e as noites perigosas.

De camuflado vestido, António e os companheiros foram deixados por um helicóptero no meio de uma zona densa de mato. Mal aterrassem, era preciso disseminarem-se rapidamente pelo terreno. Milhares de metros quadrados de capim alto, densa floresta, serras, picadas e caminhos lamacentos que as chuvas dos dias anteriores

tinham tornado quase intransitáveis. António ainda não se conseguira habituar ao calor sufocante que se fazia sentir naquela terra, e muito menos aos ataques dos mosquitos que não davam tréguas. António caminhava agora bem na frente do pelotão. Foram três dias e três noites de caminhada a combater o cansaço que lhes ia minando as forças e a coragem. Ao mínimo ruído estranho, António e os seus companheiros atiravam-se para o chão e rastejavam pelo terreno. Na maioria das vezes eram os barulhos normais do mato, mas o inimigo podia estar à espreita e não podiam facilitar.

Silêncio. De repente, tiros, tropas ao chão e um estrondo ensurdecedor. Uma mina antipessoal tinha atingido dois soldados que ficaram com as pernas esfaceladas. O horror da guerra de novo aos olhos de todos. Posições de combate, mas não havia por ali tropas inimigas, era o terreno que estava minado. Era preciso todo o cuidado. Duas baixas, dois amigos com a vida ceí fada, um ainda resistiu aos ferimentos e foi evacuado de helicóptero, mas sem grande esperança de sobreviver, o outro, o Santos, do Ribatejo, por sinal aquele que mais animava o grupo com os seus dotes de cantoria, finou-se ali mesmo, perante o olhar impotente dos camaradas que já nada podiam fazer por ele.

À noite, quando montaram o acampamento, António e os companheiros puderam finalmente descansar um pouco. Deitado sob um céu carregado de estrelas e iluminado por uma lua cheia, António, sempre com a arma junto ao corpo, sua companheira mais fiel naquelas lides da guerra, pensava na justeza daquela guerra e nos dois companheiros atingidos naquele dia. Vinha-lhe à cabeça o que iria sofrer a família do Santos quando soubessem da sua morte. Agarrado ao crucifixo que levava ao peito por dentro do camuflado, tirou a fotografia de Amélia do bolso. Trazia-a sempre consigo, junto ao coração. Imaginava agora Amélia no quarto a ler ou a preparar as lições para o dia seguinte, a mãe sozinha na cozinha sentada à mesa a tomar um café com leite. Em Dulce não queria pensar. Sentia remorsos. Tinha medo de que Deus o castigasse pelo que tinha feito

a Amélia. Pedia perdão pelos pecados cometidos e prometia ser um homem melhor no seu regresso a casa, pronto a dedicar-se por inteiro a Amélia. Queria é que Deus o protegesse. Como não protegeu o Aurélio e o Santos.

O moral do pelotão estava de rastos. Estavam todos deitados, a descansar, apenas quem estava de turno a vigiar o mato se mantinha de pé vagueando em torno do acampamento pronto a dar o alerta em caso de algum ataque. O silêncio era total. Cheirava a morte.

O céu começou a clarear. A noite passara e António pouco ou nada tinha dormido. O pelotão reagrupava-se, estava novamente na hora de partir. Atrás de dois unimogues, apeados, continuavam caminho, com o perigo à espreita por trás de cada árvore, por entre o capim alto ou nas margens do rio por onde subiam sempre em alerta. De repente, o silêncio. Os pássaros deixaram de se ouvir. O comandante deu ordem para que todos se baixassem. Aperceberam-se de movimentações na floresta mesmo à sua frente. Minutos de espera, demasiado longos, deitados, aguardando ordens. O silêncio era ensurdecedor. O que estaria por ali. O inimigo? Ou apenas algum nativo perdido. O comandante mandou dois soldados irem verificar. Agachados, arma em riste, avançaram para o meio das árvores. De repente, o silêncio acabou e começou o inferno. Tiros, gritos, os dois soldados abatidos. Agora os tiros vinham de todos os lados.

António ainda estava deitado no chão e só ouvia à sua volta: «Mata que é branco». Finalmente, depois de segundos de pânico, reagiu, levantou-se e começou a disparar em todas as direcções, lançando granadas em direcção ao inimigo. Pela rádio, o comandante pedia reforços. Pareciam estar cercados.

A custo conseguiram reorganizar-se. O combate anunciava-se duro. Os lados testavam-se, mediam forças a ver quem resistia ao cansaço. O oficial deu ordens para mais uma incursão. Era preciso tomar de assalto a aldeia que se escondia por trás da mata e que

abrigava os inimigos. Veloso, um dos mais bravos do pelotão, e José avançaram à frente da coluna.

A companhia entrou pela aldeia adentro aos tiros e arrasando tudo o que via. Tomados pela raiva e pela cegueira da guerra, António e os amigos abatiam tudo o que mexia. À medida que corriam de forma descoordenada iam deixando para trás dezenas de corpos, esquartejados e tracejados por balas e granadas. Não queriam deixar nem um preto vivo. Perseguiam os inimigos que fugiam para a floresta, sem se aperceberem de que estes estavam a levá-los para o seu terreno. Para uma cilada. De repente, fumo, tiros, gritos, a confusão era generalizada. António e os seus companheiros caíram numa emboscada. De cima das árvores, pela frente, pelos lados, de armas sofisticadas ou catanas, os militares negros não davam tréguas. António via os seus companheiros, à sua frente, a caírem um a um. Estava agora cercado por inimigos que gritavam palavras imperceptíveis e disparavam indiscriminadamente para o ar.

António cai, ainda consegue lançar uma granada de mão, mas já não se apercebe do efeito que ela provoca. Perde os sentidos. Estava agora estendido no chão, com a cara enfiada na lama.

O inimigo levou a melhor. Com os corpos dos soldados portugueses espalhados e sem vida, aproveita para saquear tudo o que podia. Os soldados roubam armas, mochilas, capacetes, vasculham os bolsos dos camuflados e levam tudo o que lhes é útil. Ao passarem por António tiram-lhe a arma, e ao mexerem nos bolsos encontram o crucifixo e a foto de Amélia. António volta à vida e reage. Está ferido, crivado de estilhaços. Mas vivo. Quando lhe tocam no corpo ferido, António dá um pequeno grito de dor. Os guerrilheiros apercebem-se que está vivo e levantam-no.

Ao ser transportado, com dores insuportáveis, ainda consegue vislumbrar o campo de batalha onde jazem os seus companheiros. António não viu mais nada. Voltou a perder os sentidos. Meia hora

depois chegavam tropas portuguesas, os tais reforços pedidos via rádio que já não chegaram a tempo de evitar a chacina.

No quartel, Joaquim recebeu a informação de que o pelotão de António tinha sido emboscado. Não havia sobreviventes. Quando viu os autocarros chegarem com alguns dos corpos dos soldados mortos em combate, Joaquim correu para a porta, queria ver com os seus próprios olhos. Não acreditava que o seu companheiro, o seu amigo, estivesse morto.

Com os corpos alinhados no chão, Joaquim levantou o lençol um a um à espera de ver a cara de António. De lágrimas nos olhos, não conseguiu identificar o amigo.

- Os outros? Faltam aqui alguns?

- Não sabemos. Alguns, não valia a pena trazer. Estavam completamente desfigurados e foram esquartejados. Há dois que não encontramos. Mas pela violência da batalha, não deve ter restado ninguém.

Joaquim baixou os olhos. Chorava convulsivamente. Tinha perdido um amigo. A poucos meses de voltar para casa, António tinha morrido. Maldita guerra!

32.

Joaquim estava inconformado. Há três dias que não falava com ninguém. Arrumou cuidadosamente os pertences de António e guardou-os numa caixa, no seu armário. Tinha-lhe prometido há tempos que, caso lhe acontecesse alguma coisa, entregava tudo à família quando regressasse à metrópole. Era isso que ia fazer. Mas antes de partir para aquela fatídica missão, talvez pressentindo ou temendo que algo lhe pudesse acontecer, António tinha-o ainda feito prometer que entregava a Dulce uma fotografia deles tirada numa das visitas a Luanda. Joaquim olhava agora para essa fotografia de António e Dulce com a fortaleza de Luanda ao fundo. António escrevera na parte de trás: «Se esta guerra um dia tiver valido a pena, foi por tua causa. No teu olhar encontrei conforto, no teu corpo o meu porto. Ajudaste-me com o teu amor e carinho a suportar estes meses de solidão e angústia. Contigo os dias passaram mais depressa e aprendi a gostar desta terra. A tua terra. Contigo reaprendi a amar. Levo-te no meu coração. Jamais te esquecerei. Um beijo quente como esta tua terra do teu António.»

Palavras escritas em jeito de despedida. Tinha decidido antes de partir para o mato que a sua vida era ao lado de Amélia. Era uma decisão difícil, mas entre a paixão ardente que sentia por Dulce e a jura de amor eterno a Amélia, esta última falava mais alto.

Com a foto na mão, naquele fim de tarde de domingo, depois de emoções intensas vividas durante a manhã na missa em honra dos soldados mortos e desaparecidos em combate, Joaquim estava na dúvida se enviava uma carta à família Freitas para os informar do sucedido e pedir-lhes para avisarem Dulce, ou se esperava que aquela missão chegasse ao fim para regressar a São Salvador e ir ele próprio dar a triste notícia. Decidiu escrever. Podia durar um mês a estada pelo Leste e seria muito mais fácil informar por carta do que encarar Dulce e presenciar o seu terrível sofrimento.

Amigo Carlos Freitas,

Não são boas as razões porque lhe escrevo esta carta. O infortúnio bateu à porta do nosso querido amigo António. O pelotão dele foi emboscado e morreram todos. O mais triste é que o corpo dele não apareceu e não foi possível fazer-lhe um funeral digno. Peço-lhe que do alto da sua experiência informe da melhor maneira, se é que há uma boa maneira de anunciar uma morte, a Dulce. Quando regressar a São Salvador, irei visitar-vos. Não há força nem moral para dizer mais coisas. Aceitem o meu abraço apertado e fiquem com o António no coração, pois ele, tenho a certeza, assim o desejaria.

Joaquim Fortuna

Moxico, 17 de Novembro de 1971

Carlos Freitas chamou Dulce e preparou-a como pôde para o que ela menos queria ouvir. Não foi preciso dizer muito. Quando entrou no escritório e viu o patrão com uma carta na mão e o olhar perdido na janela, Dulce sabia que algo de terrível tinha acontecido ao seu António.

- Não chores, Dulce. Enfrenta com coragem, como sempre fizeste, mais este infortúnio. És uma rapariga, és já da nossa família e um dia vais ser muito feliz.

Dulce fez um grande esforço. Não disse uma única palavra. Depois dos pais e do tio, não era justo que a guerra também lhe levasse o homem que mais amara na vida. Pediu licença e retirou-se para o seu quarto. Ali ficou algumas horas a chorar baixinho e a recordar o seu António. Recomposta, voltou ao escritório, e perguntou:

- Senhor Carlos, gostava muito que me levasse a São Salvador. Hoje gostava de dormir na pensão Rebita.

- Eu levo-te, Dulce. Claro que sim. Mas não achas que vais sofrer ainda mais?

- Não. Quero muito ir para lá. Só esta noite.

Sozinha, no quarto da pensão Rebita, Dulce ali ficou toda a noite. Mal dormiu. Deixou-se chorar as vezes que precisou, falou com um António que não estava ali ao seu lado na cama, revoltou-se contra a guerra, mas quis estar ali, naquele sítio onde se entregou por inteiro a António e onde recordava todos os traços do seu corpo, o seu cheiro, os beijos, as carícias e as conversas que tiveram.

Na manhã seguinte, antes de regressar, ainda passou pela igreja. Rezou sozinha durante quase um hora. Quando saiu passou pelo mercado para comprar umas flores e voltou à pensão. Pediu ao dono, o senhor Álvaro, que a deixasse colocar as flores no quarto, numa jarra, em memória do seu António.

No início do mês de Dezembro, Joaquim estava de regresso a Quipedro, com o pelotão. A missão no Leste para ele estava terminada. Regressava sem o seu amigo e companheiro António. Já tinha passado um mês desde a sua morte. Joaquim recebera uma carta do Exército a informá-lo de que em Fevereiro regressaria à

metrópole. Estava terminada a sua missão no Ultramar. Era a mesma carta que António deveria ter recebido.

Depois de se instalar no quartel, Joaquim rumou a São Salvador, como prometido. Já não ia com o habitual espírito de festa e alegria, de quem se preparava para boa comida e boa bebida, estava ali para cumprir a promessa que fizera a António: levar a fotografia a Dulce e visitar a família Freitas.

Quando chegou, recebeu um apertado e sentido abraço do amigo Freitas, contente por o ver vivo e de boa saúde. Sentados no escritório, ao sabor de um uísque, Carlos quis saber o que se tinha passado. Joaquim descreveu como pôde a emboscada de que António tinha sido uma das vítimas.

- A família do António em Portugal já foi informada?

- Ainda não. O ministério quer deixar passar o Natal e o fim do ano para lhe dar a notícia. Como o corpo dele não foi recuperado, estão a fazer um compasso de espera. Ainda estive indeciso se escrevia ou não uma carta para a família dele, mas não tive coragem. Isso é uma obrigação do ministério.

- E tu Joaquim, quando partes?

- Em Fevereiro volto para a minha família e para a minha terra.

- Fico feliz por ti, meu amigo. Bem, vou chamar a Dulce para ela te cumprimentar. Nem imaginas a notícia que ela tem para te dar.

- Como é que ela está?

- Muito triste. Desde que soube da morte do António, só veste roupas escuras. Foi recuperando e agora parece mais feliz. Teve uma notícia inesperada que lhe deu alento!

- Notícia? Que notícia? - questionou o Joaquim.

- Vou chamá-la para ser ela a dizer-te.

Quando Dulce entrou na sala, agarrou-se a Joaquim a chorar.

- Que bom vê-lo, senhor Joaquim. Que saudades tenho do meu António...

- Ele está lá em cima a lembrar-se de ti, Dulce. Olha, prometi-lhe que te entregava esta fotografia. Quando partiu para a missão, com medo de não voltar, pediu-me para ta entregar. Está aqui.

Dulce olhou para a foto e sorriu lembrando-se dos bons tempos que passou com António em Luanda. Lágrimas nos olhos, encostou a fotografia ao peito, olhou para Joaquim e disse:

- Deus é bom, como diz a patroa, escreve certo por linhas tortas. Levou-me o António, mas não me deixou sozinha.

- Não estou a perceber, Dulce.

- Estou grávida. Soube há quinze dias. Tem dois meses e meio. Já decidi que se for rapaz vai chamar-se António.

- Estávamos à tua espera para festejar, Joaquim. Vamos abrir uma garrafa de champanhe e brindar ao novo António que nasce daqui a uns meses e à memória do nosso querido amigo - propôs Carlos.

Joaquim estava boquiaberto. Não sabia o que dizer ou pensar. António tinha feito um filho a Dulce.

33.

Chegou o Natal e mais uma vez o coração de mãe parecia adivinhar que algo se passava com o seu filho. Já lá iam quase dois meses e de António nem uma notícia.

- Ele avisou que ia ficar sem dar notícias uns tempos.
- Mas, Amélia, já estamos a dois dias do Natal e não acredito que não possa dizer nada. Foi para o mato este tempo todo?
- Não sei, minha sogra. Também estou preocupada. Já falei com o padre Jorge, que me aconselhou a escrever para o ministério. Já escrevi, já liguei para lá dos correios mas não dizem nada. Que podemos fazer?
- Estou com tanto medo, Amélia. É tudo tão estranho.
- Eu também, mas as más notícias correm depressa. Se tivesse acontecido alguma coisa, já sabíamos. Vamos rezar para que ele dê notícias depressa.

- Se até ao fim do ano não tiver notícias dele, meto-me no comboio e vou a Lisboa. Têm de me dizer alguma coisa.

- Vamos esperar, D. Maria das Dores, e ter muita fé. Onde vai passar o Natal?

- Não vou a lado nenhum. Vamos sempre a casa do meu irmão Armando, mas, enquanto não tiver notícias do meu filho, não saio daqui de casa. Não me apetece festejar nada.

- Não diga isso, D. Maria das Dores. Reze muito e não fique aqui sozinha. Vá lá a casa se quiser.

- Não, minha querida. Prefiro ficar aqui. Vou à Missa do Galo e mais nada.

- Então lá nos encontraremos na igreja. Bom Natal.

Chovia intensamente naquele dia 3 de janeiro de 1971. Maria das Dores, sentada na cozinha, preparava-se para tomar um café quente antes de sair para o mercado. Eram oito da manhã. O ladrar dos cães avisava que alguém se aproximava. Devia ser alguém a passar na estrada, àquela hora não eram certamente visitas. Maria das Dores não se levantou, até ser surpreendida por alguém a bater à sua porta.

- Quem será a esta hora?

Abriu a porta lentamente. Do outro lado um senhor de fato e gravata, bem aprumado.

- Senhora dona Maria das Dores?

- Sim, sou eu.

Sentiu de imediato as pernas tremerem. Percebeu que aquele homem não estava ali pelas melhores razões.

- Sou do Ministério da Defesa. Venho informá-la de que...

- O meu filho. Ai meu Deus. O que lhe aconteceu?

- Desapareceu em combate ao serviço da pátria.

- Não pode ser.

- Infelizmente, é verdade, minha senhora. Já desapareceu há dois meses. Como o corpo dele não foi encontrado, o ministério quis deixar passar algum tempo. Infelizmente não mais apareceu.

- Como desapareceu? Desapareceu onde? E ninguém sabe? Os companheiros dele não o viram?

- Morreram todos numa emboscada. Alguns corpos foram encontrados e sepultados em África, outros, como o seu filho, não foram encontrados. Lamento muito. O seu filho morreu como um herói em defesa da nossa pátria. Em breve receberá um ofício com um louvor pelos bons serviços prestados ao país. Lamento. Lamento muito mesmo. Era um jovem e um dos mais bravos daquela companhia. Deixou muitas saudades. É tudo o que lhe posso dizer nesta hora difícil para si.

Maria das Dores não quis ouvir mais nada. Fechou a porta. Por incrível que pareça, não derramou uma lágrima. Aquela notícia não a surpreendia. Dirigiu-se ao quarto de António, que ela mantinha limpo e arrumado como se ele fosse regressar a qualquer momento, e abraçou-se às roupas que ele tinha deixado no armário.

Agora, em pranto, não sabia o que fazer. Não tinha forças para estar de pé. Sentou-se no sofá, tentou recuperar as forças. Tinha de ir falar com Amélia. Pôs o lenço à cabeça, saiu de casa e, à chuva, foi até à casa de Amélia. Não foi preciso dizer nada. Quando Amélia a viu de olhos inchados, encharcada à porta de sua casa, soube que a sogra lhe vinha dizer que o seu casamento de sonho nunca se iria

realizar. Que o seu enxoval nunca sairia do armário. Que ficaria viúva ainda antes de se casar.

Amélia ficou destroçada e fechou-se durante dias no seu quarto, a olhar para cada peça do enxoval, a recordar cada frase de António, cada momento passado juntos, nem para comer saía, para grande desespero da mãe que via a filha definhar. Queria estar sozinha. Não podia acreditar que tinha depositado toda a sua esperança em Deus e que Este lhe tinha tirado o seu António. O que seria agora da sua vida?

A notícia correu rápido na aldeia. Amigos, família e muita vizinhos não quiseram deixar de demonstrar o seu apoio a Maria das Dores naquele momento de pesar. Foram dolorosos os dias seguintes. Maria das Dores e Amélia decidiram falar com o padre, queriam fazer um funeral digno ainda que não tivessem o corpo. O padre Jorge aceitou. Amélia queria que o cemitério, onde tantas vezes tinham feito juras de amor eterno, fosse a última morada de António. Foi ali, à porta daquele cemitério, que tudo começou, era ali que queria que o seu António ficasse.

O funeral juntou dezenas de pessoas das aldeias vizinhas, de Santa Comba e do Vimieiro que não quiseram faltar. Coitado do bom do António como todos recordavam, rapaz educado e pacato, trabalhador, logo ele que tinha uma noiva à sua espera.

Depois de terminada a missa, o caixão de madeira foi levado em ombros até à campa. Atrás da urna, vazia, em passo lento, ia o padre, logo depois seguido por Amélia, Maria das Dores e uma pequena multidão.

À entrada do cemitério, Amélia ainda foi capaz de esboçar um sorriso ao ler: «Cá te espero», a frase que testemunhou tantos beijos apaixonados. «Não foi isto que combinámos, meu amor», pensou Amélia, com os olhos marejados. Osvaldo aproximou-se dela.

- Amélia, lamento a tua perda.
- Obrigada, Osvaldo. Obrigada por teres vindo.
- Lá poderia faltar, era meu amigo...
- Sim.

- Anda, dá-me o teu braço que eu apoio-te, Amélia, estás muito fraca e combalida, a tua mãe contou-me que não comes nada desde que soubeste da notícia.

Amélia deu o braço a Osvaldo e foi de braço dado com o amigo de António que viu o caixão vazio do seu noivo descer à terra.

Aquele Inverno foi longo. A chuva não mais parou de cair. Os dias cinzentos e tristes raramente deixaram Amélia e Maria das Dores sorrir. A única vez que tiveram razões para sentir alguma alegria foi já em Março. Amélia chegou a casa e à porta tinha um senhor à sua espera.

- Olá, é a Amélia de certeza absoluta.
- Sou sim. Que deseja?
- Vi logo, o António descreveu-me tal qual você é. Não exagerou nem um bocadinho.
- Como é que o senhor conhecia o meu António?
- Sou o Joaquim Fortuna, amigo dele. Estive com ele em Angola e ele queria que, caso lhe acontecesse alguma coisa, eu viesse até aqui dizer-lhe que ele tinha um amor imenso por si.

Amélia sentiu as forças desaparecerem. Os olhos voltaram a ficar marejados de lágrimas, mas desta vez de felicidade.

- Ele falou-me tanto de si nas cartas que me enviava. O grande amigo dele da tropa. Deixe-me dar-lhe um abraço.

Joaquim sentiu a emoção de Amélia, que o convidou a entrar em sua casa, queria saber tudo sobre a vida de António em Angola.

- Então já está de volta?

- Sim, terminei a minha missão no Ultramar, regressei há quatro meses. Fui a casa à minha terra e prometi que das primeiras coisas que iria fazer era vir cá cumprir o desejo do António. Eu tinha a vossa morada das cartas dele e cheguei cá facilmente. Trago aqui duas malas com haveres do António que ele me pediu para entregar caso lhe acontecesse alguma coisa quando saiu para aquela maldita missão.

- Foi muito duro para mim e para a mãe dele. Ainda hoje não sabemos o que lhe aconteceu. Fizemos um funeral sem corpo...

- E a mãe dele, como está?

- Coitada. Vive sozinha, já não tinha o marido e ainda ficou sem o filho. Tenho-lhe dado muito apoio, mas nada preenche o vazio do seu coração. O António era tudo para ela.

- Gostava de conhecê-la e dar-lhe os meus sentimentos.

-Jante cá connosco. Gostava muito que o fizesse para me contar mais coisas sobre o António. Entretanto vou buscá-la a casa para vir cá jantar também. Ela vai querer vê-lo e ouvi-lo. Há muito que espera por alguém que lhe fale do filho. Aceita o nosso convite?

- Claro que sim. Já me instalei ali na pensão de Santa Comba Dão. Só tenho comboio de regresso a Bragança amanhã à hora de almoço. Vim cá de propósito e faço gosto em contar-vos tudo o que possa.

Amélia e Maria das Dores perderam-se nas horas ao ouvirem Joaquim recordar com saudade o amigo António. As conversas, as anedotas, o que pensavam os superiores dele, as missões em que participou. Amélia e Maria das Dores estavam felizes. Faziam perguntas atrás de perguntas a Joaquim, que respondia o melhor que podia.

- Uma vez o António escreveu-me a falar de um tal fazendeiro vosso amigo que vos convidou para uma festa...

- O Carlos Freitas - disse Joaquim.

- Sim, esse. Eu até fiquei com ciúmes quando li a carta porque percebi que o António tinha ficado muito entusiasmado com a festa... - disse Amélia em tom de brincadeira.

Joaquim não gostava da direcção que a conversa estava a tomar. Tinha a certeza de que António nunca falara de Dulce a Amélia e não seria ele, depois do amigo morto, a contar à mãe e à noiva viúva a aventura de António por terras de Angola. Uma aventura que dera frutos. Carlos Freitas tinha-lhe escrito para Bragança a anunciar que António nascera, mulato, com 3,750 quilos e uma força de leão. Um homem à semelhança do seu pai. Mãe e filho encontravam-se bem de saúde.

- Foi uma noite muito agradável, mas tenho de ir andando que amanhã parto para Bragança. Muito obrigado pelo jantar.

- Sempre que cá vier, não hesite. Venha visitar-nos. O António falava de si como de um irmão. Espero que se sinta assim e saiba que será sempre muito bem-vindo - disse Amélia, agradecida.

- Fá-lo-ei com todo o gosto.

Na manhã seguinte, antes de partir para Bragança, Joaquim ainda fez questão de ir ao cemitério depositar um ramo de flores na campa vazia, em memória do amigo António.

Quem também já tinha regressado a casa, depois da sua missão ultramarina, era Carlos. Também ele tinha sido informado, por carta, por Joaquim do desaparecimento de António. Regressado a Armação de Pêra, Carlos fazia planos para abrir um restaurante. Infelizmente não ia poder oferecer a António o melhor peixe do mundo, como tinha ficado combinado. Ainda assim, na resposta à carta de Joaquim convidou-o um dia a visitar o Algarve para comer uma das suas iguarias e juntos recordarem o amigo António.

Brito, esse continuava em África, dedicado à vida militar e ainda a combater pela pátria em defesa de território ultramarino. Chico também estava prestes a regressar. Já estava em Luanda e, no fim do mês, regressava ao Vimieiro. Estavam a preparar-lhe uma festa de boas-vindas. Zé Pereira continuava em França, de onde ia dando notícias. Prometia regressar em breve a salto, por alguns dias, e voltar a fugir porque guerra não era com ele. Já tinha sabido por Osvaldo do infortúnio de António, desabafando por carta:

Eu tanto lhe disse para não ir e vir comigo. Olha o que lhe aconteceu. Fiquei desfeito quando soube da morte do nosso amigo António. Não valia a pena. Ficou sem a vida para defender uma terra que não é nossa. Mas as coisas um dia vão mudar. Aqui em França tenho ido a algumas reuniões com gente ligada à política aí em Portugal. Tem havido muitas movimentações para acabar com essa guerra e com o governo de Lisboa. Isso um dia vai mudar e vamos todos poder ser livres. É pena é que esta luta esteja a ser travada à custa de gente que anda a combater e a perder a vida por uma terra que devia ser também livre e independente.

Quando passares no cemitério, amigo Osvaldo, põe lá um ramo de flores meu na campa em memória do António. Tenho muitas saudades dele.

Um abraço e até breve.

Zé Pereira

Paris, 27 de Junho de 1972

34.

Já tinha passado mais de um ano desde que António e os seus companheiros tinham sido emboscados no meio do mato. António só se recordava de ter acordado ali. Naquele lugar escuro, sujo, pestilento. Acorrentado e sozinho. Mas não sabia como tinha ido ali parar. Tiros, muito fumo, estrondos de granadas, companheiros de armas a tombarem, lama, gritos «mata que é branco», eram algumas das imagens que lhe assombravam o sono e desassossejavam a alma.

Se existisse Inferno, como a sua mãe acreditava piamente que existia, aquele era o local. Estava no meio do mato, não sabia se no Norte ou no Sul do país. Sabia que estava num aquartelamento de guerrilheiros que o mantinham como prisioneiro para tentar obter informações acerca das tropas portuguesas. Já tinha sido várias vezes interrogado e torturado. As marcas no corpo eram prova disso.

Na primeira semana apenas recebeu a visita de uma preta já idosa, a D. Rosa, que lhe tratou dos muitos ferimentos provocados

pelos estilhaços do ataque. Era uma senhora de 78 anos, com a pele enrugada pelas dificuldades da vida, mas sempre terna na forma como lhe passava um pano de água fria pela testa febril, como lhe punha uma espécie de pomada feita por ela, à base de ervas, sobre as chagas. Certamente estava habituada a tratar de vivos e mortos de uma guerra sem quartel. Foi à mão desta preta que se agarrou nos momentos de maior dor. Quando as febres altas lhe tiraram a razão, gritava, sem norte, por Amélia, por Dulce ou pela mãe perante o olhar profundo da preta que o tentava sossegar.

Recuperado das feridas, as boas-vindas não se fizeram esperar e, ao fim de uma semana, três turras arrastaram-no para fora da palhota para o torturarem perante gáudio dos outros soldados. António ainda sentia as picadas das abelhas que lhe arrancaram bocados de pele do peito barrado com mel pelos soldados. Com um pé ligado e esfacelado, a pele ainda manchada e um braço partido, António foi resistindo às torturas a que ia sendo sujeito. Duro como o pai, habituado desde cedo às agruras e dureza do campo, o facto de saber que estava vivo era motivo suficiente para resistir a tamanha tortura de vida. Mas no seu coração começava a crescer uma raiva incontida contra os pretos que o mantinham ali naquelas condições, como se fosse um animal.

Foi assim ao longo de mais de doze meses de cativo. Os seus captores iam alternando semanas de acalmia com tratamentos à mistura para o manterem vivo e prisioneiro, a ele e mais oito soldados que se encontravam naquele autêntico campo de concentração. Ao fim de um ano, os seus captores deixaram-no sair do isolamento. À volta, António, com a vista pouco habituada à luz do dia, apenas vislumbrava morros e serras a uma distância superior a um quilómetro. Apenas tinha percebido a passagem do tempo através da chegada da época das chuvas que chega normalmente em junho, depois de um Verão escaldante e de sol tórrido com muito pó e mosquitos à mistura.

O primeiro contacto que teve com os outros oito prisioneiros, soldados portugueses seus companheiros de luta, entre eles Veloso, também ele capturado naquela fatídica missão, aconteceu quando foram transportados para outro aquartelamento. António não percebeu para onde estava a ser levado, a viagem foi feita num carro fechado, de mãos atadas, e venda nos olhos, mas teve a noção de que tinha andado muitos quilómetros num terreno difícil de transpor.

- Então como estás, António? - questionou Veloso muito baixinho.

- Resisto, companheiro. E tu? Pareces estar bem melhor que eu.

- Só tive um problema numa perna provocado pelos estilhaços. Foi pena não nos termos deixado ficar no chão como se estivéssemos mortos. Não nos tinham apanhado.

- Pois foi. Eu estava praticamente desmaiado. Mal me tocaram, senti e foi o meu azar.

- O meu também. Não sei se não teria sido melhor ter morrido logo ali como os outros nossos companheiros.

- Também preferia ter morrido do que estar a suportar isto e a ser torturado por estes pretos facínoras.

- Cuidado, não fales muito alto.

- Agora temos de resistir. Só estamos aqui oito e um dia destes temos de arranjar maneira de fugir daqui.

- Já fomos dez. Dois morreram às mãos deles. Não resistiram às torturas. Um estava mesmo ao meu lado.

- Que será que querem de nós?

- Nada. Somos prisioneiros de guerra e servimos sempre de escudo quando precisarem. Quiseram obrigar-me a falar sobre a localização dos nossos quartéis, mas já nem me lembro bem. Resisti o mais que pude. Passei um mau bocado.

- Fizeram-me o mesmo. Graças a uma preta, consegui sarar as minhas feridas, mas ainda me dói a perna.

- Também cuidou de mim... Consegui saber por ela onde estávamos no primeiro campo. Disse-me que aquela era a região de Cuando-Cubango no Leste. Mas agora, desde que viemos para aqui, já não sei se estamos mais a norte ou para sul. Os quatro dias de viagem colocaram-nos muito longe daquele local.

Passaram dias, meses. António, Veloso e os restantes prisioneiros perceberam que estavam de novo na época natalícia quando o coração amaciado de um dos guerrilheiros lhes levou um pouco de carne de caça e um copo de vinho.

- É Natal, hoje têm direito a mais qualquer coisinha, seus brancos colonizadores - disse-lhes, anunciando que o fim do império português em Angola estava para breve.

Em boa verdade já tinham passado quase três anos sobre o ataque, estavam no Natal de 1973, prestes a entrar no ano de 1974. A previsão do soldado do MPLA aos prisioneiros portugueses revelava apenas ignorância. No final de 1973, Portugal tinha a situação em Angola controlada, entusiasmo que levava até o governo em Lisboa a falar de guerra ganha, o que não correspondia absolutamente à verdade.

Os movimentos guerrilheiros e independentistas estavam completamente de costas voltadas. MPLA, FNLA e UNITA lutavam todos contra o exército português. Por esta altura, a UNITA de Jonas Savimbi, que nos anos anteriores se tinha revelado um aliado do exército português, mudava de estratégia e combatia também os soldados do exército português. Mas a par da luta que faziam contra

as tropas portuguesas, os três movimentos digladiavam-se entre si pela conquista de território angolano. Uma guerra interna que os fragilizava e punha à mercê dos militares portugueses.

Nesse ano de 1973, Portugal reforçou o seu contingente militar em Angola, Moçambique e Guiné. Em Lisboa, o mal-estar nos três ramos das forças armadas, com capitães e generais a porem em causa o rumo da guerra e a sua longa durabilidade, acentuava as divergências que estavam a minar por dentro os militares cada vez mais revoltados com a guerra e com uma política colonialista que já não fazia sentido. Era ideia generalizada entre as mais altas patentes das forças armadas portuguesas que a guerra dificilmente ia ter fim e que nunca ia ser ganha. Manter o império já não fazia sentido, mas o governo liderado por Marcello Caetano, que não soube em tempo devido preparar a descolonização, já só tinha a manutenção da guerra como única forma de manter o império. Para Caetano, a situação era clara: «Só temos um caminho: defender o Ultramar.»

As famílias portuguesas começavam a tomar consciência de que aquela era uma guerra onde perdiam os filhos e maridos. Ainda para mais sem possibilidade de os enterrar. O governo exigia valores altíssimos às famílias para trasladarem os corpos. Gente sem recursos económicos que não podia pagar. Desta forma, evitava o espectáculo agonizante e fatal para a sua imagem que seria o país ver chegar à capital urnas com corpos de militares numa guerra que Lisboa insistentemente afirmava estavar ganha.

35.

Três anos depois da morte de António, a vida de Amélia tinha mudado. Manteve o luto cerrado durante dois anos, apresentando-se todos os dias na escola para dar aulas com roupa preta e cara triste. Um tristeza imensa que, na realidade, nunca mais a abandonou. Um dia atrás do outro, cada vez mais dedicada à escola.

Tinha perdido o amor da sua vida. A maldita guerra levou-lhe uma vida de sonho, planeada ao pormenor com casamento, enxoval e muitos filhos. Percorreu várias vezes sozinha o caminho de casa para a escola primária, o mesmo que fazia com António de mão dada, quando ainda meninos. Com frequência sentava-se no banco do átrio da igreja onde ele lhe pedia para encostar a cabeça ao seu ombro e dizia que a amava profundamente. Quase todos os dias lia uma ou duas cartas do noivo, de olhos inchados por tantas lágrimas derramadas ao reler as palavras de António; as saudades que ele sentia longe dela, as juras de amor eterno, palavras que nunca mais iria ouvir da boca do noivo. Foram dois anos de luto e sofrimento a que decidiu pôr termo à entrada de 1973. Encorajada pelas amigas e

colegas de escola, Amélia tinha finalmente decidido viver a sua própria vida.

- Está na hora de viveres, Amélia, ainda és muito nova para te tornares numa viúva - dizia-lhe Alice. - Tens de reagir. Percebo o teu sofrimento, o teu desgosto, mas nada há a fazer. A guerra é mesmo assim, nua e crua. Como tu, muitas outras mulheres pelo país fora perderam os maridos ou noivos. Já fizeste o teu luto, agora tens de retomar a vida e seguir um novo rumo.

Assim o fez. A única promessa que deixou naquela última missa na passagem de 31 de Dezembro para 1 de janeiro daquele ano em frente ao altar onde estava uma imagem da Virgem era que continuaria a visitar com regularidade a campa de António em sua memória.

Não havia mesmo mais nada a fazer do que recordá-lo com saudade. Alice tinha razão. Estava com quase 25 anos, era nova, mas a idade de casar estava quase a ultrapassá-la. Não tinha muito tempo para mudar de vida. Não seria difícil arranjar um noivo. Amélia continuava a moça mais bonita da aldeia, ainda para mais agora que era a senhora professora, era também respeitada e admirada por todos. Um verdadeiro tesouro para quem a conseguisse conquistar. Na realidade, Amélia só teve de olhar para o lado. Em vez de ignorar os constantes e imprevistos encontros com Osvaldo no caminho de casa ou da escola, foi passando a olhar para o amigo do noivo com outros olhos. Era um homem maduro, mais velho, com negócio próprio, bom conversador, boa companhia e, acima de tudo, estava solteiro porque foi mantendo sempre a secreta esperança de conquistar o coração de Amélia. Uma esperança que ganhou nova chama quando o seu amigo desapareceu em Angola. Que Deus lhe perdoasse este sentimento, mas quando se trata das coisas do coração...

Entre um passeio e uma conversa, Osvaldo foi ganhando coragem e finalmente confessou-lhe o seu amor.

- Amélia, eu quero-te para minha mulher. Sei que ainda pensas em António, mas eu posso fazer-te muito feliz - disse Osvaldo, segurando a sua mão.

Amélia olhou com ternura para aquele homem. Era certo que não o amava. Mas tinha a certeza de que ele a respeitaria. Ao seu lado podia encontrar paz e serenidade e, acima de tudo, conseguiria concretizar o seu maior sonho: ser mãe.

Por altura do mês de Abril já corria nas bocas do povo o romance entre Amélia e Osvaldo. Ambos sentiam, quando passavam na rua, que toda a gente sussurrava e comentava a relação. Amélia tentava não ligar, mas na realidade não gostava que as pessoas pensassem que ela estava a trair de alguma maneira o seu noivo.

- Estás parva, Amélia, ele está morto!

- Eu sei, mas toda a gente aqui da terra o conhecia e sabia que estávamos noivos.

- E então? - insistia a amiga Alice. - Se ele morreu, as pessoas não vão querer que tu morras também.

- Tens razão. E o Osvaldo gosta tanto de mim...

- E tu, o que sentes?

- Sinto que ele pode ser um bom marido e pai para os meus filhos...

- Já não é mau, Amélia - disse Alice consciente de que, no que toca ao casamento, mais do que amor é preciso respeito e amizade.

Em Junho, Amélia e Osvaldo oficializavam o namoro perante a bênção dos pais dela que queriam ver a filha feliz e encaminhada na vida. Para Amélia era preciso ter outra bênção. Dirigiu-se então a Venda do Sebo, onde encontrou Maria das Dores sentada no quintal

de chapéu na cabeça a fazer, a muito custo porque a falta de visão já não ajudava, o seu croché.

- Minha sogra... vim cá de propósito para falar consigo.
- Então que se passa, minha querida Amélia?
- Vou-me casar e queria que soubesse pela minha boca...
- Com o Osvaldo, não é?
- É, minha querida Maria das Dores.

-já toda a gente falava da vossa relação. Sabes como é. Meios pequenos, sabe-se tudo. Algumas pessoas até me diziam que tu devias ficar viúva para sempre e vestir de negro toda a vida e que era uma vergonha.

- E o que acha a senhora?

- Acho que deves refazer tua vida, pois ainda és nova. Fico muito feliz por ti. Triste porque te imaginei toda a vida com o meu António. Sempre foste a mulher ideal para ele, mas...

De lágrimas nos olhos, Maria das Dores não conseguiu continuar a falar. Amélia abraçou-a e agradeceu-lhe do fundo do coração.

- Estava com medo de que não compreendesse. Não amo o Osvaldo como amei o António, mas gosto dele, é boa pessoa, trata-me com muito respeito e julgo que encontrei a pessoa certa neste momento da minha vida.

- Não tenho nada contra, minha filha. Fazes muito bem, e que sejas muito feliz porque mereces tudo de bom.

- Caso em Agosto. Gostava muito que fosse ao meu casamento.

- Não me faças isso, Amélia. Poupa-me a esse sofrimento. Ver-te no altar com alguém sem ser o meu filho ia ser muito doloroso para mim. Espero que compreendas. Quero que sejas muito feliz, mas não leves a mal se eu não for.

Amélia percebeu. Com um abraço sentido e apertado, Maria das Dores deixava de ser naquele momento a sogra que ela tanto desejava.

- Mas tenho outro pedido para lhe fazer. Trago aqui o enxoval que guardei ao longo destes anos à espera do António. Gostava muito que ficasse com ele.

Maria das Dores aceitou, compreendendo aquele gesto. Por muito que custasse a Amélia, precisava de apagar da sua vida todas as recordações de António. Ou pelo menos tentar. Havia duas das quais Amélia não se podia desfazer: as cartas que ela guardara na sua caixa de madeira forrada a cetim cor-de-rosa e o anel que trazia no dedo e com o qual em tempos ela e António selaram o seu amor. Guardaria para sempre as cartas e o anel de prata com dois corações gravados, que só sairia do seu dedo no dia em que ela se casasse com Osvaldo.

Em Agosto de 1973, Amélia e Osvaldo estavam casados. Foi uma cerimónia simples. Amélia estava linda vestida de noiva, como um vestido branco, imaculado, com folhos de renda e pequenas pérolas a debruarem-lhe o decote. Quando entrou na igreja, de braço dado com o pai, esforçou-se por conter toda a sua emoção. Da porta da igreja até ao braço de Osvaldo, relem brou os momentos de felicidade que passou com o seu António. Agora tinha uma aliança no dedo e um marido que lhe sussurrava ao ouvido que ia fazer dela a mulher mais feliz da região. Que assim fosse. Passaram a lua-de-mel na Serra da Estrela e, quando regressaram, instalaram-se na aldeia do Rojão, numa casa térrea e largo quintal, a um quilómetro para cada lado de Venda do Sebo e do Vimeiro e a dois de Ova.

Queria começar do zero, longe dos olhares reprovadores de quem condenava aquele casamento.

36.

António já não conseguia suportar mais a sua condição de prisioneiro. Não tinha noção de quanto tempo tinha passado, mas sabia que já fazia anos que estava ali, preso como um animal. Sentia que a sua vida se esvaía a cada dia que passava no cativeiro. Era preciso fazer alguma coisa. Tinha a certeza de que não aguentava mais tempo naquela condição.

Como estaria a correr a guerra? Mal sabia António que, meses antes, em Portugal se tinha feito uma revolução com cravos vermelhos que tinha deposto o regime ditatorial e instalado a democracia no país. Com a queda do regime, terminava a guerra e nasciam as condições para a emancipação dos povos das colónias portuguesas.

O que pensariam a sua mãe e Amélia neste momento? Certamente o Exército o teria dado como desaparecido ou morto e elas estariam de preto a chorar a sua morte. Coitada de Amélia. E Dulce?

- Aqui não podemos ficar. Mais cedo ou mais tarde eliminam-nos ou morremos com alguma doença. Temos de arranjar forma de sair daqui - disse entre dentes António a Veloso numa das caminhadas que os guerrilheiros os deixavam fazer durante o dia.

Desde o Natal de 1974 que António seguia atentamente todos os passos dos guardas e decorava na sua cabeça todos os cantos do aquartelamento para planear a melhor forma de sair dali. Corria o mês de junho e as chuvas estavam de regresso. Era a altura ideal para fugir. O tempo mais fresco, a lama, as chuvas, faziam com que os guerrilheiros se abrigassem e estivessem menos vigilantes.

Dona Rosa, que cuidou das feridas da maioria dos prisioneiros, foi-se tornando numa preciosa aliada. Ao longo daqueles anos de cativo, António foi conquistando a sua confiança e simpatia. Ficou então a saber que ela trabalhara em tempos para famílias portuguesas, que a trataram sempre bem, e que estava ali porque havia sobrevivido a um ataque a uma fazenda de algodão no Leste de Angola, onde perdeu todos os familiares. Ficou com os militares, porque era a única forma de sobreviver, e passou então a ser a cozinheira «oficial» daquele agrupamento. Não simpatizava com eles, mas os guerrilheiros não a tratavam mal. Dona Rosa já tinha dito a António que não sabia em que parte do país estavam. Já tinham mudado de local três vezes durante aqueles anos de cativo. A seu pedido, D. Rosa conseguiu arranjar discretamente utensílios importantes para a fuga, sobretudo punhais, que António foi enterrando no chão para os distribuir quando precisasse deles. Já não sentia remorsos nem problemas em matar se preciso fosse, tal era o ódio que nutria pelos seus captivos e sobretudo pela cor da sua pele.

Na tarde de 26 de julho, quando se passeava juntamente com os outros parceiros de cárcere no terreno aberto em frente às celas, foi passando a informação:

- Amanhã às cinco da manhã saímos. Não podemos dormir esta noite. Às cinco é a hora em que os dois que estão de turno vão dormir e há ali cerca de 15 minutos em que não temos ninguém a vigiar-nos. Nesse espaço de tempo temos de conseguir sair. Se conseguirmos passar este primeiro gradeamento, depois é só dirigirmo-nos para o lado esquerdo do aquartelamento onde a D. Rosa dorme. Do quarto dela há uma saída para o exterior. Ela vai estar acordada à nossa espera.

Dona Rosa tinha decidido ajudá-los a sair dali, sem temer pela sua própria vida. António ainda tentou convencê-la a ir com eles, mas D. Rosa recusou. Era demasiado velha e não os queria atrasar na fuga. O seu destino estava marcado. Na noite anterior, D. Rosa foi ao seu encontro para lhe entregar o crucifixo e a fotografia de Amélia que lhe haviam tirado no dia em que António foi capturado. António ficou emocionado e agradeceu toda a ajuda prestada.

Correu tudo como planeado. A fuga foi rápida. Às cinco da manhã em ponto, António e os seus companheiros rastejaram até chegarem à primeira vedação. Com os punhais na mão, foram cortando um a um com celeridade cada nó do arame farpado. Pela calada da noite dirigiram-se para o lado esquerdo do aquartelamento, onde a porta do quarto de D. Rosa já estava aberta. António foi o último. Dona Rosa tinha deixado tudo aberto. A essa hora aproveitou para ir à cozinha oferecer um café quente aos guardas que tinham saído do turno, retardando um pouco mais a entrada dos dois seguintes que aceitaram também um café quente enquanto não tomavam posição no posto de vigia das celas.

A fuga durou cerca de 15 minutos. Logo após ultrapassarem o quarto de D. Rosa, saltaram um muro onde tiveram de cortar mais um pouco de arame farpado e rapidamente correram com todas as forças que tinham em direcção à densa floresta que os aguardava.

Correram e andaram sem parar nem conversar o mais que puderam. O objectivo era colocarem-se o mais longe possível do

aquartelamento enquanto não dessem pela falta deles. Só já perto das sete da manhã, altura em que os prisioneiros deviam sair para se apresentarem, é que os guerrilheiros deram pela ausência dos militares portugueses. António e os companheiros já levavam uma hora e meia de avanço.

A fuga estava consumada. António, Veloso e companhia andaram mais de um mês perdidos no meio do mato. Alimentaram-se de ervas, de alguma caça feita com os punhais e foram fustigados por tempestades tropicais. Estavam treinados para sobreviver e tudo aquilo era muito pouco comparado com o que sofreram em mais de três anos de cativeiro. Só tinham um objectivo: alcançar uma aldeia ou campo militar português que os devolvesse à liberdade. Não faziam ideia da zona geográfica onde se encontravam. Se no Norte, no Leste ou no Sul de Angola. Mas andavam sem pre. O olhar ou o instinto de cada um era a única bússola que utilizavam.

Depois de mais uma noite ao relento, exaustos e desesperados, António e os companheiros voltaram ao caminho. Subiram a serra, serpentearam rios, sempre com medo de que o perigo voltasse a espreitar. Na memória, a ideia de uma emboscada em qualquer uma das curvas de uma estrada ou no meio do mato. Evitavam caminhar em campos abertos, mas temiam a densidade da floresta onde o inimigo podia estar à espreita.

Ao cair da noite desse dia avistaram um clarão tímido de luz a iluminar o céu. Recuperaram a esperança. Estavam prontos a descansar, mas decidiram avançar um pouco mais. Queriam ter a certeza de que aquele clarão era a luz de uma qualquer localidade. O cansaço parecia ter desaparecido das suas pernas naquele instante. Seria possível estarem perto de uma aldeia?

Ao perceberem que realmente era uma localidade no meio do mato, caíram nos braços uns dos outros. Veloso, mais prudente, pediu contenção.

- Cuidado que pode ser uma aldeia controlada por guerrilheiros. Não podemos fazer barulho. Temos de aguentar mais esta noite aqui no mato e só de dia podemos avançar para tentarmos perceber exactamente onde estamos e com quem estamos.

A noite caiu, António estava exausto. O seu corpo estava de rastos. Cheio de dores, sujo e com fome, António fechou os olhos a pensar na sua Amélia. No seu cheiro a água-de-rosas. No seu sorriso sentada no banco de pedra no adro da igreja. António acreditava que, mais de três anos depois do seu desaparecimento, tudo continuava na mesma em Santa Comba Dão.

Às seis da manhã já o Sol iluminava a aldeia e os militares portugueses definiram a sua estratégia. Resolveram separar-se dois a dois para não entrarem em grupo pelas ruas de terra batida da povoação. Uns para norte, outros para sul e outros dois em frente, passos cuidadosos. Sabiam que iriam despertar a atenção a quem os visse. Estavam esfomeados, cansados, sujos, magros e com mazelas visíveis na face e no corpo das sequelas do cativo e das agruras de mais de um mês a caminhar por sítios inóspitos.

António e Veloso abrigaram-se debaixo de uma carroça de bois abandonada. Já viam movimento nas ruas e não conseguiram controlar a emoção. Sorriam ao mesmo tempo que deixavam cair lágrimas de contentamento pela face. Havia civis brancos pelas ruas e militares portugueses também.

António fixa um dos homens. Chamou-lhe a atenção o lenço que trazia ao pescoço.

- Será possível?

- Que foi? - perguntou Veloso.

- Um grande amigo meu da tropa em Chaves, usava um lenço igual àquele. Verde com quadrados pretos, tinha sido o pai dele que

Iho dera antes de ir para o serviço militar. Dizia-lhe que aquele lenço lhe ia dar sorte. Mas não pode ser ele. Foi há tantos anos.

- Como se chamava?

- Brito... era assim como aquele, alto e forte, mas já passou muito tempo. Só reconheço mesmo o lenço. Pode não ser o mesmo.

- Temos de arriscar - disse Veloso. - Isto é gente nossa.

- Pois temos. Seja como for, já não caímos nas mãos dos pretos.

Brito, juntamente com mais dois soldados, entrou no café em frente. António e Veloso seguiram-nos e decidiram também entrar. Já não tinham nada a perder.

Ao entrar no café, António só conseguiu balbuciar:

- Brito...

Já ao balcão, os três militares voltaram-se para a porta e depararam com dois homens sujos, feridos, com olhar arregalado à espera que a sorte daquela vez estivesse do lado deles.

- Sim, sou eu! - respondeu Brito, espantado com o que estava a ver mas longe de reconhecer o amigo.

Ao ter a certeza de que na sua frente estava o amigo Brito, do quartel de Chaves, o homem alentejano que sonhava com a guerra, António não foi capaz sequer de dizer o seu nome e identificar-se. Caiu de joelhos e começou a chorar convulsivamente agarrado à cara. Estava salvo.

Rapidamente Brito agarrou nele e sentou-o numa cadeira, obrigando-a a beber um pouco de água. António não largava o braço de Brito que, do alto do seu 1,90m de camuflado vestido, se mostrava incrédulo. Não conseguia perceber quem era aquele

homem que tinha chamado o seu nome. Deixou-o acalmar e mandou chamar um jipe para levar aqueles dois homens para o centro hospitalar, pois estavam a precisar urgentemente de cuidados médicos.

- Há mais quatro aí nas ruas à procura de ajuda - disse Veloso.

Brito pediu aos amigos para irem rapidamente ver onde eles estavam enquanto esperava pelo jipe.

António não conseguia parar de chorar. Ferido, com a pele desidratada e cheia de manchas, dores imensas no estômago, tentava a todo o custo recompor-se. Brito tentou indagar junto de Veloso quem era aquele soldado que o reconhecia e como é que tinham ido ali parar.

- Quem é aquele que me conhece? Por mais que me esforce, não estou a reconhecê-lo...

- António. António Ferreira. Chaves - disse Veloso a muito custo.

- António, António, meu amigo do Vimieiro, és mesmo tu? Não pode ser, homem, estás irreconhecível. Como foi possível não perceber logo que eras tu? Há quantos anos pergunto por ti. Disseram-me que tinhas morrido em combate.

- Traga mais água. Não, traga mas é um uísque para ele ganhar forças... - pedia Brito, agora também ele nervoso e emocionado com aquele inesperado reencontro.

António estava caído nos braços de Brito. Tinha encontrado a liberdade nos braços do seu grande amigo de Chaves.

- Já chegou o jipe. Vamos já para a tenda militar de saúde.

Sozinho, Brito pegou em António e pousou-o, com todo o cuidado, no jipe dirigindo-se a toda a velocidade para o centro militar.

- Rápido, urgente, são meus amigos, estão a precisar de ajuda - disse Brito.

Mal chegaram à tenda que fazia as honras de hospital, os médicos e as enfermeiras rapidamente se dedicaram aos militares portugueses. Nos dias seguintes, Brito nunca mais abandonou António, que parecia estar em estado de choque, o que o impedia de falar. Brito ordenou que todas as acções militares previstas para essa semana fossem canceladas. Só voltaria ao activo quando conseguisse falar com o amigo António e perceber o que lhe tinha acontecido.

Não tinha contactos para avisar a família do amigo, mas também não o queria fazer sem primeiro falar com ele. Tinha passado muito tempo e o mesmo choque que tivera ao ver ali à sua frente o amigo dado como morto há três anos podia ser fatal para a mãe de António.

A todas as horas do dia passava pelo centro hospitalar. Sentava-se junto à cama do amigo, pegava na mão de António que olhava para ele e sorria. O médico já tinha informado Brito de que o choque ia demorar uns dias a passar. Estava traumatizado e, com a emoção, tinha perdido a voz. Mas que a qualquer momento depois de devidamente estabilizado, já nutrido e hidratado, podia recuperar a voz. Era uma questão de paciência.

- Mal ele dê sinal de começar a falar, chamem-me imediatamente. É um grande amigo meu, dos tempos da recruta na metrópole. Este homem foi dado como morto e na terra dele até lhe fizeram um funeral sem corpo. Agora aparece aqui vivo, vindo do nada. É um milagre. Nem durmo à espera de saber o que se passou e como veio ele aqui parar.

Ao fim de cinco dias, um enfermeiro correu para a pensão onde Brito estava instalado. Eram cinco da manhã. Brito acordou estremunhado.

- Que foi? Algum problema?

- Não, meu comandante. É o seu amigo. Começou a falar. Só chama por si.

Brito deu um salto da cama. Vestiu-se, passou apenas um pouco de água pela cara e correu para o centro hospitalar. Ao entrar, foi travado pelo médico.

- Tenha calma, Brito. Cuidado com o que lhe vai dizer. Ouça-o apenas, pelo menos para já. Ele esteve fora do mundo dos vivos muito tempo, as coisas mudaram e pode não aguentar o choque de saber o que se está a passar.

- Com certeza, doutor. Esteja descansado.

Ao entrar no quarto, Brito caiu de novo nos braços de António.

- Brito, amigo. Não imaginas como estou feliz - dizia António ainda com a voz fraca, mas audível.

- Conta-me. Como vieste aqui parar? O que se passou? Onde andaste?

- Estive muito tempo preso nas mãos do inimigo. Fui muito maltratado. Conseguimos fugir e há muito tempo que andávamos perdidos na selva. Fizemos centenas de quilómetros a pé. Quando cheguei à cidade, reconheci-te pelo lenço, esse lenço que trazes ao pescoço. Mas não tinha a certeza se eras tu. Que andas aqui a fazer?

- Na guerra, meu caro António, a defender a nossa pátria.

- Mas onde estou? Perdi a noção do tempo e espaço há muitos anos, nem sei quantos passaram ao certo. Que sítio é este?

- Estás no Negage, no Norte de Angola.

António estremeceu de novo.

- Perto de São Salvador? - perguntou António, pensando imediatamente na sua Dulce.

- Sim, não é longe.

- Posso lá ir? - disse sem medir as palavras.

- Nem pensar, amigo. Tens aqui mais uns dias de recuperação. Não te podes levantar. E que queres ir fazer a São Salvador? Vou tratar é de te pôr em Luanda e regressares o mais depressa possível a Portugal e à tua terra.

- Não sei se sou capaz.

- A tua família?

- Não faço ideia. Coitada da minha mãe. Será que ainda é viva? Deve julgar que morri.

- Pois julga, António. Eles foram informados de que desapareceste em combate e toda a gente pensa que morreste. Queres que os informe? Arranjo maneira de contactá-la.

- Não, para já não. Tenho de pensar bem na melhor forma de avisá-los. E quero ficar bom. A minha mãe não ia aguentar o choque. E a Amélia, não sei o que será feito dela. Ainda estará à minha espera?

- Claro que está, António. Vão explodir de alegria quando souberem. Vamos escrever uma carta pelo menos. É a melhor forma de lhes fazeres chegar a notícia.

- Mas agora não. Podemos fazer isso depois. Quero sair desta cama, recuperar e depois saber o que vou fazer. E tu, que fazes aqui? Ganhámos a guerra? Já demos cabo desses pretos todos?

- Ainda não, António. Quando saíres da cama e estivermos calmamente a beber uma cerveja, conto-te tudo. Agora tenho de sair. O médico disse-me que não aguentas visitas de mais de 10 minutos. Tens de descansar o mais possível agora que recuperaste a voz - desculpou-se Brito antes que António lhe fizesse mais perguntas incómodas sobre o que se estava a passar.

- Está bem, meu amigo, mas não me abandones aqui. Vem visitar-me.

- Está descansado. De manhã, à tarde e à noite passo sempre por aqui. E amanhã de manhã estou aqui para escrevermos a carta à tua mãe.

Brito saiu eufórico e deu um abraço ao médico.

- Recupere-o bem, doutor. Preciso de estar mais tempo a falar com aquele meu amigo. Nem acredito no que está a acontecer. Isto é um milagre. Nem tudo é mau nesta guerra maldita.

No dia seguinte, Brito estava ao lado de António com um papel de carta e uma caneta.

- Vamos lá então escrever. Temos de ser cuidadosos na forma como vais dizer as coisas. Vai ser um choque grande, mas tenho a certeza de que vai alegrá-la muito. É verdade. Lembras-te do Carlos Vieira?

- Sim, claro, que é feito dele? Também ainda aqui anda?

- Não, há muito que regressou. Esteve dois anos em Inglaterra a trabalhar e agora já está no Algarve. Tem um restaurante, ele diz que é numa barraca, mesmo na praia ao lado de Armação de Pêra. O melhor peixe do mundo, lembras-te? Às vezes escrevo -lhe. Ficou muito abalado com a notícia do teu desaparecimento. Soube por um tal Joaquim Fortuna que fez a tropa aqui contigo e é muito teu amigo.

- O Joaquim! Que saudades... Onde está ele?

- Também regressou há três anos e meio a Portugal, segundo me disse o Carlos. Eles nem vão acreditar quando te virem. Vamos lá então escrever que não posso estar aqui muito tempo a cansar-te.

Uma semana depois, António deixava o hospital pelo seu próprio pé. Ainda debilitado, apoiado numa bengala e no ombro amigo de Brito, e com problemas de saúde que não o iriam abandonar tão cedo como as manchas na pele e os problema de estômago. António olhava para a luz do dia como se tivesse voltado à vida.

- Anda, António. Agora vais ficar instalado ali naquela pensão. É a única que aqui há. Completamente nova, foi construída por um português que entretanto se foi embora.

- Podemos ir beber uma cerveja, Brito? Estou com tantas saudades de me sentar a beber e a conversar...

- Claro que sim. Passamos na pensão, deixamos as coisas e o bar é mesmo em frente.

Brito e António estiveram todo o dia sentados a conversar. António contou tudo o que se lembrou daqueles três anos de cativeiro e de como chegara até ali.

- Vi coisas que não julguei serem possíveis nesta guerra, Brito. Nunca mais me vão abandonar. Quando fecho os olhos, só penso nisso... vejo imagens, corpos, ouço vozes...

- Tens de ter calma, amigo, aos poucos isso passa. Quando estiveres em casa com a tua Amélia, vais ver que esqueces tudo - dizia-lhe Brito, sabendo por experiência própria que há coisas na vida de um homem que são impossíveis de apagar.

Brito respirou fundo. Depois de ouvir António, sabia que tinha de pô-lo a par do que se passava em Angola.

- Tudo mudou nestes quatro anos, amigo António. Estamos em Agosto de 1975. Já entregámos Moçambique e a Guiné, estamos quase a fazer o mesmo em relação a Cabo Verde e São Tomé, e a seguir vai Angola se não fizermos mais nada. Houve uma revolução em Portugal. O governo de Marcello caiu e os militares tomaram o poder e instauraram a democracia. Só que entregaram tudo aos movimentos guerrilheiros que nós andamos a combater há 14 anos. Fragilizaram as nossas tropas que a partir da revolução em Abril só quiseram foi sair daqui. Os três movimentos estão agora em guerra aberta à espera que Portugal declare a independência. Os portugueses que cá vivem estão a fugir todos daqui e a regressar a Portugal. São atacados em todo o lado e as nossas tropas já nada podem fazer ou não querem fazer. Já não é nada connosco. Isto está um caos.

- Então tudo isto foi para nada? - perguntou António, incrédulo.

- Absolutamente para nada. Fomos traídos e abandonados.

- E que fazes tu aqui, Brito?

- Eu não desisto. Acabei a tropa e recusei-me a deixar a luta. Já combati em Moçambique ao lado da resistência à Frelimo que tomou o poder. Agora dou apoio ao movimento FNLA. O objectivo é tomar Luanda, que está nas mãos do MPLA e tem o apoio de soviéticos e cubanos.

- E nós, os militares portugueses?

- Já foi quase tudo embora. Mantêm-se nas cidades, mas apenas para proteger os portugueses que também se estão a ir embora para a metrópole. Mas já não interferem. Foram completamente abandonados e estão desmoralizados. Só querem é ir-se embora e deixar isto. Os três movimentos guerrilheiros agora lutam entre si pelo poder e estão a destruir tudo.

- Mas tu vais combater?

- Vou. Daqui a uma semana seguimos para o Ambriz. Chegámos há dias da Rodésia onde nos organizámos e agora vamos juntar-nos a mais tropas. São angolanos da FNLA, zairenses e nós que vamos dar instrução para combater o MPLA. Vão ser combates pesados, mas não podemos entregar isto assim. Temos de conquistar.

Já tinha caído o fim de tarde quando António e Brito resolveram ir descansar. Quando entrou no quarto, António estava per dido. Tudo tinha mudado. Que mundo era este a que tinha regressado?

«Afinal esta maldita guerra foi para nada, velho vizinho», balbuciou António, deixando-se cair na cama com lágrimas nos olhos e a pensar como tinha sido obrigado a desperdiçar a vida, a sua juventude, a afastar-se da mãe e da noiva... tanto sofrimento, tanta agonia e tantos amigos perdidos. Para nada.

37.

Maria das Dores saiu desenfreada porta fora. As mãos na cabeça, chinelos calçados, correu o mais rapidamente que o seu coração pôde até ao café do Manel. Os vizinhos assustaram-se ao vê-la assim:

- Maria das Dores o que foi? Aconteceu-lhe alguma coisa? - perguntou uma vizinha sem conseguir arrancar uma resposta.

- Ai meus Deus, parece que vai com o diabo no corpo - disse outra.

Maria das Dores não conseguia responder. Só corria. No bolso do seu avental levava uma carta com o carimbo do Exército que acabara de receber.

A taberna do Manel, com o passar dos anos, tinha-se transformado num café. Mais moderno, cadeiras e mesas novas, televisão na parede, respirava-se outro ar e já se podia falar de tudo porque a liberdade também já morava ali. Quando entrou no café,

os clientes assustaram-se. Maria das Dores estava ofegante. Encarnada do esforço sem dizer uma palavra, puxou o braço de Manel, levou-o para a cozinha contígua ao balcão longe dos ouvidos de todos.

Maria das Dores estava a aprender a ler e a escrever num curso para idosos organizado pela junta de Freguesia. Eram tempos de mudança e liberdade. Na paróquia também havia um padre novo, o padre Aureliano, para ajudar o padre Jorge, cujo reumatismo o impedia de apoiar como desejava os párocos da sua aldeia. Ao princípio, ela e as amigas sussurravam que o tal padre Aureliano era demasiado moderno, mas cedo as conquistou com as suas modernices. Sozinha no mundo, sem mãe, marido e filho, com a idade a pesar-lhe, dedicava-se agora às actividades da Igreja que também organizava viagens culturais pelo país.

Maria das Dores era uma aluna aplicada. O curso já durava há seis meses, mas ainda assim não era o suficiente para perceber bem o conteúdo da carta que acabara de receber. Uma coisa percebeu e, por isso, correu desenfreadamente como se não houvesse amanhã: o filho estava vivo. Mas como se tinha dado o milagre? Isso eram pormenores que era melhor serem lidos por Manel, fiel leitor das cartas de António.

- Diga, mulher. Fale. Que lhe aconteceu? - sussurrava, nervoso, Manel.

Maria das Dores, emocionada, nem conseguia explicar-se. Sem falar, ainda ofegante, limitou-se a tirar a carta do bolso do avental.

Quando Manel percebeu, pelas cores vermelhas e verdes nas pontas do envelope e pelo selo, que era carta vinda de Angola, apressou-se a abrir o envelope. Nem queria acreditar no que os seus olhos viam. «Querida mãe». Antes de continuar, baixou os olhos até ao final da carta para ver se a data era actual. Podia ser uma carta antiga que se tivesse extraviado e só agora tivesse chegado. Mas

não. Estava lá, não havia engano: 25 de Agosto de 1975. António estava vivo.

O velho Manel tremia como varas verdes. As mãos mal conseguiam segurar a carta e a voz fugia-lhe a espaços enquanto lia a carta.

- Lê mais alto, mas só para mim - dizia-lhe Maria das Dores que não queria que ninguém a ouvisse.

Querida mãe,

Como vai de saúde? Não existe outra forma de lhe dizer isto: estou vivo. Passei quatro anos e meio isolado nas mãos dos inimigos. Fui capturado numa emboscada que a minha companhia sofreu. Conseguimos fugir ao fim destes anos e estou agora nas mãos de militares portugueses meus amigos, ainda que internado num hospital. Espero que esteja bem porque sonho abraçá-la todos os dias e a cada hora. Não diga por enquanto a ninguém aí na terra que vou regressar. Apenas à Amélia. Nem lhe escrevi porque não sei se, ao fim destes anos todos, ainda está à minha espera.

Lamento muito o sofrimento que teve ao longo destes anos que não foi maior que o meu. Vou ter de ficar aqui uns dias, pois os médicos não me deixam sair já. Mas, mal possa, rumo a Luanda e de lá dou-lhe novidades sobre o meu regresso. Espero que receba esta carta, e sorria muito, porque o seu filho querido está vivo e vai regressar em breve para junto de si.

Um beijo de muitas saudades deste filho que lhe disse sempre que não a ia abandonar.

António

Negage, 25 de Agosto de 1975

Manel, de lágrimas nos olhos, abraçou-se a Maria das Dores:

- Está vivo. O seu filho está vivo. É um milagre!

Maria das Dores chorava convulsivamente. Os clientes espreitavam para a cozinha sem perceber o que se estava ali a passar.

- É preciso ajuda, Manel? Queres que chame uma ambulância - diziam alguns.

- Não, não. É só aqui a Maria que se está a sentir fraca.

Sentou-a numa cadeira, deu-lhe água com açúcar para a tentar recompor.

- E agora, Maria, que vamos fazer?

- Não sei, não sei. Só quando o vir é que acredito. Não sei para onde escrever, telefonar ou contactá-lo. Que faço? Não posso dizer a ninguém. E à Amélia muito menos.

- Vamos à igreja falar com o padre - sugeriu Manel. - Ele é que nos pode ajudar.

- Vamos, depressa.

Maria das Dores sentiu-se recuperada e com força. Manel pediu aos clientes para lhe tomarem conta do café que ia à igreja e já voltava.

- Pago uma rodada a todos. Sirvam-se à vontade. Hoje é por minha conta.

Saiu com Maria das Dores no meio do ar espantado de todos os que estavam no café que não percebiam o que se estava ali a passar. Mas ficaram mais descansados. Para o velho Manel oferecer uma rodada, coisa rara em tantos anos, é porque se tratava de uma boa notícia e não era nada de preocupante.

O padre Jorge estava de joelhos sozinho na igreja nas suas preces habituais. Levantou-se quando ouviu Maria das Dores entrar de rompante chamando por ele.

- Que foi, Maria? Aconteceu alguma coisa? Algum acidente? Morreu alguém?

- Não, padre Jorge. Um milagre, um milagre. Foi a Nossa Senhora.

Manel deu-lhe a carta para a mão.

- Leia isto. Nem vai acreditar.

O padre Jorge sentiu-se, por momentos, fraquejar ao passar os olhos pela carta.

- Meu Deus. Um milagre. Que alegria, Maria das Dores. Foi a sua fé que conseguiu isto. Ele está vivo.

Abraçados os três, numa roda de emoção testemunhada pelas figuras de Jesus na cruz e da Virgem de mãos juntas como que a sorrir, olhando para eles, o padre Jorge só dizia que tinham de rezar muito e agradecer à Virgem.

- E agora, padre? - perguntou Manel num momento mais lúcido.

- E agora o quê?

- Que vamos fazer? Ele não quer que se diga a ninguém para já. A Maria das Dores diz que só acredita quando ele voltar. E a Amélia que já está casada? Como lhe vamos dizer? E a campa que ali está em memória dele?

Maria das Dores abanava a cabeça, preocupada. Estava feliz com a notícia que recebia, mas temia pelas consequências do regresso do filho. O que mais a preocupava era Amélia. O que seria da moça

quando descobrisse que afinal o noivo estava vivo... agora que estava casada com o amigo de António.

- Uma coisa de cada vez - interrompeu o padre num discurso sereno e tranquilizador.

- O que importa agora, Maria, é que ele está vivo e devemos celebrar isso. O seu filho está vivo. Isso é o mais importante. A seguir temos de esperar que ele envie mais notícias, regresse e possamos ver com os nossos próprios olhos a concretização deste milagre. Até lá devemos respeitar a vontade dele. Não dizer nada a ninguém. A ninguém mesmo. Sabem como é. Isto são meios pequenos e, se alguém sabe, espalha-se, de tal ordem que começam a circular boatos maldosos. Além disso, temos tempo para pensarmos bem como vamos dizer à Amélia e o que fazer com a campa no cemitério. Temos tempo. Mas não pode sair desta igreja. Só quando ele anunciar que está a chegar é que até organizamos uma festa para o receber. Até lá, Maria, reze e agradeça muito à Virgem por este milagre.

Maria concordou com o padre e disse que ia começar já a rezar. Agradeceu a Manel a ajuda e ajoelhou-se de mãos postas a agradecer à sua Virgem a vida do seu filho.

Quando Manel voltou ao café, encontrou Osvaldo, Chico e Zé Pereira. Chico já estava na terra regressado dois anos antes da guerra no Ultramar. Trabalhava com o pai na mercearia que tinham aberto na terra. Zé Pereira regressara de França logo após o 25 de Abril para se apresentar ao serviço militar e cumprir a sua obrigação. Ainda não tinha sido chamado porque a confusão estava instalada no país com a euforia da democracia e das convulsões políticas.

Manel chegou, de sorriso largo, e foi recebido com uma salva de palmas. O caso não era para menos. Para Manel, um escudo era um escudo e na parede eram vários os azulejos onde se lia poesia popular como «Aqui não se vende fiado». Em tantos anos, Manel

oferecer uma rodada era mesmo motivo de celebração e palmas efusivas.

- Então Manel, a que devemos este milagre de ofereceres uma rodada? Até viemos a correr - questionou Osvaldo.

Surpreendido com a presença de Osvaldo, Manel hesitou e não se abriu muito:

- Não vos posso dizer. Tem a ver com uma boa notícia que recebi.

- Mas e a Maria das Dores? Diz que entrou aqui com o diabo no corpo e que saíste a correr com ela. Não nos digas que vocês os dois decidiram juntar os trapinhos? - disse Osvaldo para riso de todos.

- Quem sabe. Nunca se sabe.

- Por acaso era uma boa decisão. Ela está sozinha e tu também. Têm a mesma idade. Se fosse a vocês, era o que fazia. Nós organizamos a festa.

- Não se adiantem e muito respeito pela idade e pelos mais velhos. Agora não posso dizer nada. Depois um dia destes vão saber. Agora nova rodada para todos. Mas... desta vez vocês pagam.

Gargalhada geral no café.

- Vi logo que uma rodada de borla obrigava a outra a pagar - ironizou Zé Pereira.

Durante alguns minutos ainda tentaram convencer Manel a revelar o motivo para tanta alegria, mas não conseguiram.

Maria das Dores tinha rejuvenescido. Passava todos os dias pela igreja para rezar. Na rua, no talho ou na mercearia revelava uma alegria que surpreendia tudo e todos. Parecia uma nova mulher.

Invadia-a uma vontade imensa de contar a toda a gente a boa nova, mas não podia.

Os boatos nas redondezas de que poderia juntar-se a Manel começaram a correr e toda a gente passou a comentar tal enlace. Algumas vizinhas iam deixando cair piadas sobre o assunto, mas ela não dizia nada. Manel era um amigo e uma boa companhia, mas não era mulher para isso. Tinha jurado fidelidade até à morte ao seu marido.

38.

O sol já iluminava o quarto de António, que dormia a sono solto, quando três toques secos na porta o acordaram. Estremunhado, levantou-se, abriu a porta e Brito entrou.

- Como te sentes? - perguntou Brito.

- Ainda fraco e com algumas dores, mas comparado com o que estava é caso para dizer que estou como novo.

- Deixa-me entrar e fechar a porta que preciso de falar contigo.

António sentou-se na cama. Brito puxou de uma cadeira e foi directo ao assunto:

- Vamos partir hoje. Temos de seguir para o Ambriz, onde nos esperam as tropas zaienses que temos de treinar para o assalto a Luanda. Provavelmente já não volto. Já deixei ordens a todos para prepararem o vosso embarque para Luanda daqui a três dias para depois se juntarem aos militares portugueses que estão a regressar

à metrópole. Está na hora de ires ter com a tua gente e seres tratado em Lisboa a esses ferimentos. Aqui é só para remediar, pois não há meios para te recuperar totalmente.

António baixou os olhos numa tristeza imensa:

- Não me digas que querias ir também para os combates? - perguntou Brito. - Já tiveste a tua dose. A tua família deve estar a receber a carta que escrevemos e neste momento está ansiosa por que chegues.

- Não. Não é isso. Não te contei ainda, mas... a que horas vais partir?

- Só ao fim da tarde, quando a noite começar a cair. Ainda temos tempo para conversar mais um pouco.

- Queria muito falar contigo.

- Então toma um banho e veste-te. Vai ter ao café aqui em frente para tomarmos o mata-bicho e conversarmos - disse Brito, que se levantou e saiu.

Pouco minutos depois estavam ambos sentados à mesa do café.

- Gostava de ir a São Salvador - disse António de olhos na chávena encardida que estava à sua frente.

- São Salvador? Lembro-me de quando acordaste teres perguntado se estávamos perto de São Salvador. Mas não percebi. Porquê São Salvador?

- Deixei lá uma mulher por quem me apaixonei. Nunca mais a vi. Já sei que tenho de regressar à metrópole e não posso ficar cá, mas gostava de vê-la ou de saber dela. Não me queria ir embora sem passar por lá. Mas não tenho força nem saúde para ir sozinho.

- E onde é que ela estava?

- Numa fazenda de um português a dois quilómetros de São Salvador. Ficámos amigos, conheci-a e...

- Pois, eu sei. É o sangue quente delas que se entranha em nós. Um sabor único a canela. Eu percebo-te. Mas não quero desanimar-te. Aquilo está tudo destruído. Esta zona toda do Norte viveu combates intensos há muito tempo. A luta entre o MPLA e a FNLA tem arrasado tudo com as tropas cubanas e soviéticas à mistura. Já restam pouco portugueses. A guerra agora é entre eles. Os militares portugueses nem se metem no meio. A zona está controlada, mas é arriscado ir por estrada. Vai ser difícil encontrares alguém. Mas posso tratar disso. Vou providenciar um jipe e três soldados que te levem lá. Achas que estás em condições de fazer uma viagem?

- Tenho de estar. Acho que aguento.

- Mas tens noção de que é perigoso? A zona está controlada, mas há sempre guerrilheiros que podem aparecer a qualquer momento. Vais meter-te outra vez na boca do lobo.

- Eu quero arriscar. Não me perdoaria se me fosse embora sem saber dela...

- Então está bem...Vou ver o que posso fazer. Mas primeiro vamos falar com o médico para ver se é possível fazeres a viagem.

À tarde, António despediu-se de Brito. O velho companheiro de Chaves estava pronto a rumar ao Ambriz e continuar a sua jornada patriótica de defender Angola. Tinha três semanas pela frente onde sabia que o esperavam duros combates numa missão quase impossível. Mas tanto ele como a companhia que comandava estavam ali para cumprir os desígnios a que se tinham proposto.

- Cuida-te - disse António - e dá cabo deles. Jamais te esquecerei e quero encontrar-me contigo de novo em Portugal.

- Não te preocupes comigo. Já cá ando há muitos anos e se não morri até agora, também não vai ser desta. Esta é a minha vida. Vou voltar e espero encontrar-te já na metrópole para irmos comer o melhor peixe do mundo ao Carlos. Não me esqueço disso!

Um abraço apertado, uma continência firme feita um ao outro. E com a noite à espreita, Brito partiu para a sua nova missão. António ficou ali, a vê-lo perder-se no mato, e só virou costas quando o olhar perdeu definitivamente os militares que seguiam o seu caminho com uma convicção inabalável na defesa da bandeira portuguesa.

Na manhã seguinte, bem cedo, António acordou ansioso. Tinham combinado sair às cinco da manhã, rumo a São Salvador. Num jipe, três militares esperavam António para cumprirem o seu desejo de ir à procura de Dulce.

- Está pronto para seguir viagem?

- Estou, sim... Acham muito arriscada esta viagem?

- Não. A zona está calma e controlada. Os turras já não são nossos inimigos. Agora combatem uns contra os outros. Em três horas chegamos lá. Temos é de regressar ainda bem de dia. Se não conseguirmos fazer a viagem de regresso hoje, só a fazemos amanhã.

Cansativa e carregada de pó, a viagem correu sem problemas. Ao fim da manhã, António entrava de novo em São Salvador. Estava mortificado com o que via. Lojas destruídas, ruas vazias, casas a cair, um cenário de terror. António pediu ao motorista para parar. Estava em frente à pensão Rebita.

Com o coração a bater forte, entrou, mas não estava ninguém. Abandonada e vandalizada, a pensão parecia assombrada. Subiu a medo as escadas depois de passar pelo pequeno balcão que fazia de recepção. Subiu ao quarto onde costumava ficar e onde dormiu pela última vez com Dulce. Ao entrar no quarto, não evitou uma lágrima.

Uma cadeira de madeira partida no meio do chão, alguns papéis à solta, paredes pintadas e rabiscadas, lixo e uma jarra caída com umas flores velhas e secas era tudo o que António encontrava naquele que tinha sido o templo da sua paixão.

Ainda pegou na jarra, colocou-a de pé, voltou a colocar as flores com jeito como se estivesse a pegar na mão de Dulce. Mal sabia que aquelas flores e aquela jarra estavam ali em memória dele e tinham sido colocadas por Dulce quando soube do seu desaparecimento e da sua morte anunciada.

Deixou a pensão e seguiu o caminho até à fazenda de Carlos Freitas. Ao chegar, o cenário era idêntico. Portas escancaradas, casa abandonada, meia dúzia de negros a deambular pelo quintal, vastas áreas de cultivo perdidas e sem tratamento, árvores derrubadas. Da casa colonial carregada de história e glamour da família Freitas e da gigantesca fazenda já nada restava. Apenas desolação e destruição.

António pediu para parar o jipe e foi ter com um homem já idoso que, sentado nas escadas da entrada para a casa, se deixava queimar pelo sol.

- Desculpe... onde estão os donos desta casa?
- Já foi tudo embora, senhor. Fugiram para o país deles.
- Que aconteceu aqui?
- Guerra, senhor. Vieram por aí, mataram muitos e outros fugiram.
- E o senhor Carlos Freitas e a família?
- Fugiram a tempo. Foram embora. Não levaram nada, ficou tudo aqui para ser roubado.
- E os empregados?

- Muitos morreram, outros fugiram para a cidade ou para o mato.
- Conhecia uma que se chamava Dulce?
- Sim, claro.
- Onde está ela? - perguntou António com uma chama de esperança.
- Na cidade, senhor. Vive com uma tia e o filho pequeno.
- Um filho?

António não conseguiu evitar a pergunta, mas arrependeu-se no segundo seguinte e logo disparou outra sem dar tempo ao homem para responder:

- Na cidade em que sítio?
- Perto do mercado.

António nem agradeceu. Saltou de imediato para o jipe e voltou para a cidade. Pelo caminho, os pensamentos assaltavam-no. Faria bem em procurar Dulce? Se ela tinha um filho certamente tinha-o esquecido e casado com um outro homem. Incomodava-o a ideia mas ao mesmo tempo sentia uma sensação de alívio, seria mais fácil dizer-lhe adeus e voltar para os braços de Amélia.

Mal chegou à aldeia, foi directo ao mercado. Foi perguntando na rua a quem por ali andava se conhecia Dulce. Finalmente conseguiu que lhe indicassem uma casa. A porta estava aberta e numa sala estava uma senhora idosa e um rapaz, mulato, cabelos aos caracóis, lábios grossos, olhar arregalado.

António sentiu um calafrio.

- A Dulce mora aqui?

- Mora, sou tia dela e este é o filho.

António ficou estático, de pé em silêncio. Aquela era a tia que anos antes tinha salvo, estava mais velha mas era ela. Mas o seu olhar estava fixado na criança. Era mulata quase branca, com uns olhos grandes, azeitona como os da mãe e uns lábios carnudos como... como os dele. Seria possível?

- Onde é que ela está? - perguntou, tentando desviar o olhar daquela criança.

- Saiu. Ou foi ao mercado ou anda por aí... há um campo ao lado do mercado onde ela gosta de ir passear...

António não precisou de ouvir mais explicações. Seguiu até ao mercado, mas nem entrou. Sabia que ela estaria no campo, onde ela e ele se encontraram pela primeira vez longe dos olhares de todos. Correu como pôde. Junto a uma árvore, sentada, de costas, cabelos caídos pelos ombros, lá estava Dulce.

- Dulce! - gritou António.

Ela virou-se e quase desmaiou. Não podia acreditar no que os seus olhos viam. Com as mãos no peito e lágrimas nos olhos, correu para ele.

- António, meu amor. Estás vivo. És mesmo tu.

- Sou, sou mesmo eu.

Dulce beijou-o na cara e na boca. Agarrava-o, abraçava-o, como que para ter a certeza de que ele estava mesmo ali. Que não era nenhuma assombração, que era mesmo o seu António, vivo!

- Não acredito que és tu. Mas és mesmo. Deixa-me olhar para ti. Estás magro, cheio de feridas na pele, que te fizeram? O que aconteceu? Como foi possível dizerem-me que tinhas morrido?

- Estive mais de três anos preso no meio do mato. Mais ninguém soube de mim. Consegui fugir e chegar ao Negage. Estive lá uns dias em tratamento e tenho de regressar a Portugal. Mas não queria ir sem te ver e saber de ti. Julguei que não te ia encontrar mais. Que é feito de todos, da família Freitas, desta cidade, da pensão? O que aconteceu por aqui?

- É esta maldita guerra. Está a destruir tudo e, sobretudo, a destruir pessoas e famílias inteiras. A família Freitas fugiu. Estavam em Luanda quando souberam que houve um ataque aqui na cidade e à fazenda deles e já não regressaram. Não sei deles, devem ter ido embora para Portugal.

- E tu?

- Eu fiquei. Com a minha tia. Viemos viver para aqui que é mais seguro. Mas anda, quero apresentar-te a uma pessoa. Julguei que nunca o faria...

António foi avisar os soldados que o acompanhavam de que tinha encontrado a pessoa que procurava. Um dos soldados disse-lhe que então seria melhor regressarem no dia seguinte que a noite ali não era amiga dos viajantes.

Ao entrar em casa, Dulce pegou no rapaz e, com todo o carinho, colocou-o nos braços de António.

- Toma, é teu filho, a tua cara. O nariz, os lábios, a tua expressão. Só tem mesmo os meus olhos.

António ficou sem força nas pernas. Mal conseguiu segurar aquela criança mulata com uns lábios iguais aos dele... Não sabia o que fazer ou pensar.

- Desculpa, Dulce, é meu filho? - disse a gaguejar.

- É teu filho, António.

- Como foi isto, Dulce?

- Um mês depois de teres desaparecido, soube que estava grávida. Quando o teu amigo Joaquim veio dizer-me que tinhas desaparecido e provavelmente morrido, fiquei desesperada, mas ao mesmo tempo feliz porque sabia que dentro de mim estava a tua semente.

- É lindo como tu...

- Eu queria muito ter este filho. Era uma forma de te ter para sempre.

Dulce chorava de emoção, agarrando-se a António e ao filho.

- Como se chama? - perguntou António ainda sem saber como lidar com tamanha notícia.

- António, claro. Só podia ter o teu nome. Ele trouxe-me de volta à vida, e sobretudo lembra-me todos os dias, sempre que olho para ele, dos bons momentos que tive contigo.

António sorriu. O seu filho tinha o mesmo nome que ele. Lembrou-se de como a sua querida mãe lhe dizia que ele tinha de honrar um nome tão importante como o dele. O nome do presidente do Conselho, o vizinho do Vimieiro, que tinha governado Portugal e enviado milhares e milhares de portugueses para uma guerra sem sentido.

- Vamos dar uma volta com ele - disse António, tentando afastar os seus pensamentos.

Enquanto caminhavam de mão dada, António contou a Dulce os anos de horror e sofrimento que passou no cativeiro. Dulce contou-lhe da fuga da família Freitas, de como tinha tirado um curso de enfermeira e confessou-lhe que o seu sonho era tratar dos outros,

nomeadamente das pobres crianças que sofriam na pele aquela guerra.

Quando passaram pela pensão Rebita, pararam:

- Estive aqui há pouco. Foi o primeiro sítio onde vim quando cheguei para perguntar por ti. Pensei que estivesse alguém na recepção ou na tasca do José, mas nada. Tudo abandonado.

- A última vez que entrei aí foi quando o Joaquim veio cá dizer-nos que tinhas morrido. Vim cá pôr uma jarra com flores no quarto em tua memória.

- Eu vi essa jarra, estava caída no chão. Era a única coisa que restava. A jarra e uma cadeira partida. As flores já estavam mortas e secas. Mas coloquei-a de pé.

- A sério, António? Ainda lá está?

- Queres ir buscá-la?

- Não, deixa-a estar. Agora já não faz sentido. Estás vivo, as flores agora têm de ser outras, bem vivas e floridas.

Duas horas depois de muita conversa a deambularem pelas ruas, António sussurrou-lhe ao ouvido. Dulce sorriu...

- Claro. Vamos a minha casa deixar o pequeno António.

Dulce pediu à velha tia para lhe tomar conta por momentos do filho e saíram a correr.

- Onde vamos. Para o campo? - sugeriu Dulce.

- Não - disse António. - Anda comigo.

De mão dada, puxou por Dulce, numa sofreguidão que guardava há quatro anos. António entrou na pensão Rebita, subiu ao quarto,

e, com a cadeira partida, encostou bem a porta. Nem lhe deu tempo para dizer nada. Agarrou-a, tirou-lhe a roupa e já nus entregaram-se apaixonadamente um ao outro.

Já tinha caído o fim de tarde, já só a luz da noite entrava no quarto e ainda António e Dulce tentavam colmatar os anos de afastamento. Tinham sido três anos. Ela continuava bonita, sensual e com um corpo escultural. Os cabelos longos, a voz meiga e serena. António estava mais velho, cansado, com o corpo marcado pela guerra, mas ali, naquele momento, ao seu lado, re cuperava a vida e o amor. Antes de saírem, Dulce pegou na jarra que estava caída no chão.

- Vou levá-la. Quero pôr aqui flores que simbolizem a vida e o amor que tenho por ti. Cada vez que olhar para ela, vou lembrar-me de ti.

Dulce sabia que aqueles momentos mágicos que tinham passado juntos eram uma despedida. Era mulher e o seu instinto não mentia nestas coisas do coração. António amava-a mas, agora que a guerra tinha terminado, o mais certo é que ele partisse rumo à sua terra tal como fizeram os Freitas. Não estava enganada.

António voltou a beijá-la. Percebeu nos seus olhos a tristeza e não conseguiu encará-la. Como iria dizer-lhe que tinha regresso marcado já dali a dias para Lisboa. E agora que sabia que tinha um filho no mundo? O que diria a sua mãe? E Amélia...

- Vamos que quero ver o nosso filho... - disse António.

À noite, sentados a observar o seu filho dormir serenamente, António iniciou a conversa mais difícil da sua vida:

- E agora, Dulce, o que estás a pensar fazer?

- O mesmo de sempre. O meu lugar é aqui. Tirei o curso de enfermeira e, além de tratar dos doentes, também ensino na escola

os jovens a ler e a escrever. Apesar de tudo, acredito no meu país. Já vi muita guerra, a minha família morreu, só me resta esta tia, mas eu resisto e Deus deu-me este lindo filho para me confortar e compensar pelo que tenho sofrido. Não te preocupes, António, desde o primeiro dia em que me entreguei a ti que sempre soube que o nosso amor é impossível.

- Mas... - tentou interromper António.

- Não interrompas, António. Eu sei que tens uma noiva à tua espera em Portugal com quem crescestes, por quem te apaixonaste e com quem estiveste quase a casar. Ela está à tua espera.

- Como sabes isso tudo, Dulce?

- O teu amigo Joaquim Fortuna contou-me algumas coisas sobre ti e a tua vida que eu lhe perguntei. Era importante para mim. Não fiques zangado com ele, só me contou porque eu perguntei e insisti muito. Ele estava de partida para Lisboa e na noite que passou cá partilhou comigo os teus segredos, mas acredita que ele falava sempre de ti com muito carinho e dizia-me que estavas muito apaixonado por mim. Eu sabia que me tinhas ocultado a tua vida, mas a verdade é que, nos tempos em que te conheci e estivemos juntos, também não quis saber de nada. Queria apenas aproveitar ao máximo a paixão e o amor que senti por ti mal te conheci. Acho que me apaixonei por ti no momento em que entraste na minha casa e me salvaste a vida.

- Eu ia contar-te tudo, Dulce. Quando saí para aquela missão já ia com muitas dúvidas sobre se queria regressar à metrópole ou ficar por cá contigo. Não fui a tempo de te contar. A vida virou-se ao contrário e perdi três anos em cativeiro.

- Eu sei, António. Tu sempre foste muito bom e muito justo comigo e sabia que mais tarde ou mais cedo me ias contar. Mas depois de saber, ainda fiquei com mais vontade de ter o nosso filho. Mesmo que ficasse sem ti, havia algo que ficava comigo e que me ia

fazer estar sempre ligada ao teu coração. Por isso, decidi ter o António.

- E agora? O que fazemos? - perguntou António.

- Agora tens de ir. Estás doente, abalado e este país não tem condições para tu ficares. Além disso, tens a tua noiva à espera. Não criei ilusões com isso. Acho que deves mesmo ir. Juraste-lhe que voltavas. Não é justo não ires e nem eu ficava bem se ficasses cá. Esta guerra dura ensinou-me muito e sobretudo deu-me força para viver e encarar a vida. Promete-me só uma coisa...

- O quê? - perguntou António de olhar colado ao chão.

- Que nunca te esquecerás do teu filho e que, se alguma coisa me acontecer, tomarás conta dele...

António não conseguia controlar as suas lágrimas. Tinha um filho no mundo e não passara mais de um dia com ele.

- Não sei o que te diga. Nem sei se a Amélia ainda está à minha espera. Passaram muitos anos, muito tempo, acham que morri... mas tenho lá a minha mãe sozinha. E tenho muitos tratamentos pela frente. Eu vou, Dulce, mas, seja como for, vou sempre dando notícias e quero saber sempre do António. Farei tudo para te dar o apoio que for preciso.

Abraçaram-se. Dulce não quis dizer mais nada, de lágrimas nos olhos e emocionada; deixaram-se cair num leve descanso que a noite já ia longa e dali a duas horas o jipe e os soldados estavam à porta para regressarem ao Negage.

Só Dulce veio à porta despedir-se de António. A tia dormia e o pequeno António também. António deu-lhe um beijo na testa, olhou uns segundos fixamente para ele, sorrindo. Depois abraçou Dulce e entregou-lhe o crucifixo que a mãe lhe dera e que ele guardara durante estes anos todos.

- Toma, isto é para o António. Diz-lhe que foi o pai que lhe deu.

Dulce agarrou no crucifixo e, com os olhos marejados de lágrimas, garantiu-lhe:

- Não te preocupes, António, vou pô-lo à cabeceira da cama dele para ele se lembrar sempre de ti.

António não conseguia voltar costas a Dulce e ao filho. A sua vontade era pegar neles e levá-los consigo para o Vimieiro, mas sabia que não podia.

- Nunca te vou esquecer, Dulce. Um dia volto.

- Quero que sejas muito feliz, António. Não te preocupes comigo, que eu fico na minha terra e é por ela que quero lutar. Quero que o nosso filho um dia tenha muito orgulho da mãe e do pai.

Dulce levou a mão ao bolso e tirou um envelope que entregou a António.

- Leva isto para jamais te esqueceres de nós.

- O que é - perguntou António. - Posso abrir?

- Podes.

António abriu o envelope e dentro viu uma fotografia do filho António.

- É para olhares para ele todos os dias.

- Faltas tu nesta foto - disse António.

- Não precisas. Quero que me guardes dentro de ti.

António sentou-se no banco de trás do jipe. Era hora de partir.

39.

O avião já estava na pista. Um descampado na zona norte do Negage fazia de aeroporto improvisado. António e os cinco companheiros de cativeiro despediram-se nessa manhã do pessoal do hospital militar onde estiveram a ser tratados. Estava na hora de regressarem a Luanda e embarcarem para Lisboa. Era o primeiro dia de Setembro e muitos anos depois de ali ter chegado, António estava finalmente a caminho de casa.

Ao entrar para o avião, António ainda se deixou ficar no cimo das escadas a olhar para trás, para o imenso descampado que para ele significava a imensa região que agora deixava. Na memória, o quartel em Quipedro, os momentos em São Salvador, a fazenda de Carlos Freitas, os três anos de cativeiro, o mês no mato em fuga, perdido... Era a sua forma de se despedir daquela terra, seis anos depois de ali ter chegado.

Foi rápida a viagem para Luanda. Transportado para o Hospital Militar, António ainda lá ficou dois dias em observação. Depois foram informados de que tinham viagem de regresso de avião no dia

seguinte, para Lisboa. Como estavam feridos e em mau estado, não faziam a viagem de barco como todos os militares que naquela altura estavam a deixar Angola. Ao ter a certeza da hora de chegada a Lisboa, António solicitou aos graduados que avisassem a mãe, indicando o padre Jorge como forma mais fácil de chegarem ao seu contacto.

Colocados nas primeiras filas do avião e antes de os civis embarcarem, António ainda teve tempo para, da janela, observar o estado caótico em que se encontrava o aeroporto. Milhares de pessoas amontoavam-se à espera de entrar nos aviões. Fugiam da guerra que já estava instalada e do caos que era agora a cidade de Luanda. Famílias inteiras desesperadas por deixarem para trás uma vida que tinham construído. António só pensava nos anos inglórios que ele e muitos milhares de soldados ali passaram para defender a pátria e aquela gente toda.

Foi como coração apertado que deixou África para trás. Com o avião em pleno voo, António tirou do bolso a carteira para olhar para a fotografia do seu filho, colocada ao lado da de Amélia, que, apesar de suja e rasgada, tinha sobrevivido aos anos de guerra e cativoiro.

Uma longa noite de viagem e a ansiedade do reencontro com a mãe e com Amélia não deixaram António pregar olho. Pensava no abraço que ia dar à mãe mas interrogava-se sobre Amélia. «Como estará ela? Será que ainda me espera?»

Uma torrente de dúvidas enchia-lhe os pensamentos. Para trás um filho e uma mulher que tinha amado verdadeiramente. Pela frente a noiva, a amiga de sempre, a mulher com quem prometeu casar, viver para sempre e construir com ela uma família.

À medida que as horas iam passando e o destino se aproximava, mais dúvidas tinha. Ao seu lado um dos companheiros dormia profundamente. Com jeito, António conseguiu levantar-se para fumar um cigarro, um hábito que tinha ganho nos anos difíceis de

cativeiro. Sorriu ao olhar para o cigarro e pensou no seu pai que tinha sido levado por aquele vício. Ficaria contente de ver o filho regressar da guerra...

Depois de chegar a Lisboa, ainda lhe faltava a viagem de comboio até Santa Comba Dão. Teria tempo mais que suficiente para matutar no que o esperava e pensar em todas as palavras que queria dizer à família, aos amigos e a Amélia.

40.

O padre Jorge chamou Maria das Dores à igreja. Com urgência.

- O seu filho António chega amanhã por volta das oito da manhã a Lisboa. Acabei de receber um telefonema. É mesmo verdade. Está vivo, vai sair hoje à noite de Luanda. Que quer fazer?

Maria das Dores ficou sem reacção. Atónita. Não parava de benzer-se. O milagre estava consumado.

- Não sei, padre. Quero ir buscá-lo. Como vem ele para aqui?

- Chega num avião e depois metem-no no comboio para cá. Quer esperar na estação ou quer ir a Lisboa?

- Tenho de arranjar forma de ir a Lisboa. Não aguento ficar aqui à espera. Mas, meu Deus, como vou eu para Lisboa?

- Não se preocupe, vou consigo. Estas pernas ainda mexem - garantia com humor o padre.

- E como vamos?

- De comboio. Eu providencio tudo, ficamos a dormir no Convento do Beato. Estamos lá cedo a tempo e horas no aeroporto para esperar o seu filho. Vá tratar das suas coisas. Temos um comboio às 17 horas. Vamos nesse mesmo. Temos quatro horas para nos prepararmos.

Maria das Dores correu para casa, mas antes fez questão de passar no café do Manel. Do lado de fora da porta chamou-o discretamente.

- Manel, o meu filho António chega amanhã de manhã a Lisboa. Já telefonaram para o padre Jorge a avisar. Vou com ele buscá-lo. Meu Deus, ainda não acredito.

Manel deu-lhe um forte abraço:

- Milagre, minha querida Maria das Dores. E como vão?

- De comboio. Saímos às cinco da tarde. O padre está a tratar de tudo.

- Também quero ir. Vou pedir ao Zé Pereira para ficar no café. Quero ir esperá-lo e acompanhá-la nesse momento.

- Vou então a casa preparar as coisas.

- Também vou arranjar uma roupa e passo a buscá-la em casa. Já podemos dizer a toda a gente?

- O melhor é não dizer já, só quando ele chegar é que acredito.

- Então vá a casa arranjar-se que já lá passo a buscá-la para irmos para a estação.

- Então até já.

Maria das Dores tinha finalmente a recompensa de tantos anos de sofrimento. Numa euforia desmedida, não olhava às mazelas do seu corpo marcado pela idade e, em passo apressado quase de corrida, foi para casa preparar a trouxa para Lisboa.

Manel chamou Zé Pereira que estava no interior do café e levou-o para uma sala pequena, ao lado da cozinha onde fazia a contabilidade diária, um pequeno escritório.

- Que se passa, Manel? Que agitação é esta?

- Vou contar-te uma coisa, mas não dizes a ninguém. Só quando se confirmar.

- Que foi? O que se está a passar?

- Nem vais acreditar. É um milagre! Já sei há uma semana, mas não podia contar.

- Já não aguento tanto segredo. Desembucha, homem.

- O António, o nosso amigo António.

- Sim, coitado, paz à sua alma. Que aconteceu agora?

- Está vivo. E está de regresso.

Zé Pereira abriu a boca de espanto.

- Deixa-me sentar, homem, para me contares bem essa história. Vivo!? Mas como!?

- Agora não te vou contar tudo. Ele foi capturado, desapareceu e foi dado como morto. Entretanto, conseguiu fugir ao fim de mais de três anos e enviou na semana passada uma carta a dizer à mãe que estava vivo, olha, foi naquele dia em que paguei a rodada a todos.

- Não estou a acreditar no que estou a ouvir.

- Pois acredita e podes beliscar-te. Vou agora mesmo para Lisboa com a Maria das Dores e o padre Jorge. Preciso que fiques aqui no café a tomar conta disto. Lá para as nove da noite, desliga-me o quadro da luz e fecha-me a porta. Mas preciso que amanhã estejas aqui bem cedo. A Josefina dá-te uma ajuda.

- Mas... e esta gente vai toda perguntar o que aconteceu.

- Não dizes nada. A Maria das Dores quer vê-lo primeiro e só depois disso é que acredita. Ele sai hoje à noite de Luanda. Tens de guardar segredo até ao nosso regresso. Quando o recebermos em Lisboa, eu ligo aqui para o café para te dizer como correu.

- Que alegria tão grande, nem sei o que dizer. O nosso amigo António. Mas como é que ele...

- Agora não há tempo para falarmos. Tenho de ir. Nada de contares a ninguém. E cuidado com o Osvaldo. Não pode saber.

- Claro, claro. Vai lá então. Mas mal saibas alguma coisa, diz-me logo. Nem vou dormir esta noite só a pensar nisso. Vai-te embora que eu tomo conta disto. Não te preocupes.

O padre Jorge ficou surpreendido, mas feliz pela presença de Manel na estação. Sempre eram dois para dar apoio a Maria das Dores, que ia viver emoções e momentos muito fortes.

Às cinco em ponto o comboio fazia-se à linha rumo a Lisboa. A viagem ainda ia durar umas seis horas. Maria das Dores, seis anos depois, estava de novo a caminho de Lisboa, onde ia pela segunda vez. Uma viagem bem diferente da primeira quando teve de ir à capital, juntamente com Amélia, despedir-se do filho que partia para a guerra. A viagem que agora fazia, já sem Amélia como companhia, era a viagem que não acreditava algum dia fazer, depois de o filho António ter sido dado como desaparecido em combate.

Já o comboio passara Vila Franca de Xira, mais perto de Santa Apolónia, quando Manel resolveu tocar no assunto mais sensível.

- Maria das Dores e padre Jorge, como é que vamos explicar ao António que a Amélia não está connosco à espera dele?

- Temos de ser sinceros com ele e contar-lhe toda a verdade. Não há outra maneira - adiantou-se o padre Jorge. - Só precisamos de ser cautelosos e prudentes na forma como lhe damos a notícia. O António, como todos os soldados que estiveram no Ultramar, deve vir muito traumatizado e fragilizado.

Maria das Dores concordou, mas só queria pensar nisso depois de estar com ele.

- Para já, quero abraçá-lo, estar com ele, sentir que é mesmo verdade que ele está vivo. Depois penso nisso. Vai ser duro, mas nada é mais importante que o meu filho estar vivo.

- Também acho - disse Manel. - Agora vamos mas é ver com os nossos olhos que é verdade que ele está vivo. Não deve estar a contar com a nossa presença.

- Tenho medo é de não o reconhecer - temeu Maria das Dores.

- Não se preocupe, Maria. Vamos cedinho para o aeroporto. Está lá sempre gente ligada ao Ministério da Defesa e às instituições militares que esperam por eles e nos informam. Já consegui saber que o avião chega por volta das nove da manhã. Vai correr tudo bem.

Às 23h30 em ponto, o comboio estava em Santa Apolónia. De táxi chegaram rapidamente ao Convento do Beato, muito perto da estação. Maria das Dores ainda pediu para, antes de dormir, poder rezar e fazer as suas preces de agradecimento a Deus. Assim ficou até à uma da manhã. Apetecia-lhe tudo menos ir dormir. Tinham combinado levantarem-se às seis da manhã para tomarem o

pequeno-almoço e às sete e meia apresentarem-se no aeroporto. Em boa verdade, Maria das Dores seguiu todas as horas da noite olhando para o pequeno despertador que estava na mesinha-de-cabeceira.

Às sete estava pronta e de pequeno-almoço tomado. Apressou o padre e Manel, que lhe pediam calma. Tinham tempo para chegar ao aeroporto. Mas Maria das Dores estava inquieta. Queria chegar o mais depressa possível.

6 de Setembro de 1975. Estava um dia de sol radioso em Lisboa e, no percurso de táxi entre o convento e o aeroporto, Maria das Dores ainda se pôde surpreender com a forma descontraída e feliz como as pessoas se movimentavam na rua, num turbilhão de trânsito a que não estava habituada. Tudo lhe parecia bonito, diferente, iluminado, grandioso, como o dia que a esperava.

41.

O s ponteiros do relógio aproximavam-se das nove horas. Na instalação sonora do aeroporto, Maria das Dores ouviu o que tanto ansiava: «Acaba de aterrar no aeroporto de Lisboa o avião proveniente de Luanda.»

O cenário no terminal de chegadas era indiscreto. Centenas de pessoas dormiam no chão do aeroporto. Quem seria aquela gente?, perguntava Maria das Dores ao padre Jorge. Eram os retornados de Angola que começavam a chegar a Lisboa às centenas a fugirem da guerra e que não tinham ainda destino para onde ir. Muitos deles sem família em Portugal e apenas com a roupa do corpo, enchiam todos os cantos e recantos do imenso salão do aeroporto de Lisboa. A eles juntavam-se outras centenas de pessoas que aguardavam os familiares que estavam a chegar. A confusão era enorme. Maria das Dores, o padre Jorge e Manel estavam perdidos no meio da multidão. Nunca tinham visto tal coisa.

- Ele vai chegar e não nos vai ver. Ai, meu Deus... - dizia Maria das Dores.

- Não saiam daqui que vou ali ter com aqueles militares que talvez nos possam dar mais informações. Mas não saiam daqui, se não perdemos-nos uns dos outros e depois é mais difícil.

Com alguma dificuldade, o padre lá conseguiu passar no meio de tanta gente e chegar à fala com os militares. Quando regressou sossegou Maria das Dores que estava cada vez mais nervosa.

- Não se preocupe. Eles estão à espera dos militares que chegam neste voo para os conduzirem ou à estação de comboios ou ao hospital militar, se for caso disso. Só temos de nos pôr à sua beira porque eles vão ser encaminhados para junto deles. E, segundo eles me informaram, serão os primeiros a sair pois têm prioridade sobre os civis.

Maria das Dores apertava as mãos, onde mantinha o terço de madeira que não largava. Não tirava os olhos da porta de desembarque, apesar da dificuldade que tinha em ver o que quer que fosse tanta era a gente que ali se amontoava.

O barulho era ensurdecador, gente com lágrimas, outros felizes. Alguns com cartazes na mão com o nome dos passageiros que tanto ansiavam. Sempre que se abria a porta para sair um polícia, algum funcionário do aeroporto ou a tripulação de algum voo, as centenas de pessoas precipitavam o olhar, pondo-se em bicos de pés para ver se conseguiam descortinar no interior alguma cara conhecida. Os nervos e a emoção tomavam conta de todos.

- Nunca mais saem - disse Maria das Dores.

- Há uma série de formalidades a cumprir depois de desembarcarem, por isso demora mais tempo.

O padre Jorge tentava acalmar como podia Maria das Dores, mas também ele já começava a ficar exasperado com tanta demora.

No interior do aeroporto na zona de recolha de bagagens, António e os cinco companheiros de viagem já estavam sob acompanhamento militar de elementos das Forças Armadas que os esperavam e inteiravam-se do estado de saúde de todos. Perguntavam se queriam ser conduzidos ao hospital militar para exames, mas todos recusaram. Queriam rapidamente regressar à terra para junto das suas famílias. Ainda assim, preencheram os papéis que os obrigavam a apresentarem-se oito dias depois no hospital militar de Lisboa para serem observados.

António sentia o olhar dos militares no aeroporto que sabiam o que ele e os seus companheiros tinham passado em Angola. Um deles deu-lhe uma palmada nas costas e garantiu-lhe que seria condecorado pelos serviços prestados à nação e que teria todo o apoio das instituições militares e da Associação dos Combatentes da Guerra do Ultramar. António abanava a cabeça em sinal de concordância, mas a única coisa que desejava não era uma medalha, mas sim abraçar a sua mãe e Amélia.

- Eu, senão se importar, gostava de ir já para a estação apanhar o comboio para Santa Comba Dão. A minha mãe não tem possibilidades de vir até Lisboa. Está sozinha e aguarda-me na minha terra. Já foi avisada de que eu ia chegar. Ainda tenho mais umas boas horas de viagem até lá.

- Nós tratámos de tudo. Tem transporte para a estação e o exército paga o bilhete de comboio. Quando levantarem os vossos sacos, podemos seguir. Não é necessário mostrarem sequer documentos à saída para o exterior. Está tudo tratado.

Já com o saco na mão, António aproveitou para se despedir definitivamente dos seus amigos de cativeiro e fuga que jamais iria esquecer. Um a um, trocaram abraços apertados e agradecimentos eternos.

- Se não fosses tu, António, hoje não estaria aqui e não poderia rever a minha família e voltar a viver. Obrigado para sempre, amigo e companheiro - disse-lhe Veloso emocionado.

António não sabia o que sentir. Estava de regresso a Portugal. Para trás deixara um filho e Dulce e pela frente tinha a sua mãe, a sua terra e a sua noiva à espera. Encheu o peito de ar e de esperança e saiu pela porta deslizante do aeroporto.

António não esperava o cenário que encontrou pela frente. Centenas de pessoas barravam-lhe o caminho. Uns gritavam e choravam, saltando para cima dos seus companheiros. António foi encaminhado pelos militares até à porta de saída de forma a ser conduzido até Santa Apolónia.

Maria das Dores, Manel e o padre Jorge tentavam descortinar no meio daquela confusão alguém que se parecesse com António. Viram sair seis soldados, mas no meio da confusão que se instalou não lhes conseguiram ver bem a cara.

De repente, Maria das Dores ficou com os pés presos ao chão.

- Ali ao pé da porta - disse com a voz trémula e o dedo apontado.

O padre Jorge e Manel bem olhavam, mas aquele homem para o qual Maria das Dores apontava era bem mais magro e velho que António. Mas o coração de mãe não falha e Maria das Dores sabia o que estava a dizer. Com todas as forças que encontrou no seu corpo, andou até à porta, tentando afastar as pessoas pelo caminho.

- António, meu filho, meu filho.

António parou e olhou para trás. Conhecia aquela voz, mas não podia ser... Quando viu a mãe à sua frente, ficou estupefacto, deixou cair o saco e caiu nos braços dela. Um abraço acompanhado de choro que parecia não mais terminar. Eram todas as lágrimas que

tinha aguentado dentro de si durante os anos de cativo em que pensou nunca mais voltar a ver a sua mãe.

Finalmente, António conseguiu encontrar algumas palavras para dizer à mãe.

- Mãe, estou vivo e de volta para cuidar de si.

Maria das Dores agarrada ao filho sussurrava baixinho Ave-Marias. Era verdade, o seu filho estava ali vivo e era à Virgem que ela tinha de agradecer. Manel e o padre não sabiam bem o que fazer. As lágrimas corriam-lhes pela face perante aquela cena.

Maria das Dores não aguentou a emoção e desfaleceu nos braços do seu filho. Os militares que acompanhavam António, Manel e o padre tentaram tirá-la dali, do meio daquela gente que assistia a um reencontro tão emocionante que não deixava ninguém indiferente. A custo conseguiram sair do aeroporto e deitá-la no banco de trás da viatura militar que ia levar António à estação. Aos poucos, Maria das Dores voltou a si. Bebeu um pouco de água, e, já sentada, só pedia a António para lhe dar a mão.

- Não te quero perder mais, meu filho - conseguia dizer.

- Eu disse-lhe que voltava e não a vou deixar nunca mais, minha mãe. Acalme-se, por favor.

Só naquele momento é que António reparou que estavam ali o Manel da taberna e o padre Jorge e abraçou-os efusivamente.

- Amigos, nem vos tinha visto tal é a confusão. Muito obrigado por terem vindo acompanhar a minha mãe.

- Meu filho, recebe a minha bênção - disse o padre, emocionado por ver ali vivo o homem que há uns anos tinha enterrado em Santa Comba Dão.

Uma equipa da RTP no local, a fazer reportagem dos civis que chegavam às centenas de Luanda para registar os relatos dos momentos de terror que se viviam na capital de Angola, presenciava também aquele momento emocionante do regresso de um militar. O jornalista não resistiu e foi de microfone em punho falar com António:

- Desculpe, posso recolher o seu depoimento? Conte-me como é estar de volta a casa...

António nem sabia o que dizer. A única vez que tinha falado para uma câmara foi no Natal quando gravou a mensagem de Ano Novo para a mãe e para Amélia. Tinha passado tanto tempo.

-É bom...

- Quanto tempo esteve na guerra?

- Parti em 68 e estive três anos preso nas mãos dos guerrilheiros.

- Esteve preso? E como foram esses anos de captura? - perguntou o jornalista, entusiasmado com o furo que tinha acabado de conseguir por acaso.

- Foram duros, mas agora estou de volta e quero ir para a minha terra, se me der licença.

António virou costas à câmara e pediu aos militares para o encaminharem o mais rapidamente possível para a estação de comboios.

- Falta-me só o saco que deixei lá dentro quando a minha mãe desmaiou.

- Não te preocupes que vou lá buscá-lo - disse Manel, que aproveitou a ocasião para tentar ligar para o café tal como tinha combinado com Zé Pereira.

Com as mãos a tremer de nervos, colocou as moedas de dois e quinhentos na cabina telefónica, eram quatro para ter a certeza de que a chamada não caía a meio da mensagem. Discou rapidamente, rodando os números até à patilha cinzenta. Ouviu o sinal de chamada, uma, duas, três vezes. «Anda lá, Zé Pereira. Queres ver que ele não me foi abrir o café?», pensou. De repente do outro lado atendeu Josefina.

- Josefina, rápido que tenho pouco dinheiro. O Zé Pereira.

- Vou já chamar.

- Estou!

- Zé, sou eu o Manel.

- Sim, eu sei. Então?

- Então chegou o nosso António. É mesmo verdade. Já estamos com ele. Está vivo. Prepara tudo como te disse ontem. O nosso querido António está de regresso. Devemos chegar a meio da tarde.

- Estou sem palavras, Manel. Há muito que não sentia uma emoção assim tão grande.

- Nem nós. Foi uma loucura, isto aqui.

- E como está?

- Com um aspecto diferente, magrinho, com ar doente, mas está vivo que é o que interessa. As moedas estão a esgotar-se. Já caíram três e só tenho mais uma. Prepara tudo e depois falamos. Não te esqueças...

Já não foi possível ouvir a resposta de Zé do outro lado. Manel correu de novo para o carro. Ao meio-dia, estavam todos sentados no comboio na estação de Santa Apolónia. António recordava aquele

som que tão bem conhecia. «Vai sair da linha 5 o comboio com destino a Porto-Campanhã com paragem em todas as estações e apeadeiros». O apito como sinal de partida, o guarda com a bandeira na mão, as portas fechadas. António sorriu ao pensar nos seus anos de juventude quando o seu maior divertimento era ver passar os comboios na estação de Santa Comba Dão.

António ainda estava incrédulo com o que lhe estava a acontecer. A mãe sentada ao seu lado, abraçada a ele. Para trás ficava o mato, os campos abertos, o pó da selva, o calor húmido e agressivo, os mosquitos e os rios, o barulho das granadas e dos tiros. Estava de volta a um país diferente que vivia em liberdade, em democracia, onde já não era preciso esconder nem silenciar. Pela janela, observou as águas do rio Tejo e lembrou-se daquele dia em que a bordo do Niassa deixou Lisboa para trás para cumprir o seu dever ao serviço da pátria.

42.

Foram seis horas de viagem até Santa Comba Dão, com transbordo em Coimbra, tempo mais do que suficiente para António fazer todas as perguntas que tinha guardadas. Queria saber de tudo e de todos. Mas a pergunta que o atormentava desde que vira a mãe no aeroporto, essa preferia silenciá-la. No seu íntimo já sabia a resposta. Ainda ninguém lhe tinha falado de Amélia, ela não aparecera no aeroporto como seria de esperar se ainda estivesse à sua espera. Não esperara por ele como lhe havia prometido, mas como a podia condenar, se o tinham dado como morto?... António preferia não saber de nada, e por isso as perguntas que fazia eram sobre todos menos sobre a sua noiva.

- Então e o Zé Pereira?
- Esse já regressou de França.
- E como está a nossa terra?

- Muito diferente, filho, agora puseram-se lá a fazer umas obras que aquilo parece quase Lisboa - disse a mãe.

- Ah, é verdade. E o Osvaldo, que é feito dele?

Um silêncio comprometedor. Maria das Dores, Manel e o padre trocaram olhares entre si, tentando encontrar uma resposta à altura. Mais uma vez, o padre tomou a iniciativa:

- Está bem. Abriu uma tabacaria, casou, continua a andar por lá mas menos porque agora tem o tempo mais ocupado. Sabes que agora tenho lá um padre novo na paróquia a ajudar-me, que já não vou para novo e não consigo tratar de tudo sozinho. É o padre Aureliano, vais gostar dele, é novo e cheio de ideias - atirou o padre Jorge a tentar desviar a conversa sem levantar grandes suspeitas.

- Ai sim? Tenho de ir conhecê-lo.

- O teu amigo Joaquim Fortuna tem aparecido pela terra. Sempre que viaja, passa por lá a cumprimentar-me e a visitar a tua campa. Ficou muito ligado a ti. O Carlos Vieira do Algarve também liga às vezes para saber de mim.

- A minha campa? Tenho de ir visitá-la - disse por entre risos António.

- Ai, meu filho, desculpa mas eu quis enterrar-te com toda a dignidade mesmo sem um corpo para chorar.

- Vamos ter de a remover o mais depressa possível - disse o padre.

- Mas antes quero ir vê-la, padre. Tenho de visitá-la. Eu se fosse a si até a deixava lá para quando eu morrer. Poupava-se trabalho - dizia António encontrando ali uma janela de boa disposição que começava a faltar à medida que o nervoso miudinho se apoderava de todos com o comboio já perto de Santa Comba Dão.

- As coisas mudaram muito nestes seis anos, caro António, Vais encontrar os sítios diferentes, mais evoluídos, as pessoas a respirarem liberdade, o comércio mais vivo, há muitas lojas novas, já quase toda a gente tem televisão, as pessoas estão diferentes e algumas com vidas novas - adiantava o padre como que a preparar António para o que ia encontrar na sua terra.

- Pois, acredito que muita coisa tenha mudado na minha ausência... - disse, percebendo que o padre estava a referir-se a Amélia.

- Mas vão todos ficar muito felizes quando te virem. Prepara-te porque vai ser um choque muito grande para eles quando souberem que estás vivo e te virem. Vais ter de ser muito forte - reforçava Manel.

O comboio foi abrandando à medida que se aproximava a estação de Santa Comba Dão. «Próxima paragem, estação de Santa Comba Dão.»

- Chegámos - anunciou António, respirando fundo.

O comboio foi diminuindo a velocidade, o zumbido das rodas do comboio na linha a travar indicavam que estava na hora de se levantarem dos bancos e pegarem nos seus pertences.

- Tanta gente lá fora? - interrogou-se espantado António. - Isto está mesmo muito mudado. Dantes quase não se via ninguém nesta estação. Agora parece que anda tudo de comboio.

Maria das Dores também se mostrou espantada.

- Realmente. Nunca vi tanta gente aqui na estação.

O comboio parou, as portas abriram. Os quatro estavam já em fila para abandonarem o comboio. Manel saiu à frente e, aos descer as escadas, sorriu e fez um sinal com o dedo polegar. Era o sinal de

que a festa podia começar. Nesse instante rebentaram no ar com estrondo foguetes que enchiam o céu de um fumo branco imenso num barulho ensurdecedor.

As pessoas, às dezenas, batiam palmas, o primeiro presidente da Câmara Municipal no pós-25 de Abril e toda a vereação apuravam-se na primeira linha, logo a seguir Zé Pereira, Chico, as amigas todas de Maria das Dores, comerciantes e familiares de António.

- Que é isto, meu Santo Deus? - perguntou, incrédula, Maria das Dores que reparava num longo pano onde se lia: «Bem-vindo à tua terra, herói António».

Mal saiu, António foi inundado de abraços. Zé Pereira e Chico foram os primeiros. Os amigos de sempre, os três miúdos que tanto brincaram juntos, estavam de novo reunidos, milagrosamente reunidos. Cumprimentos, beijos e muito choro de gente que tinha acompanhado o seu caixão até ao cemitério e agora via-o ali mesmo à frente dos olhos.

Eram muitos os populares que não conheciam António, mas que quiseram ir presenciar e testemunhar com os próprios olhos aquilo a que se chamava um verdadeiro milagre. António não tinha mãos a medir. Todos o queriam abraçar, todos o queriam cumprimentar, todos queriam tocar com as próprias mãos para acreditarem que era mesmo ele.

A banda dos bombeiros da região tocava acordes felizes. Alguém sussurrava que não se via uma recepção assim desde a mau guração da estátua de Salazar. António foi encaminhado num carro da câmara para os paços do concelho, onde ia ser condecorado. Uma cerimónia rápida, mas com discurso do presidente. António não teve palavras para agradecer tanto apoio.

- Muito obrigado, é tudo o que vos posso dizer. Estou muito feliz por voltar à minha terra e voltar a rever-vos. Vamos ter muito tempo para confraternizarmos. Todo o tempo da nossa vida.

Breves palavras respondidas com longos aplausos. Desde a estação até ao edifício da câmara, a cada abraço que dava esperava ansiosamente que do outro lado estivesse Amélia. Disfarçadamente para ninguém perceber, até porque continuava a não fazer perguntas sobre o assunto, olhava para todos os lados a ver se conseguia distinguir o seu corpo esguio e o sorriso pelo qual se tinha apaixonado quando ainda era gaiato.

Enquanto o presidente da câmara discursava, percorreu com os olhos quase todas as pessoas que apinhavam o salão nobre da edilidade. Não conseguia descortinar Amélia no meio daquela multidão. A menos que lhe tivessem reservado mais uma surpresa, ia chegando cada vez mais à conclusão de que já não morava no coração dela. Na verdade, mal ouvia as palavras dos discursos que estavam a ser feitos. Ia reparando que as pessoas não tiravam os olhos dele, com comentários, sussurrados mas que eram perceptíveis como «está muito mais magro, muito diferente, nem parece o mesmo mas é mesmo ele», mas isso pouco lhe importava. Continuava a percorrer a assistência à procura da noiva que não encontrava. A determinado momento, deu-se conta da ausência de Osvaldo.

De todos os que conhecia quando saiu de Santa Comba, Osvaldo era o único que não se lembrava de ter abraçado. «Talvez não esteja cá», pensou, «agora que está casado e a trabalhar» pensou, sem sequer lhe passar pela cabeça que ele pudesse estar casado com a sua Amélia.

Terminada a cerimónia de boas-vindas na câmara com a devida condecoração, seguiram todos para o salão dos bombeiros. Agora a festa rija era no salão que milagrosamente conseguia abarcar tanta gente. Todos convidados, comida e bebida à descrição patrocinada pela câmara. Exausto mas feliz, António estava ansioso por conviver e festejar com os amigos mais chegados o seu regresso. E aquela gente toda ali, mostrando-lhe carinho e amor era algo que o fazia esquecer os duros momentos que tinha vivido na guerra.

A festa corria animada com a banda Catita em palco a fazer a sua actuação, muitos dançavam, outros bebiam e comiam e outros conversavam enquanto António ia passando por todos, dando uma palavra de agradecimento, contando que nunca pensou viver aquele momento. Deteve-se mais um pouco à conversa com Manel, Zé Pereira e Chico.

- Daqui a pouco, temos uma surpresa para ti - disse Chico.

António franziu os olhos.

- Vejam lá o que vão fazer. E não se demorem. Já são onze da noite e começo a ficar cansado.

- Nem penses. Hoje não dormes. Isto vai ser até de manhã. Não é todos os dias que um morto aparece numa festa - ironizou Zé Pereira, provocando uma gargalhada geral.

António teve um resto de esperança e pensou: «Será que a surpresa é Amélia?»

O padre Jorge, o seu ajudante, o padre Aureliano, e Maria das Dores estavam a um canto do salão a conversar sobre o tema.

- Vai perceber por ele, não se preocupe, Maria das Dores. Ele a esta hora já deve ter percebido que a Amélia não esperou por ele. Já reparou que ele nem perguntou nada...

- É verdade. Alguém avisou a Amélia de que ele vinha?

- Sim, ela sabe, mas como pode calcular não quis vir... - disse o padre Aureliano que tinha falado com Amélia no dia anterior.

- Meu Deus, tenho pena dela e do meu rico filho...

António sentia-se magoado. A mulher da vida dele, a que prometeu esperar por ele e casar consigo, não estava ali, como não

esteve na estação, como não tinha aparecido na câmara.

Já era uma da manhã quando Zé Pereira e Chico interromperam a banda Catita por momentos.

- Meus amigos - disse Chico orgulhoso e de microfone na mão. - Esta é uma noite inesquecível para todos nós. O nosso amigo António está de regresso quando já todos pensávamos que não fazia parte do mundo dos vivos. É um milagre. Como diz o ditado, o bom filho à casa volta. Mas vou passar o microfone ao Zé Pereira, que ele tem mais jeito para estas coisas de falar em público.

- Preparámos tudo isto ao longo do dia de hoje quando às dez e meia da manhã o Manel me telefonou do aeroporto a confirmar que era mesmo o António que tinha chegado. Como este dia vai ficar na memória de todos nós, quisemos também que o António se sentisse especial e nada lhe faltasse. Não foi fácil preparar-lhe esta surpresa mas, amigo António, sei que vais ficar emocionado e particularmente feliz com o que vais ver a seguir.

Naquele momento, António dirigiu os olhos para a porta de entrada de onde ia sair a surpresa e pediu baixinho que dali saísse a sua Amélia. Por segundos, fechou os olhos e viu-a de blusa branca de renda, saia plissada às flores e sapatos rasos, com o cabelo preso e um sorriso nos lábios. Mas por mais que se esforçasse, a imagem não ganhava vida.

- Abram-se as portas - sentenciou Chico.

Não foi uma desilusão porque aquela era mesmo uma surpresa de todo inesperada para António. Não era Amélia que surgia pela mão de Manel, mas sim três amigos inesquecíveis que vieram disparados das terras onde estavam mal Zé Pereira lhes deu conta de que António estava de regresso a casa. Joaquim Fortuna, que tinha chegado de Bragança, Carlos Vieira, que fez uma viagem de dez horas de carro desde Armação de Pêra, e o amigo Carlos Freitas, que, avisado por Joaquim com quem mantinha contacto desde que

chegara a Portugal fugido da guerra, tinha vindo de Portalegre onde agora residia.

António não queria acreditar. Eram mesmo eles. Correu para os braços de todos. Aplausos e muitas lágrimas acompanharam este reencontro. Os quatro abraçados não se continham nas emoções. Pareciam crianças em pranto, tal era o inesperado da ocasião. Juntos de novo. Zé Pereira no palco mandava a banda Catita voltar a tocar. Carlos Freitas, Carlos Vieira, Joaquim e António não se largavam. Nem conseguiam falar. Maria das Dores chorava também de alegria ao ver o filho tão feliz.

A noite para aqueles quatro estava a começar. Anunciava-se um desenrolar de memórias e recordações que cedo não teria fim. Para Maria das Dores eram emoções a mais para um dia. Estava na hora de recolher a casa.

- Vou embora que quero preparar o quarto do meu rico filho antes de ele chegar - disse, despedindo-se de todos. - Amanhã o almoço é lá em casa. Vou preparar um cabrito - disse Maria das Dores a António, alargando o convite aos amigos que vinham de fora.

- Eu levo-a, Maria das Dores, que já é tarde - disse Manel, que também tinha de se levantar cedo para abrir o café.

- E onde vão dormir? A casa é pequena e modesta, mas arranjo forma de dormirem lá todos.

- Não se preocupe, dona Maria das Dores. Está tudo marcado aqui na pensão de Santa Comba. Vamos dormir lá - disse Joaquim Fortuna.

A sala ia ficando cada vez mais vazia, a banda já arrumava os instrumentos depois de uma noite de folia. Reunidos numa mesa, exaustos, mas felizes, com um copo de cerveja à frente, António deixava-se ficar à conversa com Carlos, Freitas, Joaquim, Chico e Zé Pereira.

43.

Longe das emoções vividas em Santa Comba Dão, Osvaldo e Amélia remetiam-se a um silêncio ensurdecedor na sua casa na aldeia de Rojão a poucos mais de três quilómetros de Santa Comba.

Por volta da hora de almoço, um e outro já sabiam da notícia do regresso de António. Amélia estava a sair de mais uma aula, por volta das 12h30, quando foi chamada pela amiga Alice que lhe deu conta da mais inesperada das notícias.

- Amélia, por favor, senta-te que o que eu tenho para te dizer não é fácil.

- O que foi, Alice, estás pálida, sentes-te bem?

- Sim, amiga. Acabei de falar com o Zé Pereira que me deu uma notícia surpreendente...

- O que é que foi? Desembucha...

- O António...

- O António o quê? - interrompeu Amélia, temendo o que a amiga lhe iria dizer.

- Está vivo!

Amélia não queria acreditar no que os seus ouvidos estavam a escutar. Deixou cair ao chão os livros que tinha no colo.

- Como vivo?

- Pelo que eu percebi, estive estes três anos preso nas mãos dos guerrilheiros, mas consegui fugir e agora mandaram-no para aqui...

- Não posso...

Amélia não sabia o que pensar ou sentir. As lágrimas corriam-lhe pela face. Mas não eram de felicidade. Estava em estado de choque, o seu noivo tinha regressado e ela estava de anel no dedo, casada com outro. Não tinha cumprido a promessa que lhe fizera. Não tinha esperado por ele. O que devia fazer? E o Osvaldo? E as pessoas, o que iam pensar dela por ter perdido a esperança e por não ter ficado viúva para sempre? Como podia continuar a sua vida com uma pessoa por quem sentia grande ternura e carinho, sabendo que o homem que verdadeiramente amava afinal estava vivo? E como encarar António?

- Amiga, diz qualquer coisa - suplicava Alice, que lhe batia nas faces para levar alguma cor ao rosto pálido de Amélia.

- Estou sem forças. Feliz por ele estar vivo, mas acho que a minha vida acaba hoje mesmo. Não sei o que fazer. E agora, Alice? Contava com tudo menos com isto...

- Tens de ter força e resolver tudo calmamente. Não tiveste culpa. Ele foi dado como morto, fez-se um funeral, tinhas de recomeçar a tua vida. Era justo.

- Isso é o que tu pensas e eu penso. Mas as pessoas neste meio não pensam da mesma maneira. E o Osvaldo? Como vai viver comigo com o António por perto?

- Tudo se resolve. A vida é assim mesmo. O António é o mais importante. Está vivo e tenho a certeza de que vai compreender a tua atitude.

- Não sei não, Alice. Duvido muito. Deve vir muito debilitado e na esperança de que eu esteja à espera dele. Os planos que fizemos, o enxoval, as promessas e juras um ao outro, tudo deve estar na memória dele. Mas não tive culpa, não tive mesmo - chorava Amélia que naquele momento só tinha um desejo. - Apetecia-me desaparecer daqui para sempre.

- Calma, Amélia. Vamos resolver isto. Vai-te embora para casa que eu dou a aula da tarde por ti. Não estás em condições de ficar aqui a «aturar» os miúdos. Vai para casa para descansares e reflectires bem - disse Alice que se ofereceu para levá-la até casa.

Não era preciso, Amélia iria pelo seu pé e pelo caminho pararia na igreja para buscar sabedoria para encarar o pior pesadelo da sua vida. Quando entrou na igreja, esta estava vazia, apenas o padre Aureliano andava a tratar do altar e a colocar as velas. Quando a viu, percebeu o que se passava. Sentou-a num banco e ouviu-a em confissão. Eram já três da tarde quando entrou em casa e, surpreendentemente, ou talvez não, Osvaldo já a esperava na sala, sentado calmamente no sofá. Amélia entrou e tentou disfarçar os olhos inchados de tanto chorar.

- Que fazes aqui a esta hora, Osvaldo?.

- Certamente o mesmo que tu, Amélia.

Amélia ficou sem resposta.

- Já sabes? - perguntou Osvaldo.

- Já sei, sim. Não se fala de outra coisa. Não sei é o que te diga.

Oswaldo levantou-se e envolveu a mulher num afectuoso abraço. Mal soube da notícia, tinha deixado a tabacaria e corrido para casa. Não conseguia perceber bem que sentimentos o invadiam. Por um lado estava feliz porque afinal o amigo, o miúdo António com quem tanto brincou e a quem até conselhos deu, estava vivo e ele não desejava a morte a ninguém. Mas rapidamente percebeu que a vida dele podia dar uma reviravolta. Também ele pensava no que aí vinha. Uma série de dúvidas tomavam conta dos seus pensamentos. E agora, como ia Amélia reagir? E como viveriam os dois ali tão perto de António? E como encarar o amigo a quem supostamente tinha «roubado» a noiva?

Oswaldo e Amélia tentavam perceber como iam sair daquela encruzilhada. Mais velho, com mais experiência de vida, Oswaldo pediu calma a Amélia.

- Não temos de dar contas a ninguém da nossa vida, Amélia. Ele morreu e nós casámos e pronto - disse Oswaldo, tentando manter a calma.

Amélia sentiu um aperto grande no coração. Sentia carinho por aquele homem que se mantinha ali firme ao seu lado. Mas «amor» é uma palavra que só se diz uma vez, acreditava Amélia. Mas de uma coisa estava certa e tinha prometido ao padre Aureliano em confissão, ela não era mulher para abandonar o homem a quem prometera fidelidade tendo como testemunha Deus.

- Tens de me ajudar, Oswaldo. Não é uma situação fácil para mim. Sabes como é a mentalidade destas pessoas em meios pequenos. Muitos ainda acham que eu devia ter feito luto para o resto da vida.

- Eu sei. Mas decidiste de outra maneira e a vida é tua. Ele vai ter de entender - disse num tom um pouco rude, sem conseguir disfarçar a sua impaciência. Já não valia a pena esconder aquilo que

já sabia. A sua mulher nunca o tinha amado e a chegada de António punha tudo em causa.

- A minha vida está decidida. É contigo. Foi contigo que casei. Mas agora não estou em condições de pensar muito mais nisto. Quero é ir deitar-me e dormir um pouco.

- Vai descansar. Logo ao jantar falamos - disse Osvaldo.

Amélia retirou-se para o quarto, esteve largas horas de olhos bem abertos a pensar na vida, em Osvaldo e em António, no amor que ainda sentia por este e na encruzilhada em que se transformara, de repente, a sua vida. Adormeceu e acordou só por volta das nove da noite. Levantou-se, lavou a cara para acordar bem e abriu a porta do quarto. Quando chegou à sala, Osvaldo tinha-lhe preparado o jantar, com uma mesa composta à luz das velas. Amélia sorriu, olhou para ele, deu-lhe um abraço e um beijo na face.

- Obrigada.

Osvaldo puxou-lhe a cadeira atrás, sentou-a, abriu uma garrafa de vinho e serviu-a.

- Fiz o teu prato favorito. Preparei-te um arroz de legumes acompanhado de um frango estufado. Vais gostar. Já provei e está mesmo no ponto.

Durante o jantar não falaram mais do assunto. Enquanto no quartel dos bombeiros se festejava a chegada de António, Amélia e Osvaldo tinham um jantar tranquilo para esquecer o impossível. Amélia contou-lhe das diabruras dos alunos, do teste que tinha dado e que os alunos acharam muito difícil e Osvaldo falou dos produtos novos da tabacaria e de como a clientela este mês estava mais fraca. Já no final do jantar, Osvaldo fez-lhe uma proposta.

- Hoje é quinta-feira, que tal irmos passar tranquilamente o fim-de-semana a Viseu que fica aqui perto? Já liguei para o hotel Grão

Vasco e têm quartos disponíveis. Que dizes?

Amélia concordou. Era uma maneira de sair dali, fugir dos problemas e adiar por uns dias o inevitável.

- Acho muito bem. Daqui a pouco, ligo à minha colega Manuela para me dar a aula de amanhã e tomar conta dos miúdos.

- Saímos de manhã cedo - disse Osvaldo. - Já te disse que te amo?

- Hoje ainda não, Osvaldo.

- Amo-te.

Amélia baixou os olhos e não conseguiu dizer-lhe o mesmo. Nunca lhe tinha dito, em dois anos de casamento, que o amava. Não conseguia. Ele, pelo contrário, todos os dias lhe sussurrava ao ouvido a mesma palavra na esperança, talvez, de um dia ouvir o mesmo. Mas, certamente, não seria naquele dia.

44.

J á no final da noite, o tema de conversa acabou por ser Angola. Era inevitável. Carlos Freitas, Joaquim Fortuna e o Carlos Vieira ouviam António atentamente e captavam todos os pormenores da aventura de três anos do amigo em terras africanas depois de ser capturado.

Carlos Freitas deixou correr lágrimas pela face quando António lhe descreveu como encontrou a sua fazenda. Destruída, abandonada, portas caídas, meia dúzia de negros a deambularem por lá, campos perdidos, um choque para quem conheceu aquilo antes e agora se confrontava com uma nova realidade.

Quando já só estava com Joaquim Fortuna, Freitas e Vieira, pois Zé Pereira e Chico já tinham abandonado a festa de tão cansados que estavam, António falou de Dulce.

- Estive com ela antes de regressar. Estava com um filho meu nos braços... Eu quis que ela viesse comigo, mas ela disse que queria

ficar lá que aquele era o país dela.

Carlos Freitas interrompeu-o:

- Não me perdoe ter deixado a Dulce lá com o teu filho. Mas fui apanhado de surpresa, estava em Luanda na altura do ataque à fazenda. Foi ela que me avisou para não voltar que já não havia condições. Disse-lhe para vir ter comigo a Luanda, para vir viver connosco para Portugal, mas ela recusou. Disse-me o mesmo que a ti. Que o lugar dela era lá e não desejava abandonar os feridos de guerra de quem tratava e as crianças que ensinava a ler e a escrever na escola. Devia ter insistido... - confessava Carlos Freitas com a voz embargada.

- Creio que não ias conseguir. Ela estava muito decidida. Prometi dar-lhe todo o apoio e... ir buscá-la. Foi uma promessa que fiz sem saber o que me esperava aqui.

- E como estão as coisas aqui, António? - perguntou o amigo Joaquim Fortuna.

- Não sei. Ninguém me disse e eu também não perguntei. A Amélia não apareceu no aeroporto, nem na estação, nem na câmara, nem aqui na festa. Provavelmente refez a vida dela. Ainda não estou preparado para saber.

Joaquim Fortuna ficou admirado e um pouco comprometido. Ele já sabia que Amélia se tinha casado com Osvaldo, mas não quis, naquele momento, ser o portador da má notícia.

- Devo-lhe este pedido de desculpas - disse António a Carlos Freitas.

- Que desculpas, António?

- A si e à sua família. Quando me envolvi com a Dulce, que era parte da vossa família, ocultei a minha situação aqui na metrópole. A

verdade é que estava noivo e com promessas de regressar e casar. Mas aquilo foi muito mais forte que eu e sabe como é, já estava há muito tempo longe de casa, da família e da Amélia.

- Não me debes desculpas nenhuma. Eu percebo.

- Até eu me perdi... Aquela boite em São Salvador, aquelas rolinhas todas, a pensão Rebita. Ai meu Deus, só de pensar até me dá calores - disse Joaquim Fortuna, tentando animar os amigos.

- Eu cá não me meti em nada disso. Fui só para servir a pátria - ironizou Carlos Vieira provocando uma gargalhada entre todos que não acreditaram naquela versão.

- Bem, são cinco e meia da manhã. Daqui a pouco o dia nasce. Vamos deitar-nos que daqui a umas horas temos um almoço à medida feito para nós. Também estou desejoso de voltar a deitar-me na minha cama - disse António.

Assim foi. Na festa já não restava ninguém. Apenas eles. Ao chegar a casa, Maria das Dores estava sentada na cozinha.

- Então mãe, não veio dormir.

- Não consegui. Já te arranjei o quarto e agora fiquei aqui à espera que chegasses. Há anos que esperava por este momento de te servir uma chávena de leite com café quente antes de te ires deitar. Senta-te.

Maria das Dores passou-lhe a chávena de alumínio quente para a mão com um café acabado de sair da cafeteira e um leite com sabor a campo como há muito António não tomava. Sentia um conforto imenso no coração.

Depois de dois goles e sem olhar para a mãe, fingindo que estava a pegar numa colher para mexer mais um pouco o leite, António disparou.

- A Amélia, mãe?

Maria das Dores gelou naquele instante. Mas logo se recompôs, sabia que mais cedo ou mais tarde o filho lhe faria aquela pergunta. Já estava preparada para responder com sinceridade.

- Vou dizer-te a verdade. Casou. Fez uns dois anos de luto por ti, sofreu muito, coitada, não imaginas o que ela sofreu, mas dois anos depois resolveu refazer a vida dela. Sentia-se muito só. Acabou mesmo por casar e vive na aldeia de Rojão.

António baixou os olhos. Resignado, não era uma absoluta surpresa para ele, mas no fundo ainda alimentava uma leve esperança de que Amélia estivesse à sua espera.

- Casou com quem?

- Com o Osvaldo.

- O Osvaldo? - gritou sem conseguir controlar a fúria, para grande espanto de Maria das Dores que nunca tinha visto tanta raiva na cara serena do seu filho.

António pousou a chávena na mesa, levantou-se calmamente, beijou a testa da mãe e retirou-se para o quarto.

- Vou dormir. Até amanhã, minha mãe. Dê-me a sua bênção.

- Deus te abençoe - disse quase sem voz Maria das Dores a olhar para o filho. António estava em casa, mas aquele homem em nada se parecia com o filho que tinha partido para a guerra. Era verdade o que as vizinhas sussurravam. Estava mais velho, com a pele comida pelo sol, com uma perna que se arrastava e principalmente tinha um olhar diferente. Maria das Dores já não lhe via o olhar sereno e sempre feliz, bastava observá-lo para ver que estava perturbado, com um olhar de raiva, triste.

No quarto, sozinho, António sentiu uma imensa revolta contra Amélia. Por ter casado, por não esperar por ele, ainda para mais por ter casado com Osvaldo. Não conseguia perceber como era possível... Percebia que devia ter sido difícil esperar por ele, afinal tinha sido dado como morto e, embora esperasse que isso acontecesse, achava que não era justo que ela ficasse para sempre viúva e nunca mais casasse com ninguém. Mas com Osvaldo? E ainda para mais ele estava ali, tinha deixado Dulce e o filho em Angola e afinal... Sentia o coração invadido por uma imensa solidão e revolta. Deixou-se cair vestido na cama e, vencido pelo cansaço, adormeceu de imediato.

No dia seguinte, ao almoço estavam todos novamente reunidos. No quintal da casa, Maria das Dores juntou várias mesas para conseguir sentar tantos convidados. Eram nove à mesa. Maria das Dores não parava numa azáfama entre a mesa e a cozinha. Não tinha ido à cama para preparar um almoço digno do filho. Há muito que não tinha tanta gente em casa. Estava eufórica. Era um dia especial. Sentia-se aliviada por já ter contado ao filho sobre o casamento de Amélia. Não havia nada a esconder. Aquele peso saíra-lhe dos ombros e queria era ver todos reunidos à volta de António.

A meio do almoço, António saiu da mesa e aproveitou para se afastar um pouco do grupo com Carlos Freitas. Contou-lhe a conversa que tinha tido com a mãe e confessou-lhe como estava decepcionado.

- Afinal fiz tudo mal. A Amélia está casada e a Dulce ficou em Angola. Fiquei sozinho. Não sei que faça.

- Neste momento, acho que te deves tratar. Vens com muitos problemas de saúde, deves primeiro tratar de ti e depois pensar no resto. Eu estou a pensar regressar a Angola. Vim como toda a gente que fugiu da guerra, mas acho que depois da independência, quando tudo ficar mais calmo, vou regressar. Muitas pessoas estão a

pensar fazer o mesmo. Agora os momentos são conturbados, mas um dia destes os movimentos entendem-se, a independência faz regressar tudo à normalidade. Podes sempre fazer como eu. Regressar e construir lá a tua vida. Aquilo é um grande país, amigo.

- Não sei se vai ser possível. Tenho aqui a minha mãe. Por agora, quero ficar aqui. Acabei de chegar e, para ser sincero, não quero voltar para aquele inferno que me tirou anos de juventude e me marcou para toda a vida. Tenho muita sorte em estar vivo, mas não me conformo com a Amélia. Percebo-a, mas não me conformo.

- Tens de te pôr do lado dela. Tu morreste para todos os efeitos, ela teve de refazer a vida dela.

- Sei disso tudo, mas não me conformo. Ainda para mais casar com um amigo meu.

- Isso são contingências da vida. Agora tens de olhar em frente e pensar em refazer a tua vida. Não te esqueças de que Deus te deu uma nova oportunidade de viveres. O que muitos não tiveram, tu tiveste. Aproveita bem isso.

O almoço foi-se arrastando, mas às cinco horas todos tinham combinado abalar para as respectivas terras antes que se fizesse noite. As despedidas foram tão emocionantes como a chegada de António, na véspera, a Santa Comba. Agora cada um retomava a sua vida. Um abraço e todos de acordo que no próximo encontro provariam o tão prometido peixe na barraca do Carlos.

- Não se esqueçam. Vou preparar tudo e depois digo o dia. Em princípio, vai ser em Novembro quando eu fizer anos.

- Em Novembro, Carlos? Nessa altura já é Inverno e não podemos dar um mergulho na praia - disse Fortuna.

- O Algarve é outro país. Lá está sempre calor. É como África. Deixa-te disso, amigo Fortuna. Tens praia e, não te esqueças, o

melhor peixe do mundo. Lá vos espero - disse Carlos Vieira.

Num fim de tarde nostálgico, António despediu-se dos amigos agora com a certeza de que, mais dia menos dia, os voltaria a ver. «Se alguma coisa a guerra tem de bom são os amigos que se ganham para toda a vida», pensou com um sorriso nos lábios.

44.

No domingo, António levantou-se cedo, bebeu uma cevada quente com a mãe e saiu. Queria visitar os sítios de que sentia saudades. Passeou-se pelas ruas do Vimeiro e de Santa Comba Dão, observou a estátua do velho vizinho, que continuava ali, imponente, a observar os habitantes de Santa Comba Dão. Não conseguiu evitar um certo desdém. O homem que tinha o mesmo nome que ele, que o tinha mandado para uma guerra sem sentido, continuava ali, sentado na cadeira do poder.

Pelos caminhos que percorria reencontrou muita gente, sendo por todos saudado, inteirou-se como as freguesias à volta tinham crescido, com casas novas, ruas asfaltadas, nova vias, lojas mais modernas, mais gente, mais sorrisos, mais liberdade. Tudo era diferente. O carteiro já não andava a pé. Fazia-se transportar numa moto de marca Sachs. O senhor Asdrúbal, que em tempos levava o peixe a casa das pessoas da aldeia numa bicicleta, agora tinha uma empresa e uma carrinha Renault que lhe permitia chegar mais longe. O país estava diferente. O ambiente soturno, cinzento e frio de tempos não assim tão distantes tinha mudado por completo.

Viviam-se agora os primeiros tempos de democracia, onde se falava à vontade de tudo, se discutia política abertamente e se devorava jornais, livros e informação como nunca.

Já cansado, com uma dor na perna que o lembrava de como o médico em Luanda lhe pedira para não exagerar e ter cuidado, António sentou-se no banco do átrio da igreja onde Amélia se encostava ao seu ombro. A igreja estava de portas abertas a jeito de convite para as almas que ali passavam, mas António preferiu ficar ali sozinho, sentado no banco. A pensar na vida, a pensar em Amélia, em Dulce e no pequeno António. «Encosta-te a mim», sussurrou baixinho sentindo umas saudades imensas da ternura de Amélia.

Desde ontem que andava a pensar se devia ou não ir falar com ela nos próximos dias. Sentia vontade de a confrontar, ao mesmo tempo que pensava não ter forças para a encarar. Na realidade, sentia-se perdido, feliz por estar de regresso à terra, mas carregado de desilusões e dúvidas. A guerra tinha-lhe destruído a vida.

À noite voltou à tasca do Manel para se juntar aos amigos e ver o programa que passava com os golos dos jogos de futebol da 1.ª Divisão. Estar no café e com os amigos era a melhor forma de esquecer por umas horas os pensamentos que tomavam conta do seu dia-a-dia, sem que até agora tivesse encontrado uma solução para eles.

- Então, António, o que vais fazer a partir de agora? Já pensaste nisso? - perguntou-lhe Zé Pereira.

- Ainda não. Para já tenho de me apresentar na próxima quinta-feira no hospital militar de Lisboa. Estou com uns problemas de saúde que quero resolver. Ainda tenho a minha situação militar por resolver e conto passar à disponibilidade na próxima semana. Só depois disso posso pensar no que vou fazer da minha vida.

- E a Amélia?

- O que é que tem? Não quero falar disso. Há duas coisas na vida de que nunca mais quero falar nem quero que me falem. Da Amélia e da guerra. Peço-vos esse favor.

- Tudo bem, António. É claro que respeitamos o teu desejo. Mas sempre que tiveres necessidade de falar, já sabes que estamos aqui para te ouvir.

- Mas não vou necessitar. São assuntos encerrados - disse de forma ríspida. - Vai começar o Domingo Desportivo. Vamos ver - disse António, pondo um ponto final sobre aqueles assuntos.

O que é certo é que o tema Amélia estava longe de estar encerrado. António não resistiu. No dia seguinte, ao fim da tarde, estava à porta da escola onde Amélia leccionava. Ia com a intenção de a ver, apenas olhar para ela e, se a coragem não lhe faltasse, falar com ela. O dia tinha sido doloroso para ele. Depois de se levantar tarde e com uma tremenda dor de cabeça, António percebeu que não conseguia começar uma nova vida sem antes falar com Amélia e perceber porque é que ela lhe tinha feito o que fez. Pela mãe, mas sobretudo por ela, tinha deixado em Angola uma parte de si. Não quis almoçar e logo a meio da tarde saiu para deambular pela freguesia de Ovoa e esperar pelo final da tarde. Remoeu toda a tarde sobre se devia ou não ir falar com Amélia. Não se conformava por ela nem sequer o ter procurado para o cumprimentar depois de tudo o que passaram. Se Amélia estava casada, para isso até poderia encontrar uma explicação, mas já não entendia a sua ausência na festa de boas-vindas e durante os três dias em que já estava em Venda do Sebo. Dela nem sequer a sombra lhe viu. Tinham sido muitos anos juntos, praticamente desde que nasceram, muitas promessas, um amor imenso. Recomeçar uma vida nova implicava esclarecer tudo com Amélia.

Não tinha a certeza das consequências do seu acto e por isso vagueou toda a tarde e foi até à igreja à procura dos conselhos do padre Jorge.

- O diálogo nestas coisas é sempre a melhor via, meu caro António. Mas deves ter cuidado na forma como a vais abordar. Ela, tal como tu, sofreu muito e não a podes crucificar por ter feito uma opção de vida. Só o fez na certeza de que nunca mais te ia ver.

- Compreendo, Padre, mas já estou cá há três dias e nem sequer quis saber de mim.

- É doloroso para ela, como deve ser para o Osvaldo. Tens de perceber. Tinhas morrido e de repente estás vivo e regressas. Ela casou e não pode pôr em causa a nova relação que tem, só porque tu regressaste. As pessoas não são todas iguais e as reacções também não. Provavelmente está a sofrer tanto como tu neste momento, também ela estará numa encruzilhada muito grande.

- E que devo fazer, padre?

- Tens duas opções: ou vais falar com ela amigavelmente e com muito cuidado na forma como a abordas ou então deixas passar mais algum tempo. Tens de ir para Lisboa tratar-te e depois disso tanto tu como ela já tiveram tempo para amadurecer ideias e se calhar conversarem de outra forma. Eu se calhar esperava mais um tempo.

- Vou pensar nisso, padre, mas não sei se consigo esperar tanto tempo.

Amélia regressou à escola nessa segunda-feira depois do fim-de-semana passado em Viseu. Tinha sido agradável sair dali, mas na realidade a sua cabeça não tinha ido até Viseu, tinha permanecido ali, a pensar em António, na sua chegada e de como o poderia vir a encarar no futuro. Alice aproveitou para lhe contar da recepção que António recebeu, de como vinha mais magro, diferente, parecia doente e muito fragilizado.

- Gostava muito de o ver, Alice, mas não sei se ele me quer ver. Não sei como falar com ele e explicar-lhe aquilo que é óbvio. O meu

marido foi muito compreensivo, saímos daqui estes dias para estar longe, mas a verdade é que passei o fim-de-semana a pensar no António. Era justo vermo-nos e falarmos, mas não sei bem o que fazer.

- Devias ir ter com ele, Amélia. Ela vai compreender. E também deve estar à espera que lhe fales. Afinal vocês tiveram uma vida quase em comum, casamento marcado, promessas feitas e agora ele chega e nem tu falas com ele nem ele contigo. Se quiseres, eu trato de tudo discretamente para não magoares o Osvaldo. Ele não precisa de saber.

- O Osvaldo foi tão compreensivo... Vou falar com o António e escondo do meu marido? Acho que não sou capaz.

- Não será nenhuma mentira, é apenas uma ocultação, Amélia. Mas percebo o teu ponto de vista.

- Não sei, não, minha amiga. Não sou nem nunca fui capaz de mentir. Só queria estar longe daqui e não estar a viver este pesadelo. Neste fim-de-semana dei comigo a penalizar-me por não ter esperado mais uns anos.

- Decidiste na altura tomar uma decisão que sabias que ia provocar comentários aqui na terra. Mas tinhas uma vida para viver e tomaste a decisão acertada. É dessa mesma forma que agora deves encarar este encontro com o António. E se te pesa muito na consciência ocultares do Osvaldo, então diz-lhe a verdade. Conversa com ele sobre a necessidade que tens de falar com o António. Se não o fizeres, como vai ser possível vocês viverem todos numa área tão pequena? Mais dia, menos dia encontram-se por aí. É inevitável.

António mantinha uma distância razoável da escola. O seu olhar estava fixado na porta de saída. Ouviu o sino tocar. Escondido atrás de uma árvore, a mesma que em tempos a sua professora lhe garantiu ter vindo de Angola, esperou que Amélia abandonasse a escola. A algazarra dos miúdos na hora de saída, mochilas às costas,

era um quadro que lhe fazia vir à memória tempos de criança em que de mão dada descia a rua com Amélia.

Já o silêncio se apoderava do recreio da escola quando viu Amélia de livros abraçados ao corpo, saia preta travada e camisa branca de renda. Era a primeira vez que a via na pele de professora. Continuava linda. Mas parecia mais segura de si, mais confiante. Amélia desceu a rua a pé e António seguiu-a sempre a uma distância segura, passos curtos e silenciosos. O coração batia tanto que tinha até medo de que ela o ouvisse. Mas Amélia estava distraída com os seus próprios pensamentos, nem sequer ouvia os «boa tarde, senhora professora» que lhe eram dirigidos pelas pessoas com quem se cruzava. Só pensava na possibilidade de se cruzar com António, pois assim encontrava aquele que ainda era o grande amor da vida dela e não sentia remorsos por ir procurá-lo sendo casada com Osvaldo. Desejava ardentemente que António lhe aparecesse no caminho. Ao passar pelo cemitério parou e olhou para a porta onde todos os dias lia aquela macabra frase «Cá te espero». Sorriu para consigo, feliz por saber que ali já não morava sequer a memória de António. Amélia passou pela porta da igreja, entrou, ajoelhou-se perante o senhor, rezou e saiu. António seguia-lhe os passos, mas quando a viu sair da igreja hesitou sobre se avançava ou não. No momento em que tomou a decisão, deu conta de que o padre Jorge também entrava na igreja e cruzava-se com Amélia.

- Amélia, que boa surpresa. Vieste falar com o Senhor ou comigo?

- Em boa verdade com o Senhor, mas também gostava de falar consigo.

- Acho que sei qual é o assunto. Queres entrar?

- Gostava de me sentar ali naquele banco do átrio. Pode ser, padre? Conversamos ali?

- Claro, minha querida. Vamos lá. Temos ainda 15 minutos até à missa das sete.

Amélia há muito que não se sentava naquele banco. Era uma das decisões que tinha tomado desde que casara com Osvaldo. Não se sentar mais ali e preservar aquele momento apenas como memória das muitas vezes que ali se sentou com António e se encostou ao seu ombro. Entendeu a partir dessa altura que aquele banco era exclusivo dela e de António e do grande amor que ambos viveram.

- Então Amélia, deves estar muito confusa com isto tudo. Vim agora ali do cemitério, fui dar ordens para remover a campa. É das decisões mais felizes que tomei ao longo desta minha vida de sacerdote. Mas tenho a certeza de que é do António que me vens falar.

- É, padre. É dele mesmo. Não sei o que fazer e como agir. Preciso muito da sua ajuda.

- Percebo-te porque ele também veio hoje aqui falar comigo e disse-me exactamente a mesma coisa. Já contava que também aparecesses.

- Ele veio cá? E falou de mim?

- Sim. Estivemos muito tempo a falar. Está magoado por ainda não o teres procurado. Não só por isso, como deves imaginar... Estive a falar-lhe das tuas justas razões. Mas ele está muito fragilizado e ainda nutre um grande amor por ti.

- Eu nem sei o que lhe diga. Sou casada, mas também não consigo deixar de pensar nele. Gosto muito do meu marido, tenho um carinho muito grande por ele, foi muito compreensivo e de um coração enorme nestes dias, mas estou muito confusa. Não sei mesmo a quem recorrer e o que fazer. Preciso da sua boa ajuda.

- Eu acho que vocês deviam falar. Com calma, amigavelmente, e ouvirem as razões um do outro. Disse-lhe que se calhar era melhor deixarem passar algum tempo, mas não acredito que ele tarde muito em procurar-te...

- Eu também estou ansiosa por vê-lo, como deve calcular, mas por outro lado fico com medo de magoar o Osvaldo. Não sou capaz de falar com o António sem contar ao meu marido.

É um sentimento muito nobre da tua parte, se quiseres eu estou disposto a intermediar o vosso encontro. Cedo-vos o meu gabinete aqui na igreja, combino com ele e vocês falam à vontade longe de olhares indiscretos a uma hora em que não esteja cá ninguém.

- Acha isso possível, padre? Não será pecado?

- Não, Amélia. O Senhor gosta que as pessoas sejam tolerantes e se entendam pelo diálogo. Acho que é isso que vocês neste momento devem fazer.

Atrás de uma árvore, António assistia a tudo sem conseguir ouvir o que o padre e Amélia diziam um ao outro. Apenas apreciava o rosto de Amélia e percebia a sua tristeza.

- Eu vou falar com ele amanhã de manhã ainda. Passa aqui na igreja que eu digo-te a hora combinada para o vosso encontro. E vai em paz, querida Amélia. O Senhor percebe as tuas dúvidas e perdoa-te. Agora tenho de ir rezar a missa. Amanhã falamos.

- Obrigada, padre. Vou ficar aqui sentada só mais um pouco sozinha. Estou a precisar.

Amélia deixou-se ficar, sentiu as lágrimas correrem-lhe pela cara e, por momentos, achou que António estava ali ao lado dela. Ouviu passos, puseram-lhe a mão no ombro, e ela virou-se assustada. Pensou naquele instante que era António.

- Pai, que faz aqui?

- Fui buscar-te à escola, minha filha, a tua mãe quer falar contigo, quer que vás jantar lá a casa para te aconselhar.

- Aconselhar, pai?

- Sim, já sabemos da chegada do António e queremos que tenhas juízo na tua cabeça... - disse o pai, um homem conservador e católico, que não queria que a sua filha fosse motivo de falatório na aldeia.

- Sim, senhor meu pai, não se preocupe eu sei o que devo fazer - disse Amélia, cabisbaixa.

- Vá, anda jantar lá casa que estamos preocupados contigo - disse o pai, tentando aliviar o tom daquela conversa que não era para ser tida ali no meio da aldeia ao alcance dos ouvidos de todos.

- Está bem. O Osvaldo hoje vem mais tarde que chegou nova mercadoria lá na tabacaria. De casa, ligo-lhe a dizer que estou convosco.

António viu Amélia sair com o pai e perdeu a oportunidade de se chegar junto dela como estava a contar. Triste, esperou que Amélia se afastasse e entrou na igreja. Decidiu assistir à missa e esperar pelo fim para falar com o padre. Queria saber o que tinha estado a conversar com Amélia.

45.

António sentia as pernas tremer. Seis anos depois ia reencontrar-se, frente a frente, com Amélia. Eram quatro da tarde, a hora combinada pelo padre Jorge, uma hora tranquila e silenciosa na igreja. Amélia chegou cedo e aguardava sentada na sacristia. António chegou à hora certa, atravessou a igreja, benzeu-se e, antes de entrar, ouviu o conselho sábio do padre que lhe colocou a mão no ombro e disse: «Vai com calma.»

O padre Jorge fechou a porta da igreja e deixou-se ficar por ali a fazer as suas preces. Pedia ao seu Deus que iluminasse aquelas duas almas que se reuniam no seu gabinete. A vida tem destas coisas, pensava. Tinha casado Amélia, enterrado António e agora estava ali a rezar para que um e outro encontrassem o caminho para a felicidade.

António entrou e fechou a porta. Amélia estava voltada para a parede, absorta nos seus pensamentos e nas suas preces. Quando ouviu o ruído da porta a fechar estremeceu, mas não teve coragem de se voltar.

- Amélia... - disse António.

Amélia voltou-se lentamente, e não aguentou a emoção. Estendeu-lhe os braços e em lágrimas suplicou-lhe:

- Deixa-me abraçar-te...

Diante dela estava o homem que verdadeiramente amava. António sentiu os braços dela no pescoço, a cabeça dela no ombro dele e deixou-se estar de braços caídos. Não sabia o que fazer. Fazia todos os possíveis para não a abraçar.

- Julguei que não te ia ver mais. Achei que este era um abraço impossível. Tive tantas saudades tuas. Chorei tanto por tua causa...

António não conseguiu resistir mais e os seus braços foram lentamente envolvendo Amélia. Deixaram-se ficar assim, abraçados.

- Porque me deixaste? Porque não esperaste por mim? - questionava, soluçando, António.

- Que querias que eu fizesse? Passei dois anos a chorar a tua morte, a visitar-te no cemitério numa campa sem corpo. Que podia eu fazer? Tinhas partido definitivamente. O que fazias no meu lugar?

- Não sei. Já estou cá há quatro dias e tu nem uma palavra.

- Desde que soube do teu regresso que não tenho pensado em mais nada senão em ti. É um tormento. Queria ir ter contigo, falar-te, ver com os meus próprios olhos que eras mesmo tu e não um fantasma. Tive de sair daqui estes três dias para suportar a dor de não te poder ver e abraçar. Porque não me foste procurar também?

- Estás casada, Amélia. Regressei por tua causa. Chego, tenho toda a gente à minha espera menos tu.

- Não podia, António. Sou uma mulher casada e respeito o meu marido como sempre te respeitei a ti.

- Com o Osvaldo, Amélia? Como foi possível?

- Estava fragilizada, triste e muito abandonada. Ele deu-me conforto, carinho e foi como que um porto de abrigo depois de ter andado tanto tempo à deriva por tua causa. Aconteceu.

- Amas o Osvaldo?

Amélia hesitou, olhou para ele e foi firme na resposta:

- Eu jurei que na minha vida só ia amar um homem. E tu sabes que esse homem és tu. Tenho muito respeito, ternura e carinho por ele. Amar, que Deus Nosso Senhor me perdoe, não amo verdadeiramente. Mas ele sabe disso. Nunca lhe menti.

Amélia olhava fixamente António. Seguia-lhe todas as marcas da cara, o cabelo, os olhos que pareciam vazios de alegria, a boca. António afastou-se um pouco dela, sentou-se numa cadeira e deixou-a de pé. Desanimado, foi duro com ela nas palavras que proferiu:

- Pois é, mas casaste e agora não há nada a fazer. A guerra tirou-me tudo e tu tiraste-me o futuro. Um dia prometeste-me que me ias fazer o homem mais feliz de Venda do Sebo...

- Não fui eu, António. Foram as circunstâncias. Recebemos uma comunicação a dizer que tinhas desaparecido e morrido em combate. Fizemos um funeral. Nunca me saíste do pensamento. Mas fiquei sozinha. Esperei por ti todo o tempo. Só desisti dois anos depois de saber que tinhas morrido. Não podia fazer muito mais que isso. E se tivesses morrido mesmo? Consegues imaginar o que era a minha vida ainda hoje?

- A tua vida hoje é estares com um homem que não amas - disse, revoltado, António.

- Estou com um homem que me trata bem, que me faz companhia, que partilha todos os momentos bons e menos bons comigo. Eu tinha um medo enorme da solidão. Não consegues perceber isso?

- Não sei, Amélia. Sinto-me magoado com isto tudo. A guerra tirou-me tudo, tirou-me a saúde e tirou-me a mulher que eu amava.

- E já não amas, António?

- Não sei, Amélia. Amei-te sempre e lutei com todas as minhas forças para voltar e cumprir as promessas que tínhamos feito de casar e ter muitos filhos. Tudo em vão, afinal.

- Estás a ser egoísta e muito injusto comigo.

- Até posso estar, mas não mais injusto do que tu foste comigo. Casaste e ainda por cima com o Osvaldo, um suposto amigo meu.

- Ele continua a ser teu amigo. Ficou muito feliz por saber que estavas vivo.

- Imagino, Amélia!

- Estás a ser muito injusto, António, recusas-te a aceitar as coisas tal como elas são. Mas também se já não me amas, julgo que nem meu amigo queres ser.

- Não, Amélia. Não consigo ser amigo da mulher que amei e que prometeu esperar por mim para casar e ter uma família. Não foi para sermos só amigos que crescemos juntos, namorámos e nos amámos e até tivemos casamento marcado.

- Eu fiz tudo o que estava ao meu alcance. Houve um momento em que ainda estavas no quartel em África em que deixaste quase de me escrever. Também achei que tinhas arranjado alguém. Estavas distante, escrevias-me quase todos os dias e de repente começaste a escrever uma vez por mês e às vezes nem isso. Passou-se alguma coisa?

António ficou sem resposta.

- Vá, responde... Eu aguentei tudo isso. Depois voltaste a escrever dizendo que estavas a passar por maus momentos e que já não sabias o que havias de me dizer. Compreendi, esperei, esperei, esperei. Vivi na esperança de voltares até que a tua mãe recebeu uma visita de um oficial do exército a comunicar que não voltavas mais. Nem vivo, nem provavelmente morto. Diz-me, que querias que eu fizesse? - gritava Amélia a chorar.

António estava sem resposta. Abatido e caído na cadeira, com o olhar fixo na parede, voltou a dizer-lhe que não a perdoava. Que, para ele, ela tinha morrido. Amélia estava desesperada.

- Morta? Se queres assim, assim ficamos. Tenho um casamento e vou respeitá-lo.

Amélia saiu desenfreada, bateu com a porta, passou, sem se deter, pelo padre Jorge a chorar e correu para casa o mais depressa que conseguiu. António não se mexeu. O padre entrou no gabinete e deu com ele sentado, de mãos na cabeça, a chorar.

- Então, António, correu mal?

- Correu muito mal. Não nos entendemos. Estou desesperado, sem saúde e sem cabeça para encarar esta nova realidade que encontrei seis anos depois de ter partido.

O padre deu-lhe um copo de água, acalmou-o e tentou serenar os ânimos.

- António, tens um longo caminho a percorrer. Há muitos soldados que estão como tu. Traumatizados com tudo o que aconteceu. Tu passaste por momentos muito mais difíceis. Estás com problemas de saúde e agora só tens um caminho. Curar-te, procurar ajuda e recuperares a tua vida. Não penses mais em Amélia. Está casada perante os olhos do Senhor e não pode fazer nada. Também não gostavas que te traíssem ou te abandonassem. Este não é o momento para vocês falarem e se entenderem. É preciso esperar que o tempo se encarregue de normalizar as vossas relações e a vossa amizade.

- Não, padre. Acho que não vai ser possível. Nunca mais a quero ver.

- Não digas isso, homem, que te arrependes. Anda, vou levar-te a casa. Agora vais descansar.

Amélia, já em casa, bem tentou passar o pó-de-arroz que o marido lhe comprara da última vez que fora a Coimbra, para disfarçar as marcas de tanto chorar ao longo da tarde. Mas Osvaldo sentiu-a triste, cabisbaixa e reparou mal entrou em casa que Amélia tinha estado a chorar. Cumprimentou-a normalmente com o habitual beijo na face. Ligou o televisor, sentou-se no sofá e sentiu um imenso silêncio em casa.

- Osvaldo, estou com dores de cabeça. Não te importas de comer sozinho? Aqueci-te um pouco da comida do almoço. Está na cozinha. Tenho de me ir deitar. Os miúdos hoje na escola deram-me cabo da paciência.

Osvaldo fingiu que aceitava a explicação, mas sabia que Amélia não lhe estava a contar a verdade. Não a quis enfrentar naquele momento. Deixou-a ir, jantou sozinho na cozinha e depois de jantar foi ao quarto. Abriu a porta, as luzes estavam apagadas e Amélia estava deitada, mas conseguiu ouvi-la chorar baixinho.

- Amélia, o que aconteceu? Estiveste com o António?

Amélia não aguentou e caiu de novo num pranto incontrollável. Osvaldo esperou uns minutos que se acalmasse, mas não a conseguia abraçar. Ficou ali de pé, frio e hirto, à espera que ela acabasse o seu pranto. Sentia-se profundamente magoado, naquele momento só pensava em confrontá-la violentamente com a verdade. Estava cego de ciúmes.

- Conta-me, Amélia - disse secamente.

- Não acendas a luz, por favor - suplicava Amélia, que não queria que ele a visse naquele estado deplorável e tão fragilizada. - Estive com o António. Na igreja. Não sou capaz de te ocultar isso. És meu marido e mereces que não te esconda nada. Foi tudo combinado com o padre Jorge. Não podia continuar a esconder-me e a fugir. Aceitei ter uma conversa com ele. Não era justo ele voltar depois de tantos anos e do que passámos e não lhe falar, saber como ele estava. Foi só por isso que quis falar com ele. És o meu marido e eu respeito-te e vou sempre respeitar-te. Nada mais me passou pela cabeça. Tentei fazer-lhe ver os motivos porque retomei uma vida nova. Mas ele não aceitou. Está muito traumatizado e fragilizado, e não aceitou. Ainda lhe disse que podíamos ser amigos, mas não está capaz disso. Não sei que posso fazer mais.

Osvaldo não reagiu. Permaneceu calado, hirto. Passados alguns minutos foi capaz de dizer apenas:

- Descansa, Amélia.

- Não estás zangado comigo? - perguntou Amélia.

Osvaldo não respondeu. Saiu do quarto, fechou a porta e deixou Amélia sozinha entregue a si mesma naquele momento difícil. Sim, estava zangado e desiludido, mas principalmente estava triste. Sabia que a mulher não o amava, que o seu casamento não era perfeito, ainda para mais os filhos tardavam em chegar sabe-se lá porquê, mas naquela noite percebeu que era um homem sozinho. Um

homem traído. Osvaldo deixou-se ficar na sala, foi bebendo um uísque atrás do outro e adormeceu no sofá.

Para António, os meses seguintes foram passados entre a Venda do Sebo e Lisboa. Traumatizado e doente, teve de recorrer várias vezes a tratamentos no hospital militar. As doenças acumulavam-se. A da pele era a mais violenta de todas, provocada pelas torturas e pelo sol escaldante a que esteve sujeito durante mais de três anos. O estômago demorava a recompor-se, a perna dava-lhe dores imensas que os analgésicos pareciam nada fazer e estava cada vez mais magro. Mas o pior era a sua cabeça. Os pesadelos nocturnos, os suores frios, os acessos de raiva, que não o largavam.

A Associação dos Combatentes da Guerra do Ultramar nunca mais o desamparou. Era dos casos que mais necessitava de ajuda psicológica para além de tratamentos médicos. António era obrigado a apresentar-se de duas em duas semanas em Lisboa, onde, por norma, passava três a quatro dias internado, regressando depois a casa onde se isolava no quarto, sem sair à rua, para grande desespero da mãe. Chico, Zé Pereira, Manel e até o padre Jorge faziam-lhe visitas frequentes, mas todas em vão. Não queria ver, nem receber ninguém.

A mãe, Maria das Dores, vivia agora um novo pesadelo na sua vida e só chorava e rezava. Não percebia o que se passava com o seu filho, sempre tão alegre, tão bem-disposto. Nas proximidades, António era o tema de todas as conversas, o que ainda a magoava mais. Não faltavam amigas que lhe vinham contar os comentários que se faziam no mercado.

- Vê lá tu que aquelas alcoviteiras agora andam a dizer que o teu filho está maluco - diziam-lhe num misto de raiva, mas também de curiosidade, para verem se Maria das Dores lhes dizia o que realmente se estava a passar para depois puderem partilhar a informação no mercado.

Maria das Dores ouvia, calava, dói-lhe no fundo do coração, mas resistia e guardava as lágrimas para derramar quando estivesse sozinha. Estava na hora de cumprir a promessa. Voltar a Fátima para agradecer o regresso do filho. Desta vez não teria Amélia como companhia e não iria de camioneta. Iria a pé como os restantes peregrinos que enchiam as estradas e com o filho ao seu lado.

46.

A festa de Santa Eufémia estava de volta. Aldeia engalanada e toda a gente na rua para se divertir antes de mais um Outono. António, fechado em casa, não queria sequer ouvir falar sobre o assunto. Dividia a sua vida entre a sala e o quarto sempre silencioso. Maria das Dores tentava compreender o filho e adaptar-se às novas circunstâncias. Não sabia como lidar com a situação. Todos os dias ansiava pela hora de ver o filho ir para Lisboa para tratar-se. Vinha de lá sempre mais calmo, mas, à medida que os dias passavam, tornava-se impaciente, nervoso e às vezes até violento na forma como batia com as portas.

Nessa noite de festa, também Amélia não quis sair. Pediu a Osvaldo para ficar em casa. Se ele quisesse podia ir divertir-se sozinho. Osvaldo optou por ficar em casa, mas começava a não ter forças para ajudar Amélia porque a cada dia que passava ela ficava mais triste e mais distante. Ela pedia-lhe desculpa e suplicava-lhe muita paciência, mas desde o dia em que se encontrou com António nunca mais foi a mesma. Prometia a Osvaldo que ia mudar,

recompor-se e pedia-lhe tempo. Osvaldo ia resistindo, mas a cada dia ficava pior.

Os dois meses seguintes não mudaram muito. Amélia fazia o percurso casa-escola-casa e ao domingo só saía para ir a casa dos pais almoçar. Nem passeios pelas redondezas como era habitual, nem bailarico na sociedade recreativa de Santa Comba Dão...

António continuava os tratamentos em Lisboa. Dolorosos alguns, sobretudo os psiquiátricos, onde se via obrigado a recuperar memórias que queria esquecer.

11 de Novembro de 1975. Nesse dia, sentado na sala comum do hospital militar, onde todos viam televisão, assistia incrédulo às imagens do navio Niassa, o mesmo que o levava para terras ultramarinas, a deixar Angola com os últimos soldados portugueses. Era o dia da independência daquele país e a bandeira portuguesa era arreada pela última vez em Luanda. As imagens eram demolidoras. O barco, carregado de militares portugueses derrotados e desmoralizados, alguns em tronco nu por causa do intenso calor, largava âncora e afastava-se do porto de Luanda. Para trás 14 anos de uma guerra, que se tornara, ali naquelas imagens, inglória.

António não conseguiu evitar as lágrimas. Levantou-se e foi impossível ver mais. Desligou o televisor e subiu de novo à enfermaria. A guerra tinha-lhe tirado a juventude, o trabalho, a saúde e Amélia. E até Dulce. Para nada. Acabavam de entregar Angola. Para nada.

Nessa noite respondeu afirmativamente ao desafio dos amigos para um copo na noite de Lisboa. Ele que se recusara sempre, sentia necessidade nesse dia de afogar mágoas e sair dali, do hospital. No bairro contíguo ao Cais do Sodré entregou-se aos prazeres da noite entre copos e prostitutas e os amigos de guerra que tal como ele procuravam perceber porque é que afinal tinham combatido em

África. A noite só podia acabar mal. Dois negros tranquilamente sentados num bar não escaparam à fúria de António. Desesperado e de cabeça perdida, descarregou neles toda a sua fúria. As forças de segurança foram chamadas ao local. António ainda resistiu como pôde, mas o álcool acabou por lhe retirar o discernimento e a força.

Levados para o posto, foi-lhes dada ordem de prisão. Valeram-lhes elementos do exército imediatamente postos em campo, que trataram de salvar António e os amigos de uns humilhantes meses de presídio. Em nome da pátria e do que tinham lutado no Ultramar acabaram por sair, ainda que acompanhados e devidamente afiançados pelos colegas de combate.

António acordou no dia seguinte com um peso enorme na cabeça. As ideias confundiam-se num turbilhão de imagens que não conseguia alinhar devidamente. Negros, violência, já não sabia bem onde estava. Foi acordando devagar e perguntando à enfermeira o que tinha acontecido.

- Meteu-se em sarilhos, senhor António.

- Eu? Que fiz?

- Que fez? Ontem à noite no Cais do Sodré. Já nem se lembra de quem magoou e mandou para o hospital?

António ia lentamente acordando e tomando noção do que tinha acontecido.

- Eu nunca fui violento com ninguém. Como foi possível?

- Copos a mais, meu caro. E livrou-se de boa. A esta hora podia estar numa cela qualquer e por alguns meses. O que vocês fizeram foi grave - dizia-lhe a enfermeira enquanto lhe preparava os medicamentos e ia tratando de alguns arranhões do rescaldo da noite anterior.

Os tratamentos em Lisboa duraram até ao Verão seguinte. António foi recuperando lentamente, aqui e ali com algumas recaídas, mas, à medida que os meses passavam, notava-se que voltava a ser aquele rapaz vigoroso, boa alma, pacato e trabalhador que todos conheciam antes de ir para a tropa.

Amélia, essa vivia cada vez mais triste. Os rumores circulavam à velocidade de uma bala. Ouvia-se dizer que Amélia e António se encontravam às escondidas, que ela não o conseguia esquecer, e outros diziam que a culpa era dele que não a largava. Amélia fingia que não ouvia, mas cada vez mais se resguardava em casa para não ser vítima do olhar alheio. Mas em casa o ambiente também tinha mudado. Osvaldo, de marido carinhoso e compreensivo, tornou-se cada vez mais raivoso, mais duro nas palavras. Também ele ouvia os boatos e já não sabia no que acreditar. A sua única alegria era o copo de uísque à noite, que parecia fazê-lo esquecer a sua infelicidade. A infelicidade de estar casado com uma mulher que amava outro homem.

Nesse Verão, Osvaldo tomou uma decisão. Na terça-feira foi buscar Amélia à escola para grande espanto da mesma.

- Osvaldo, que fazes aqui? Aconteceu alguma coisa?
- Sim, Amélia, vim buscar-te porque preciso de falar contigo.
- Algum problema?
- Tu é que me vais dizer se há problema ou não. Entra.

Arrancou com o carro a uma velocidade pouco comum e foi para casa, sem dizer uma palavra pelo caminho. Amélia, agarrada aos livros e à sua mala pousados sobre o seu colo, estava assustada. Cada vez mais as reacções de Osvaldo a assustavam. Era um homem novo, diferente daquele com quem tinha casado. Assim que entraram em casa, Osvaldo foi directo ao assunto.

- Já não aguento mais isto. Mudaste radicalmente desde que o António chegou. No início, tentei ajudar-te e perceber o teu sofrimento. Mas agora já passou muito tempo.

- Não é nada disso, Osvaldo.

- Não me interrompas, agora - disse, dando um murro na mesa. - Estou farto de ouvir comentários na vila, rumores e boatos sobre vocês os dois e sobre nós!

- Tu acreditas nisso? Acreditas que era capaz de te trair?

- Não sei, já não sei em quem acreditar. Sei que não gosto de ser o bobo da aldeia nem que a minha mulher ande nas bocas do povo. Quero respeito, Amélia. Quero acabar com isto!

- O que queres dizer com isso?

- Eu já tomei uma decisão. Andei algumas semanas a pensar e quero sair daqui e mudar-me para Coimbra. Não quero mais viver aqui, quase escondido sem ir a lado nenhum por tua causa e do António. Isto não é vida. E tu, como minha mulher, vens comigo. Pedes transferência na escola para Coimbra e vens para voltarmos a ser o que éramos e a viver como vivíamos. Em paz e tranquilidade. A minha decisão está tomada. Estamos no fim de junho, as aulas estão a acabar. Temos dois meses até nos mudarmos.

Nervoso e perturbado, Osvaldo deixou Amélia sozinha no meio da sala e saiu sem esperar uma resposta. Passou pelo café do Manel para espairecer, sem ter medo de se cruzar com António. Não devia nada a ninguém e não tinha cometido nenhum crime.

- Olá, Osvaldo, sejam bem aparecidos. Há quando tempo... - regozijou-se Manel com o único cliente naquele fim de tarde no café.

- É verdade, Manel. Já não aparecia aqui há muito tempo. Sabes porquê, não é?

- Percebo, mas acho que fazes bem em aparecer e retomar os bons hábitos. Já sentia a tua falta. Que tomas?

- Uma cerveja. Bebe uma comigo também.

Manel aceitou. E ali estiveram ambos à conversa. Osvaldo aproveitou para perguntar por António.

- Está a recuperar aos poucos a saúde e a ficar melhor - confidenciava-lhe Manel. - Sabes como é. Não foi fácil para ele. O que passou, o que sofreu e o que encontrou quando chegou. Mas ultimamente está mais calmo, mais tranquilo e a retomar o hábito de aparecer e conviver com as pessoas. O tempo é bom conselheiro e encarrega-se de pôr tudo no devido lugar. E tu, como andas?

- Tudo bem - disse Osvaldo, tentando disfarçar o que lhe ia na alma mas que estava espelhado na sua cara triste e desiludida. - Em Setembro vou-me embora deste lugar.

- Então que vais fazer?

- Vou refazer a minha vida em Coimbra. Estou farto deste lugar.

- E a Amélia?

- A minha decisão está tomada e ela, como minha mulher, só tem de me seguir....

Manel engoliu de uma só vez a cerveja que ainda sobrava no copo e mais uma vez falou do alto dos seus 60 anos de vida:

- Acho que fazes muito bem. Isto aqui não é vida para jovens como vocês. Têm de procurar novos horizontes. Aqui não se sai da cepa torta e as pessoas, como não têm nada que fazer, falam da vida dos outros. Ainda há dias o António pegou-se aqui com dois homens de Santa Comba que na brincadeira lhe perguntaram se era verdade o que tinham ouvido, que o António tinha vindo sem força

no sexo de África e já não dava conta delas. Foi o bom e o bonito. Ele perdeu a cabeça e foi-se a eles e mandou-os para o hospital.

Quando regressou a casa, por volta das nove horas, para jantar, Amélia já tinha tudo preparado. Jantar feito, mesa posta com a toalha de linho e a melhor louça que tinha e duas velas.

- Senta-te à mesa.

Amélia trouxe a comida. Abriu uma garrafa de vinho, encheu o copo de Osvaldo e o dela também. Olhou-o nos olhos. Fez um brinde, bebeu um gole e deu-lhe a mão:

- Em Setembro, mudamos para Coimbra - disse Amélia, decidida. - Casei contigo, vou contigo para qualquer lado.

Osvaldo sorriu de felicidade e não fez mais perguntas sobre o assunto. A conversa desviou-se para o trabalho e acabou a combinarem um dia para irem a Coimbra procurar uma casa para viverem. Em Setembro mudavam-se.

À noite, já deitada, Amélia não conseguiu pegar logo no sono. Deitada de barriga para cima, olhos abertos no quarto escuro, passava-lhe pela cabeça a distância entre Coimbra e Ovoa, a separação das amigas, das colegas, dos alunos da escola aos quais estava afeiçoada, da rotina do dia-a-dia, de Alice e, sobretudo, de António. Coimbra ficava a mais de uma hora de distância por uma estrada nacional estreita e com muitas curvas. Visitar a terra não ia ser tarefa fácil e a ideia de Osvaldo era mesmo cortar o cordão umbilical com as raízes e começar uma vida nova. Amélia revirava-se na cama num esforço titânico para conseguir dormir, mas com o amor da sua vida sempre no pensamento. Estava outra vez num dilema. Tinha decidido ir porque essa era a sua obrigação enquanto mulher e esposa, mas todos os dias António ocupava cada vez mais espaço no seu pensamento. Era o coração a enviar mensagens frequentes e diárias de um amor que não conseguia esquecer.

António sentia-se cada vez mais adaptado. Estava a melhorar gradualmente e a olhos vistos. Já sorria e bebia uns copos com os amigos. Nesse mês de Julho, António até aceitou o repto do amigo Carlos Vieira, que o convidou para passar uns dias no Algarve. Carlos tinha ido trabalhar para Inglaterra, em Bristol, num restaurante. Ganhou uns tostões, o suficiente para ao fim de cinco meses estar de regresso a Armação de Pêra, onde montou uma barraca, sustentada por troncos e protegida do sol por chapas de zinco. Uma cozinha improvisada, uns bancos e umas mesas em plástico, e já estava montado um novo restaurante à beira-mar. Nada era de luxo, bem pelo contrário. O que interessava era a cozinha e essa não deixava ninguém indiferente. Sempre com peixe fresco que ia buscar à lota ou mesmo ao mar quando podia, Carlos foi conquistando clientes, que faziam da barraca mesmo em cima da areia um local de paragem obrigatório. Era o melhor peixe do Algarve, diziam os «camones». «O melhor do mundo», respondia Carlos em voz alta, bem colada aos ouvidos dos clientes para eles fixarem e não se enganarem.

Nesse ano, Carlos convocou todos os amigos para o almoço no dia 15 de julho. Ligou a António e disse-lhe que não admitia que ele faltasse.

- Temos aqui uma festa surpresa e tens de vir. Ouve, escuta. Não quero desculpas. Não podes falhar, ouviste bem? Tenho uma surpresa para ti.

Carlos ligou a Fortuna e a Carlos Freitas. Intimou-os a ir. Queria juntar os amigos de jornada militar. Já não se viam há quase um ano, precisamente desde o dia em que António chegou do Ultramar e foram todos a Santa Comba à festa de recepção dele.

No dia 15 de julho, Carlos e a mulher Hermínia foram buscar os convidados à estação. O reencontro foi uma festa. Estavam todos encantados. Bom tempo, um calor que convidava a um banho de

mar, e o presságio de um bom almoço, regado com um vinho a condizer numa barraca mesmo em cima do mar.

- Parece África, isto - dizia António.

- Isto, amigo, é o melhor sítio do mundo. Nem África, nem Brasil, nem nada. E agora vamos mas é comer o melhor peixe do mundo. Com um vinho que tenho aqui que foi um amigo meu, cheio de dinheiro, que tem uma herdade no Alentejo que me deu.

Carlos Freitas estava emocionado. Aquele lugar fazia-lhe recordar África. As dunas, o sol, o calor, a temperatura, sentia-se regressar aos melhores tempos do Ultramar e à sua fazenda em São Salvador. Via-se nos seus olhos uma nostalgia que sensibilizava os amigos.

- E a surpresa, Carlos, que disseste que tinhas? - lembrou-se António.

- Chega daqui a meia hora. Disse que estava cá lá para as duas e meia. Não te vou dizer mais nada, depois vê.

Já degustavam o melhor peixe do mundo e bebiam uma pinga à altura quando Carlos anunciou a todos que a surpresa que lhes tinha reservado já tinha chegado.

- António, vou apresentar-te um amigo que não vê há muito tempo.

À porta da barraca um homem alto, corpulento, cor morena escaldada pelo sol. António levantou-se, emocionado. Ao pescoço trazia como sempre o lenço que o pai lhe dera antes de ir para a tropa.

- Brito. Grande Brito.

Abraçados, António e Brito emocionavam-se com o reencontro. Carlos, com o copo na mão e os olhos a brilhar, ia dizendo:

- Não quero mariquices. Um homem não chora. - Mas a emoção já tinha passado a todos.

António ainda estava sem palavras. Aquele tinha sido o amigo que lhe salvara a vida e que reencontrara por acaso do destino depois de andar um mês perdido no mato.

- Então que fazes aqui? - perguntou António. - O teu lugar não é em África, na guerra?

- Não. Deixei-me disso. Agora estou cá no Algarve sedeado e já a trabalhar numa seguradora.

- Mas e então, a guerra?

- Quando estávamos quase a entrar em Luanda, fomos abandonados. Não tivemos poder de fogo para o inimigo. Eram cubanos e soviéticos muito bem apetrechados e nós com um exército de negros zaienses mal preparados e sem retaguarda de apoio. Os sul-africanos foram-se embora e ninguém mais nos apoiou. Tivemos de retirar e ainda morreram muitos. Fomos traídos e entregaram aquilo. Fiquei tão desiludido que decidi vir embora de vez. A família já tinha sofrido muito. E tu? Que me contas.

Aquele almoço só terminou por volta da meia-noite. Uma tarde e noite inteiras a desfiar conversa, a recordar outros tempos, a rebuscar memórias.

António, já com as pernas entorpecidas de tantas horas sentado, foi passear pela praia com Carlos Freitas, Brito e Fortuna para fazerem a digestão de tanto comerem até porque, para o lanche-ajantarado, Carlos já preparava outros petiscos. No passeio pela praia, António repassou o filme da sua vida durante aquele último ano desde que tinha regressado da guerra. Partilhou com os amigos os seus sofrimentos e a sua angústia por nada saber sobre Dulce e o seu filho.

- Como estará ela? Como posso eu saber dela? E do meu filho?

- Eu tenho uns contactos naquela zona. Prometo que nos próximos tempos vou tentar saber dela e do teu filho. Mas aquilo está mau - avisava Brito. - A guerra civil está instalada, não se entenderam mais e está a morrer muita gente.

António sentiu-se mais confortável e animado com a promessa de Brito, apesar do cenário de guerra e destruição que o amigo lhe pintava.

Os dois dias seguintes foram iguais ao primeiro. Muito sol, muita praia, muita cerveja, comida e conversa entre amigos. Quando se despediram para regressarem às respectivas terras, ficou a promessa de que o próximo encontro era em Ovoa nas festas de Santa Eufémia, em Setembro.

Maria das Dores recebeu um António renovado na chegada do Algarve. Chegou disposto a recomeçar uma nova vida. Até falava de planos para a quinta que estava totalmente abandonada. No seu coração tinha uma nova esperança: esquecer Amélia e concentrar-se na possibilidade de convencer Dulce a deixar Angola e vir com o seu filho para junto de si. Estava disposto a tudo. Até a enfrentar uma sociedade fechada na sua aldeia se tivesse de ser e receber o pequeno António, de cor negra, como filho legítimo. Mas para já mantinha a confidencialidade sobre o assunto. Até com a mãe. Tinha apenas dúvidas se não devia partilhar com o padre Jorge as suas intenções. Ele sempre fora um bom conselheiro e de certeza que desta vez não seria diferente.

47.

O Verão avançava demasiado rápido. Aproximava-se o momento em que Amélia tinha de abandonar a sua escola, a sua casa, os seus pais e acompanhar o marido para Coimbra. Tinha arranjado até ao momento várias desculpas para ir adiando uma viagem para tentar encontrar uma casa onde pudessem viver. O facto de ainda não ter resposta do Ministério da Educação para uma eventual mudança de escola era o pretexto mais sólido que tinha em seu poder para ir dizendo a Osvaldo que só depois disso é que valia a pena irem a Coimbra.

À medida que os dias passavam, ia sentindo cada vez mais saudades daqueles sítios onde sempre viveu. O afastamento dos alunos que ensinava estava a entristecê-la ainda mais. Sentia-se derrotada, destroçada e sem motivação.

Os dias passavam escaldantes. As horas intermináveis de Agosto e o ócio que tinha deixado dominá-la traziam-lhe à memória recordações e momentos da infância e da sua vida antes de casar. António era uma imagem permanente. Num desses dias aproveitou

a saída de Osvaldo para ir trabalhar e decidiu ir buscar a caixa de madeira onde guardava secretamente todas as cartas que recebeu de António durante o período em que ele esteve no serviço militar. Tinha-a guardado num alçapão que havia no sótão da casa, sem dizer nada a Osvaldo. Estava devidamente fechada, com um cadeado, e só ela tinha as chaves. Naquele dia as saudades de António apertavam e resolveu tê-lo de novo perto de si através das cartas. Era a única maneira de o ter junto de si. Todas as outras formas estavam proibidas. Subiu ao sótão, abriu o alçapão e ficou assustada. A caixa não estava lá. Remexeu tudo. Tinha a certeza de que a tinha guardado ali. Correu a casa toda, procurou em todos os armários, no escritório, nos quartos, na sala e até na cozinha onde guardava as louças. Não valia a pena, a caixa parecia ter desaparecido e com ela todas as cartas de António.

«Será que a perdi? Será que não as trouxe? Terei entregue à D. Maria das Dores?» Sabia que não. Tinha a certeza de que as tinha guardado no alçapão. Só havia uma explicação: Osvaldo descobrira a caixa. Era a única possibilidade. O dia passou-o nervosa e preocupada. Resolveu ir ter com a amiga Alice para lhe contar o sucedido.

- Estou assustada. Eu nunca disse a ninguém que tinha guardado aquelas cartas. Escondi-as no alçapão. Só pode ter sido ele a descobrir a caixa e ter ficado com ela.

- Posso fazer-te uma pergunta?

- Podes...

- E porque foste procurar a caixa?

Amélia ficou atrapalhada com a questão. Era uma provocação óbvia.

- Sei lá. Estava sem fazer nada. Como vamos mudar de casa, fui procurá-la para depois a levar - disse sem convicção.

- Não me enganes, Amélia. Tu não consegues tirar o António da tua cabeça.

Amélia pegou na chávena do café, nervosa e a tremer. Bebeu um pouco.

- É verdade, Alice. É o homem que eu amo. Não me sai da cabeça.

- Encontrei-o aqui há dias. Anda muito melhor. Está animado, já trabalha e diz que está a desenvolver uns projectos na quinta. Parece recuperado, de boa saúde, não tem nada a ver com o António deste último ano. Voltou a mostrar-se um homem sereno, tranquilo e muito seguro.

Aquela descrição deixava Amélia ainda mais perturbada e mais magoada.

- A vida tem-me pregado umas partidas, Alice. Já viste bem o que me aconteceu? Isto nem num filme daqueles que a gente vê ali na sala do cinema. Estou tão desiludida com a vida.

- Sabes o que te falta, Amélia?

- O António?

- Se calhar, deves reflectir bem e saberes o que queres. Não tens de ir para Coimbra viver, só porque estás casada com o Osvaldo. Os tempos mudaram, vivemos em liberdade, as mulheres estão mais emancipadas...

- Tu estás louca? Liberdade? Emancipação? Que discurso é esse, Alice? Sou uma mulher de bem, casei e sou fiel ao meu marido, mesmo que nos meus pensamentos tenha o António.

Amélia não queria ouvir mais. À noite em casa, já com Osvaldo à sua frente, tentou, sem levantar muitas suspeitas, perceber onde

estava a sua preciosa caixa.

- Estou preocupada - disse Amélia.

- Então que se passa?

- Estou a ver umas coisas para embalar para levar para a casa de Coimbra e não encontro uma caixa que tinha guardado.

- E como era? - perguntou Osvaldo.

- Um caixa de madeira forrada a cetim com umas coisas que tinha e que a minha mãe me deu. Provavelmente está em casa da minha mãe e não a trouxe para aqui. Estava convencida de que a tinha guardado no alçapão.

Osvaldo não estremeceu, nem se mostrou muito interessado na conversa.

- Se calhar deixaste lá...

Amélia não conseguiu saber mais, mas houve qualquer coisa na atitude de Osvaldo de que não gostou. Ele sabia mais do que lhe estava a querer dizer. Estava absolutamente convencida de que tinha sido Osvaldo a descobrir a caixa e a escondê-la.

Há muito que as coisas estavam mais frias entre os dois. Osvaldo tinha-se transformado num homem frio e calado. Tinha assumido a decisão de se mudar para Coimbra e nunca mais falou do assunto. Trabalhava normalmente, regressava a casa silencioso e deixava que fosse Amélia agora a tomar as rédeas da mudança. Ele não lhe perguntava nada, mas ela percebia que, propositadamente, Osvaldo estava a deixar-lhe a responsabilidade de se assumir e cumprir o que tinha prometido: mudar-se com ele. Não era um ambiente hostil, mas a relação era muito mais fria e mais distante e sobretudo temerosa porque ambos evitavam falar abertamente da mudança e de António.

48.

António estava eufórico. Brito tinha ligado para o café do Manel para falar com ele. Tinha novidades sobre Dulce e o filho. Um antigo companheiro de luta, negro, que estava nas proximidades de São Salvador, conseguiu encontrar Dulce, que permanecia na terra, na mesma casa onde António a havia encontrado. Professora e enfermeira, era muito requisitada por todos. A guerra não dava tréguas. Os feridos e estropiados chegavam às dezenas ao improvisado hospital local, que sofria com a falta de meios. Dulce estava cada vez mais empenhada na missão de contribuir para o desenvolvimento do país e tornara-se uma líder natural na terra. Ligada agora ao MPLA, o partido do governo, acreditava que era possível mudar a sociedade angolana e sobretudo acreditava no fim da guerra e no progresso do país.

- Ela mandou dizer que está tudo bem com o António e que os dois têm muitas saudades tuas.

- Obrigado, Brito, nem sei como te agradecer...

- Amigo, pagas-me umas cervejolas para a semana quando formos aí para as festas de Santa Eufémia.

- Combinado, Brito!

Uma semana depois, o grupo estava de novo reunido. Tinham passado dois meses desde o encontro no Algarve. António voltava a viver as festas de Santa Eufémia com o mesmo espírito com que as tinha vivido na sua juventude antes de ir para a tropa.

Carlos Vieira e Brito chegaram juntos do Algarve. Carlos Freitas e Joaquim Fortuna chegaram um pouco mais tarde, mas à noite desse dia 15 de Setembro estavam já todos reunidos no café do Manel. Eram três dias de festa para serem vividos como manda a tradição.

Carlos Freitas também trazia novidades de Dulce. Tinha conseguido entrar em contacto com o seu antigo capataz que lhe deu conta da nova vida que Dulce levava.

- Acho que vir não vem, António. Vais ter que ser tu a ir lá. E aquilo agora não está fácil. Já veio tudo embora e a guerra está cada vez mais intensa. Ainda mandei dizer que, quando ela quisesse, tinha a minha casa à disposição e podia viver connosco. Mas, pelo que ele me disse, ela mantém a firme intenção de ficar por lá.

- Isso preocupa-me, Carlos. Estará ela segura e o meu filho? Gostava de ir lá vê-los, embora não morra de amores por regressar àquela terra. Só mesmo eles me podem fazer voltar àqueles lugares.

- Agora é perigoso, António. A única hipótese é viajares para o Zaire e ela arranjar maneira de ir lá ter. Mas é perigoso.

- E como posso fazer essa viagem?

- Sou homem para ir contigo - disse de imediato Brito, sempre pronto para uma aventura.

- Temos de pensar bem nisso, Brito. Se tu conseguires maneira de viajarmos para lá, vamos os dois. Já não tenho nada a perder. Sou um homem livre.

Foram três dias de festa, algazarra, bebida, bailes sempre animados pelo conjunto Catita. Nesse ano, Osvaldo e Amélia decidiram ir às festas da aldeia em jeito de despedida. Na semana antes das festas, Amélia não pregou olho com medo. Será que se iria cruzar com António? Era o mais certo. Tinha de se preparar para o reencontro. Nunca mais o vira desde a discussão na igreja, só sabia por terceiros que ele estava cada dia mais parecido com o velho António. Se calhar agora poderiam ter uma nova conversa que não acabasse em discussão.

À noite, Amélia passeou-se de braço dado com Osvaldo pelas ruas da aldeia perante o olhar das pessoas que, à sua passagem, aproveitavam para coscuvilhar mais um bocadinho. Amélia estava incomodada, mas era demasiado orgulhosa para mostrar. Enquanto Osvaldo foi buscar uma bebida ao café, Amélia aproveitou para passear um pouco, na tentativa de encontrar a sua amiga Alice. Na realidade, olhava para todos os lados à procura de António. Na noite anterior tinha pensado em tudo. Se o visse ao longe não iria ter com ele, mas, se por um mínimo acaso se cruzasse com ele, cumprimentá-lo-ia com toda a educação.

De repente, Amélia viu-o. Estava com os amigos reunidos entre risos e brindes. Era verdade o que diziam. António tinha recuperado o riso, a alegria de viver. Amélia ficou estática a olhar para ele. Como o amava. António sentiu o seu olhar e, sem saber como, pressentiu que ela estava ali. Olhou para o lado e viu-a. Parada, de vestido às flores, cintado, e sapato de verniz. O seu sorriso desfez-se. Ficou a olhar para ela sem reacção...

- O que foi, António? - perguntou Brito.

- Nada...

- Parece que viste um fantasma, homem.

- É a Amélia, está ali...

Quando António voltou a olhar, Amélia já lá não estava. Tinha ido em busca de Osvaldo para lhe dizer que estava indisposta e iria para casa. Pelo caminho encontrou Alice que, de sorriso nos lábios, lhe disse que tinha uma grande novidade para contar. Mas Amélia não queria ouvir nada, só queria sair dali para fora, fechar-se no quarto e chorar a sua infelicidade. A novidade podia ficar para amanhã.

Chegada a casa, Amélia fechou-se no quarto de banho a chorar baixinho para que Osvaldo não percebesse. Na realidade, este já não ligava, os choros escondidos eram uma constante e ele preferia ignorá-los.

A sua vida estava numa encruzilhada. A autorização para mudar para Coimbra já tinha chegado. Mas, como o ano lectivo estava próximo, só o podia fazer depois do Natal, ou seja, após o primeiro período. Na noite anterior tinha tido uma discussão feia com Osvaldo, que não esteve com meias-medidas e anunciou:

- Eu vou já e tu também. Não vou esperar pelo Natal, aliás não vou esperar nem mais um dia. Tu deixas a escola, nem que fiques um ano sem dar aulas. No final do mês de Setembro fazemos as malas e saímos para sempre desta terra, ouviste?

Osvaldo agarrou o braço de Amélia, apertou-o de tal forma que esta não evitou um grito sentido de dor. Era a primeira vez que o seu marido a tratava assim. Estava alterado, duro e seco. Não dava tréguas a Amélia, que já não sabia como reagir. Ela soltou-se a custo e disse, a soluçar:

- A escola não posso deixar. Não vou ficar um ano sem fazer nada. A única solução é ires tu e eu vou depois em Janeiro. Até lá vemos ao fim-de-semana.

- Mas que raio de modernices são essas? Vemo-nos ao fim-de-semana? Estás louca? É a tua amiga Alice que te anda a meter essas ideias modernas na cabeça? Cá em casa mando eu e eu estou a dizer-te que vamos mudar já! - dizia Osvaldo, a gritar cada vez mais alto.

Osvaldo sabia que tinha de ser o mais duro possível com a mulher que sentia estar cada vez mais distante. Amélia já não teve forças para responder, aliás o silêncio era desde há muito a melhor forma de comunicação entre ambos. Na realidade, era a única forma de se manterem em paz sob o mesmo tecto.

E foi em silêncio que, também nessa noite de Santa Eufémia, se deitou ao lado de Osvaldo e tentou dormir esquecendo a imagem de António. No dia seguinte procurou Alice. Queria saber tudo sobre o que se tinha passado nas festas, contar-lhe os problemas que estava a ter com Osvaldo e sobretudo saber que novidade era aquela que a amiga tinha para lhe contar. Encontraram-se num café próximo da escola de Amélia.

- Alice, que novidades tens? Conta-me tudo. Quero saber.

- Antes disso, como estás tu, amiga? Ontem saíste das festas a correr, parecias maluca. O que aconteceu?

- Vi o António, mas já te conto tudo, primeiro quero saber coisas boas. Conta-me.

- Então está bem. Primeira novidade: eu, com a bênção de Santa Eufémia, arranjei um namorado - exultou Alice.

- Quem, Alice? Conta-me.

- Bem. Não é bem namorado. Já há algum tempo que vamos falando, temo-nos aproximado, mas não disse nada a ninguém porque não sabia bem as intenções dele. Mas agora nas festas estivemos juntos, afastamo-nos alguns momentos do grupo...

- Hummm...

- É isso mesmo. Malandrices. Foi só uns beijinhos, mas serviram para perceber que estou apaixonada.

- Mas quem é, Alice? Tanta volta e tanto mistério e ainda não foste directa ao assunto. Quem é o felizardo?

- Vais ficar admirada. É o Zé Pereira, o amigo do António.

- Não acredito. O Zé Pereira? Tens a certeza?

- Porquê? Achas mal?

- Não, não. Ele é que nunca foi de se prender a ninguém. Foi para França, andava metido com uma francesa, anda sempre por aí nas borgas e nunca lhe conheci grandes romances. Mas é um homem giro e fica-te muito bem. Que contente que estou.

- Pois é. Também acho. Tivemos longas conversas. Ele quer assentar, começa a ver a idade a fugir-lhe e, olha, decidimos fazer uma experiência. Não tarda nada e já vais ouvir uns rumores aí pela terra.

- Deixa que falem. Quero ser madrinha desse casamento.

- Não te precipites. Ainda é cedo para pensar nessas coisas.

- E mais novidades? - quis saber Amélia.

- Não, agora conta-me tu... viste o António e então?

- Então ia morrendo. Vi-o no meio dos amigos dele muito risonho.

- Esteve cá o grupo todo dele.

- Eu sei. Os amigos da tropa. O Brito, o Fortuna, o Carlos Vieira e um tal Carlos Freitas que tinha uma fazenda grande em Angola.

- Sabes tudo, Amélia! Pareces as velhas alcoviteiras aqui da terra... - disse Alice entre risos. - Sabes, o Zé não me contou tudo, mas do que me disse falou-me da determinação do António em recomeçar vida nova e até de voltar a África. Ele e o Brito. Querem lá voltar. Não perguntes porquê que também não sei.

Amélia ficou desconfiada e de imediato com os olhos marejados.

- Se calhar tem lá alguém?!

- Não sei, Amélia. Não me pareceu que fosse isso. Mas nunca se sabe. Estive com eles alguns momentos, estivemos todos a falar e o António, confirmo-te, está muito diferente. A única confiança que o Zé me fez é que ele teria dito que já não tem nada a prendê-lo cá. Perdeu todas as esperanças por estares casada. Acho que ficou triste por saber que vais mudar-te para Coimbra, mas já não reage violentamente como dantes. Está resignado.

- Pois, que posso eu fazer?

- É uma pena, Amélia - disse Alice, agora já com ar mais sério.

- Que queres dizer com isso, Alice?

- Acho que vocês os dois mereciam ser felizes. O Zé diz-me que ele ainda te ama e diz muitas vezes que foste a mulher da vida dele. Mas agora quer esquecer-te porque não tem esperança nenhuma em recuperar-te.

- Eu percebo isso, mas expliquei-lhe que se pudesse não o tinha feito. Se as circunstâncias fossem outras. Achas que se eu soubesse que ele estava vivo não esperava por ele o tempo que fosse preciso?

- Tenho a certeza que sim e não tiveste culpa nenhuma. Mas que vocês mereciam estar um com o outro e serem muito felizes, disso também não tenho dúvidas.

Naquele momento, Amélia não segurou mais as lágrimas e deixou-as cair pela cara abaixo. Tirou da sua mala de tiracolo um lenço bordado e enxugou os olhos.

- Como estão as coisas com o Osvaldo?

- Vão de mal a pior. Já quase não falamos e quando falamos, discutimos. Está frio, olha para mim com olhos de raiva, não me dirige a palavra. A última vez que discutimos foi tão feio que até me agarrou com toda a força no braço, fiquei marcada e tudo...

- Ai amiga, por Deus! A tua felicidade depende de ti, minha amiga.

- Não digas isso, Alice, essas coisas que tu dizes... parece que a vida é fácil. A nossa felicidade só depende de nós quando não há outras pessoas envolvidas.

- Não estás numa situação fácil. Mas continuo a dizer-te que deves reflectir bem.

- Não tenho feito outra coisa, Alice. E não consigo chegar a nenhuma conclusão. Ou melhor. a única a que chego é que amo o António, mas que mais cedo ou mais tarde me vou mudar para Coimbra com o Osvaldo.

49.

Semanas depois, a 1 de Outubro, começavam as aulas. Amélia apresentou-se, como todos os anos, na sua escola, apesar de saber que, no final do mês, estaria de partida para Coimbra. Foi com um aperto no coração que fez o caminho até à escola, livros na mão, mala a tiracolo. Não sabia como ia encarar os seus alunos e anunciar-lhes que estaria com eles pouco menos de um mês. Ao chegar à escola, estranhou o silêncio. Não havia a azáfama habitual de um primeiro dia de aulas. Os alunos já estavam todos no interior da escola, os professores também. A funcionária responsável da escola estava à porta e Amélia interrogou-a:

- Que se passa, Isolina? Tanto silêncio. Nem parece que começam hoje as aulas, ou fui eu que cheguei mais tarde?

- Não, senhora professora. Chegou só cinco minutos atrasada e já entraram quase todos. Mas hoje não há problema. É só dia de apresentações.

- Terei o meu relógio atrasado? - disse, olhando para o pulso para confirmar no relógio dado pelo marido no primeiro aniversário de casamento.

Mal passou a porta da escola assustou-se. Uma tremenda salva de palmas acompanhada de gritos de «viva a professora Amélia» ecoou pela escola. Os colegas professores tinham organizado com os alunos uma festa de despedida à professora Amélia. É que desde o final do ano escolar que já todos sabiam que Amélia iria mudar de escola.

Uma aluna dirigiu-se a ela com um lindo ramo de flores do campo e um cartão onde se lia «Gostamos muito da senhora professora Amélia». As colegas abraçaram-na. Amélia vivia um momento inesquecível. Emocionada e surpreendida com tamanha manifestação de carinho, não se conteve. Em lágrimas, ainda teve fôlego para dizer umas palavras:

- Jamais vos esquecerei, muito obrigada por tudo.

Amélia caiu nos braços dos seus alunos. Feliz como há muito não se sentia, retomou as suas aulas. Aquele era um dia diferente. Para além da recepção, aquele era também um momento histórico para a escola. Pela primeira vez havia turmas mistas. Mais uma consequência do 25 de Abril e da democracia que punha termo às turmas femininas e masculinas. A euforia entre os alunos era grande.

Amélia teve todo o dia a sorrir e foi complacente com a excitação dos alunos e algumas diabruras que foram feitas. Era só o primeiro dia de aulas e, depois daquela recepção, nunca mais conseguiu concentrar-se na escola e nos alunos. Esteve o dia todo a pensar na sua vida e resolveu tentar falar mais uma vez com Osvaldo. Não queria ir para Coimbra e talvez o marido depois de ela lhe contar a recepção que tinha tido compreendesse. Ela até lhe prometeria que

nunca mais falaria com António na vida, apesar de saber que era uma promessa que à primeira oportunidade seria quebrada.

A caminho de casa, passou pela igreja, para pedir iluminação para a conversa daquela noite e encontrou o padre Jorge.

- Amélia, que fazes aqui a esta hora?

- Preciso pedir a Deus que me ilumine.

- Então?

- Hoje vou falar com o meu marido e pedir-lhe para não sairmos daqui. Hoje os meus alunos fizeram-me uma festa lá na escola e eu fiquei com a certeza de que o meu lugar é aqui.

- Sim, é verdade que é aqui, mas também é ao lado do teu marido
- disse o padre, lembrando-a dos seus votos.

Amélia engoliu em seco. Sabia que a sua obrigação era ficar junto do marido, mas o seu coração tinha cada vez mais certeza de que o seu lugar não era junto de Osvaldo. Queria e merecia ser feliz.

Quando entrou em casa, Osvaldo ainda não estava. Amélia sentou-se no cadeirão à espera que ele chegasse. Esperou mais de uma hora e durante esse tempo fez algo que nunca tinha feito na vida. Foi à cozinha buscar um copo com gelo e tirou do armário a garrafa de uísque na qual ali em casa só o marido tocava. Fazia má cara a cada gole que bebia, mas queria estar desinibida e descontraída quando tivesse de falar com Osvaldo. Os homens diziam que o uísque dava coragem, pois era mesmo disso que ela precisava.

Osvaldo abriu a porta, surpreendeu-se por ela estar ainda acordada - na realidade chegava cada vez mais tarde a casa para não ter de encará-la - e ainda mais por estar com um copo de uísque já quase vazio na mão.

- O que estás a fazer acordada? - perguntou ele.

- À tua espera. Quero conversar contigo.

- Muito bem, diz lá então.

- Hoje na escola os meus colegas e alunos fizeram-me uma bonita festa de despedida. Foi muito emocionante.

- Ai sim? - dizia ele com um ar displicente, ainda de pasta na mão e casaco vestido.

- Sim, e eu depois daquilo fiquei com a certeza de que não quero sair daqui. Quero ficar aqui, perto dos meus alunos...

- E perto do António.

- Não, Osvaldo, por amor de Deus, eu não falo com ele nem o vejo desde que nos encontrámos na igreja. Eu prometo que não volto a falar mais com ele se é isso que queres... por favor!

- O que eu quero é uma mulher honrada, que respeita o marido com quem casou, percebeste?

- Não vale a pena conversar contigo que tu não compreendes.

- Compreendo sim, compreendo que vamos para Coimbra e é já no dia 29 deste mês, e não há mais discussões cá em casa sobre o assunto. Estamos entendidos?

Amélia já não teve forças para responder. O uísque começava a fazer efeito. Levantou-se, passou por Osvaldo sem sequer o olhar nos olhos e foi para o quarto. Despiu-se, deitou-se na cama e adormeceu com a certeza de que iria ser infeliz para o resto da vida.

50.

Maria das Dores não andava bem de saúde. Há dias que o seu coração parecia querer palpitar para fora do peito e, por muito que disfarçasse, António estava preocupado. Levou-a ao médico, que lhe aconselhou repouso e que seguisse à risca a medicação que ele lhe havia receitado, medicação essa que Maria das Dores muitas vezes se esquecia de tomar. Tinha de ser o filho a lembrar-lhe que o comprimido branco era à noite e o azul redondo era de manhã quando tomasse a sua cevada com o pão com manteiga.

António, esse estava cada vez melhor. Já não tinha pesadelos e as noites eram quase todas bem dormidas. A perna recuperava lentamente apesar de saber que nunca iria ficar como novo. O que lhe dava mais trabalho ainda era o estômago, mas a medicação ajudava bastante. Embora pensasse diariamente em Amélia, andava mais sereno e feliz. Na realidade, os seus pensamentos estavam virados para trazer Dulce e o seu filho de Angola e em arranjar um emprego.

No dia anterior tinha ido falar com o tio Armando, homem com experiência e bons contactos para o aconselhar. A conversa surtiu um bom efeito e foi com entusiasmo que partilhou com a mãe as perspectivas de futuro.

- Sabe mãe, os patrões dele são muito influentes. Sei que vão abrir umas vagas no banco Pinto e Sotto Mayor, ali em Santa Comba. Gostava de ir trabalhar para lá. É um bom emprego, ganha-se bem e tenho de começar a pensar na minha vida de outra forma. Não quero voltar para o campo.

- E que te disse o tio Armando, filho?

- Que ia falar com os patrões. Pelo menos falava, depois logo se via.

- Vou ficar orgulhosa de te ver a trabalhar num banco.

- Hoje em dia é o melhor emprego. Começa-se por baixo, mas depois pode-se ir subindo na carreira. Conseguindo ou não, também já decidi que vou voltar estudar. Quero fazer o sétimo ano e, se possível, depois tirar um curso.

Maria das Dores estava radiante com as novidades. António estava um novo homem, determinado, parecia que tinha novas razões para viver.

- Oxalá consigas, filho. Infelizmente não te posso ajudar, mas farei o que for preciso para que não te falte nada.

- Não se preocupe, mãe. O meu objectivo é também conseguir ganhar algum dinheiro para que a mãe não trabalhe mais no campo.

- Ó, meu filho, eu vou trabalhar até morrer. Sou feliz assim. O curso para idosos e as actividades na igreja já me satisfazem. Pensa mas é em ti.

António levantou-se, deu um beijo à mãe e foi para o quarto. Estava cansado e com sono. Deitou-se, apagou logo a luz, mas uma hora depois ainda estava acordado. Não conseguia dormir e pensava no que Zé Pereira lhe tinha contado naquela tarde em frente a uma cerveja bem gelada. Amélia e Osvaldo iam mudar-se no dia 2 de Outubro, mas, segundo a namorada e amiga de Amélia, as coisas não andavam bem e Amélia andava tristíssima. Sentia uma vontade imensa de lhe falar, de ir ter com ela, mas não era capaz. Quando acordou de manhã, a dor de cabeça era sinal de que tinha dormido pouco.

Eram 10 da manhã quando se levantou. A mãe, já acordada desde a seis da manhã e com muito trabalho em cima, entrou em casa regressada da horta.

- Então que te aconteceu, filho?

- Desculpe, mãe. Tive uma insónia. Eram 4h30 e ainda estava acordado. Nem a fui ajudar.

- Não faz mal. Hoje tinha aqui a vizinha comigo e deu-me uma grande ajuda. Faz-te bem dormir mais um pouco. Vou fazer-te um café quente com leite.

- Está bem. Vou vestir-me.

Pouco tempo depois, o badalo do portão tocou. Maria das Dores foi ao portão ver. Era o carteiro:

- Trago aqui um telegrama urgente para o seu filho, dona Maria das Dores.

- Para o meu filho? O que é?

- Não sei. É de longe, do Algarve. De um tal Brito.

- É um amigo dele. Dê cá que ele está a tomar banho e depois entrego-lhe.

Quando entrou novamente em casa, António já estava sentado a tomar o pequeno-almoço.

- Veio um telegrama para ti. É do Brito.

- Dê cá, mãe.

António pensou logo que o assunto podia ter a ver com Dulce e com António e não estava preparado para responder às perguntas da mãe acerca do conteúdo da missiva.

- Então, não abres e lêes?

- Já abro, mãe. Primeiro vou tomar o meu café descansado. Depois leio. Não há-de ser nada de importante. Deve ser o Brito a querer marcar mais uma almoçarada no Algarve na barraca do Carlos.

Maria das Dores encolheu os ombros, decepcionada por não saciar a sua curiosidade, e virou costas para ir para a cozinha lavar alguma louça que estava por ali.

António aproveitou para se levantar e sair para ler a carta sossegado sem ter a mãe a espreitar-lhe por cima do ombro. Mal saiu de casa e andou uns metros, rasgou o envelope correndo até o risco de rasgar o conteúdo, mas a ansiedade era tanta...

António,

Más notícias. Dulce está internada no hospital gravemente ferida e a correr perigo de vida. O teu filho António está entregue aos cuidados das enfermeiras. Telefona-me mal recebas esta carta.

Um abraço

Brito

Faro, 29 de Setembro de 1976

António deixou cair a carta ao chão. A sua Dulce corria perigo de vida... Tinha de partir o mais rapidamente possível. Correu como pôde até ao café do Manel, o único sítio ali da zona onde havia um telefone.

- Manel, chega aqui dentro, por favor.

- Que foi, António? Que se passa, para estares assim com esses olhos?

- Preciso de telefonar ao Brito. Não te importas que ligue daqui? Depois pago-te, pode ser?

- Claro que sim. Usa o telefone. Olha, vou fechar a porta aqui do meu escritório e assim ficas mais à vontade.

De telefone colado ao ouvido, com a carta à frente, discou os números. Do outro lado, Brito atendeu de imediato.

- Sou eu, o António. Como estás?

- Olá, António. Ainda bem que ligas. Recebeste o meu telegrama?

- Sim, recebi há poucos minutos.

- Pois é. A coisa lá está difícil. A Dulce parece que está gravemente ferida.

- Mas confirma-se que é mesmo ela?

- Confirma-se.

- E agora? Que fazemos? Como posso trazê-la e ao meu filho - perguntava desesperado António.

- Já estou a tratar de tudo com os meus contactos naquela região. Em princípio, no início da próxima semana podemos ir lá. Liga-me na sexta-feira sem falta, pois podemos ter de viajar de repente. Eu aviso-te. Dá-me o número aí do café que, se tiver notícias antes, também te ligo.

- Não sei como te agradecer por tudo isto, amigo Brito.

- Agora não é tempo para isso. Aprendeste como eu, na guerra, que por um amigo fazemos tudo. Até morremos, se for preciso.

Naquela manhã, António não saiu mais do café. Manteve-se ali numa longa conversa com Manel, contando-lhe tudo sobre a relação com Dulce, o filho que tinha deixado em Angola, o dilema que agora vivia.

Era a primeira vez, mais de um ano depois de ter regressado à Venda do Sebo, que António conseguia abordar temas que jurara ter enterrado e não mais falar deles a não ser consigo próprio. Manel, tido como o irmão mais velho daquele grupo de jovens que desde cedo fizera do seu café o ponto de encontro e convívio de muitos anos, conseguiu mesmo assim ficar surpreendido. Já tinha ouvido muitas histórias, já tinha sido o confidente de muitos desabafos de clientes, na maioria amigos, que contavam sempre com a sobriedade dele mais empenhado em desinibir os outros para ganhar dinheiro do que propriamente consumir os produtos da casa. Para todos tinha uma palavra de conforto ou um conselho quando achava que estava à altura de o fazer.

No caso de António, não conseguia ordenar uma ideia que fosse. Deixava-se ficar em silêncio à procura da palavra ou da expressão certa para arranjar caminhos que atenuassem os sobressaltos que esperavam António.

- Um filho negro aqui na terra, António? Uma mulher de cor aqui, nestas aldeias, contigo?

A todas as intenções de António, o velho Manel respondia com uma pergunta. O 25 de Abril já tinha mais de dois anos, as mentes estavam mais despertas, o coração das pessoas mais aberto, já se falava de tudo, mas ali, no interior, aldeias ainda longe das grandes cidades, ainda não tinha passado o comboio do desenvolvimento.

António ia desafiando as suas ideias e as suas dúvidas.

- Não me sinto bem. Não a posso deixar lá. Não posso abandonar um filho meu. E a Amélia? E a minha mãe? E esta gente, o que vai pensar? E se eu não o fizer, como vou viver com este peso na consciência?

- Só há uma pessoa que te pode ajudar, António.

- Quem?

- O padre Jorge. Vamos até à igreja falar com ele. Eu vou contigo.

- Agora?

- Claro. Não adies mais. Vai ser pior para ti.

O padre Jorge como sempre estava disponível, ainda que fosse cada vez mais vezes substituído pelo padre Aureliano na tarefa de aconselhar as almas perdidas da terra pois a doença atirava-o muitas vezes à cama. Numa terra tão pequena tinha tempo para ser o consultor e confidente de quase toda a gente. Não havia ninguém nas aldeias vizinhas que não o procurasse ou família da qual não soubesse a história. Tinha já passado por várias dioceses, esteve dois anos em Roma, era um homem culto com várias visões sobre a vida e a humanidade. A fragilidade de gente do campo, sem estudos e de poucos recursos, significava para o padre um manancial de experiências humanas com as quais podia aprender.

Depois de ouvir atentamente e sem interrupções ou comentários, o padre foi directo e não defraudou as expectativas. António não lhe

tinha escondido nada. O envolvimento com Dulce, o filho e o amor que ainda sentia por Amélia.

- Na vida, caro António, só temos um caminho a seguir. O da verdade. Não há outro. Se vieste procurar o meu conselho e a minha opinião, só te posso dizer mesmo isso. Deus só te pede para seres verdadeiro. Com todos e sobretudo contigo próprio. Só assim vais conseguir não magoar eternamente as pessoas e não viveres o resto da tua vida com esse sentimento de culpa e peso na consciência por não teres feito o que devias e o que é devido a um ser humano. Ser franco, honesto e verdadeiro. Não te posso dar outro conselho ou dizer mais nada a não ser isso.

António agradeceu e prometeu ao padre que ia pensar no que ele lhe tinha dito. Por agora, estava decidido a fazer a viagem a Angola com Brito e saber como podia salvar Dulce e trazê-la a ela e ao filho para Portugal. Mesmo que ela não quisesse vir, pelo menos trazer o filho ou encontrar forma de eles mudarem de cidade e ficar com o contacto mais facilitado. Em última instância ficar por lá, junto à mãe do seu filho, para cumprir a sua obrigação.

Nessa mesmo dia ao fim da tarde, António encontrou-se no café do Manel com os amigos. Contou-lhes tudo, da conversa com Brito, dos conselhos do padre. Ouviu opiniões e interrogações mas no fundo todos estavam de acordo. O melhor mesmo era partir para Angola. O amigo Zé Pereira alertou-o:

- É melhor conversares com Amélia, antes de partires. Também ela se vai embora para Coimbra e acho que deves deixar tudo esclarecido. Deves contar-lhe a verdade antes de ela partir.

- Sim, vou falar com ela, mas antes tenho de falar com a minha mãe e contar-lhe toda a verdade.

Assim fez. Ao jantar, sentado à mesa com Maria das Dores, preparou-a para ouvir tudo.

- Senhora minha mãe, tenho uma coisa importante para lhe contar. Quero apenas que me ouça, não me interrompa.

- Que foi agora, meu filho? - disse Maria das Dores, preocupada com o tom sério do filho.

De lágrimas nos olhos à medida que António lhe contava o seu grande segredo, Maria das Dores cumpria os desejos do filho. Não interrompia, não fazia comentários, não lhe apontava uma única crítica. Já em fim de conversa, António foi esclarecedor:

- Posto isto tudo, mãe, estou decidido a ir buscar a Dulce e o meu filho. É a minha obrigação, faz parte dos meus princípios e da educação que o pai e a mãe me deram.

Maria das Dores deixava cair lágrimas pelo rosto. Digeria calmamente tudo o que o filho lhe dizia, pensava no falatório que ia ser na terra, chegarem ali uma mulher e um filho de cor, mas ao mesmo tempo sentia uma enorme alegria. Era avó. Depois de tudo ouvir, apenas conseguiu dizer:

- Queres tu dizer, meu filho, que já sou avó. Tenho um neto, o sonho da minha vida!

- É verdade, mãe. Já é avó.

Emocionada, deu um abraço a António.

- Tu és a única coisa que tenho na vida, meu filho, e estou sempre ao teu lado mesmo que não compreenda as tuas decisões.

António sentia um alívio tremendo. Faltava agora falar com Amélia, mas esse era um caso que queria deixar para mais tarde.

Na sexta-feira seguinte, Brito ligou para o café do Manel. Era urgente falar com António. Voltaria a falar meia hora depois, era o tempo de Manel encontrar António e levá-lo até ao café. Meia hora

depois, Manel já tinha encontrado António e ambos estavam no escritório junto ao telefone à espera que tocasse. Não demorou mais de dez minutos.

- Brito, então novidades?

- Tudo tratado. Segunda-feira às quatro da tarde partimos para o Zaire. Já tenho os contactos todos feitos e gente que nos arranja forma de entrarmos em Angola. Às 14 horas temos de estar no aeroporto de Lisboa. Encontramo-nos na estação de Santa Apolónia ao meio-dia. Confirmado?

- Claro que sim. Não vou faltar. Lá estarei. Um abraço e muito obrigado mais uma vez, Brito. Soubeste mais alguma coisa da Dulce?

Já não conseguiu ouvir a resposta. Brito já tinha desligado.

António contava as horas para o início da longa viagem que o ia obrigar a sair às cinco da madrugada de comboio de Santa Comba rumo a Lisboa. O destino final era Angola. Estava decidido a voltar a uma terra à qual prometera a si mesmo não mais voltar. Mas os motivos eram mais fortes que a guerra. No sábado, Maria das Dores preparou o saco de António.

- Estou com tanto medo, meu filho.

- Não se preocupe, mãe. Vou com o Brito e agora não vou para a guerra. Já sofri o que tinha a sofrer.

- Mas dizem que aquilo está em guerra.

- Mas agora é entre eles, mãe. Não é nada connosco. Daqui a uma semana, já cá estou outra vez. Amanhã quero ir à missa pedir a ajuda de Deus. Se calhar no domingo, ao fim da tarde, apanho o comboio para Lisboa.

- E onde dormes?

- Na estação de Santa Apolónia. Levo uma manta e por ali fico. Já dormi em sítios piores. Tenho medo de que aconteça alguma coisa na segunda-feira e não chegue a tempo. O comboio pode-se atrasar ou coisa do género. Vou mesmo no domingo ao fim do dia.

No domingo, António e a mãe foram juntos à missa da igreja de Ova. Chegaram cedo, já que António queria falar com o padre Aureliano ainda antes de começar a eucaristia. Mal o viram, foram ter com ele.

- António, ainda bem que te vejo. Queria mesmo falar contigo - antecipou-se o padre Aureliano.

- Comigo, padre? Eu também vim mais cedo para falar consigo.

- Mas o que tenho para te dizer ainda vai demorar algum tempo. Pedia-te que aguardasses pelo final da missa para falarmos. E tu, o que tens para me dizer? É coisa rápida?

- É, padre. Tenho seguido os conselhos do padre Jorge. E olhe, hoje, mesmo ao fim da tarde, vou para Lisboa. Amanhã viajo para África. Vou cumprir as minhas obrigações agora em missão de paz e amor, padre - dizia António visivelmente emocionado. - Queria agradecer a sua preciosa ajuda. Para a semana, já conto cá estar.

- Boas notícias, António. Fico contente por ti. Mas no final da missa não te esqueças de ir ter comigo. Preciso de falar contigo a sós.

- Com certeza, padre.

Faltavam ainda alguns minutos. O padre Aureliano foi preparar o altar, algumas pessoas começavam a chegar. António disse à mãe que ia andar um pouco lá fora enquanto não começava a missa. Maria das Dores aproveitou para se sentar num dos bancos da frente

bem perto do altar. António saiu, passou pela porta do cemitério e riu-se para a inscrição que o acompanhara na declaração de amor e pedido de casamento a Amélia: «Cá te espero.» Seguiu para o átrio e deteve-se em frente ao banco onde se costumava sentar. Hesitou, tentou sentar-se, mas não foi capaz. Olhou apenas e seguiu. Estava na hora da missa.

Sentou-se num dos bancos de trás. A mãe estava lá à frente. Tentou vislumbrar Amélia. Recordou os tempos em que se sentava um pouco mais atrás e concentrava-se mais na beleza dos seus cabelos, na suavidade com que se sentava e levantava a cada ordem do padre do que propriamente nos mandamentos de Cristo. Conseguiu descortinar os pais de Amélia sentados praticamente no mesmo sítio de sempre. Mas ela não estava lá.

Quando a missa terminou, António deixou-se ficar sentado a ver os paroquiantes sair. Sozinho, esperou pelas ordens do padre que estava a acabar de arrumar o altar.

- António, chega aqui ao meu gabinete - solicitou o padre.

Ouvindo os próprios passos, António seguiu pelo corredor central, subiu o altar e dirigiu-se para a porta que dava acesso ao interior onde estava o escritório.

- Entra e espera por mim que eu só preciso de ir ali dar um recado a uma pessoa e já volto. Fica confortável.

Quando passou a porta do escritório, António sentiu as pernas fugirem-lhe. Diante dele, sentada numa cadeira, estava Amélia.

- Que fazes aqui?

- Entra e fecha a porta.

António cumpriu o que Amélia lhe dizia. Lentamente, com as mãos a tremer, fechou a porta.

- Fui eu que pedi ao padre para arranjar maneira de falar contigo. Desculpa ter sido assim, mas não encontrava outro lugar mais discreto e reservado. E tinha mesmo de o fazer hoje.

- Não estou a perceber, Amélia.

- Podemos falar ou não?

- Claro que podemos. Mas porquê hoje?

- Porque amanhã parto para Coimbra e antes de partir quero que saibas o que me vai no coração. Para além disso, a Alice contou-me que também tu estás de viagem marcada para África.

- Sim, é verdade. Eu também tenho de conversar contigo...

- Deixa-me dizer primeiro: António, és o homem da minha vida. Foi para ti que vivi, foi contigo que cresci e é a ti que eu amo.

António não sentia um único músculo mexer. Recuperava naqueles instantes a beleza de cada linha da cara dela, a ternura dos olhos, a inconfundível cor dos seus cabelos. Estavam ali os melhores anos da sua vida. Deixou-se ficar em silêncio.

Amélia baixou os olhos.

- Desculpa, mas tinha de te dizer isto. Não precisas de me dizer nada. Amanhã parto para Coimbra com o meu marido, mas queria olhar-te nos olhos e dizer o que sinto, mesmo sabendo que nunca te terei nos meus braços novamente...

António sentia fugirem-lhe as forças. E agora, como lhe poderia contar acerca de Dulce e do filho, depois desta declaração de amor tão perfeita e genuína? Lembrava-se a todo o momento das palavras do padre Jorge. A verdade e só a verdade. Mas aquela verdade era demasiado dura para uma mulher que para ele continuava a ser a menina de sempre. No entanto não tinha como sair dali. Não queria

magoá-la, mas não podia deixá-la fugir assim. O coração batia a uma velocidade a que ele não estava habituado. Naquele instante pensava que o sofrimento por que tinha passado na guerra não era nada comparado com aquele momento.

- E tu? O que me querias contar?

- Amélia, minha querida, já é tempo de saberes toda a verdade - disse, agarrando-lhe nas mãos. - Amanhã também parto para Angola. Os motivos da minha viagem a Angola não te vão agradar, tenho a certeza de que te vão magoar muito. És a mulher que amo e sempre amei, és a mulher da minha vida. Mas...

- Mas o quê, António? - disse Amélia, pressentindo o pior.

António encheu o peito de ar. Não havia volta a dar-lhe. Tinha chegado o momento da verdade.

- Deixei em Angola um filho de uma mulher com quem me envolvi naqueles meses terríveis de guerra, dor, sofrimento e muita solidão. Vou buscá-lo. Vou cumprir a minha obrigação de pai e assumir as minhas responsabilidades. A mãe está gravemente ferida e ele entregue aos cuidados de enfermeiras. Vou ao encontro dele. Esta é a verdade nua e crua. Não posso ser mais sincero. Sonhei com uma vida ao teu lado, mas, como tu disseste um dia, as circunstâncias alteraram tudo. Não te critico hoje pela decisão que tomaste. Se o fiz em tempos, foi porque ainda estava traumatizado por tudo o que me aconteceu e não soube reagir de outra maneira. Não tenho moral para te julgar.

Amélia estava destroçada. Não sabia o que pensar. Tinha pedido ao padre Jorge para arranjar aquele encontro porque queria despedir-se do amor da sua vida. Mas agora António contava-lhe que tinha um filho de uma preta?

- Um filho... - balbuciou - de uma preta?

- Sim, Amélia, tenho um filho em Angola

Amélia permaneceu em silêncio. Tinha sido traída. O homem que tanto a criticou por ter casado com outro afinal tinha-se envolvido com uma preta, enquanto ela chorava pelos cantos da casa com saudades temendo pela vida do noivo.

- Como foi possível? Afinal querias que tivesse esperado por ti, pelo homem que já me tinha traído e nada me contou? Que raio de carácter tens tu?

- Calma, Amélia. Não quero discutir novamente contigo. Peço-te perdão.

- Perdão? Perdão por me teres feito pensar que eu é que te tinha traído, perdão por me teres feito passar um inferno, por ter chorado a tua morte durante dois anos enquanto tu te andavas a divertir com pretas, perdão por me teres mentido...

- Quando regresssei de Angola não estava bem, Amélia...

- Estavas bem o suficiente para me tratares mal e me fazeres sentir como a pior mulher do mundo.

- Peço-te perdão por isso.

- Pára! Pára de me pedir perdão. Não te perdoo. Ouviste bem? Não te perdoo.

Amélia levantou-se, chegou-se junto de António. A sua vontade era esbofeteá-lo, mas simplesmente olhou-o nos olhos.

- Não te perdoo. Amanhã vou para Coimbra e vou-te esquecer. Não mereces nem mais uma lágrima minha.

Foi tudo o que conseguiu dizer. Sem verter uma lágrima, apenas com o coração destroçado, deixou a igreja, sem parar para falar com

o padre que, no exterior, aguardava o final daquela conversa.

- Então, Amélia? - perguntou o padre Jorge sem obter resposta.

António deixou-se ficar sentado no mesmo sítio a pensar como tinha magoado Amélia, mas como se sentia mais leve e mais tranquilo por finalmente ter conseguido contar tudo o que tanto o atormentara naquele último ano.

- António, o que aconteceu? - perguntou o padre que entrou na sacristia para tentar perceber o que se tinha passado.

- A Amélia não reagiu bem à notícia, como já calculava. Mas não podia ser de outra forma. Peça a Deus que me perdoe se isso é possível.

- Fica descansado, falo com Ele todos os dias. Intercederei por ti.

- Obrigado, padre.

- Vai com Deus, meu filho, e boa viagem. Volta depressa.

No dia 2 de Outubro, Amélia e Osvaldo fecharam a porta da sua casa no Rojão e, no carro cheio de caixas e malas, viajaram até Coimbra. Amélia tinha envelhecido 10 anos naquela última semana. Estava mais magra, com um ar assombrado. As suas noites eram passadas em branco a pensar em António envolvido com uma preta e de filho nos braços. Osvaldo mantinha-se firme na sua decisão e pouco ou nada lhe importava o estado de tristeza da mulher. «Isso passa-lhe lá em Coimbra», pensava ele. E se calhar passava mesmo, pensava Amélia que tinha jurado a si própria esquecer António. Se calhar aquela decisão de partir não tinha sido assim tão má. Para trás ficavam os pais, a escola e, principalmente, António, que não merecia o seu amor. Se calhar esta era uma nova oportunidade para começar a vida junto do marido. Mas se há ditado que está errado é certamente o de «longe da vista, longe do coração». António tinha

lugar cativo no coração de Amélia e um amor assim não se apaga com uma mudança.

52.

Experiente naquelas andanças de África e da guerra, Brito tinha tudo preparado ao pormenor. Era quase como uma missão de guerra mas, agora, com objectivos diferentes. Tinha um amigo no aeroporto à espera que lhes facilitou a entrada no país e lhes disponibilizou logo uma viatura. Seguiram directos para a fronteira que separava o Zaire do Norte de Angola. São Salvador, agora M'Banza Congo desde que a independência tinha sido festejada a 11 Novembro de 1975, ficava a poucos quilómetros da fronteira. Às quatro da manhã já estavam no posto fronteiriço. Controlados os soldados que vigiavam os dois lados, as regras eram claras. Tinham apenas uma semana para irem a São Salvador e regressar.

Chegaram a São Salvador eram oito da manhã. O cenário era assustador. A cidade destruída, muita gente nas ruas, muitos soldados armados. Num jipe com vidros fumados, que impediam a visão para o interior dos olhares mais curiosos, foram seguindo caminho, ultrapassando várias barreiras de militares. Iam directos ao hospital. Ver Dulce era a prioridade.

- Deram cabo disto tudo - lamentava-se a Brito.

António estava com uma expressão abatida. Regressar ali era ressuscitar velhos demónios que ele pensava estarem enterrados. Era lidar com emoções e sentimentos para os quais já não estava preparado.

- Quem viu isto e quem vê agora...

- Não façam esse tipo de comentários em público - avisava o amigo de Brito que os conduzia calmamente pelas ruas. Ele sabia o perigo que representava em tempo de guerra civil alguém ouvir uma voz contra o sistema. De resto, nas barreiras dizia sempre uma senha, sinal de que estava do lado certo da barricada.

Já mais nervoso e ansioso, António entrou com Brito e o amigo no hospital. Foram encaminhados para uma cama ao fundo, devidamente resguardada com biombos brancos dos outros doentes.

Brito e o amigo deixaram-se ficar para trás, acompanhados pelo médico, e permitiram que aquele momento fosse exclusivo de António.

Deitada, ligada a tubos de soro, com os braços e as pernas engessados, coberta com um pequeno lençol, apenas a cara de Dulce estava visível, mas quase irreconhecível, consequência dos estilhaços de tiros que a tinham atingido.

Dulce estava de olhos pregados no tecto e imobilizada. António assustou-se com a visão. Não tinha nada a ver com a bela mulher que conhecera em tempos. Pegou-lhe ternamente nos dedos e muito baixinho chamou por ela.

- Dulce, sou eu... o António.

Ela desviou de imediato o olhar do tecto na direcção da sua cara. De imediato, uma lágrima saltou-lhe dos olhos e correu-lhe pela

face. Com um lenço de papel, António enxugou-lhe a lágrima. Estava destroçado. Era muito pior do que imaginara. Comovido, baixou a cara e deu-lhe um beijo na testa. Sussurrou-lhe ao ouvido:

- Estou aqui, contigo.

Ela esboçou um ligeiro sorriso, tanto quanto os músculos a deixavam sorrir. Tentou falar, António aproximou-se um pouco mais dela para a tentar ouvir.

- Leva o António contigo. Eu não posso mais... - disse a muito custo.

- E tu também vens. Levo-te para Portugal para seres tratada.

- Não quero. O meu lugar é aqui. Leva o nosso filho.

António ainda tentou convencê-la, mas ela já não conseguia. Estava cansada, não conseguia dizer nem mais uma palavra.

- Senhor António, não convém que fique aqui muito tempo. A doente não pode receber visitas. A emoção pode ser perigosa para ela. E não pode falar muito.

- Eu sei. Já vou sair.

Brito já tinha visto imagens bem piores durante a guerra, mas aquela chocava-o como nenhuma outra. Talvez por ser quem era, a Dulce, mãe do filho do amigo António, e por perceber que a situação era mesmo crítica para ela.

- Temos de sair daqui - repetiu o médico.

António voltou a baixar-se, dando-lhe novamente um beijo na testa. Dulce olhou-o nos olhos em jeito de súplica. Era preciso que ele cumprisse o seu último desejo. Era para isso que ela ainda lutava

contra a morte. Depois da tia falecer, António era o único que podia levar o seu filho para longe daquele país, daquela guerra.

Brito envolveu o amigo num abraço, retirou-o daquele local e foram encaminhados para o gabinete do médico.

- Ela tem poucas possibilidades de sobreviver. Foi muito atingida. A Dulce já disse às nossas enfermeiras que queria que o filho ficasse consigo. Como quer fazer, senhor António?

- Quero levá-lo e cumprir o desejo dela. Mas quero levá-la a ela também...

- Isso não é possível, acredite que estamos a fazer tudo para a salvar, mas ela neste momento não pode ser deslocada, pode ser fatal.

- E onde está o meu filho?

- Está ao cuidado das enfermeiras. Vou chamá-lo.

Quando viu o filho entrar, António não conteve a emoção. Estava cada vez mais parecido consigo. Já não era um pequenote, era um rapagão. António abraçou-o com todas as forças que tinha.

- Vou levar-te comigo, filho.

O miúdo não reagiu ao abraço. A mãe falava-lhe constantemente do pai, mas para ele aquele era um estranho. O resto dos dias foi passado a tratar de burocracias para conseguir levar o filho consigo. Ao fim de uma semana, estava tudo tratado. António passou de novo pelo hospital para se despedir de Dulce.

- Vá lá, mas não lhe dê conta da vossa presença.

António aproximou-se lentamente e, na companhia do filho, ficou junto à entrada do biombo. Dulce dormia profundamente.

As enfermeiras já estavam num pranto, agarradas ao pequeno António. Sem noção do momento, o pequeno António deu a mão ao pai e afastou-se com ele. Quando o jipe partiu, na porta do hospital, de mãos levantadas e lágrimas nos olhos, enfermeiras e médicos despediam-se do pequeno António. No caminho para a saída da cidade, António ainda pediu ao amigo de Brito para fazer o percurso pelo centro da cidade. Quis passar uma última vez pela porta da pensão Rebita. Pediu para parar o carro, abriu a janela, olhou para a fachada onde o placard, já só pendurado com um prego e caído, dizia Pensão Rebita.

António partia com o filho ao seu lado, mas com a mágoa de deixar Dulce para trás, moribunda. Fizeram a viagem até ao Zaire, onde pernoitaram, e dois dias depois estavam de partida para Lisboa com escala em Joanesburgo.

Já eram 11 da manhã quando o avião se começou a fazer à pista do aeroporto de Lisboa. António aproveitou aquele momento para agradecer do fundo do coração ao amigo Brito.

-Jamais esquecerei este teu gesto, Brito. Nunca terei forma de te agradecer.

- Não digas disparates. Esta é a nossa luta. Abandonaram-nos em África, mas nós, os que estivemos lá, sabemos o valor da solidariedade e jamais nos abandonaremos uns aos outros. Agora tens o que mais querias: o teu filho.

De sacos na mão e com o filho ao colo, António deixava o avião. Já a caminho da porta de saída, António recordava os mesmos momentos vividos há mais de um ano ali mesmo, quando regressava com vida de África. Agora a chegada era mais feliz. Trazia o pequeno António.

Em passo apressado, dirigiu-se ao exterior para apanhar um táxi que os levasse à estação de Santa Apolónia. Queria chegar o mais rapidamente possível a Santa Comba Dão.

Quando o comboio parou na estação do Vimieiro, António disse ao filho:

- Chegámos a casa, meu filho. Anda quero mostrar-te a terra onde nasci e cresci.

De mão dada com o filho, perante o olhar curioso das pessoas por quem passavam, António mostrava ao filho a casa onde tinha nascido, a casa do senhor mais importante da terra que agora estava votada ao abandono, contou-lhe como roubava figos da figueira, de como brincava nos carris da estação... Era tempo de apanhar a carreira para Venda do Sebo. António queria apresentar o filho à avó e aos amigos da terra.

Maria das Dores estava sentada à porta de casa. Quando viu o filho chegar com um mulato de cabelos encaracolados ao colo, não conteve a emoção.

- Meu filho, voltaste...

- Mãe, este é o António, o seu neto...

- Ai, Virgem Santíssima. Anda cá, pequenote. Deixa-me ver-te. Tens a cara do teu pai.

O pequeno António estava envergonhado. Tudo era novo para ele. Há dias estava em Angola na sua terra e agora estava ali no meio do campo, com um pai que não conhecia. A notícia da chegada de António espalhou-se rapidamente. Todos queriam ver o pretinho de cabelos encaracolados que trazia pela mão. Enquadrar e socializar o pequeno António ali naquela terra, conservadora, não ia ser tarefa fácil.

Uma semana depois de chegarem, António recebia um novo telegrama de Brito. Quando abriu o envelope, já adivinhava o conteúdo da missiva.

António. Dulce morreu quatro dias depois de partimos. Lamento imenso. Abraço, Brito.

António amachucou o papel. No seu coração instalou-se uma imensa tristeza. Nesse dia deitou o filho e deu-lhe um beijo sentido na testa, como se o estivesse a dar a Dulce. Fechou-se no quarto, deixou-se cair na sua cama e não conseguiu parar de chorar. Chorava por Dulce, pela guerra que teve de travar, pelo filho, por Amélia, que tinha perdido para sempre. Estava numa encruzilhada e de tudo só lhe restava mesmo o filho António. À memória vinha-lhe a beleza única de Dulce, o seu porto de abrigo nos anos de guerra, a mulher que o tinha transformado para sempre. Sentia o cheiro do corpo dela, a sensualidade dos seus cabelos, uma cara serena mas ao mesmo tempo devoradora na hora de fazer amor. Recordações que chorava e que sabia serem irrecuperáveis. Dulce ficava para sempre no seu coração. Partia fisicamente mas deixava-lhe um filho, a melhor herança que podia ter.

53.

Quando chegou a Coimbra, Amélia estava decidida a ser feliz com o marido. Era uma nova oportunidade. Seria uma boa esposa, tal como a mãe a tinha ensinado. A sua estada em Coimbra durou seis meses, seis meses de autêntico inferno. Ao fim daqueles meses de sofrimento e tristeza, fez a mala, escreveu uma carta a Osvaldo e saiu de casa com o peso da vergonha de quem abandona o marido, mas com a certeza de que ali não podia continuar.

Amélia tinha tentado a todo o custo apreciar a sua nova vida, mas no coração trazia as saudades da terra, dos pais, da escola. E de António. Amélia não o conseguia esquecer. Odiava-o profundamente por a ter traído, mas o ódio e o amor andam de braços dados.

Quando saiu de Rojão, no carro, em silêncio, ao lado de Osvaldo, que preferia ouvir a rádio do que trocar dois dedos de conversa com a mulher, Amélia tinha traçado um plano para a sua vida que, julgava ela, era infalível. Longe de Ova, o velho e carinhoso Osvaldo estaria de volta, para lhe dar o braço em longos passeios ou

para lhe sussurrar ao ouvido «amo-te» ao deitar-se. Ela iria à missa, envolver-se-ia nos trabalhos de caridade, arranjaria boas amigas e mostrar-se-ia carinhosa para com o marido. Jantar pronto a horas certas e casa aprumada. Mais, em vez de o rejeitar na cama como tinha vindo a ser habitual nos últimos tempos, empenhar-se-ia em cumprir o seu papel de mulher e em engravidar para formar uma família perfeita. Uma vez com filhos, dois de preferência, Osvaldo ficaria feliz por ser pai, como sempre sonhou. Ela seria uma mãe exemplar. Passearia com os filhos pela mão nos jardins públicos, levá-los-ia à missa, à escola... Quem sabe se no seu plano perfeito ela também não poderia continuar a leccionar.

Mas a vida encarregou-se de lhe mostrar que os planos perfeitos, traçados a régua e esquadro, quase sempre não resultam. Agora que viajava de comboio para Ovoa, apenas com uma mala como bagagem, Amélia tentava perceber o que tinha corrido mal. Teria sido na primeira semana, quando Osvaldo começou a sair à noite, sem lhe prestar contas de onde ia. Voltava bêbado a cheirar a fumo e a mulheres. Ou quando a proibiu de ir trabalhar como professora para um colégio particular que a convidou para dar aulas. Teria sido quando ela descobriu que Osvaldo tinha arranjado uma tal de Antónia, amante de má fama. Ou por ele ter deixado de a procurar na cama. Teria sido no dia em que ele, louco de ciúmes, por razão alguma, ou melhor, porque naquele dia ela tinha saído à rua com as amigas com um vestidinho curto, último grito da moda em Lisboa, a tinha proibido de sair de casa sem ser na sua companhia, nem sequer à missa estava autorizada a ir. Ficou assim durante meses, prisioneira na sua própria casa enquanto o marido se divertia com prostitutas. E quando tentou reagir dizendo que não era mulher para ficar presa entre quatro paredes, Osvaldo levantou-lhe a mão directamente à cara, que ficou marcada durante uma semana. A mãe ao telefone pedia-lhe paciência, que uma mulher deveria ser submissa ao marido. Não o podia provocar com as suas tontarias, dizia-lhe. Amélia encolhia os ombros e sentia-se cada vez mais sozinha. Sentia falta da sua amiga Alice, que o marido considerava uma má influência, logo cartas ou telefonemas entre elas estavam

proibidos. Durante meses, Amélia engoliu tudo, as mulheres, o álcool, os maus-tratos, tudo... Mas, definitivamente, o seu plano perfeito ficou arruinado no dia em que Amélia andava a arrumar umas coisas em casa, seu único divertimento naquela altura, e, ao abrir um baú com coisas do trabalho de Osvaldo, deu de caras com a sua caixa de madeira forrada a cetim com o cadeado par tido. Estava ali, a caixa que tanto tinha procurado antes de partir para Coimbra. A caixa que Osvaldo garantia nunca ter visto. Estava ali, aberta, com as cartas que António lhe escrevera. E por cima, embrulhado num pedaço de veludo, o anel com dois corações gravados que um dia António lhe dera como prova do seu amor. Ao olhar agora o anel, Amélia não conteve as lágrimas. Nesse dia, decidiu que a sua vida não poderia ser aquele inferno.

Fez uma mala com o essencial, escondeu-a dentro do armário e preparou a fuga para o dia seguinte. Não queria esperar nem mais um dia. Nesse dia à noite jantou em frente ao marido em silêncio, sopa de cenoura, cabrito com arroz e para sobremesa um arroz-doce. Serviu o café e, quando ele lhe anunciou que ia como todas as noites sair, foi buscar-lhe o casaco e desejou-lhe uma boa noite. Subiu ao quarto, pegou num papel e numa caneta e escreveu:

Osvaldo,

Hoje quando regressares a casa do trabalho não me vais encontrar à tua espera. Parti para Ovoa para casa dos meus pais. Não acredito que venhas atrás de mim, mas se tiveres essa ideia peço-te que não o faças. Não vou voltar a este inferno, a esta vida de infelicidade. Prefiro viver com a vergonha de ser uma mulher em pecado que abandonou o marido do que ser uma mulher infeliz e maltratada.

Amélia

Fechou a carta num envelope e colocou-o debaixo da sua almofada. No dia seguinte, serviu o pequeno-almoço ao marido,

desejou-lhe um bom dia de trabalho. Subiu ao quarto, tirou a mala do armário, a carta de debaixo da almofada e colocou-a em cima da mesa da casa de jantar. E saiu. Na estação comprou um bilhete de ida para Santa Comba Dão e sentou-se junto à janela.

54.

António estava convencido de que, com o tempo, as pessoas deixariam de olhar de lado para o pequeno António. Mas naquele ano, o filho entrou para a escola, a mesma onde o pai andou, onde aprendeu a ler e a escrever.

Foi com entusiasmo e alguma emoção que logo pela manhã se apresentou com o filho no primeiro dia de aulas. Logo à entrada, António sentiu os olhares curiosos e desconfiados dos pais dos outros alunos. Comentava-se em surdina a cor do novo aluno da escola. Entregou o filho à professora e despediu-se dele. O pequeno António ficou a chorar, mas era normal, o primeiro dia de aulas nunca era fácil, disse-lhe a professora para o sossegar.

No fim do dia, o pequeno António voltou para casa a chorar. Não queria voltar à escola. Era uma porcaria. António não percebeu o que se passava, tentava explicar-lhe que ali ia aprender a ler, que era ali que ia fazer amigos para andarem a brincar à fisga ou à apanhada no recreio. Mas o filho estava decidido, os meninos eram maus e a escola uma porcaria. Não voltaria a pôr o pé na escola. No

dia seguinte, António arrastou-o até lá e foi falar com a professora para saber o que se passava.

- São os miúdos, senhor António, são cruéis e no recreio chamam-no de preto e põem-no de lado nas brincadeiras.

- E a senhora professora, não diz nada?

- Claro que digo, mas, mal viro costas, começam outra vez.

António tentou falar com o filho. Mas desde que ali tinham chegado, há seis meses, que o seu dia-a-dia era assim. Quando o levava à missa, quando o passeava pela aldeia, todos olhavam de lado e comentavam a sua passagem. A mãe dizia-lhe para não ligar. O padre Aureliano também, mas era impossível não sentir a discriminação contra o filho que andava cada vez mais triste, nem uma fisga nova que ele lhe tinha comprado na venda o tinha animado. Mas António estava decidido a não se vergar. Acreditava que vivia num novo país e que as velhas e conservadoras mentalidades mudariam.

Também Amélia, regressada a Ovoa, sentia o peso do olhar. Quando bateu à porta de casa, não conseguiu contar a verdade aos pais. Disse-lhes que vinha apenas por umas semanas para matar saudades da terra e da família, até porque Osvaldo estava em Lisboa a tratar de negócios. Mas os dias foram passando e a sua estada prolongava-se. Até que um dia foi obrigada a contar a verdade. Em lágrimas, confessou à mãe que tinha fugido de casa, apenas deixando uma carta ao marido. Contou-lhe o inferno em que a sua vida se tinha tornado e que não conseguia continuar a viver assim. Preferia o peso da vergonha. A mãe agarrou-se a ela a chorar. Sentia a sua imensa infelicidade. O que seria da sua vida? Uma mulher em pecado, que nem comungar podia, que tinha abandonado o lar, fugido como uma criminosa, o que iriam dizer as vizinhas? Sobretudo temia a reacção do marido, o pai de Amélia. Mas prometia ajudá-la e protegê-la. Afinal era a sua única filha e não

podia abandoná-la naquele momento. A reacção do pai foi a esperada: deixou de lhe falar. Não admitia que uma filha sua, sangue do seu sangue, fizesse o que ela tinha feito. Só não a expulsou de casa porque a mãe lhe suplicou que não o fizesse. Por ele, tudo bem, ficaria, mas a sua filha tinha morrido no dia em que ele soube da sua vergonha. A vizinhança, essa começava a suspeitar que algo de errado se passava.

Amélia andava de rastos, o seu único apoio era Alice, que lhe dava forças e lhe contava que tinha lido no Diário de Notícias que já tinha sido aprovada uma lei que permitia o divórcio. Era só ela meter uns papéis quaisquer... o melhor, na verdade, era falar com um advogado para ele tratar dessas coisas. Amélia benzia-se, para ela as leis pouco ou nada lhe importavam, ela sabia que vivia em pecado aos olhos de Deus e, isso sim, era um tormento. A amiga fazia-lhe ver que Deus não queria ver ninguém infeliz, mas o que era certo é que Amélia não tinha voltado a pôr o pé na igreja desde que saíra de casa. Com vergonha. Sobretudo com vergonha de encarar o padre Jorge. Mas sabia que não podia continuar a viver daquela maneira. Já lhe bastava o que tinha sofrido nos seis meses em Coimbra ao lado de Osvaldo.

Naquele domingo ganhou forças. Pôs o lenço à cabeça e saiu para a missa da manhã na companhia da mãe que, pelo caminho, sentia os olhares da vizinhança. «Então ainda por cá, Amélia?» perguntava uma. «O seu Osvaldo deve estar cheio de saudades», dizia outra. A todas Amélia respondia com um sorriso forçado e olhar cabisbaixo. Era por essas e por outras que quase não saía de casa. Na verdade, também não queria encontrar António. A mãe contara-lhe como ele tinha chegado com o filho na mão e de como o apresentara, orgulhoso, a toda a gente. Amélia não estava preparada para o ver. Ainda se sentia magoada com ele, com a sua traição. Mas naquele dia, ao entrar na igreja, viu-o sentado no banco do lado direito, ele de fato completo como mandava a tradição para a missa de domingo, a mãe Maria das Dores e o filho. Um rapaz de cabelos encaracolados e olhos negros. O seu coração parou. Não sabia o que

fazer. António virou-se e viu-a ali, estática, de livro de orações e terço na mão. Levantou-se e aproximou-se com o pequeno António.

- Olá, Amélia, a minha mãe disse-me que estás cá de visita à terra. Como estás? - disse num tom conciliador.

- Bem, António - disse Amélia, mas bastava olhar para os seus olhos, que começavam a ficar molhados, para perceber que mentia.

- Este é o meu filho, o pequeno António. Cumprimenta esta senhora, António.

O miúdo sorriu para a senhora que estava à sua frente e correu para junto da avó, deixando Amélia e António frente a frente.

- Ainda bem que o conseguiste encontrar, fico feliz por ti, António.

- Obrigado, Amélia. Também eu espero que a tua vida esteja a correr bem em Coimbra.

Era de mais, Amélia já não conseguia controlar a emoção. Não conseguia estar ali em frente do homem que amava, sem lhe contar a verdade. Que fugira de casa, que era uma vergonha de mulher, que a sua vida desde que ele partira para a guerra se tinha transformado num inferno, que seria infeliz para o resto da vida. Sem dizer nem mais uma palavra, virou costas e sentou-se num dos bancos da frente, junto à mãe. Ajoelhou-se e assim ficou até a missa começar. A pedir perdão pelos seus pecados. As vizinhas estavam atentas e, quando Amélia permaneceu de joelhos na altura da comunhão, as cotoveladas entre elas multiplicaram-se. Se não ia receber a hóstia, era porque algo de errado se passava.

Quando a missa terminou, pediu para se confessar ao padre Aureliano, que a ouviu pacientemente e a aconselhou sabiamente. Da confissão não reza a história, mas Amélia saiu com o coração mais leve.

À noite, depois de rezar o terço, deitou-se a pensar em António. Por mais que não quisesse, não conseguia evitar os seus pensamentos. Levantou-se, acendeu a luz do candeeiro à beira da cama e abriu a caixa de madeira. Uma a uma, foi lendo as cartas que ele lhe escrevera de Angola. Aquele era o seu António. Pensou em como a vida era injusta e em como gostaria de recuar uns bons anos na sua vida para tentar reescrever a sua história. Também António em sua casa pensava o mesmo. À noite, com um livro de histórias infantis aberto sobre as pernas, pensava na vida e de como ela lhe tinha pregado tantas e tantas partidas. Estava ali a olhar para o filho, o seu bem mais precioso. Tinha ido combater para uma guerra sem sentido. Dulce morrera e Amélia estava casada com outro.

55.

Umas duas semanas depois, as vizinhas confirmavam aquilo de que já suspeitavam. O marido de uma delas tinha ido a Coimbra comprar uns utensílios para o trabalho agrícola e, por acaso, cruzou-se com Osvaldo no meio da rua que não esteve com meias-medidas e lhe disse que Amélia há muito tinha saído da sua vida. Aliás, essa mulher, cujo nome nem merecia ser pronunciado, tinha fugido sem dizer ai nem ui. Uma vergonha da qual ele já se tinha recomposto. Melhor sozinho, na companhia de mulheres que lhe davam prazer, do que acompanhado por aquela mulher fria e sempre triste. O boato estava lançado e a partir dali correu mundos e fundos, e cada vez que era contado acrescentava-se um ponto. Ela tinha roubado o dinheiro todo de Osvaldo, tinha sido apanhada na cama com outro... A mãe de Amélia chorava a cada canto, tentava esconder da filha o que ouvia, mas ela também tinha ouvidos e Alice contava-lhe tudo o que se dizia sobre ela. Era melhor contar-lhe a verdade, dizia-lhe para ela ter forças para encarar as pessoas. Amélia já não se importava com nada. Chorava sim, tinha vergonha sim, mas cada vez mais se convenciu de que ter abandonado Osvaldo tinha sido a melhor decisão. Mas sentia que a sua vida tinha de dar uma nova volta. Não podia ficar ali, a viver em casa dos pais, para vergonha do pai, que continuava sem lhe dirigir a palavra, e da mãe que, apesar de a apoiar, morria de vergonha cada vez que saía à rua para ir à venda ou à igreja.

Quando António soube, nem queria acreditar. Amélia tinha fugido, abandonado Osvaldo? Que raio de mulher, que sempre teve pêlo na venta, pensou. Sem querer, uma chama de esperança renasceu no seu coração. Era uma nova oportunidade para estarem juntos. Se ao menos conseguisse falar com ela. Zé Pereira, que lhe tinha contado toda a história, relatada por Alice, disse-lhe que ela quase não saía de casa, só mesmo para ir à igreja. Que estava num estado de tristeza tal que andava a pensar sair de Ovoa e refazer a vida, sozinha noutra sítio qualquer. Nada que também não lhe tivesse passado pela cabeça. Estava farto daquela terra. O filho não era feliz

ali, com os olhares de todos, os dedos apontados. Ele tinha um bom trabalho no banco Pinto e Sotto Mayor, graças ao tio Armando, mas certamente conseguiria transferência para outro local. A única coisa que o prendia ali era a mãe, a sua querida mãe, já velhota e de coração fraco, que não podia abandonar.

Maria das Dores andava cada vez mais tristonha. O padre Jorge já tinha partido, para sua grande tristeza, e nem o neto a tirava daquele estado. O Inverno estava à porta e aproximava-se mais um Natal. O frio naquele ano enregelava os ossos. E a vida de António voltou a sofrer um abanão. Naquela manhã saiu para o trabalho, deu um beijo à mãe e ao filho que preparava o casaco e o gorro para ir para a escola. Quando regressou, o cenário era de luto. Em sua casa estava o padre Aureliano, as vizinhas, o tio Armando, Manel e o filho encostado à porta de casa que estava aberta. A sua mãe tinha morrido, serena, deitada na cama. Tinha sido o neto que no regresso da escola a tinha encontrado assim. Foi chamar uma vizinha, que chamou outra que, por sua vez, chamou o padre. Tinham tentado avisá-lo, mas ele já tinha saído do banco. «Morreu como a minha mãe, não foi?» perguntou o pequeno António ao pai, que continuava sem reacção. Ajoelhou-se ao lado da cama, pegou na mão da mãe e começou chorar.

Numa coisa o velho vizinho tinha razão, a sua mãe era a coisa mais importante da sua vida, a única que esteve sempre do seu lado. E agora tinha partido, sem que ele tivesse cumprido a promessa que lhe fizera de ir a Fátima com ela agradecer o seu regresso são e salvo de Angola.

No dia do funeral, a aldeia juntou-se para chorar Maria das Dores. António estava inconsolável. Recordava-se de como miúdo tinha enterrado o pai, agora era a mãe que partia num caixão de madeira. Ao seu lado colocou a imagem da Virgem Santíssima que ela tinha comprado em Fátima e que a acompanhara ao longo da vida.

Recebia palmadas nas costas, apertos de mão, palavras de consolo, mas nem sequer levantava a cabeça para ver quem os dirigia. Mas aquela voz, aquela voz era de Amélia. Levantou a cabeça de olhos marejados de lágrimas e viu-a, lenço preto na cabeça.

- Lamento muito, António, a tua mãe era uma boa mulher e, principalmente, adorava-te.

- Obrigado, Amélia, muito obrigado - disse, agarrando nas mãos dela.

Amélia estremeceu ao contacto físico. António sentiu que a tinha perturbado, mas não lhe largou a mão. Era o seu único conforto naquele momento de dor.

Quando regressou a casa, resolveu começar a arrumar as coisas da mãe, queria dar as suas parcas roupas à igreja. Quando abriu a porta do armário do quarto, reparou que no chão do armário estavam lençóis e outras coisas de casa embrulhadas. Abriu o embrulho de papel pardo e qual não foi o seu espanto quando percebeu que estava ali o enxoval que Amélia tinha feito para o casamento de ambos. Ali guardado em sua casa. António não percebia como aquilo tinha ido lá parar, a mãe nunca lhe tinha contado nada. Naquele momento, António tomou uma decisão. Deixaria a aldeia, partiria para Lisboa com o filho para começar uma vida nova. Longe dos preconceitos e dos olhares alheios. Mas antes falaria com Amélia uma última vez.

56.

Não esperou mais. No domingo seguinte, depois da missa de sétimo dia da mãe, falaria com Amélia. Durante a semana, andou a treinar o que lhe iria dizer. Mas no momento em que a viu esqueceu todos os discursos, todas as frases perfeitas, as palavras estudadas, e foi directo ao assunto. Quando a missa terminou, sentaram-se no banco de pedra no adro da igreja a ver o pequeno António brincar à fisga e a correr de um lado para o outro.

- Amélia, vou-me embora daqui. Estou farto desta terra. Aqui estou preso a velhas lembranças, a preconceitos, sinto que o meu filho não é feliz. A única coisa que me prendia aqui era a minha mãe... e tu.

- Mas...

- Não, deixa-me terminar, por favor. Vou para Lisboa, quero recomeçar uma vida e quero-te ao meu lado. Eu sei que é pedir muito, mas queres vir comigo? Vamos esquecer o passado e começar um futuro do zero.

Amélia ficou sem palavras. Também ela pensava em deixar a casa dos pais e Ova para, longe dali, tentar recomeçar a sua carreira de professora sem que ninguém lhe apontasse o dedo por ter deixado o marido, mas ir para Lisboa, com António e o filho...

- Não sei o que dizer, António.

- Não digas nada, pensa no que te disse e, se quiseres recomeçar a tua vida ao meu lado, se quiseres retomar a nossa história de amor, vai ter comigo à estação de Santa Comba Dão na quinta-feira às 9 horas. Partimos no comboio das 9h23. Estarei lá à tua espera.

António levantou-se sem esperar por uma resposta, deixando Amélia sentada no banco. Pegou na mão do pequeno António e foi para casa. Essa semana passou-a a arrumar as coisas para partir e a despedir-se dos amigos. A festa, claro, foi no café do Manel, onde reuniu os amigos de sempre que, entre cervejas, brindaram ao futuro do amigo e fizeram-no prometer que de tempos a tempos os visitaria na terra. Estava prometido.

Amélia não sabia o que pensar. O seu coração dizia-lhe uma coisa, a cabeça outra. Como podia partir com António depois de tudo o que ele lhe fizera? Deveria esquecer e assumir o filho dele e da outra? Mas se havia coisa que a vida lhe tinha ensinado ao longo de todos estes anos é que não é assim tão linear, que entre o preto e o branco há um cinzento, que entre a verdade e a mentira há um meio-termo. Era verdade que ele a tinha magoado, ele acusava-a do mesmo. Mas agora o que ele lhe propunha era começar do zero, num sítio onde ninguém os conhecesse, onde ninguém lhes atirasse uma pedra. Alice, a única que sabia da proposta de António, incentivava-a a partir. Se a amiga tinha tido coragem para abandonar o marido, se tinha conseguido suportar o peso da vergonha, não precisaria de muito para seguir o seu coração e tentar ser feliz junto do homem da sua vida.

Na quinta-feira, bem cedo, António trancou as janelas, fechou a porta de casa e com duas malas aguardou a camioneta que o levaria à estação. Sentia um aperto no coração. Uma enorme alegria de recomeçar a sua vida longe dali, mas a incerteza de não saber se teria Amélia ao seu lado. Chegou à estação ainda não eram 8h30. Comprou os bilhetes, primeiro comprou dois bilhetes, um inteiro e um meio para o pequeno António. Mal deu dois passos, voltou ao guichet e comprou mais um inteiro. Era para Amélia. Sentou-se num banco junto à linha de comboio. O filho brincava por ali, a fingir que era maquinista de comboios. Ele olhava para todos os lados na esperança de a ver.

Os minutos passaram demasiado rápidos. Quando olhou para o grande relógio da estação, viu que já passava das nove. O comboio não tardava, e de Amélia nem um sinal.

- Pai, já vejo o comboio a chegar! - anunciava o pequeno António.

O comboio aproximava-se da estação. António levantou-se, pegou nas duas pesadas malas e chamou o filho para junto de si.

- Parece, António, que somos só nós os dois.

O pequeno não percebeu nada do que o pai lhe dizia, nem lhe interessava, agora só tinha olhos para o comboio que parava à sua frente. Estava decidido, queria ser maquinista quando fosse grande.

Amélia não podia correr mais. O coração saltava-lhe pela boca. Tinha ficado em casa até ao último minuto sem saber o que fazer da sua vida. A mãe, na noite anterior, ao ver a filha naquele estado, a andar de um lado para o outro da casa, perguntou-lhe o que se passava. Amélia foi franca e contou a verdade. Não estava à espera de ouvir o que ouviu da boca da sua mãe, católica e conservadora. «Minha filha, vai em busca da tua felicidade. Aqui assim triste é que não podes continuar.»

Amélia nem descansou a cabeça no travesseiro. Fez a mala, pôs o anel de prata com dois corações gravados no dedo e sentou-se na cama à espera que o dia nascesse. De manhã, depois de o pai sair, agarrou-se à mãe a chorar. «Vai, minha filha, a vida pregou-te muitas partidas, mas mereces ser feliz e só o amor de António é capaz de te devolver a alegria.» Amélia pegou na mala e esperou pela camioneta. Já não era cedo, mas ainda conseguiria chegar à estação antes das 9h23. Quando a camioneta parou, o comboio já estava a chegar à estação, Amélia correu como pôde. Viu ao longe António com as malas na mão e o pequeno António à sua beira. Sorriu. De repente, António sentiu uma mão no seu ombro. Não precisava de se virar para saber quem era. Fechou os olhos, sentiu uma enorme felicidade. Aquele era o primeiro dia do resto da vida de António e Amélia.

EPÍLOGO

-O teu telemóvel está a tocar, António.

- É o meu? Nunca consigo ouvir bem este toque. Vê tu quem é, Amélia, que não trouxe os óculos.

Amélia pegou no telemóvel, olhou para o visor.

- É o António. Onde estará ele a esta hora? Toma, atende.

- Filho, onde estás?

- Em Joanesburgo, pai. Cheguei hoje de manhã e à noite regresso a Luanda. Daqui a dois dias voo para Lisboa, onde vou estar só dois dias para depois partir para Londres para fazer um curso avançado de piloto. Vocês não querem ir jantar comigo a Lisboa?

- Claro que queremos. A que horas chegas?

- Por voltas das onze da manhã na terça-feira.

- Está bem. Vamos combinar tudo e na terça-feira estamos lá.

- Lá vos espero. Quando estiver a sair de Luanda, ligo para acertarmos tudo. Está tudo bem por aí?

- Está, filho. Boa viagem. Na terça pomos a conversa em dia.

- Passa a vida no ar, este rapaz - diz António com uma ponta de orgulho pelo filho agora piloto da TAAG.

O filho António cresceu em Lisboa, onde Amélia e António se fixaram. António conseguiu lugar no Sotro Mayor e Amélia voltou a dar aulas numa escola privada. Divorciou-se de Osvaldo e casou pelo civil no Verão de 1978. António cursou Engenharia Aeronáutica. Em vez de maquinista, tornou-se piloto da Força Aérea. O pai fez sempre questão que o filho mantivesse a nacionalidade angolana, o que lhe permitiu concorrer para piloto da transportadora aérea angolana. Já piloto, começou a viajar frequentemente para Luanda e, no seu primeiro voo, fez questão de ir a São Salvador visitar a campa da mãe que se mantinha intacta e bem tratada pelas enfermeiras colegas da mãe.

António e Amélia tiveram duas filhas: Joana, que frequentava o curso de Arquitectura, e Mariana, que era dentista.

Naquele ano, António e Amélia resolveram ir passar férias à terra para estar com os amigos e assistirem às festas de Santa Eufémia. Joaquim Fortuna, Carlos Vieira e Brito lá estavam também com as famílias, tal como Chico e Zé Pereira. Fortuna estava reformado dos correios, onde atingiu o topo da carreira. Agora já reformado, dedicava-se definitivamente ao livro que sempre sonhara escrever. Já tinha editora e anunciava aos amigos que em Outubro os queria a todos em Lisboa para o lançamento da sua obra. Guardava em segredo o título e o tema do livro. Carlos Vieira estava fixado em Montes Raposos, uma aldeia próximo de Alcantarilha, a 10 minutos da Praia Grande, onde há 30 anos explorava, com a mulher Hermínia e a ajuda das duas filhas, o único restaurante daquela praia que se vê de Armação de Pêra no meio das dunas e que chega aos Salgados. Brito era o director-geral da companhia de seguros da região Sul. Tinha aproveitado bem as oportunidades turísticas do Algarve e já era proprietário de dois hotéis na região. Trinta e três anos depois do 25 de Abril, não se conformava com a forma como Portugal entregou as colónias. Mantinha o seu espírito guerreiro e assiduamente dizia que aquela guerra do Ultramar ainda não tinha terminado. Mantinha ilusões que os amigos insistentemente lhe diziam para esquecer.

Zé Pereira estava casado com Alice e tinha três filhos. Desenvolveu com sucesso um negócio de informática em Santa Comba Dão e esqueceu França de vez. Chico nunca casou. Era o bon vivant da zona, trabalhava numa empresa de transportes, onde era supervisor. Nunca largou o futebol. Acumulava a pro fissão com a de treinador de futebol da equipa do Santa Combadense.

Estavam todos nas festas de Santa Eufémia naquele Setembro de 2007. Enquanto vagueavam pela feira de mão dada, António sugeriu a Amélia que se fossem sentar uns momentos no banco do átrio da igreja que ficava um pouco mais abaixo.

- Vamos namorar um bocado para o banco. Tenho tantas saudades de me sentar lá contigo.

- Já não temos idade para namorar, homem. Com 59 anos, queres namorar como os moços que se escondem aí atrás das árvores?

- Como nós fazíamos, lembras-te?

- Sim, lembro - disse Amélia, enternecida com o gesto do marido.

Ainda se detiveram um pouco à porta do cemitério.

- Lembras-te, António? «Cá te espero.» Como vês esperei mesmo por ti.

- E eu por ti, Amélia. O nosso amor sobreviveu a tudo. Encosta-te a mim.

Amélia fixou-o nos olhos e deixou lentamente a cabeça pousar-lhe no ombro como sempre faziam quando eram jovens e apaixonados. Ali ficaram uns minutos até serem interrompidos pelas filhas, Mariana e Joana.

- Pai, mãe, venham, o concerto do Jorge Palma vai começar. Queremos que vocês ouçam aquela música nova dele que é muito

bonita.

- Filhas, estamos a namorar. Deixem-nos ficar aqui só mais uns minutos, já lá vamos ter.

- Que vergonha, pai, não têm idade para namorar... Vá, não demorem muito - riu-se Joana.

Amélia e António deixaram-se ficar em silêncio. A brisa trazia até eles os primeiros acordes da banda que acompanhava Jorge Palma. Atentos ouviam, trazida pela brisa com toda a nitidez, a melodia e a letra da música que abria o concerto.

Encosta-te a mim, nós já vivemos

Cem mil anos

Encosta-te a mim, talvez eu esteja a

Exagerar.

Encosta-te a mim, dá cabo dos teus

Desenganos

Não queiras ver quem eu não sou,

Deixa-me chegar.

*Chegado da guerra, fiz tudo p'ra
Sobreviver, em nome da terra
No fundo p'ra te merecer
Recebe-me bem, não desencantes
Os meus passos
Faz de mim o teu herói, não quero
Adormecer.*

- Estás a ouvir esta música, António? É a história da nossa vida, amor.

António levantou-se, deu a mão à mulher e foram andando para o parque da feira.

- Anda que quero ouvir mais de perto.

António e Amélia já estavam sentados na mesa com os amigos. Amélia pousou de novo a cabeça no ombro de António. Era uma mulher feliz.

Enquanto ecoavam as palmas das centenas de pessoas que assistiam ao concerto, Brito levantou-se para propor um brinde: «A nós, às nossas mulheres e aos nossos filhos.»

Com os copos levantados, Fortuna não se conteve e anunciou o tema do seu livro:

- Aproveito esta ocasião para vos dizer que quero toda a gente no dia 6 de Outubro em Lisboa. Vou lançar o meu livro, estava a guardar a surpresa para o próprio dia, mas acho que este momento é para nós mais importante por estarmos todos aqui reunidos.

Escrevi a história das nossas vidas baseada em todos os apontamentos que fui tirando desde que partimos para África. É sobre nós, mas é sobretudo sobre um amor que sobreviveu às agruras e violência da guerra. É a vossa história, Amélia e António.

- Fico muito orgulhoso disso, Fortuna - disse António. - E podemos saber que título vais dar ao livro?

- Um amor em tempos de guerra.

NOTA FINAL

Corno já disse na introdução, gosto de assentar toda a minha escrita nos relatos que vou ouvindo aqui e ali, nas conversas que mantenho, nas imagens que guardo, em vivências já passadas ou presentes, minhas ou daqueles que me são próximos. Mas ao aventurar-me num tempo que não é o meu e numa história que não vivi, não posso deixar, até por defeito de profissão, de investigar, pesquisar, querer saber mais, de ler, muito, para tentar não desvirtuar ou desviar-me muito da realidade das pessoas.

Para chegar ao que acabou de ler tive a ajuda do pesquisador Pedro Cerejo, a quem agradeço a oportunidade de encontrar algumas obras que me permitiram conhecer os vários ângulos de um momento da História portuguesa que não é consensual e por isso deve ser bem sustentado. Aqui ficam alguns títulos e autores desses livros. Porque cada um deles nos dá uma visão abrangente e, às vezes, perturbadora de duas décadas da nossa História que ainda hoje são motivo de discórdia. Uma época que necessita de ser esclarecida e debatida pela sociedade portuguesa.

- Memória de um Combatente, de João Ferro Dias.

- Os Anos da Guerra Colonial, de Carlos Matos Gomes e Aniceto Afonso.

O Despertar dos Combatentes, de Joaquim Coelho, Clássica Editora.

- 25 de Abril de 1974 - a Revolução da Perfídia, do general Silva Cardoso, Prefácio Editora.

- Morto por te ver - Cartas de um soldado à namorada, de Cesário Costa, Edições Afrontamento.

Estes foram alguns dos livros onde encontrei muita da inspiração para chegar a este Amor em Tempos de Guerra.

Uma palavra de agradecimento profundo a quem me permitiu chegar a esta história. Eles sabem quem são, mas por respeito e sobretudo protecção das suas vidas privadas não devo aqui enunciar os seus nomes.

Este livro começou a ser escrito à mesa de um restaurante com os meus colegas e amigos António Prata e Ana Sofia Vinhas. Um obrigado também para eles. Não sou de grandes dedicatórias, mas não posso esquecer aqui a paciência e compreensão da minha mulher e dos meus filhos, e a extraordinária confiança e ajuda da Sofia Monteiro, editora fantástica da Esfera dos Livros.